

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



JÚLIO CÉSAR
LOGÍSTICA E COMANDO MILITAR
(81 a. C. - 44 a. C.)

Mestrado em
História Militar

ERMELINDA MARIA DE LIMA TERCEIRO

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre, orientada pelo Prof. Doutor José Manuel Henriques Varandas e pelo Prof. Doutor João Manuel Filipe de Gouveia Monteiro

2024

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	IV
RESUMO.....	V
ABSTRACT	VI
INTRODUÇÃO	1
1.JÚLIO CÉSAR: O GENERAL	
1.1. O HOMEM E A CARREIRA.....	10
1.1.1 ORIGEM E ASCENSÃO AO CONSULADO (100-59 a. C)	10
1.1.2 O PROCONSULADO: A GUERRA DAS GÁLIAS (58-50 a. C.)	22
1.1.3. DA GUERRA CIVIL À MORTE DE JÚLIO CÉSAR (49-44 a. C.)	26
2. JÚLIO CÉSAR: O LOGÍSTICO	
2.1.A PREOCUPAÇÃO LOGÍSTICA NA MÁQUINA MILITAR CESARIANA) ...	34
2.1.1. ADMINISTRAÇÃO DA LOGÍSTICA NO PERÍODO REPUBLICANO	37
2.1.2. ALIMENTAÇÃO E FORRAGEM	42
2.1.2.1. Alimentação	42
2.1.2.2. Forragem	47
2.1.2.3. Recolha de água e lenha.....	54
2.1.3 OUTROS ASPETOS DO ABASTECIMENTO	56
2.1.3.1. Linhas de abastecimento	57
2.1.3.2. Bases de abastecimento.....	60
2.1.4. TRANSPORTE E INFRAESTRUTURAS LOGÍSTICAS	66
2.1.5. LOGÍSTICA NA GUERRA DE CERCO.....	73
2.1.6. LOGÍSTICA E INTELIGÊNCIA MILITAR	78
3. JÚLIO CÉSAR: O ESTRATEGO	
3.1.UM SEGREDO BEM GUARDADO: O PAPEL CRUCIAL DOS	
CENTURIÕES	85
3.1.1. O CENTURIÃO NO EXÉRCITO ROMANO	85
3.1.2. OS CENTURIÕES MERECEM O RECONHECIMENTO DE CÉSAR.....	95
3.1.2.1. Promoções, pagamentos e privilégios dos centuriões	102
3.1.3. DISCIPLINA E CORAGEM DOS CENTURIÕES	106
3.1.4. OS CENTURIÕES E O COMANDO INTERMÉDIO	110
3.1.4.1. Autoridade e liderança militar dos centuriões.....	111
3.1.4.2. O centurião e a formação dos soldados.....	115
3.1.5. OS NÍVEIS DE MORTALIDADE	118
CONCLUSÃO	123

BIBLIOGRAFIA.....	127
FONTES.....	127
ESTUDOS.....	127
ANEXOS	135
1. CRONOLOGIA	135
2. IMAGENS	147
1. Busto de César.....	147
2. Moeda com a imagem de César	148
3. Pintura de Lionel-Noel Rover.....	149
4. Esquema das fortificações construídas pelo exército romano em Alésia	150
5. Fotografia da reconstrução das obras do cerco de Alésia.....	151
6. Desenho de um centurião romano durante a conquista da Gália	152
7. Reconstrução de uma Lorica Segmentata do século I a. C.....	153
8. Estela funerária do centurião Minucius T. F. Lorarius	154
9. Relevô com a representação de um centurião romano em batalha (finais do séc. I a. C.).....	155
10. Relevô com a representação de grevas do período cesariano	155
11. Relevô memorial do centurião Marcus Caelius	156
12. Desenho de um quadro com a descrição da escala de promoção dos centuriões dentro de uma legião.....	157
13. Desenho com a reconstrução de troféus de um friso com uma panóplia	158
14. Desenho da construção da ponte sobre o rio Reno (55 a. C.)	159
15. Relevô com escravos gauleses.....	160
16. Relevô da coluna de Trajano com legionários na construção de um forte	161
17. Fotografia com armas recolhidas em Alésia.....	162
18. Relevô da coluna de Trajano com legionários a recolher cereal	163
1. 3. MAPAS	164
1. Campanhas de César na Gália (58-51 a. C.) e na Guerra Civil (49-45 a. C.)	164
2. A Gália e a Germânia	165
3. A Gália com as suas tribos	166
4. Campanhas de César na Gália, em 58 a. C.	167
5. Campanhas de César na Gália, em 57 a. C.	168
6. Campanhas de César na Gália, em 56 a. C.	169
7. Campanhas de César na Gália, em 55 a. C.	170
8. Campanhas de César na Gália, em 54 a. C.	171
9. Campanhas de César na Gália, em 53 a. C.	172
10. Campanhas de César na Gália, em 52 a. C.	173

11. Campanhas de César na Gália, em 51 a. C.	174
12. A Gália em 50 a. C.	175

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha apreciação e agradecimento aos professores João Gouveia Monteiro e José Varandas, por me terem proporcionado o gosto pela história militar e por terem acreditado na concretização desta dissertação, apesar das dificuldades inerentes ao meu contexto profissional. Um reconhecido agradecimento aos dois pelo rigor académico, pela paciência e flexibilidade nos prazos de entrega tal como pela permanente afabilidade, simpatia e constante disponibilidade para qualquer esclarecimento ou dúvida. Sem os seus contributos e conselhos esta dissertação não existiria.

Aproveito ainda para demonstrar o meu reconhecimento à minha amiga Isabel Cristina Fernandes, pelo apoio ao longo do processo de realização deste projeto.

De uma forma geral agradeço aos meus colegas de curso o apoio e a partilha, em especial ao Tiago Melo, cuja ajuda sobre procedimentos formais e troca de ideias sobre o tema trabalhado neste estudo, foram particularmente relevantes.

Por último, um agradecimento à minha família, sem a qual nada disto teria sido possível. Ao meu marido e aos meus filhos, um grande obrigada pelo apoio incondicional e por toda a compreensão e confiança que revelaram, sem as quais teria sido difícil cumprir todas as minhas obrigações académicas.

RESUMO

A presente dissertação/estudo procura analisar a vertente militar da vida de Júlio César, devidamente contextualizada no seu percurso político e na sociedade romana coeva. No primeiro capítulo observam-se alguns aspetos da sua vida pessoal e o seu *cursus honorum*, relacionando-se a sua ascensão política com o comando militar. Aqui se inserem os dois grandes conflitos que marcaram a sua vida: a *Guerra das Gálias* e a *Guerra Civil*. No segundo capítulo apresenta-se uma panorâmica geral da ação militar de Júlio César ao nível do comando, no que respeita à organização logística e à capacidade de organização dos aprovisionamentos. É feita referência à questão da administração da logística no período republicano romano, seguindo-se uma descrição da forma como César providenciava alimentação e forragem para o seu exército em campanha (incluindo a recolha de água e de lenha). Segue-se uma análise das principais linhas e bases de abastecimento utilizadas, do transporte e das infraestruturas logísticas que serviam de apoio à guerra e da ação logística na guerra de cerco. No final deste capítulo descreve-se a importância da inteligência militar para o eficaz funcionamento da frente logística. O terceiro capítulo analisa os principais aspetos do comando intermédio no exército de César, através da análise do papel dos centuriões e do seu contributo para o sucesso militar de Roma. Este capítulo começa com a descrição convencional do exército romano ao tempo de César e insere o papel dos centuriões na respetiva orgânica militar; prossegue depois com o reconhecimento do valor dos centuriões pelo próprio César. Seguem-se as questões da disciplina e da coragem dos centuriões e o seu papel ao nível do comando intermédio. Por último, destacam-se os níveis de mortalidade associados ao seu arriscado desempenho militar.

Palavras-chave: Júlio César; Guerra; Comando; Logística; Centuriões.

ABSTRACT

This dissertation/study aims to analyze the military aspect of Julius Caesar's life, duly contextualized in his political career and contemporary Roman society.

The first chapter examines certain aspects of his personal life and his *cursus honorum*, linking his political rise to his military command. It includes the two major conflicts that defined his life: the Gallic War and the Civil War. The second chapter offers an overview of Julius Caesar's military actions at the command level, focusing on logistical organization and the ability to ensure supplies. It addresses the logistics administration during the Roman Republican period, followed by a description of how Caesar provided food and fodder for his army during campaigns (including the collection of water and firewood).

This is followed by an analysis of the main supply lines and bases employed, the transport and logistical infrastructures that supported the war and logistical actions during siege warfare. The chapter concludes with a discussion on the importance of military intelligence for the efficient operation of logistical fronts.

The third chapter delves into key aspects of intermediate command in Caesar's army, focusing on the role of centurions and their contribution to Rome's military success.

It begins with a conventional overview of the Roman army during Caesar's era, highlighting the role of centurions within its military organization. It then explores Caesar's own recognition of the value of centurions, followed by an analysis of their discipline, courage, and function in middle command. Lastly, it emphasizes the high mortality rates associated with their hazardous military duties.

Keywords: Julius Caesar; War; Command; Logistics; Centurions.

INTRODUÇÃO

A proposta de estudar, com base nas fontes disponíveis, Júlio César, na vertente militar relacionada com a logística e com a importância dos centuriões ao nível dos comandos intermédios, pareceu-nos um desafio aliciante e um tema muito interessante para trabalhar (isto apesar de se reconhecerem as dificuldades inerentes a qualquer estudo sobre uma figura tão exaustivamente estudada pela historiografia).

Segundo Adrian Goldsworthy “hoje, os Clássicos perderam a sua posição central na educação ocidental, mas, mesmo assim, Júlio César continua a ser uma das poucas figuras do mundo antigo cujo nome suscita um reconhecimento instantâneo”¹. Esta parece-nos uma afirmação pertinente, pois, quer a um nível académico, quer no plano da cultura comum, o mundo clássico tem sofrido uma certa desvalorização, mas apesar disso quase todos reconhecem o nome de Júlio César devido ao seu papel fundamental na história romana. Parece-nos que é unânime o reconhecimento da riqueza cultural e civilizacional dos Romanos e que esta deve ser estudada e ensinada. Entende-se, por isso, ser de grande interesse a realização de um trabalho sobre uma figura histórica tão rica, sobretudo através de temas menos estudados, como o do papel da logística na máquina militar cesariana e o da eficácia do seu comando militar através do reforço do papel dos centuriões.

Em termos cronológicos, o período considerado neste trabalho concentrou-se na fase tardia da República romana, cobrindo os anos relativos à vida de César, ou seja, o período de 100 a 44 a. C. Nesta fase, a marca de César ficou visível na política, área na qual desempenhou um papel importantíssimo ao ser um dos principais responsáveis pelo fim do sistema político republicano, que esteve em vigor durante cerca de 450 anos. As suas capacidades de oratória e de escrita foram igualmente importantes (César foi autor de várias leis que viriam a ser fundamentais na vida pública de Roma). Na guerra, César destacou-se pela sua excepcional capacidade de comando e pela forma inteligente e pragmática como conseguiu transformar o seu exército numa fabulosa e eficiente máquina de guerra, revelando a sua eficácia, quer contra oponentes externos como as

¹ GOLDSWORTHY 2013: p. 14. Acrescente-se que em relação às abreviaturas relativas às fontes, usadas ao longo da dissertação, as referências às fontes latinas seguem, de forma geral, as abreviaturas do *Oxford Latin Dictionary* e as fontes gregas seguem, as abreviaturas do Liddell-Scott-Jones *Greek-English Lexicon*. Seguiu-se este sistema com o objetivo de uniformização.

tribos gaulesas, quer contra os seus irmãos romanos, durante a marcante guerra civil contra Pompeio.

Apesar da sua famosa clemência para com os inimigos, a vida de César terminou de forma violenta, ao ser apunhalado até à morte, vítima de uma conspiração levada a cabo por motivos essencialmente ideológicos. A seguir à sua morte, a situação política revelou as debilidades de uma República enfraquecida e em agonia. A sua obra, no entanto, jamais desapareceu, e o seu sobrinho-neto e filho adotivo, Gaio Júlio César Octaviano, tornou-se o primeiro imperador de Roma, colocando fim à República e iniciando um novo sistema político, marcado pelo governo de imperadores².

O objetivo deste trabalho é provar, com recurso às fontes literárias, que Júlio César foi um dos comandantes militares da Antiguidade que mais preocupações revelou com a questão da logística, tanto ao nível do abastecimento, como da organização e do planeamento das campanhas militares. Pretendemos também explicitar a forma como ele conseguiu aperfeiçoar o exército romano através da otimização do papel dos seus centuriões, o que lhe permitiu elevar a um patamar de eficiência excecional o desempenho das legiões que o acompanharam. É especialmente sobre a faceta do general ao comando das suas legiões (e não tanto do político cheio de projetos e de ambições pessoais) que se pretende desenvolver o presente trabalho.

Aqueles dois aspetos – apesar de parecerem secundários para alguma historiografia tradicional, que tende a valorizar as questões políticas ligadas à guerra, ou as grandes inovações táticas e estratégicas – parecem-nos de grande importância para se procurar entender o modelo de guerra cesariano. Aliás, alguma historiografia recente tomou já consciência da relevância do estudo de aspetos como os que acima referimos e tem-se notado uma clara mudança na orientação da mesma para este tipo de matérias.

Sem a questão do planeamento e da organização logística, as campanhas militares que César travou teriam sido, com toda a certeza, de resultado muito mais incerto. A rentabilização que ele soube fazer dos recursos disponíveis, nomeadamente do seu corpo de centuriões, revela a sua inteligência e capacidade de ação.

Em termos metodológicos, o trabalho de análise foi sustentado por diversas fontes literárias antigas. Refira-se que, apesar da sua enorme riqueza, deve ter-se em conta que estas fontes têm as suas limitações, como a falta de indicações precisas sobre a origem das informações que transmitem, ou o facto de, em certos casos, terem sido escritas muito

² GOLDSWORTHY 2013: p. 13.

tempo depois dos acontecimentos, o que muitas vezes não permitiu reconstituições muito exatas. Para além disso, deve também atender-se a alguns condicionalismos políticos ou sociais inerentes aos próprios autores.

Das fontes utilizadas, as que se consideram mais relevantes são aquelas que são assinadas pelo próprio Júlio César. A essa produção escrita, César chamou “Memórias”. Para a descrição das campanhas efetuadas na Gália (*Bellum Gallicum*), César escreveu sete comentários ou livros³, que cobriram as operações de 58 a 51 a. C. Um oitavo livro foi escrito por um dos oficiais que serviu com César na Gália, Aulo Hircio (*Aulus Hirtius*), que prolongou a descrição dos acontecimentos até 50 a. C. Recorremos à versão de *A Guerra das Gálias* de Júlio César publicada pela editora Sílabo, com tradução portuguesa de Angelina Pires e introdução, biografia e notas de Victor Raquel.

Em relação à guerra civil (*Bellum Civile*), César escreveu três dos livros que relatam o conflito, situado no período entre 49 a. C. e o início da Guerra Alexandrina (no ano 48 a. C.). O resto da guerra foi descrita em três livros separados redigidos por outros autores, correspondendo a: “Guerra de Alexandria” (*Bellum Alexandrinum*); a “Guerra de África” (*Bellum Africum*); e a “Guerra da Hispânia” (*Bellum Hispaniense*). Para estas narrativas, utilizámos o livro *The Civil War with the anonymous Alexandrian, African, and Spanish Wars*, da editora Osprey, com tradução inglesa, introdução e notas de John Carter⁴.

Apesar de todos os textos elaborados por Júlio César se enquadrarem numa retórica propagandística e terem sido redigidos de forma a publicitarem os triunfos do próprio e do seu exército, encontram-se escritos de uma forma factual e são importantíssimos documentos históricos que, de uma forma única, retratam o exército romano em campanha no período do estertor republicano. Estes livros são baseados nas notas do próprio César e nos seus registos dos combates, constituindo, por isso, o alimento fundamental do nosso trabalho. Refira-se ainda que a escrita de César é reconhecida pelos especialistas da língua latina uma elevada qualidade literária; curiosamente, o autor assume o papel de um narrador anónimo, falando de si próprio na terceira pessoa. No Livro I, da *Guerra das Gálias*, ao descrever a expulsão dos Germanos César dá alguns

³ Passaremos a citar as “Memórias da Guerra das Gálias” por Livros, de forma a facilitar o processo de escrita.

⁴ Segundo alguns autores, Hircio terá sido também o responsável pelo livro *Bellum Alexandrinum*, combinando as notas não publicadas de César com material adicional, algum dele escrito pelo próprio. Cf. FIELDS 2008: p. 85.

exemplos da organização do exército sob o seu comando e do seu nível de eficácia, ao descrever o seguinte:

«César colocou à frente de cada legião um dos seus legados e um questor, para que cada soldado os tivesse como testemunhas da sua coragem. Ele próprio travou o combate na ala direita, porque tinha notado que o inimigo era pouco consistente desse lado»⁵.

Far-se-á de seguida uma breve apresentação de outras fontes utilizadas, que trouxeram informação pertinente e que permitiram confrontar e complementar os relatos do próprio César.

Apiano (c. 95 -170 d. C.) foi um escritor grego de Alexandria que escreveu em Roma, sob o império de Antonino Pio. Redigiu uma vasta *História Romana*, com vinte e quatro livros e a sua narrativa é essencialmente de conquista e guerra. Os quatro livros dedicados à guerra civil providenciam relatos dos vários conflitos que causaram a queda da República e constituem, por isso, um valioso recurso para o nosso trabalho. Utilizou-se uma versão inglesa (Appian, *The Civil Wars*), editada pela Penguin Classics, com tradução e introdução de John Carter.

Sexto Júlio Frontino (c. 35-104 d. C.) foi um romano que nasceu numa família patriciana e que enveredou pela carreira das armas, como soldado de cavalaria. Foi governante da Britânia e, ao regressar a Roma, foi nomeado procônsul. Pensa-se que terá sido durante este período que escreveu o seu livro “Estratagemas” (*Strategemata*), no qual compilou episódios bélicos destinados à instrução dos comandantes militares. Frontino não refere grandes movimentos estratégicos, nem procede à descrição de uma doutrina militar, tratando antes da tática e da forma de lidar com situações no terreno. O livro contém referências a César e ao exército romano, motivo pelo qual constitui uma fonte para o nosso trabalho. Utilizou-se a versão portuguesa *Estratagemas*, de Sexto Júlio Frontino, com introdução e notas de Miguel Mata, publicada pela editora Sílabo.

Plutarco (c. 46-120 d. C.) foi um biógrafo grego que viveu em Roma e que se supõe ter ocupado algum posto imperial sob os imperadores Trajano e Adriano. Também serviu como membro do colégio de sacerdotes em Delfos. As suas *Vidas Paralelas*, biografias que colocavam em espelho figuras de gregos e romanos considerados famosos, são uma fonte extremamente útil para a história romana, pois o autor recolheu e descreveu, com invulgar perspicácia psicológica, vários detalhes e tradições interessantes. A edição que utilizámos, e que muito útil nos foi, é *Vidas Paralelas, Alexandre e César*, de Plutarco, com tradução portuguesa, introdução e comentário de

⁵ CAES. *Gal.* 1. 62, p. 98.

Maria de Fátima Silva e José Luís Brandão, dada à estampa pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

Suetónio terá nascido em Roma cerca de 70 d. C. e morrido depois de 122 d. C. Pertencia à classe equestre e escreveu as biografias dos doze primeiros imperadores romanos, começando por César⁶ e terminando com Domiciano (assassinado em 96 d. C.). Terá desempenhado funções importantes relacionadas com as bibliotecas, registos, documentação e correspondência da administração imperial romana. A sua produção literária foi vasta e abrangeu várias áreas do saber, mas infelizmente a maioria perdeu-se. A edição utilizada neste nosso trabalho, da responsabilidade da Sílabo, foi *As Vidas dos Doze Césares, Vol. 1, Júlio César e Octávio César Augusto*, de Suetónio, com tradução portuguesa de Angelina Pires e com estudo introdutório e notas de Victor Raquel. É uma obra que, apesar de poder estar comprometida com alguma propaganda política⁷, apresenta as figuras biografadas com referências interessantes à história da sua família, do seu nascimento, da sua ascensão ao poder e da sua morte, compartimentando as suas vidas em categorias diversas, como reformas e guerras civis. Suetónio apresenta ainda algumas considerações sobre a vida privada dos biografados, o que se revelou bastante enriquecedor para a construção do presente trabalho.

Flávio Vegécio Renato foi um romano que viveu no final século IV ou nos inícios do século V d. C., tendo escrito um “Compêndio da Arte Militar” (*Epitoma Rei Militaris*). Supõe-se que terá sido funcionário imperial e, apesar de não ter sido um comandante militar, era um funcionário culto e que tinha amplos conhecimentos sobre o recrutamento e aprovisionamento dos exércitos no tempo áureo das legiões romanas. O *Compêndio* está dividido em quatro partes e contém evocações e comentários muito interessantes acerca dos exércitos do Alto Império, bebidos em fontes antigas, mas é difícil saber sempre a que período se refere concretamente o autor, ou se reflete apenas uma teoria ou também uma prática. Apesar de não se conseguir associar a obra a uma determinada época, uma vez que atravessa diversos períodos e fases de desenvolvimento do exército romano, constituiu uma fonte crucial para a descrição da seleção e do treino dos recrutas, das marchas, da disposição dos acampamentos, da poliorcética⁸ e da guerra naval (entre outros temas). Utilizou-se a obra Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*, edição bilingue,

⁶ Apesar de César nunca ter sido verdadeiramente “imperador”, mas sim um “ditador”.

⁷ Recorde-se que Suetónio foi um funcionário da administração imperial.

⁸ Entenda-se por poliorcética o cerco de fortalezas e praças-fortes ou a arte de sitiá-las e tomá-las. A origem do nome é atribuída a Poliorcetes (cognome de Demétrio, rei da Macedónia, um dos generais sucessores de Alexandre Magno).

com tradução portuguesa de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, estudo introdutório, comentários e notas de João Gouveia Monteiro, editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

Também foram utilizados estudos e bibliografia diversa, cujo rol exaustivo consta da bibliografia final deste trabalho. Consideramos necessário salientar desde já dois autores, cuja produção se revelou excepcionalmente importante e que nos acompanharam ao longo de todo o processo de elaboração do presente estudo. Um dele é Yann Le Bohec, autor da obra *César, Chef de Guerre* (Éditions du Rocher, 2001). O outro é Adrian Goldsworthy, autor de *César. A Vida de um Colosso* (tradução portuguesa, dada à Estampa pela Esfera dos Livros em 2008). Trata-se de leituras obrigatórias, dada a sua atualidade e por apresentarem uma perspetiva global da vida e da carreira de César. Yann Le Bohec faz também a sua caracterização como chefe militar.

Alguma bibliografia mais específica, utilizada de forma mais seletiva em algum capítulo, será assinalada no final do mesmo.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos, os quais se subdividem em alguns subcapítulos. O primeiro capítulo é dedicado à vida e carreira de Júlio César⁹ e divide-se em três subcapítulos. Num primeiro ponto, relativo ao período de 100-59 a. C., contextualiza-se a sua origem e formação, estabelecendo a sua ascensão ao consulado como o ponto mais elevado do seu *cursus honorum*¹⁰. A segunda fase é aquela em que César se torna procônsul¹¹, entre 58 e 50 a. C., marcada pelo conflito da Guerra das Gálias. Por último a fase da Guerra Civil, na qual César revela a sua maturidade como general, até ao seu regresso a Roma, à fase da ditadura e à sua morte (ou seja, entre 49 e 44 a. C.).

Para a elaboração deste primeiro capítulo foi importante a leitura de diversas obras, de que salientamos: *Storia di Roma*, de Giovanni Brizzi; *Julius Caesar*, de Nic Fields; e *História de Roma Antiga, vol. I: das origens à morte de César* (capítulo sobre “A primazia de César: do ‘1º Triunvirato’ aos idos de Março”, de José Luís Brandão). Estas leituras permitiram complementar e aprofundar alguns aspetos da vida e carreira de Júlio César.

⁹ Não é objetivo do presente trabalho elaborar uma biografia de Júlio César, mas sim proporcionar, logo de entrada, uma compreensão resumida e objetiva da sua vida, de forma a integrar a sua faceta de comandante na sua complexa, rica e diversificada carreira.

¹⁰ O consulado era o mais alto posto do *cursus honorum* (carreira das honras) na carreira de um magistrado romano. O *cursus honorum* previa uma ordem sequencial de cargos públicos, pelos quais os políticos deveriam desejavelmente passar durante a sua carreira. O cônsul era o magistrado que ocupava a posição mais elevada da República e os principais responsáveis pelos mais importantes comandos civis e militares durante os doze meses em que desempenhavam o cargo.

¹¹ Procônsul era o magistrado que governava uma província, com autoridade equiparada à de um cônsul.

O segundo e o terceiro capítulos configuram a parte mais desenvolvida deste estudo. O segundo capítulo trata da importância da logística na máquina militar cesariana e encontra-se subdividido em seis subcapítulos. Num primeiro momento, contextualiza-se a emergência da logística no exército romano, associada à realização de campanhas cada vez mais distantes de Roma. Desde meados da República, pelo menos desde a 2ª Guerra Púnica (218-201 a. C.) que há registo do uso de linhas de abastecimento. Será apresentada a forma como era gerida a administração da logística, incluindo quais os magistrados que se encarregavam deste setor. Num segundo momento, analisa-se a questão do abastecimento e da alimentação, incluindo a recolha de água, de lenha e de forragem. No terceiro aspeto abordam-se outras questões do abastecimento, como as diferentes bases e linhas que apoiavam os exércitos em campanha. A questão do transporte constitui o quarto aspeto. Aqui, analisa-se a importância do transporte marítimo ou terrestre como suporte fundamental para o sucesso das operações militares. Também se relacionará o transporte com as infraestruturas logísticas necessárias, como por exemplo pontes e estradas. A logística na guerra de cerco constitui um quinto momento, dado o facto de terem existido vários cercos associados à Guerra das Gálias e também à Guerra Civil. César revelou muito cuidado com a preparação e construção das estruturas de apoio necessárias, assim como com o abastecimento dos cercos. O uso da logística como arma estratégica e tática constitui o sexto e último ponto de análise do segundo capítulo do trabalho. Proceder-se-á a uma discussão da forma como a logística era relevante e determinava as decisões do comandante na guerra, quer em termos de estratégia, quer a um nível tático. Refere-se também, neste ponto, o recurso de César a fontes de informação privilegiada, o que é revelador da sua obsessão pelo controlo dos detalhes logísticos. Para a elaboração deste capítulo foi muito relevante, para além das fontes já referidas, a leitura da obra, *The Logistics of the Roman Army at War (264 B.C.- A.D. 235)*, de Jonathan Roth.

O terceiro e último capítulo é dedicado ao modelo de comando militar cesariano, cuja eficácia se encontra associada ao enorme contributo dos centuriões. Este capítulo divide-se em cinco subcapítulos. Num primeiro momento, procura-se contextualizar o papel do centurião no exército romano e na legião do período republicano. A confiança que César tinha nos seus centuriões, revelada através do seu reconhecimento constitui o segundo aspeto a ser considerado. O grande general mantinha um contacto próximo com os seus centuriões, tratando-os não propriamente como meros subordinados, mas sobretudo como soldados experientes, sendo o seu conselho geralmente atendido e

respeitado. Também se relaciona este aspeto da confiança com as promoções efetuadas por César relativamente aos centuriões. A disciplina e coragem dos centuriões são os dois aspetos analisados no terceiro ponto. Comandantes das centúrias, os centuriões eram considerados a espinha dorsal do exército romano republicano e contribuíram de forma decisiva para o seu sucesso. A liderança no combate é outro aspeto muito relevante. Do centurião esperava-se que se colocasse em perigo e que fosse o primeiro a envolver-se com o inimigo e o último a abandonar o campo de batalha. A análise da importância do estatuto dos centuriões como oficiais ao nível do comando intermédio configura o objeto do quarto subcapítulo. Foi na República Tardia que o posto de centurião se foi definindo como um posto distinto do oficialato das legiões. César definia-os como uma categoria à parte dos tribunos e dos militares. Os centuriões tinham de equilibrar os seus próprios deveres e a sua lealdade aos soldados sob o seu comando, por um lado, com as ordens recebidas dos respetivos superiores, por outro. A autoridade militar do centurião é outro aspeto revelador da sua importância nas legiões. Possuíam níveis de experiência, especialização e identidade corporativa que os tornava únicos na estrutura do comando militar. Neste ponto, salienta-se ainda o papel do centurião na formação dos soldados. Os centuriões eram oficiais disciplinadores, treinavam, corrigiam e lideravam as legiões em combate, e integravam os soldados socialmente na comunidade militar romana. Por último, trata-se a questão da elevada mortalidade associada ao papel dos centuriões na guerra e no combate. A coragem e disciplina dos centuriões, assim como as suas atitudes heroicas, acarretavam por vezes um preço muito elevado, ou seja, conduziam ao sacrifício das suas próprias vidas. A ferocidade e agressividade no combate provocavam baixas elevadas e os centuriões sofriam muito mais com as vitórias e com as derrotas do que os soldados comuns.

Para a elaboração deste terceiro capítulo utilizou-se também a tese de doutoramento de A. Graeme Ward, intitulada *Centurions: The Practice of Roman Officership*; também recorreremos à obra *Roman Centurions 753-31 BC, The Kingdom, and the age of consuls*, de Raffaele D'Amato, assim como a dois trabalhos de Adrian Goldsworthy: *The Roman Army at War 100 BC-AD 200*; e *Generais Romanos os homens que construíram o Império Romano*. Todas estas leituras, bastante apoiadas em fontes fidedignas, foram importantes para uma caracterização do centurião e para a compreensão da sua importância no exército romano, durante o período republicano.

A nossa dissertação rematará com uma conclusão, seguindo-se a relação exaustiva das fontes e bibliografia utilizadas. Em anexo, apresenta-se uma Cronologia com as datas

mais significativas da vida e da carreira de César. Algumas Ilustrações e Mapas relativos ao tema e ao período em apreço completam a nossa dissertação.

1. JÚLIO CÉSAR: O GENERAL

1.1.O HOMEM E A CARREIRA

1.1.1. Origem e ascensão ao Consulado (100-59 a. C.)

A fundação da cidade de Roma ocorreu (segundo a tradição) no ano 753 a. C.¹² e terá sido governada por reis. A partir do século VI a.C., Roma ficou sob o domínio de reis Etruscos, que deixaram uma enorme influência na civilização romana¹³. A monarquia foi substituída pela República (*res publica*) no ano de 509 a. C. e, a partir daí, o poder deixou de estar concentrado nas mãos de um só homem. O receio do ressurgimento da monarquia ou o desejo de evitar que um indivíduo acesse de forma permanente ao poder passaram a estar presentes na política romana e a constituir uma preocupação para as instituições políticas.

A transição do sistema político da Monarquia para a República foi o resultado de um processo lento e complexo mais do que a consequência de um acontecimento isolado¹⁴. O último rei de Roma, Tarquínio o Soberbo¹⁵, terá sido expulso da cidade por um grupo de aristocratas, que instituíram a República. As causas da mudança de regime político terão sido múltiplas e complexas, associadas a fatores externos e internos¹⁶ à cidade de Roma, e as alterações terão sido graduais e não repentinas.

A queda da monarquia proporcionou a partilha do poder pelos dois principais grupos sociais da sociedade romana republicana: os patrícios e os plebeus. Os patrícios¹⁷ (aqueles que pertenciam às famílias aristocratas mais antigas) usaram do seu prestígio e

¹² As provas arqueológicas não são contundentes, tornando-se difícil avaliar quando é que as pequenas povoações espalhadas pelas colinas se juntaram numa única cidade. Mas a tendência atual é para situar a fundação de Roma no século seguinte (VII a. C.).

¹³ Sublinhe-se a importância que exerceram no exército romano, através dos elementos gregos, usados pelos Etruscos, nas táticas e nos equipamentos militares.

¹⁴ As fontes literárias que descrevem esta fase remetem para a importância do protagonismo individual de personagens lendárias ou heróis, cuja ação terá sido relevante.

¹⁵ Tarquínio o Soberbo era filho de Tarquínio Prisco e terá alcançado o trono à força, depois de matar o seu sogro, Sêrvio Túlio. Foi expulso da cidade de Roma por ser considerado um tirano cruel. Veja-se BRANDÃO 2015: p.39 (a). Sublinhe-se que a fase inicial da República é um dos períodos mais pobremente documentado da história de Roma, o que torna difícil a distinção entre factos históricos e construções ideológicas.

¹⁶ Segundo Nuno Simões Rodrigues (2015: pp. 71-73), a conjuntura externa seria semelhante à de outras cidades-estado do Mediterrâneo (como as helénicas) que experienciaram, no mesmo período, transformações institucionais e políticas semelhantes; a conjuntura interna relacionar-se-ia com os patrícios que, devido ao seu poder, prestígio e reputação, se destacaram na sociedade e no controlo das instituições. Vide RODRIGUES 2015: pp. 69-102.

¹⁷ Na aristocracia romana, encontrava-se (abaixo dos patrícios) a ordem equestre, identificada com os *equites*, nome que derivava do seu tradicional papel como cavaleiros no exército romano.

dos imensos privilégios que detinham para desempenharem os principais cargos da vida pública (já na fase anterior à República usufruíam de cargos sacerdotais e religiosos importantes).

A plebe (o conjunto dos cidadãos romanos não-patícios) constituía o grupo social que representava os interesses do resto da população¹⁸. A afirmação deste grupo social resultou das suas legítimas reivindicações, relacionadas com o progressivo e significativo enriquecimento de algumas famílias plebeias. Esta ordem social foi ganhando influência, nomeadamente através do acesso às magistraturas, que partilhará com os patícios. Como afirma Nuno Simões Rodrigues «(...) o conflito de ordens foi determinante para o carácter dinâmico da constituição romana, para a consolidação dos órgãos do governo e para o equilíbrio de forças que caracterizava a República romana»¹⁹.

A República passou a ser dirigida por diferentes instituições, num sistema complexo de partilha de poderes, destacando-se as Magistraturas, o Senado e as Assembleias Populares.

As magistraturas substituíram o poder régio e tinham um carácter eletivo; o povo (*populus*) elegia os seus magistrados e o Estado outorgava a estes o poder e a autoridade. O poder executivo passou a ser exercido através de uma hierarquia de magistrados²⁰. As magistraturas eram quase todas colegiais e anuais (à exceção da ditadura que, ao assumir um carácter excepcional, dispensava a eleição)²¹.

O consulado era a principal magistratura romana. Os dois côsules eleitos nos comícios centuriatos (*Comitia Centuriata*) dirigiam o Estado romano e comandavam o exército. Sendo os detentores do *imperium* (direito de comandar tropas e de aplicar a justiça) exerciam a autoridade militar e judicial.

A pretura (*praetura*) era a magistratura que se encontrava a seguir ao consulado e os pretores também detinham o *imperium*. As suas funções encontravam-se ligadas à administração da justiça e aos poderes militares (o número de pretores foi aumentando e no tempo de Sula²² já havia oito). O Senado podia prolongar excepcionalmente o *imperium*

¹⁸ Sublinhe-se que, segundo o ponto de vista mais tradicional, a plebe ter-se-á formado por contraste ou oposição aos patícios, e surgiu em tempos de crise (segundo a tradição, em 494 a. C.). De acordo com Rodrigues (2015: pp.78-84) houve, de facto algum confronto entre os dois grupos sociais, mas também uma necessária convivência.

¹⁹ Vide RODRIGUES 2015: p. 100.

²⁰ Na República, as magistraturas passaram a ser ocupadas pela aristocracia patricio-plebeia, que controlava a ordem social romana. Idem, *ibidem*, p. 91.

²¹ Idem, *ibidem*, pp. 95-98.

²² Sula viveu entre 138-78 a. C. e foi um político e general da República Romana que participou na Guerra Jugurtina (112-105 a. C.), na Guerra dos Cimbrós e Teutões (105-101 a. C.), na Guerra Social (91-88 a. C.), na Primeira Guerra Mitridática (89-84 a.C.) e na Guerra Civil (88-82 a. C.). Foi nomeado ditador e

de um cônsul ou de um pretor como pró-magistrado (procônsul ou propetor), significando que ele poderia continuar a exercer a autoridade de que tinha sido previamente investido²³.

A edilidade era uma magistratura inferior à pretura e as funções do edil relacionavam-se, entre outras, com o policiamento das cidades, controlo das vias públicas, edifícios e mercados e a organização dos jogos públicos (tinha quatro membros).

Na base da carreira das honras encontramos a questura, magistratura associada a funções administrativas e financeiras (como a gestão do tesouro público). Os questores também podiam ser assistentes ou legados (oficiais subordinados que detinham o *imperium* por delegação) dos governadores das províncias (começaram por ser dois, mas chegaram a vinte). Estas quatro magistraturas, organizadas de forma hierárquica, compunham o *cursus honorum*, ou a carreira política romana²⁴.

A ditadura (*dictatura*) constituía uma magistratura excecional e era utilizada em situações de crise política, militar ou social. O ditador não era eleito, mas sim nomeado por um ou pelos dois cônsules, de acordo com o Senado (ou a pedido do Senado), normalmente por seis meses e concentrava todos os poderes²⁵.

O Tribunato da Plebe era uma magistratura paralela ao *cursus honorum*, cujos membros (dez) representavam o povo (plebe) e presidiam às assembleias de que falarei adiante.

O Senado era o principal órgão consultivo da República (a sua origem remonta ao conselho real do tempo da Monarquia) e, de entre as suas funções, destacam-se: a atribuição de pareceres sobre as leis, a administração das províncias, a nomeação dos governadores provinciais, o controlo das finanças públicas e a orientação da política

cônsul (82-80 a. C.). Realizou reformas que reforçaram o Senado, mas retirou-se subitamente da vida pública (79 a. C.), falecendo um ano depois, na Campânia. A sua decisão de marchar sobre Roma abriu um precedente para os comandantes usarem os seus exércitos contra o Estado.

²³ Esta figura surgiu durante a República, respondendo à necessidade de se nomearem governadores para os territórios conquistados sem ter de se eleger mais magistrados. O procônsul e o propetor atuavam como governadores e comandantes militares nas províncias que lhes eram atribuídas. Veja-se GOLDSWORTHY 2013: p.31.

²⁴ Registe-se ainda uma magistratura incluída no grupo das ‘magistraturas superiores’: a censura, composta por dois membros (ex-cônsules) eleitos de cinco em cinco anos, cuja função era organizar o censo e elaborar as listas de cidadãos relacionada com o recrutamento militar e o pagamento de impostos. Veja-se RODRIGUES 2015: p. 97.

²⁵ Sublinhe-se que a norma dos seis meses de duração acabou por ser desrespeitada e a figura do ditador foi usada de forma abusiva por políticos como Sula e César.

externa. As reuniões deste órgão eram feitas no Fórum, na Casa do Senado (Cúria) ou num templo. O senador que presidia às sessões era chamado *pinceps senatus*²⁶.

As assembleias eram os órgãos de expressão popular e seriam ordenadas segundo as tribos, nas quais tinham assento os representantes dos restantes elementos da população. Havia os *Comitia Curiata* (os seus membros não tinham poder legislativo e apenas sancionavam as decisões do Estado) e os *Comitia Centuriata* (cujos membros elegiam os magistrados com o poder de *imperium*, possuindo também o direito de declarar a guerra, de ratificar a paz e de aprovar leis)²⁷.

No sistema político republicano, toda a estrutura governativa de Roma passou a estar apoiada na partilha de poderes e a exigência de eleições para grande parte dos cargos permitia uma certa «democratização» da governação. Contudo, a partir do século II a. C., este sistema começou a dar sinais de algum declínio, em consequência do rápido expansionismo territorial e da desigual distribuição da riqueza e dos benefícios resultantes das conquistas militares.

No início do século I a. C. ocorreram mudanças relacionadas quer com a organização interna da máquina militar romana, quer com a utilização de formas cada vez mais violentas de afirmação por parte de alguns líderes políticos, o que proporcionou a gestação de um novo sistema de relações de poder. Este passou a orbitar em torno de figuras particulares e dos seus interesses pessoais, promovendo a degradação contínua das estruturas institucionais da República. As disputas individuais tornaram-se cada vez mais intensas e transformaram-se em guerras civis. Surgiram líderes militares carismáticos capazes de persuadir os seus soldados a lutar, inclusive contra outros Romanos²⁸. Os generais passaram a exigir terras para os seus soldados veteranos, ou colónias em territórios conquistados, exigência à qual os senadores não cederam, pelo que os soldados passaram a ser mais fiéis aos seus generais do que à própria República.

Públio Cornélio Sula foi um dos generais que liderou as suas legiões para tomar o poder em Roma. O motivo para tal atitude relaciona-se com o facto de o mesmo considerar ter sido tratado com injustiça e de a sua *dignitas*, como cônsul, ter sido

²⁶ Os senadores (inicialmente 300) representavam sobretudo os patrícios, mas, a partir do século V a. C., passou a haver senadores com origem plebeia. Veja-se RODRIGUES 2015: p. 100.

²⁷ Uma boa síntese sobre as instituições no período republicano, encontra-se em GOLDSWORTHY 2013: pp. 30-33.

²⁸ Sobre este assunto consulte-se GOLDSWORTHY 2003: pp. 9-11. Como constataremos à frente, Júlio César será um desses generais que participou e liderou uma façanha do exército romano na Guerra Civil que atingiu a República entre os anos 49-45 a. C.

desrespeitada²⁹. Sula conseguiu que os seus legionários o seguissem até Roma e marchassem sobre a cidade (88 a. C.) sob o pretexto de «libertar a República», provocando o início de uma Guerra Civil e colocando-se como ditador por mais de um ano. A partir desta fase, a instabilidade política marcará a história da República Romana. O sistema político desenhado para uma pequena cidade-Estado começava a revelar-se inadaptado à governação de um território cada vez mais vasto e complexo.

A mudança na relação entre os comandantes, o exército e a República encontra-se associada às alterações provocadas pelo aparecimento do exército profissional, no séc. II a. C. (c. 107). A reforma do exército, atribuída ao general e cônsul romano Gaio Mário³⁰, possibilitou o acesso dos Romanos mais pobres ao exército, através da sua integração como voluntários³¹. Esta modificação viabilizou a transição de um exército de milícias, no qual todos os cidadãos que possuíssem uma certa propriedade eram obrigados a servir quando solicitado pela República³², para um exército ou força profissional (ou semiprofissional)³³. Os legionários passaram a assumir a participação na vida militar como uma carreira e não como uma obrigação ou um dever pontual (até aí encarado como um intervalo nas suas vidas normais). Assim, as legiões transformaram-se gradualmente em forças permanentes e com carreiras definidas.

Júlio César nasceu nesta República decadente (já com cerca de quatro séculos de existência) e terá contribuído de forma decisiva para o fim do sistema republicano e para a mudança de paradigma político. Supõe-se que Gaio Júlio César terá nascido no dia 13

²⁹ Em 88 a. C., o Senado atribuiu a Sula a responsabilidade da guerra contra o rei Mitrídates VI do Ponto (reino situado a norte da península da Anatólia, na atual Turquia). No entanto, devido a um tribuno (Sulpício), foi aprovado um decreto-lei, através da Assembleia Popular, que atribuía o mesmo comando a Gaio Mário (Sula tinha servido Mário como questor entre 104-103 a. C.) Veja-se GOLDSWORTHY 2013: pp. 66-67.

³⁰ General e estadista romano, participou na Guerra Jugurtina (112-105 a. C.), na Guerra contra os Cimbros e Teutões (105-101 a. C.), na Guerra Social (91-88 a. C.) e na Guerra Civil (88-82), na qual se destacou como líder do partido dos *Populares*. Foi cônsul (107 a. C.) eleito por cinco anos consecutivos. César seguiu o seu caminho na política, ao aderir ao partido dos *Populares*. Recomenda-se a consulta do Anexo 1: Cronologia, p. 135.

³¹ Gaio Mário, ao receber o comando da Numídia (região do Norte de África localizada no território onde hoje se encontra a Argélia), ter-se-á deparado com a recusa do Senado em levantar novas legiões, pelo que o mesmo terá ultrapassado este constrangimento procurando voluntários nas classes mais baixas (homens que não cumpriam as condições para prestar o serviço militar).

³² Sublinhe-se que, os cidadãos mais ricos, que tinham um cavalo e providenciavam o seu equipamento, serviriam como cavaleiros, os que possuíam uma riqueza moderada ficariam na infantaria pesada e os mais pobres na infantaria ligeira.

³³ Refira-se que, à medida que o império se expandia e as guerras eram cada vez mais longínquas, seria necessária a existência de guarnições permanentes, o que obrigava a que os soldados cumprissem longos períodos de ausência, impossibilitando-os de manterem as suas propriedades.

de julho³⁴ do ano 100 a. C. (segundo o calendário moderno)³⁵ e sabe-se que faleceu a 15 de março de 44 a. C. (pouco antes de completar os 56 anos).

Homem multifacetado, durante a sua vida Júlio César afirmou-se não só como um grande político e como um dos maiores generais da República Romana, mas também como escritor e advogado. O seu nome ficou para sempre associado a um poder forte e supremo, como os do *Kaiser* ou do *Czar*. Grandes comandantes, como Napoleão, admitiram ter aprendido muito ao estudar as suas campanhas militares³⁶. A curiosidade que a sua figura gerou ao longo da história está bem traduzida na literatura, no teatro, no cinema e até na banda desenhada.

A família de César – a dos Júlios – era considerada distinta. Eram patrícios pertencentes à mais antiga nobreza romana e alegavam que o seu nome provinha do de Íúlo, filho de Eneias (descendente de um humano – Anquises – e da deusa Vénus)³⁷. Obviamente, Júlio César procurou sempre tirar os possíveis benefícios deste estatuto proveniente da tradição da origem divina da sua família.

Gaio Júlio César possuía os *tria nomina* tradicionais do cidadão romano: Gaio corresponde ao *praenomen* (o primeiro nome, que identificava individualmente o membro da família); Júlio é o *nomen* (o segundo nome ou nome de família, que era considerado o mais importante, pois identificava o grupo de famílias ou a *gens* – clã ou grupo – a que se pertencia); e, finalmente, César era o *cognomen* (ou seja, o terceiro nome, aquele que especificava o ramo particular do agrupamento a que o indivíduo pertencia)³⁸. A sua parentalidade oferecia-lhe a possibilidade de seguir a carreira das honras, tal como o acesso a funções de relevo e a um lugar destacado na sociedade (*dignitas*).

A informação sobre a família e a infância de Júlio César é escassa, mas sabe-se que o seu pai, Gaio César, pertencia a uma família de patrícios e que teve algum sucesso na carreira pública como questor (talvez também como tribuno militar)³⁹ e que terá morrido no ano de 85 a. C., de doença, quando César não tinha mais do que dezasseis anos. A mãe, Aurélia, pertencia à família dos Cotas (antigos aliados de Cornélio Sula)

³⁴ Mais tarde, durante a sua ditadura, o mês passou a ser chamado *Julius*, em sua honra, daí resultando o nome do mês de «julho».

³⁵ O ano do nascimento de Júlio César tem sido motivo de debate entre os historiadores, devido à perda de alguns parágrafos (talvez devido à deterioração da extremidade do rolo ou *volumen*) nas secções de abertura das biografias que lhe dedicaram Plutarco e Suetónio.

³⁶ Vide GOLDSWORTHY 2013: p. 14.

³⁷ Esta história é narrada por Virgílio na *Eneida*. Da deusa Vénus terá nascido Eneias, o herói que saiu da cidade de Troia em chamas e se terá exilado em Itália. Íúlo foi designado como ancestral da *gens Iulia*. Sobre este assunto consulte-se BOHEC 2001: p. 26.

³⁸ Vide GOLDSWORTHY 2013: p. 53.

³⁹ Idem, *ibidem*. Cf. LE BOHEC 2001: p. 23.

oriundos da aristocracia plebeia, tendo tido alguns cônsules na sua família (como o seu pai e o seu avô)⁴⁰. Foi sobre a mãe que caiu a responsabilidade da sua educação e pensa-se que terá sido a influência mais forte na vida de César. A sua tia Júlia⁴¹ (irmã do pai) era casada com Gaio Mário, uma das figuras mais importantes da política romana do primeiro quartel do século I antes da era de Cristo.

Em relação à sua educação, César fez o percurso adequado à dignidade da sua família e o desejável para um jovem do seu tempo. Até aos sete anos, as crianças aristocratas permaneciam à guarda da mãe, em casa, passando depois a contar com a ajuda de um *grammaticus*, ou professor. A gramática grega ou latina constituía a base de todo o ensino (e César cultivou as duas línguas de forma exemplar), enquanto a retórica e a filosofia completavam o que se pode designar por «estudos superiores». Terá ainda aprendido a eloquência necessária ao direito e às funções de advogado⁴².

O treino físico dos jovens aristocratas incluía algumas atividades como correr, nadar e lutar com armas (em particular a espada e o dardo), além da equitação. O exercício físico servia para a promoção do bom estado físico, mas assumia também uma feição militar. César terá também efetuado algumas leituras ligadas à formação militar (por exemplo Catão, Xenofonte, Calístenes, Euménio de Cardia e Prosseno, o biógrafo de Pirro) incluindo obras helenísticas consagradas à poliorcética⁴³.

Como qualquer outro jovem aristocrata romano, Júlio César terá aprendido a admirar e a cultivar as virtudes tradicionais romanas como a *dignitas* (respeito pelo comportamento e responsabilidade), a *pietas* (deferência pelos deuses, família e parentes, assim como pelas leis e pela tradição da República) e a *virtus* (coragem física e moral)⁴⁴.

Para a descrição do que seria o aspeto físico de César atente-se nas palavras de Suetónio:

«(...) era alto, de tez branca, com membros bem torneados, rosto um pouco cheio, olhos negros e vivos, uma saúde robusta, embora nos últimos tempos estivesse sujeito a desmaios repentinos e até a terrores nocturnos que interrompiam o seu sono. (...) Extremamente minucioso no cuidado que tinha consigo próprio (...). Afirma-se também que a sua maneira de vestir era

⁴⁰ Veja-se GOLDSWORTHY 2013: p. 53.

⁴¹ Relativamente aos primeiros tempos da vida de César, incluindo a família e infância, consulte-se GOLDSWORTHY 2013: pp. 49-69.

⁴² Veja-se LE BOHEC 2001: p. 28.

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 29.

⁴⁴ Vide GOLDSWORTHY 2013: pp. 57-58.

notável: usava um laticlavo⁴⁵ guarnecido de franjas que chegavam às mãos, e era por cima dele que atava o cinto (...)»⁴⁶.

Já Plutarco, sem fornecer pormenores, destaca a força anímica de César que contrasta com alguma debilidade física: «Espantava-os a sua resistência à fadiga, comparada com a força que o corpo parecia ter, já que era de condição débil, de carnadura branca e delicada, sofria da cabeça e estava sujeito a ataques epiléticos (...)»⁴⁷.

Infere-se destas descrições que César dispunha de alguns traços físicos peculiares e usava de uma certa extravagância na forma como se vestia, (por exemplo a peculiaridade da forma como usava a sua túnica), mas teria algumas fragilidades físicas (em especial, segundo é bem sabido, a epilepsia). Nada disso, porém, o impediu de se revelar um firme e resistente soldado e de ter sido caracterizado como um homem de ação.

César é descrito nas fontes como uma pessoa de forte encanto pessoal e com uma grande capacidade de sedução. Nesta sua faceta mais íntima destaca-se a especial preferência que revelava por mulheres casadas, sendo-lhe atribuídas diversas amantes, tais como: Mucia (esposa de Pompeio); Servília (da distinta família dos Júnios) que terá sido a sua grande e mais duradoura conquista; e Cleópatra, a rainha do Egito, provavelmente a mais famosa de todas ⁴⁸.

O retrato psicológico de César é muito mais difícil de traçar, salientando-se que terá sido um homem orgulhoso da sua popularidade, que soube conduzir a sua carreira com perspicácia, usando a propaganda a seu favor, e conseguiu atingir uma enorme eficácia na sua ação, tanto na condução da política como na da guerra.

Com apenas dezasseis anos, o jovem César ter-se-á divorciado de Cossúcia⁴⁹, (descendente de uma família da ordem equestre muito rica) para se casar com Cornélia

⁴⁵Capa de púrpura que os senadores usavam sobre a túnica como distintivo da sua dignidade, a especificidade da capa de César consistia em ter franjas compridas.

⁴⁶ SUET. *Jul.* 45, p. 76. Sublinhe-se que Plutarco (*Caes.* 17.2, p. 243) descreveu aspetos relacionados com o homem de ação, como as campanhas militares e as qualidades de comandante de César, não revelando interesse pelo aspeto físico. Suetónio, por outro lado, procurou transmitir uma imagem mais realista incluindo alguns aspetos mais pessoais como o aspeto físico.

⁴⁷ PLUT. *Caes.* 17, 2, p. 243.

⁴⁸ *Vide* SUET. *Jul.* 50-52, pp. 79-80. Acrescente-se que Suetónio descreve aspetos da vida íntima de César, enquanto Plutarco evita as questões amorosas e sexuais.

⁴⁹ Sublinhe-se que Suetónio (*Jul.* 1, p. 52) assinala o divórcio de César com Cossúcia, mas, Plutarco (*Caes.* 1.1, p. 219) apenas indica o casamento com Cornélia. Os dois biógrafos apresentam a história da vida de César sob perspetivas muito diferentes: Plutarco construiu uma biografia narrativa cronológica, procedendo a um retrato indireto de Júlio César, enquanto Suetónio iniciou com um resumo cronológico da vida de César, seguido de um tratamento por rubricas.

(filha de Cina)⁵⁰ e dessa união nasceu Júlia, a sua única descendente legítima. Nessa fase precoce foi também designado flâmine (sacerdote) de Júpiter.

Quando Lúcio Cornélio Sula (ou Sila) ocupou Roma e governou como ditador, César teria cerca de dezoito anos. Devido a divergências políticas entre os dois, Sula terá dado instruções a César para se separar de Cornélia (por ser filha de Cina) e pela sua ligação ao partido dos *Populares*, mas, uma vez que este recusou, foi-lhe retirado o sacerdócio⁵¹ e os bens da esposa foram confiscados. Esta desobediência às ordens do ditador obrigou-o a viver durante algum tempo escondido⁵².

De forma a distanciar-se de Sula, Júlio César viajou para a Ásia, onde iniciou a sua vida militar como adjunto do propretor Marco Minúcio Termo, que o enviou à Bitínia⁵³ (situada na costa norte da Turquia) para organizar o envio de uma esquadra de navios de guerra. Ainda na Ásia, na guerra contra Mitridates (entre os anos 80 e 78 a. C.)⁵⁴, destacou-se no cerco da cidade de Mitilene (na ilha de Lesbos), ao salvar um companheiro, o que lhe valeu uma coroa cívica (atribuída por bravura em combate). Terá ainda passado pela Cilícia (sudeste da Anatólia), ao serviço do cônsul Servílio Isaurico, regressando a Roma depois de saber da morte de Sula⁵⁵.

Por volta do ano 75 a. C., César foi atacado e raptado por piratas, na ilha de Farmacusa (na Ásia Menor), quando se dirigia para Rodes (uma ilha do arquipélago do Dodecaneso, na Grécia). Durante o seu cativeiro terá partilhado alguns divertimentos e exercícios com os seus raptadores, tendo afirmado que, quando libertado, se iria vingar e os iria executar. Após a sua libertação, conseguiu reunir uma frota entre os aliados mais próximos e regressou para cumprir a sua promessa e recuperar o dinheiro do seu resgate⁵⁶. De seguida César foi para Rodes, para aperfeiçoar a sua formação e aprender com

⁵⁰ Cina foi um político da República Romana, tendo sido eleito cônsul quatro vezes seguidas, entre 87 e 84 a. C. Liderou a facção dos *Populares* e foi provavelmente o homem mais poderoso de Roma antes da ditadura de Sula.

⁵¹ As interpretações em relação a este cargo são confusas, pois Suetónio (*Jul.* 1, p. 52) afirma que César terá sido sacerdote, enquanto Plutarco (*Caes.* 1. 3, pp. 219-220) apenas o identifica como candidato.

⁵² Sula terá percebido o risco que César representava para os *Optimates*, o que o levou a afirmar: «Mas ficai sabendo que esse homem, cuja vida tanto prezais, causará um dia a ruína da facção dos aristocratas que haveis defendido a meu lado, pois em César existem vários Mários»; SUE. *Jul.* 1, p. 52.

⁵³ Terá sido durante a estadia de César na Bitínia que surgiu um rumor relacionado com uma suposta e nunca provada relação homossexual sua com o rei Nicomedes, rumor esse que o acompanhará durante toda a sua vida. Sobre este assunto veja-se SUE. *Jul.* 2, pp. 52-53.

⁵⁴ Mitridates ficou conhecido como um dos mais persistentes inimigos dos Romanos. Possuía um grande exército e uma poderosa marinha.

⁵⁵ Vide SUE. *Jul.* 3, p. 53.

⁵⁶ Em relação a esta nova estadia no Oriente, verificam-se algumas discrepâncias nas duas biografias que estamos a usar, relacionadas com a cronologia: enquanto Suetónio (*Jul.* 4, p. 53) situa o rapto entre 75-74 a. C., fase em que César viaja para Rodes, Plutarco (*Caes.* 1. 8, p. 220) associa este acontecimento à fase imediatamente a seguir ao episódio do rei da Bitínia, c. 77 a. C.

Apolónio Mólón (considerado o mais célebre professor de retórica daquela época), mas os seus estudos terão sido interrompidos (por volta de 74 a. C.) pela terceira guerra do rei do Ponto contra Roma.

De regresso à capital foi admitido no Colégio de Pontífices e eleito tribuno militar (em 72 ou 71 a. C.). Gradualmente, vai-se afirmando no debate político, defendendo os ideais dos *Populares*. Segundo Giovanni Brizzi, César destacou-se porque teve sempre uma linha de atuação muito própria, uma singularidade que o ajudou a afirmar-se, mesmo em momentos menos bons⁵⁷.

O ano de 70 a.C. ficou marcado pela morte de Júlia (tia de César) e de Cornélia (esposa), tendo ambas recebido honras fúnebres públicas. Nessa cerimónia, César destacou-se pela forma como proferiu o elogio fúnebre da tia na tribuna róstrica⁵⁸ fazendo questão de relembrar a sua ascendência divina. Numa atitude desafiadora, incluiu símbolos das vitórias de Mário, apesar de Sula ter banido honras públicas ao seu rival⁵⁹.

Pouco tempo depois, César foi eleito questor, com apenas trinta anos de idade (iniciando dessa forma a sua entrada no *cursus honorum*) e terá cumprido as funções inerentes ao cargo na Hispânia Ulterior. Suetónio descreve um episódio relativo a essa fase da sua vida, relacionado com uma deslocação feita a Gades (hoje Cádiz), que lhe terá provocado uma reação emotiva. Quando observou o busto de Alexandre, o *Grande*, César terá lamentado o facto de nada ter feito de memorável até essa data, permanecendo praticamente um desconhecido, enquanto Alexandre, na sua idade, «já tinha subjogado o mundo»⁶⁰.

De retorno à Urbe, César empenhou-se em encontrar os apoios necessários à sua ascensão na carreira política, condição essencial na complicada teia de interesses e rivalidades que caracterizavam a governação de Roma. Conseguiu o apoio de dois homens importantes da República Romana: Gneu Pompeio Magno⁶¹, reconhecido pelo seu fabuloso desempenho militar (as suas campanhas contra a pirataria no Mediterrâneo foram muito importantes para a segurança e economia romanas); e Marco Licínio

⁵⁷ BRIZZI 1997: p. 372.

⁵⁸ A *Rostra* era uma tribuna para os oradores no fórum. O nome deriva da ornamentação com esporões de navios (sing.: *rostrum*) tomados ao inimigo.

⁵⁹ Sobre este assunto consulte-se GOLDSWORTHY 2013: p. 134.

⁶⁰ SUET. *Jul.* 7, pp. 54-55. Cf. PLUT. *Caes.* 11. 1, pp. 233-234.

⁶¹ Pompeio viveu entre 106-48 a.C. Considerado um excelente general, ocupou os mais altos cargos políticos e militares da República e participou em várias guerras. Foi o vencedor da Terceira Guerra Mitridática (74-62 a. C.) e formou, com César e Crasso, o impropriamente designado «Primeiro Triunvirato», mas acabou por enfrentar César na Guerra Civil. Morreu assassinado no Egito, onde procurava refúgio depois da derrota na Batalha de Farsalo (48 a. C.).

Crasso⁶², figura relevante (derrotou Espártaco e os seus gladiadores e escravos em revolta) e com um extraordinário poder económico.

No ano 67 a. C., César contraiu novo matrimónio, desta vez com Pompeia⁶³. Dois anos depois, venceu uma eleição para edil, cargo que ocupou juntamente com Marco Calpúrnio Bíbulo. Esta magistratura foi usada para seduzir o povo romano com espetáculos sangrentos, incluindo um combate de gladiadores, caçadas, jogos e a decoração de edifícios como o Capitólio, pórticos, o fórum e as basílicas. O custo destas extravagâncias financeiras foi o endividamento progressivo, que o obrigou a contrair volumosas dívidas⁶⁴.

Para além da sua ascensão na carreira política, César foi também acumulando cargos religiosos, sendo eleito *Pontífex Maximus*⁶⁵ em 63 a. C. Este cargo conferia-lhe a primazia sobre todos os ritos e manifestações religiosas de Roma e representava o topo da sua «carreira das honras religiosas». Apesar de existirem dúvidas sobre a sua verdadeira religiosidade, sabe-se que (tal como todos os cidadãos romanos do seu tempo) respeitava os deuses e praticava a *pietas*⁶⁶.

Prosseguindo a sua espantosa carreira das honras, César tornou-se pretor (em 62 a. C.) e, na sequência do escândalo da *Bona Dea*⁶⁷ (Boa Deusa) divorciou-se de Pompeia. Entre os anos de 61 e 60 a. C., regressou à Hispânia Ulterior na condição de propetor. Sobre este novo comando militar sabe-se muito pouco, mas é reconhecido que se distinguiu na resistência aos ataques praticados pelos Galécios, dado ter sido aclamado *imperator* pelos seus soldados⁶⁸.

Em 59 a. C., novamente na Urbe, César foi eleito cônsul. Assim completava o seu *cursus honorum*, atingindo o mais alto cargo da magistratura. Doravante, passaria a envolver-se profundamente nas questões da política romana, apesar da forte oposição

⁶² Crasso nasceu em 115 e morreu em 53 a. C. Foi uma figura muito importante do mundo romano, sendo considerado o homem mais rico de Roma, pois era detentor de uma fortuna colossal. Foi eleito cônsul (juntamente com Pompeio) em 70 a. C. Formou o «Primeiro Triunvirato», com Pompeio e César. Viria a morrer na batalha de Carras (na Turquia), no decurso de uma guerra que moveu contra os Partos.

⁶³ Pompeia era filha de um dos cônsules de 88 a. C. (Quinto Pompeio Rufo) e de Cornélia, a filha de Sula.

⁶⁴ Crasso foi um dos principais financiadores de César. Sobre este assunto veja-se SUET. *Jul.* 10, p. 56.

⁶⁵ Era o chefe do colégio de quinze pontífices, um dos três principais sacerdotes monopolizados pela aristocracia romana. Nas suas funções destacava-se a regulação da cronologia de vários festivais do Estado e cerimónias públicas. Era considerado um cargo de grande prestígio apesar de não se relacionar com qualquer liderança. Sobre este assunto veja-se SUET. *Jul.* 13, p. 57.

⁶⁶ Alguns autores identificam César com a filosofia epicurista, devido ao seu gosto pelos prazeres e a sua tendência para a clemência. Veja-se LE BOHEC 2001: p. 78.

⁶⁷ Era um festival anual dedicado à «Boa Deusa», os rituais eram celebrados exclusivamente por mulheres e realizavam-se na casa de um magistrado eleito. Veja-se PLUT. *Caes.* 9-10, pp. 230-233.

⁶⁸ PLUT. *Caes.* 12, p. 235. Cf. SUET. *Jul.* 18, pp. 59-60. A este respeito, consulte-se também LE BOHEC 2001: p. 60.

movida pelos seus inimigos, particularmente, por Marco Pórcio Catão⁶⁹, que foi líder dos *Optimates* e um dos seus mais obstinados oponentes. Nesta fase, César dedicou-se à produção de legislação relativa a alterações administrativas e institucionais, como, por exemplo, a obrigatoriedade da publicação das contas e rendas do Senado e dos Comícios e a lei agrária⁷⁰.

As conjuras e conspirações eram frequentes na política romana republicana, assim como os insultos e as acusações pessoais. Neste contexto de extrema complexidade e aproveitando algumas fragilidades do sistema político, César, Pompeio e Crasso vão desenvolver um sistema de alianças informal, repartindo o poder entre si e permitindo que cada um dos três possa defender os seus interesses políticos e militares. A esta aliança política particular chamou-se o «Primeiro Triunvirato»⁷¹.

Ainda no ano de 59 a. C., César contraiu um novo matrimónio, desta vez com Calpúrnia (filha de Lúcio Calpúrnio Pisão⁷²), enquanto a sua filha Júlia casou com Pompeio.

O passo seguinte da carreira de César foi alcançado com a atribuição de um comando especial de cinco anos (até 54 a. C.) como procônsul, para as províncias da Gália Cisalpina e da Ilíria à frente de quatro legiões⁷³. Esta honra foi viabilizada por uma proposta de lei, a *Lex Vatinia* (apresentada pelo tribuno plebeu Públio Vatinio). O Senado acrescentou a Gália Transalpina (também conhecida por Gália Comata ou Cabeluda)⁷⁴, cujo procônsul designado falecera. Assim, César tornou-se procônsul, de forma a executar as suas campanhas na Gália detendo um *imperium*. Suetónio comenta: «Graças ao apoio do sogro e do genro, pôde escolher entre as províncias e optou pelas Gálias, por

⁶⁹ Catão viveu entre 95-46 a. C., sendo também conhecido por Catão «o Jovem», ou Catão «de Útica». Combateu na Terceira Guerra Servil (72-71 a. C.) e apoiou Pompeio na Guerra Civil. Liderou algumas tropas em África (após a morte de Pompeio), mas acabou derrotado por César na batalha de Tapso (em 46 a. C.) e suicidou-se em Útica (cidade no norte de África situada a noroeste de Cartago, no atual território da Tunísia).

⁷⁰ Vide Suet. *Jul.* 20, pp. 60-62.

⁷¹ A tradição chamou a este acordo «Primeiro Triunvirato», para ficar em paralelo com o «Segundo Triunvirato» (constituído por Marco António, Octaviano e Lépido). Contudo, o termo não se aplica às circunstâncias em que foi criado, sendo considerado mais um acordo privado do que formal, entre Crasso, Pompeio e César (cada um dos quais tinha objetivos e ambições bastante concretas).

⁷² Lúcio Calpúrnio Pisão foi um dos cônsules de 58 a. C., por acordo entre os triúnviros.

⁷³ César tinha quatro legiões sob o seu comando, mas apenas uma estaria na Gália Transalpina; as restantes encontravam-se perto de Aquileia (fronteira da Gália Cisalpina, perto da Ilíria – região a noroeste dos Balcãs). Veja-se GOLDSWORTHY 2013: p. 271.

⁷⁴ Correspondia à vasta região que incluía os territórios da atual Suíça, do centro e norte da França e da Bélgica, até ao rio Reno. Veja-se o Anexo 3: Mapas, p. 166.

acreditar que aí encontraria recursos necessários e ocasiões favoráveis para ganhar triunfos»⁷⁵.

1.1.2. O Proconsulado: a Guerra das Gálias (58-50 a. C.)

A Guerra das Gálias teve, na sua origem, questões de ordem política, como o desejo romano de domínio e de comando sobre os outros povos, mas também militares, relacionadas com a defesa e segurança face a ameaças de povos como os Gauleses⁷⁶.

César partiu de Roma quando surgiram notícias da movimentação dos Helvécios⁷⁷ em direção ao território romano. A partir deste momento (em que contava cerca de 41 anos) a sua vida passou a ser marcada pela guerra, sempre intimamente relacionada com a política⁷⁸. Nos anos seguintes, executou múltiplas e variadas campanhas militares, descritas nas suas “Memórias” da Guerra das Gálias» (*Commentarii de Bello Gallico*).

Pressionados por povos Germanos⁷⁹ a norte e alarmados pelo facto de Ariovisto (um chefe germânico) se ter instalado a oeste, os Helvécios migraram com o objetivo de ocupar a região da atual Saintes, na Gália Ocidental. Como César se recusou a autorizá-los a passarem pela sua ‘província romana’, acabaram por marchar pelo território dos Séquanos⁸⁰. Mas, mesmo assim, o procônsul decidiu atacá-los, com o pretexto de evitar ameaças ao seu território. O estado de guerra permanente entre os diversos povos da Gália e a afronta germânica poderiam representar um problema real para a segurança dos Romanos. A propósito disso, César escreveu: «Tinha a noção de que era perigoso para o povo romano ir deixando os Germanos habituarem-se a passar o Reno para virem em

⁷⁵ SUET. *Jul.* 22, pp. 62-63.

⁷⁶ Os Gauleses eram povos de língua celta, divididos em inúmeras tribos e clãs que habitavam na moderna França, Suíça, Bélgica, partes da Holanda e da Alemanha (até ao Reno). Os Romanos nunca esqueceram o pânico provocado na cidade de Roma, no ano de 390 (ou 387) a. C., quando os Gauleses, liderados por Breno, depois de derrotarem os Romanos no rio Ália, entraram na cidade, cercaram o Capitólio e saquearam a Urbe. Também no ano de 105 a. C., tribos migrantes germânicas, os Cimbros e os Teutões esmagaram um exército romano de grandes dimensões em Aráusio (atual Orange, no sul de França). Estes acontecimentos originaram um forte receio, entre os Romanos, em relação a todos os povos bárbaros do Norte. Consulte-se o Anexo 1: Cronologia, pp. 135-136.

⁷⁷ Os Helvécios eram povos celtas que ocupavam uma área mais ou menos equivalente à Suíça atual.

⁷⁸ Em Roma, guerra e política encontravam-se interligadas e dos líderes esperava-se que conseguissem ser eficientes, quer na política, quer ao comando dos seus exércitos.

⁷⁹ Nome pelo qual os Romanos designavam os povos de origem indo-europeia instalados fora do ‘espaço vital’ romano, a leste do rio Reno e a norte do rio Danúbio. Recomenda-se a consulta do Anexo 3: Mapas, p. 165.

⁸⁰ Os Séquanos eram um povo gaulês aliado dos Romanos, estando a sua capital situada em *Vesontio* (atual Besançon). Acrescente-se desde já que os Éduos, situados na Gália central, e os Remos, no Norte, eram igualmente aliados dos Romanos.

grande número para a Gália»⁸¹. Apesar de o perigo provocado pelas migrações germânicas ser real, parece claro que o procônsul precisava efetivamente de travar uma guerra que lhe trouxesse a possibilidade de alcançar êxito militar, mas também rendimentos materiais. Nesse sentido, Goldsworthy afirma que: «(...) pressentia a oportunidade de travar a decisiva e bem-sucedida guerra, por que tão desesperadamente ansiava»⁸². Em consequência disto, os Helvécios e Ariovisto foram derrotados em apenas um ano.

O ano de 57 a. C. ficou marcado pelas campanhas contra os Belgas. Temendo o poder romano, as tribos belgas revoltaram-se e César enfrentou os Belóvacos e os Nérvios considerados, pelo próprio, como os mais aguerridos. Esta campanha dirigiu-se ao coração do dispositivo inimigo e terá constituído um dos desafios mais difíceis para o exército romano, sendo a inferioridade numérica um dos problemas que os Romanos enfrentaram nesta e noutras operações militares na *Guerra das Gálias*⁸³. Os Nérvios ofereceram uma forte resistência, mas a grande velocidade a que os exércitos romanos se movimentavam terá sido um fator de surpresa para os Gauleses. Os Romanos conseguiram derrotar as tribos belgas ao vencerem a Batalha do Sambre⁸⁴.

No outono desse mesmo ano, Júlio César tinha atingido o objetivo militar de anexação (aparente) de toda a Gália e percebeu que, mesmo não conseguindo evitar as grandes batalhas contra os inimigos, podia tirar vantagem na escolha do terreno e passar à ofensiva. Assim, foi delineando a sua estratégia, que consistia em: após atacar o coração do dispositivo inimigo, passar para as «partes secundárias», ou seja, as principais cidades dos diferentes povos, que eram tomadas uma a uma.

O procônsul prossegue com a sua intenção de destruir todas as forças da Gália e avança (56 a. C.) para o centro da Gália ocidental, onde a marinha romana obtém uma significativa vitória sobre os Vénetos⁸⁵ numa batalha naval.⁸⁶ No mesmo período, dois legados de César conseguem algumas vitórias: Quinto Sabino derrota algumas tribos da Normandia e Públio Crasso (o filho mais velho do triúviro Marco Licínio Crasso) consegue submeter a Aquitânia. As tribos gaulesas vão percebendo que não é possível

⁸¹ CAES. *Gal.* 1. 33, p. 86.

⁸² GOLDSWORTHY 2016: p. 235.

⁸³ A Gália teria à volta de 10 000 000 de habitantes, dos quais a maioria seria mobilizável, enquanto Roma empenhou no conflito apenas 50 000 homens. Mesmo atendendo à impossibilidade de haver certezas em relação aos números apresentados, haveria grande desproporção em relação aos dois exércitos.

⁸⁴ PLUT. *Caes.* 20, pp. 248-250.

⁸⁵ Povo gaulês de marinheiros da região de Armórica (Gália ocidental).

⁸⁶ CAES. *Gal.* 3. 14-16, pp. 128-129.

vencer as legiões em batalha campal desenvolvendo, como resposta, a variante de combate que mais se adequava ao seu contexto – a guerrilha. Contudo, os Romanos conseguiram responder com táticas antiguerrilha bastante eficazes.

Algumas tribos germanas, como os Usípetes e os Tencteros (55 a. C.), procuraram atravessar o rio Reno, mas sem sucesso, pois acabaram massacrados pelos Romanos. Data dessa fase a construção, na Germânia, de uma ponte sobre o Reno⁸⁷, facto que converteu Júlio César no primeiro comandante a marchar contra as tribos no seu próprio território. É ainda durante esse ano que se dá a primeira invasão da Britânia (ilha rodeada de mistério)⁸⁸. Esta expedição, apesar de ter estado à beira do desastre, foi muito importante para César alcançar algo que nenhum comandante conseguira até aí e que consistiu em atravessar o Canal da Mancha com um exército. Esse acontecimento, *per si*, constituiu motivo de orgulho para os Romanos e reforçou a popularidade de César.

No ano seguinte (54 a. C.) deu-se a segunda invasão da Britânia. Nesse inverno, aproveitando a ausência do comandante, vários povos gauleses cercaram o acampamento do legado Quinto Cícero, que invernavam com algumas legiões no território belga. Em resposta, o procônsul, apenas com duas legiões e uma pequena força de cavalaria, terá destruído um exército de 60 000 Nérvios. Estes, vencidos, abandonaram o cerco ao acampamento de Cícero. Nestas operações, César foi revelando e desenvolvendo o seu estilo de fazer a guerra, baseado na alta velocidade de execução dos grandes movimentos ofensivos – a famosa *celeritas*.

Entre os anos 54 e 53 a. C., os Romanos sofreram o primeiro revés na guerra, com a rebelião dos Eburões, que se espalhou por outras tribos belgas. A XIV legião e cinco coortes foram atacadas nos seus quartéis de inverno e uma coluna romana, que sofreu uma emboscada num bosque, foi totalmente aniquilada. De seguida, o comandante atravessou novamente o rio Reno, recorrendo à construção de uma segunda ponte, e marchou para a Germânia com sete legiões, punindo as tribos por enviarem ajuda aos Gauleses.

A grande rebelião dos Gauleses foi liderada por Vercingétorix (que pertencia aos Arvernos) e ocorreu no ano de 52 a.C. A sublevação foi o resultado de um movimento de união de várias tribos gaulesas contra o domínio romano e terá representado uma ameaça ao poder romano. Os Gauleses massacraram vários cidadãos romanos na cidade de

⁸⁷ Consulte-se o Anexo 2: Imagens, p.159.

⁸⁸ O argumento utilizado por César para justificar a campanha seria o de repreender estes povos por ajudarem os Gauleses, mas talvez suspeitasse que fosse um local com muitas riquezas.

Cénabo (Orleães), ao que se seguiu a resposta romana através de perseguições aos Gauleses que se refugiavam nas suas cidades. Na cidade de Avárico, os Romanos conseguem uma vitória, seguida de uma derrota em Gergóvia; neste cerco, sofreram um número elevado de baixas. A cidade de Alésia veio a ser o palco final da insurreição, pois foi aí que os Gauleses se refugiaram. Os Romanos construíram grandes obras de fortificação para assediar a cidade e, simultaneamente, para se protegerem do contingente gaulês ou da força de resgate que chegou em auxílio das tropas sitiadas⁸⁹. Após algumas tentativas de assalto fracassadas, os Gauleses, cercados e com poucas esperanças, renderam-se, terminando assim o principal foco de rebelião na Gália⁹⁰.

Após a derrota final dos Tréveros, o bloqueio e a rendição dos habitantes da cidade de Uxeloduno (no sudoeste da Gália), todas as tribos se tinham rendido e a província foi pacificada impondo-se a *pax romana*⁹¹

Segundo a opinião de Plutarco, a Guerra das Gálias: «(...) demonstrou que [César] como soldado e comandante não cedia a palma a nenhum dos que são bastante admirados pelos comandos e que se tornaram grandiosos»⁹².

A forma como César conduziu a guerra garantiu a confirmação da sua genial liderança militar e a afirmação da sua marca como general, assente em três princípios nucleares: i) a relação próxima que manteve com os seus soldados, associada à generosidade com que os recompensava; ii) a rapidez na marcha, o que lhe permitia a execução de movimentos ofensivos difíceis de antecipar e de travar – ou seja, a capacidade de tirar partido do efeito surpresa; iii) e a forma como utilizou com enorme eficácia a engenharia romana, quer na construção de infraestruturas, quer na preparação e condução dos vários cercos que realizou. Todos estes fatores terão contribuído para o sucesso do exército de César na *Guerra das Gálias*. O comando da província permitiu ainda a Júlio César pagar as elevadas dívidas que contraíra junto de Crasso e recompensar abundantemente os seus soldados, assegurando dessa forma a sua fidelidade.

Apesar dos combatentes gauleses terem fama de ser fisicamente poderosos, muito bons cavaleiros e de dominarem as técnicas da guerrilha, não conseguiram vencer os Romanos. A experiência e a disciplina dos soldados romanos, tal como o seu superior

⁸⁹ Recomenda-se a consulta do Anexo 2: Imagens, pp. 151, 152 e 162.

⁹⁰ CAES. *Gal.* 7. 68- 90, pp. 246-258. A este respeito veja-se ainda o Anexo 2: Imagens, p. 149.

⁹¹ Para uma melhor compreensão/visualização das campanhas de César na Gália, consulte-se o Anexo 3: Mapas, pp. 167-175.

⁹² PLUT. *Caes.* 15. 2, p. 240.

armamento, tornaram o exército da Urbe uma máquina de guerra muito mais completa e eficiente do que a dos seus adversários.

A *Guerra das Gálias* transformou Júlio César num grande herói militar romano; contudo, também contribuiu para que ele fosse caindo no desagrado dos *Optimates*. Estes foram-se apercebendo da sua enorme capacidade e eficácia militares, assim como do problema que poderia representar a sua cada vez mais evidente ambição política.

1.1.3. Da Guerra Civil à morte de Júlio César (49-44 a. C)

No ano do consulado de Crasso e Pompeio (55 a. C.) fora concedida a prorrogação, por cinco anos, do comando de César na Gália, através da Lei *Pompeia Licínia*. Os dois principais acontecimentos responsáveis pelo fim do equilíbrio dos interesses políticos instalados desde a formação do «Primeiro Triunvirato» foram: i) o falecimento de Júlia (54 a. C.) após um parto difícil, o que provocou o rompimento do laço afetivo que existia entre César e Pompeio; ii) a morte cruel de Crasso (e a do seu filho Públio) na batalha de Carras, na Pártia, em 53 a. C.

O conquistador das Gálias pretendia apresentar a sua candidatura a uma magistratura pois, enquanto se encontrasse protegido pelo proconsulado, teria imunidade. Sabia que os seus inimigos não perderiam a oportunidade de o submeter a julgamento e de o acusar, assim que perdesse o seu estatuto proconsular. O seu objetivo consistia em passar diretamente do comando proconsular para um segundo consulado, mas para tal teria de se candidatar sem estar presente em Roma, ou seja, *in absentia*⁹³. Contudo, quer o cônsul de 51 a. C., Marco Cláudio Marcelo⁹⁴, quer os cônsules de 49 a.C., Lúcio Cornélio Léntulo e Gaio Marcelo, revelaram-se contra a candidatura de César, propondo que ele licenciasse o exército e fosse substituído na província da Gália. A este propósito Plutarco afirma: «(...) detestavam César e tratavam de fazer o necessário e o desnecessário para desonra e opróbrio dele»⁹⁵.

⁹³ SUET. *Jul.* 26, pp. 64-65. Segundo um decreto popular de 52 a. C., César poderia candidatar-se ao consulado de 48 a.C. *in absentia*, mas, pouco tempo depois, Pompeio fez aprovar uma nova lei através da qual obrigava os candidatos a magistrados a estarem presentes em Roma, sem abrir qualquer exceção para o caso de César.

⁹⁴ Marcelo propôs que César licenciasse o exército e que fosse substituído na sua província, com a justificação de que a Gália estava pacificada, o que impossibilitaria César de se candidatar *in absentia*.

⁹⁵ PLUT. *Caes.* 29. 1-2, pp. 262-263. Sublinhe-se que este autor faz também referência ao facto de os citados cônsules terem retirado a cidadania aos habitantes de Novo Como (colónia de direito latino), contrariando assim César, que defendia as aspirações das colónias de direito romano à cidadania romana plena.

Perante as várias exigências que lhe foram sendo feitas, César tentou ainda contrapor com sugestões mais moderadas, tais como: «(...) propôs aos seus adversários licenciar oito legiões e abandonar a Gália Transalpina, desde que lhe deixassem, até se tornar Cônsul, duas legiões e a província Cisalpina, ou mesmo apenas uma legião com a Ilíria»⁹⁶. Esta proposta não foi aceite, pelo que foi votado um prazo para o licenciamento das tropas; caso tal não acontecesse, Júlio César passaria a ser considerado como inimigo público. Entretanto, a sua candidatura *in absentia* fora recusada, apesar do veto⁹⁷ interposto por dois tribunos, Marco António⁹⁸ e Quinto Cássio Longino⁹⁹.

Rodeado de adversários que não cediam perante as suas propostas, e receosos do seu estatuto e poder, Júlio César percebeu que tudo seria feito para evitar o seu segundo consulado. Fora, entretanto, informado de que Pompeio recebera do Senado poderes militares excepcionais para lidar com as convulsões que ameaçavam a cidade e compreendeu que teria de dar uma resposta adequada. Perante esta situação, decidiu arriscar e tomou a difícil decisão de iniciar a Guerra Civil.

No dia 11 de janeiro de 49 a. C. teve início a Guerra Civil. O momento em que César ultrapassou o Rubicão (o riacho que separava a Itália da Gália Cisalpina, no nordeste da atual Itália, junto à micro república de San Marino) marcou o desencadear do conflito. Alguns autores, como Plutarco e Apiano, referem que César refletiu muito antes de avançar. Segundo conta Suetónio, terá dito: «Agora, ainda podemos voltar para trás, mas assim que atravessarmos esta pontezinha, tudo será decidido pelas armas»¹⁰⁰. Depois de ter tomado a decisão de avançar terá então pronunciado a famosa afirmação: «*Iacta alea est*» («O dado foi lançado», ou, numa tradução mais livre, «A sorte foi lançada»)¹⁰¹.

Júlio César invadiu rapidamente a Itália, inicialmente apenas com a XIII legião, a partir de Arimínio (atual Rimini), que foi a base de partida para a conquista. Esta ação

⁹⁶ SUET. *Jul.* 29, pp. 66-67.

⁹⁷ O veto dos tribunos foi travado por um *Senatus Consultum Ultimum* (o tipo de resolução de emergência do Senado, que permitia suspender a lei normal). Para este assunto veja-se Idem, *ibidem.*; CAES. *Civ.* 1. 1-6, pp. 3-6.

⁹⁸ Marco António foi um dos principais colaboradores militares e políticos de Júlio César, tendo participado como legado na Guerra das Gálias e na Guerra Civil.

⁹⁹ Trata-se, no caso de Cássio Longino, de um aliado de César que, para além de tribuno da plebe, foi também governador da província da Hispânia. Aqui, ganhou fama por tratar os locais com grande crueldade, tendo o seu governo tirânico acabado por se revelar prejudicial à causa cesariana.

¹⁰⁰ SUET. *Jul.* 31, pp. 68-69.

¹⁰¹ SUET. *Jul.* 32, p. 69. Provavelmente, a frase terá sido proferida em grego («*Ἀνερίφθω κύβοσ*», língua em que era proverbial, graças a Menandro, autor de comédia da preferência de César. Segundo Plutarco (*Caes.* 32.8, pp. 268-269), a expressão foi: «toca a lançar o dado».

rápida não deu tempo aos inimigos para se organizarem e prepararem convenientemente o seu exército, pelo que Pompeio ordenou a evacuação da cidade de Roma¹⁰².

As cidades italianas foram conquistadas uma após a outra e apenas uma delas ofereceu verdadeira resistência a César: foi Corfíno, defendida por Domício Aenobarbo¹⁰³, que se fortificara na cidade; ainda assim, após um cerco apertado, os pompeianos renderam-se.

As manifestações de clemência¹⁰⁴ que César ia dispensando aos vencidos dissiparam o temor que os Romanos tinham de que pudesse agir da mesma forma que Sula.

Quanto a Pompeio, ao perceber que não conseguia atrasar a marcha de César, decidiu concentrar as suas tropas em Brundísio (atual Brindisi, uma cidade e porto da região da Calábria, no extremo sul de Itália) e preparou um embarque para o Épiro (atual Dures, na Albânia), do outro lado do Adriático, com o objetivo de organizar o seu exército e de invadir depois a Itália a partir da Grécia.

Segundo as palavras de Plutarco, César tinha conquistado «(...) toda a Itália em sessenta dias e sem derramar sangue»¹⁰⁵. Após a conquista de Itália, o general decidiu avançar para a Hispânia, uma vez que a sua experiência militar lhe indicava que as legiões mais fiéis a Pompeio, as quais permaneciam nesse território, poderiam representar a prazo um grave problema. Nessa província, César conseguiu obter uma significativa vitória sobre as legiões pompeianas em 30 de julho de 49 a.C., na Batalha de Ilerda (hoje Lérida, na Catalunha), a que se seguiu, já na atual França, a capitulação da cidade de Massília (Marselha). Em quarenta dias, o norte da Península Ibérica (e não só) caiu nas mãos de César. Suetónio atribui a César uma afirmação interessante, segundo a qual ele estava a tratar de «combater um exército sem general», posto o que se viraria para «um general sem exército»¹⁰⁶.

¹⁰² PLUT. *Caes.* 33-34, pp. 269-272.

¹⁰³ Domício Aenobarbo foi cônsul em 54 a.C., tendo sido designado como sucessor de César na Gália. Ao longo da Guerra Civil, foi um dos seus mais determinados inimigos.

¹⁰⁴ Por exemplo, César libertara Públio Cornélio Léntulo (cônsul em 57 a.C.) e restituíra o dinheiro depositado por Aenobarbo no erário da cidade, para além de o deixar partir em liberdade. A generosidade no comportamento de César não encontra paralelo com qualquer outro romano no poder (apesar da sua evidente relação com a propaganda).

¹⁰⁵ PLUT. *Caes.* 35. 3, pp. 272- 273. Acrescente-se que, nesta fase, César dividiu as suas forças para assegurar o controlo de Itália, da Sardenha e da Sicília.

¹⁰⁶ SUET. *Jul.* 34, pp. 69- 70.

Apesar dos sucessos, César sofreu também alguns revezes: Curião¹⁰⁷, que passara da Sicília para África, foi derrotado e decapitado numa emboscada efetuada pelo rei Juba da Numídia (um aliado de Pompeio). Além disso, o general foi ainda confrontado com um motim da sua IX legião, em Placência¹⁰⁸.

No seu regresso a Roma, no ano 48 a. C., César foi proclamado ditador, título que recusou pouco depois, e foi também nomeado cônsul pela segunda vez¹⁰⁹.

O culminar da Guerra Civil foi alcançado na Grécia. César encaminhou as suas tropas para Brundísio, de forma a embarcarem para a Grécia, no entanto a travessia marítima pelas legiões constituiu um enorme desafio logístico. Quando, finalmente, conseguiu colocar todas as legiões em território grego, o conquistador das Gálias organizou um cerco ao exército pompeiano, junto a Dirráquio. As forças pompeianas ficaram isoladas entre o exército cesariano e o mar e, após vários confrontos menores, Pompeio (julho de 48 a. C.) atacou as posições do inimigo, provocando a retirada do exército cesariano. Todavia, não conseguiu capitalizar essa vitória e permitiu a retirada do exército de César para a Tessália. Os legionários e comandantes de Pompeio criticaram-no duramente pela sua atitude vacilante e por não mostrar vontade de enfrentar César numa batalha¹¹⁰.

O confronto decisivo foi travado em Farsalo, no dia 9 de agosto de 48 a. C. Nesta batalha, o general revelou a sua fabulosa capacidade de comando, ao introduzir uma inovação tática que provocou a derrota das forças inimigas, apesar da inferioridade numérica do exército de César¹¹¹. A seguir a esta derrota, Pompeio fugiu, de forma pouco honrosa, para o Egito¹¹², onde foi assassinado por ordem de Ptolemeu XIII.

César chegou ao Egito em 48 a. C., com apenas uma legião e, para além da perseguição a Pompeio, esperava conseguir reclamar o pagamento da dívida ptolemaica à república romana. Contudo, acabou também por se envolver na guerra civil entre os irmãos Ptolemeu XIII e Cleópatra VII¹¹³. A relação entre César e Cleópatra acabou por

¹⁰⁷ Foi um orador e político romano que inicialmente se opôs a César, mas que, mais tarde, se passou para o seu lado.

¹⁰⁸ Vide SUET. *Jul.* 69, p. 88; BRANDÃO 2015 (b): p. 407.

¹⁰⁹ PLUT. *Caes.* 37. 1-2, pp. 275-276.

¹¹⁰ PLUT. *Caes.* 41. 1-5, pp. 280-281.

¹¹¹ PLUT. *Caes.* 44-45, pp. 283-286. CAES, *Civ.* 3. 73-99, pp. 115-130; LE BOHEC 2001: pp. 380-387.

¹¹² PLUT. *Caes.* 39-45, pp. 278-286.

¹¹³ Por morte do pai (Ptolemeu XII, «O Auletes») em 51 a. C., Cleópatra e o seu irmão, Ptolemeu XIII, tinham herdado o trono conjuntamente e casado um com o outro, como era usual nessa dinastia. Cleópatra acabou por se tornar impopular ao querer impor-se e foi expulsa alguns meses antes da chegada de César. Refugiou-se na Arábia e na Palestina, mas regressou em 48 a. C., com um exército para reclamar o trono.

ser útil para os dois, uma vez que o exército cesariano precisava de comida e Cleópatra necessitava de segurança e de apoio militar para atingir o poder. A Guerra de Alexandria terminaria com Cleópatra sentada no trono dos Ptolemeus.

De seguida, o comandante liderou uma rápida campanha para derrotar Fárnaces, rei do Bósforo (atual Crimeia), em Zela¹¹⁴, e terá proferido, segundo as palavras de Suetónio: «*Veni, Vidi, Vici*»¹¹⁵.

Pouco tempo depois, César foi confrontado com uma segunda revolta entre os seus soldados, levada a cabo pela X legião; no entanto, conseguiu resolver a situação de forma eficaz e firme¹¹⁶. O palco seguinte dos confrontos foi a província romana de África, dado que, a seguir a Farsalo, Catão e Metelo Cipião¹¹⁷ tinham fugiram e reunido as suas forças nesse território, contando com o apoio do rei Juba¹¹⁸. César lutava agora contra os defensores da velha e agonizante República romana, mais do que contra os Pompeianos.

O exército cesariano foi obrigado a uma retirada difícil em Ruspina, devido ao ataque do experiente Tito Labieno, um velho conhecido de César¹¹⁹. Seguiu-se a Batalha de Tapso¹²⁰, que foi travada com grande ferocidade, pois os soldados de César estariam desejosos de terminar a guerra. O grande conquistador conseguiu, em Tapso, mais uma vitória. A seguir a esta batalha, os principais inimigos de César foram mortos ou suicidaram-se¹²¹. Porém, Labieno e os dois filhos de Pompeio (Gneu e Sexto Pompeio), conseguiram fugir para a Hispânia.

Em julho de 46 a. C., César chegou a Roma e aí permaneceu durante alguns meses. Durante essa fase celebrou quatro triunfos, correspondentes às vitórias alcançadas na Gália, no Egito, no Ponto e em África. Terá sido no triunfo da Gália que Vercingétorix foi finalmente executado. César foi novamente designado cônsul e nomeado ditador por

As fontes descrevem um relacionamento amoroso entre César e Cleópatra, do qual terá nascido um filho, chamado Cesarião. PLUT. *Caes.* 49. 10, p. 292. Cf. SUET. *Jul.* 52, p. 80.

¹¹⁴ [CAES.] *B. Alex.* 72, p. 183.

¹¹⁵ (Vim, Vi, Venci) SUET. *Jul.* 37, p. 71. Cf. APP. *B. Civ.* 2.91, pp. 117-118.

¹¹⁶ Segundo Plutarco (*Caes.* 51. 1-2, pp. 293-294) tratando-os por «cidadãos», em vez de, «camaradas de armas», como era usual; Cf. BRANDÃO 2015 (b): p. 413.

¹¹⁷ Metelo Cipião, sogro de Pompeio, fora também seu par no consulado de 52 a. C. Lutou em Farsalo e comandou as forças pompeianas em África, entre 47-46 a.C. Morreu quando tentava alcançar a Hispânia, após ser derrotado em Tapso.

¹¹⁸ PLUT. *Caes.* 52. 1, p. 294.

¹¹⁹ Tito Labieno fora um dos legados mais eficientes de César na Gália, mas passou para o lado de Pompeio na Guerra Civil.

¹²⁰ [CAES.] *B. Afr.* 79-86, pp. 231-235; Cf. APP. *Civ. W.* II.97.

¹²¹ Sublinhe-se o suicídio de Catão, em Útica, pois não queria de forma alguma que César o perdoasse. Vide PLUT. *Caes.* 53. 7, pp. 296-297.

um período de dez (!) anos. Apesar de formalmente continuarem a realizar-se eleições, César detinha um poder cada vez mais alargado e significativo.

O último capítulo da Guerra Civil decorreu na Hispânia¹²², região onde o novo grande senhor de Roma travou o seu último e mais difícil combate: foi em Munda¹²³, perto de Córdoba, no ano de 45 a. C. A ferocidade da batalha de Munda ficou registada nas palavras que César terá pronunciado: «(...) disse para os amigos que tinha lutado muitas vezes pela vitória, mas que aquela fora a primeira vez que lutara pela vida»¹²⁴.

Em 44 a. C., César foi nomeado ditador para toda a vida (*dictator perpetuus*) e foi-lhe concedido o consulado por dez anos¹²⁵. Em apenas oito meses completou uma obra considerável, sobretudo na política¹²⁶. Foi também nomeado censor, com o título de Prefeito dos Costumes, o que lhe permitiu modificar a composição do Senado. Tomou várias medidas, através das quais terá contribuído para as alterações políticas e sociais futuras e que terão permitido a ascensão de uma nova classe dirigente¹²⁷. Passou a usufruir de honras excepcionais, como usar permanentemente o título de imperador (que seria transmissível à sua descendência) e envergajar trajes triunfais nos jogos, assim como ostentar sempre a coroa de louros.

Surgiram então boatos de que César se queria transformar num monarca oriental e que desejaria mudar a capital do império para Alexandria, ou para Troia, argumentos que, para aqueles que não aprovavam os seus atos políticos, justificariam a acusação de tirania e serviriam de pretexto para a sua morte. Uma das maiores causas do ódio a César terá sido a sua ambição de ser rei. Como diz Plutarco: «Mas o ódio mais manifesto e que o levou à morte desencadeou-o o amor da realeza, que foi para muitos a causa principal e para os que há muito conspiravam o motivo oportuno»¹²⁸. Apesar disso, César não foi apresentado pelos seus biógrafos como um tirano cruel, pois revelou-se moderado e generoso para com os inimigos derrotados, tendo até afirmado que um dos maiores prémios da vitória seria o de «salvar sempre alguns dos cidadãos que lutaram

¹²² Recomenda-se a consulta do Anexo 3: Mapas, p. 164, onde se encontram assinalados os principais cenários das batalhas ocorridas durante a Guerra Civil.

¹²³ PLUT. *Caes.* 56. 1, p. 299. Cf. [CAES.] *B. Hisp.* 27-31, pp. 260-263.

¹²⁴ PLUT. *Caes.* 56. 4, pp. 299-300; Já Suetónio (*Jul.* 36, p. 71) refere que César terá mesmo ponderado tirar a própria vida.

¹²⁵ A respeito dos poderes de César, incluindo os cinco consulados e as fases em que usou o título de imperador, consulte-se BOHEC 2001: p. 467. Este autor apresenta um interessante quadro, que inclui uma cronologia dos poderes de César. Cf. BRANDÃO 2015 (b): pp. 415-418.

¹²⁶ SUET. *Jul.* 37, p. 71.

¹²⁷ SUET. *Jul.* 42-43, pp. 74-75.

¹²⁸ PLUT. *Caes.* 60. 1, p. 305.

contra si»¹²⁹. Na opinião de Suetónio, César recebeu honras exageradas, que o tornaram merecedor da morte¹³⁰. Na realidade, é difícil percebermos quais seriam as suas verdadeiras intenções políticas e se, de facto, pretendia ou não ser um monarca à maneira oriental.

A conjura que foi planeada quer por inimigos, quer por alguns aliados de César, foi consumada nos Idos (15) de Março¹³¹, na Cúria anexa ao teatro de Pompeio. Suetónio descreve de forma dramática o momento da morte do ditador:

«Enquanto se sentava, os conspiradores rodearam-no, com o pretexto de cumprirem os seus deveres de delicadeza. (...) Mas como César, com um gesto de recusa, lhe deu a entender que ficaria para mais tarde, Tillius agarrou a sua toga pelos ombros. Então César gritou: “Desta vez, temos violência!”. E um dos dois Casca feriu-o por trás, ligeiramente abaixo do pescoço. (...) Ficou assim trespassado com vinte e três ferimentos, tendo apenas soltado um gemido ao primeiro golpe, mas não tendo dito uma palavra. (...) Todos fugiram desordenadamente e o seu corpo ficou bastante tempo no chão, sem vida»¹³².

Sabe-se que César estaria a planear uma série de campanhas contra os Dácios e os Partos. A seguir à sua morte, foi deificado.

O assassinato dos Idos de Março não evitou o eclodir de um novo ciclo de guerra civil entre os conspiradores e os apoiantes do malogrado líder, conduzidos por Marco António, a quem mais tarde se juntou Octaviano, sobrinho de César e seu filho adotivo¹³³.

Concluimos este capítulo com as palavras dos biógrafos que descreveram a exuberante e diversificada vida de César. Plutarco afirmou:

«Diz-se que César tinha uma excelente propensão natural para a retórica política e que a exercitava com grande ambição, pelo que deteve incontestavelmente o segundo lugar. O primeiro deixou-o escapar, uma vez que se empenhava de preferência em ser o primeiro no poder das armas. Aquela intensidade da palavra, para a qual os dotes naturais o instigavam, não a conseguiu atingir, por causa dos comandos militares e da política, na qual obteve a primazia»¹³⁴.

¹²⁹ PLUT. *Caes.* 48. 4, p. 288.

¹³⁰ SUET. *Jul.* 76-79, pp. 91-93. Cf. BRANDÃO 2015 (b): pp. 418-419.

¹³¹ Recomenda-se a consulta do Anexo 1: Cronologia, pp. 135- 146, que descreve a sequência cronológica dos acontecimentos relativos à vida de César.

¹³² SUET. *Jul.* 82, p. 95; Plutarco (*Caes.* 69. 1, p. 319) tece o seguinte comentário acerca da morte de César: «Mas daquele poder e soberania que a custo ganhou, depois de os buscar toda a vida através de tantos perigos, não colheu senão o nome e a honra invejada entre os cidadãos».

¹³³ No ano 27 a. C. Octaviano tornou-se o primeiro imperador romano, tendo governado até à sua morte, em 14 d. C.

¹³⁴ PLUT. *Caes.* 3. 2-3, p. 222.

Por seu lado, Suetônio escreveu que César «na eloquência e na arte militar, igualou ou até ultrapassou a glória dos grandes mestres»¹³⁵.

Apesar da dificuldade em sintetizar a vida de uma personagem tão brilhante e complexa, repetidamente estudada e perscrutada ao longo da história, conclui-se que Júlio César foi, sem qualquer dúvida, uma figura carismática, um mestre no uso da propaganda, um prodigioso político, mas também um eficaz e genial líder militar. É precisamente sobre esta sua última faceta que nos debruçaremos nos capítulos seguintes.

¹³⁵ SUET. *Jul.* 55, p. 81.

2. JÚLIO CÉSAR: O LOGÍSTICO

2. 1. A PREOCUPAÇÃO LOGÍSTICA NA MÁQUINA MILITAR CESARIANA

A organização de um sistema que permitisse o abastecimento com os alimentos e equipamentos necessários seria fundamental para qualquer exército em campanha. Assegurar que os soldados, os cavalos e os animais de carga eram alimentados e tinham acesso a bens essenciais como a água, providenciar o equipamento e o armamento necessários, tudo isso estaria entre as principais responsabilidades de um general romano¹³⁶. A magnitude desta tarefa era enorme, se atendermos ao tamanho do exército romano republicano¹³⁷ e a todas as condicionantes associadas ao mundo antigo pré-industrial. O número de corpos para alimentar, vestir, armar e proteger seria bastante significativo. A falta de mantimentos, água, lenha ou armamento poderia revelar-se catastrófica e colocar em causa uma operação militar, ou decidir uma campanha.

A importância do abastecimento do exército¹³⁸ é confirmada através das inúmeras referências feitas sobre esse assunto, ao longo das duas narrativas cesarianas. A preparação das operações era indissociável do sistema de abastecimento. Em 55 a. C., durante as campanhas militares na Germânia, César escreveu o seguinte: «Depois de se ter abastecido em trigo e ter recrutado os seus cavaleiros, pôs-se a caminho, em direção aos locais onde se dizia que os Germanos estavam»¹³⁹. Só depois de ter a certeza de que o abastecimento se encontrava garantido é que o general prosseguia o seu objetivo militar.

A capacidade de liderança que César adquiriu na *Guerra das Gálias* incluía a preocupação com o aprovisionamento das tropas. A preparação das sucessivas campanhas em geografias distintas (algumas desconhecidas), relativas a diferentes adversários, obrigavam a uma gigantesca mobilização de recursos.

¹³⁶ Sublinhe-se que, no presente capítulo do trabalho, se abordam alguns aspetos relacionados com o abastecimento e a sua influência no comportamento do exército cesariano, salvaguardando, contudo, a dificuldade de uma precisão absoluta. Todas as aproximações possíveis são feitas com base nas fontes, que não incluem nem discutem detalhes técnicos. Como é assinalado por Goldsworthy, os pequenos progressos alcançados nesta área foram possíveis graças a informações relacionadas com o exército romano dos outros períodos e o recurso a estatísticas de confiança, tendo por referência a experiência dos exércitos dos últimos dois séculos. Sobre este assunto veja-se GOLDSWORTHY 1996: p. 287.

¹³⁷ No último século da República, as legiões eram as maiores unidades do exército romano. Uma legião compreendia à volta de 5000 soldados, mas raramente estaria completa. César (*Gal.* 5. 49. p. 183) descreve que, durante o inverno de 54/53 a. C., as duas legiões que se encontravam nos acampamentos só continham 3500 homens cada: «E embora o acampamento em si já tivesse pouca extensão, uma vez que era apenas para sete mil homens e, ainda por cima, sem bagagens (...)». César foi aumentando o seu exército ao longo do tempo. Inicialmente, na Gália, tinha quatro legiões, mas este número triplicou.

¹³⁸ Ver Anexo 2: Imagens, p. 163.

¹³⁹ CAES. *Gal.* 4. 7, p. 140. Outros exemplos encontram-se em 6. 10, p. 194; 7. 10, p. 217.

A logística, tal como a comunicação e a inteligência, estaria inserida na estratégia¹⁴⁰ que envolvia os planos, as decisões e ações levadas a cabo antes e durante uma campanha militar. César terá sido o primeiro grande general da antiguidade a preocupar-se, de forma coerente e persistente, com o planeamento logístico¹⁴¹.

O sistema logístico do exército romano republicano poderá não ter sido o fator decisivo, mas terá contribuído de forma esmagadora para o sucesso militar. Foi desenvolvido devido à pressão exercida pelas Guerras Púnicas¹⁴² e pelos conflitos subsequentes no mar Mediterrâneo. Gradualmente, foi-se tornando cada vez mais comum os exércitos deslocarem provisões de províncias distantes (normalmente por via marítima) e guardarem-nas em armazéns, verdadeiras bases de abastecimento, para serem posteriormente distribuídas.

Os historiadores antigos usavam o termo «logística» para se referirem a uma grande diversidade de funções militares¹⁴³. Yann Le Bohec, no seu estudo sobre Júlio César como chefe de guerra, faz uma associação do termo ao aprovisionamento/abastecimento de comida ao exército. Quando descreve o perfil militar de César, referindo-se aos trabalhos preparatórios necessários a um comandante antes de iniciar a guerra, o historiador associa a logística à preparação dos abastecimentos, no

¹⁴⁰ Sobre este assunto Goldsworthy (2008: p. 77) afirma que o termo «estratégia» deve ser utilizado com precaução, dado não haver qualquer palavra grega ou latina que tenha esse significado preciso, para além de o seu uso pressupor a existência de várias instituições que não têm paralelo com as que existiam no período romano. Apesar de se identificarem alguns aspetos da guerra que permanecem idênticos ao longo da história (os soldados têm de ser alimentados, a comunicação deve ser clara e coordenada, há limites para a velocidade alcançada por homens e animais e restrições relacionadas com a geografia), as tentativas para resolver as dificuldades que iam surgindo durante as campanhas militares foi distinta ao longo do tempo e variou consoante as culturas, os povos e as condições materiais de que dispunham. Assim, o que faz sentido para a guerra nos estados modernos, de um ponto de vista militar, poderia não ter qualquer relevância para a forma como os Romanos organizavam e geriam os seus conflitos com outros povos. Saliente-se que hoje a logística é um ramo autónomo da ciência militar.

¹⁴¹ O planeamento logístico é um dos aspetos mais relevantes para a compreensão da dimensão do comando militar de César.

¹⁴² Recorde-se que as Guerras Púnicas decorreram entre 264 e 146 a. C.

¹⁴³ O termo era utilizado pelos gregos (*logistikê*) para designar a arte do cálculo prático, distinta da aritmética e, no contexto militar, reportava-se a qualquer aspeto de operações estratégicas ou táticas de alguma forma baseadas em cálculos quantitativos, quer associado ao movimento, ao equipamento, à organização ou ao combate. Num contexto militar e de uma forma mais generalista, pode considerar-se o ramo da ciência da guerra que estuda a organização e o funcionamento dos diferentes serviços com os quais se satisfazem as necessidades de vida e combate das tropas em campanha. Este termo foi usado pela primeira vez no século X pelo imperador bizantino Leão VI, *O Sábio* (866-912 d.C.), no sentido da «ciência» de abastecimento de um exército. No século XVIII aplicava-se o termo «logística» no sentido do aquartelamento militar. Sob a influência do teórico militar Barão Antoine-Henri Jomini, a palavra adquiriu um significado mais restrito, referindo-se apenas à organização necessária para manter um exército em movimento. O termo deixou gradualmente de ser usado na Europa, mas continuou a ser empregue nos EUA e o seu significado alargou-se a todos os aspetos do abastecimento de um exército e à movimentação do material necessário, para o local apropriado e no tempo correto. Veja-se ROTH 1999: p. 1.

âmbito da tática¹⁴⁴. Estudos ingleses e americanos, como os de Goldsworthy, usam o termo logística para se referirem ao abastecimento e ao transporte do exército.

Apesar de ser questionável aplicar o termo às condições do mundo antigo, pelo menos naquilo que é sugerido nos sistemas de abastecimento moderno, e tendo em conta que os romanos não tinham uma palavra que traduzisse o termo «logística»¹⁴⁵, é possível reconhecer que entendiam a sua prática no terreno e consideravam o abastecimento do exército como algo bastante sério. A importância do abastecimento para o sucesso do exército romano é visível nas palavras do tratadista Vegécio, ao afirmar: «(...) muitas vezes a penúria de alimentos destrói mais o exército do que o combate: a fome é mais cruel do que o ferro»¹⁴⁶. A disponibilidade de víveres poderia revelar-se a arma mais importante de um exército, e a sua carência poderia aniquilar os inimigos. O mesmo autor acrescenta:

«Portanto, antes de se começar uma guerra, deve deliberar-se cuidadosamente acerca das provisões e das despesas para que forragens, trigo e outros tipos de provisões, que o costume exige aos habitantes das províncias, sejam reclamados o mais cedo possível e para que uma quantidade maior do que aquela que é suficiente seja sempre armazenada em lugares convenientes para o efeito e muito bem protegidos»¹⁴⁷.

Apesar de, num sentido mais lato, se considerar que a logística se referia diretamente ao abastecimento e ao transporte de uma grande variedade de material necessário ao exército para o terreno (alimentos, roupa, armaduras, armas, tendas e outros), o sentido mais forte e mais comum do termo relacionava-se com a alimentação, a forragem e a lenha. Todas as decisões militares, desde a estratégia mais básica até aos pequenos movimentos táticos, seriam condicionadas pela necessidade de providenciar o abastecimento do exército¹⁴⁸.

A percepção da importância da organização e preparação logística, para César, é reforçada por Frontino, ao afirmar: «Gaio César costumava dizer que a sua política para

¹⁴⁴ Sobre este assunto consulte-se LE BOHEC 2001: pp. 470-472.

¹⁴⁵ A palavra latina mais parecida com logística (no sentido moderno) é *res frumentaria* (abastecimento de cereal) apesar de só aparecer na escrita de César e não se apresentar como uma expressão técnica. Veja-se CAES. *Gal.* 1. 23. pp. 79-80; 2. 2. pp. 103-104; CAES. *Civ.* 1. 16. p. 12; 54. p. 32. Nota: as traduções de língua inglesa, efetuadas ao longo deste estudo, são da nossa autoria. Encontram-se outras palavras como *copia*, *annonaria* e *frumentum*, usadas no sentido de abastecimento militar, mas como um significado secundário.

¹⁴⁶ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 3. 3, p. 261.

¹⁴⁷ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, pp. 261-263.

¹⁴⁸ ROTH 1999: pp. 2-3. Sobre a logística do exército romano no período republicano, recomendamos a leitura deste estudo.

com o inimigo era a mesma que muitos médicos usavam para tratar dos males físicos, ou seja, que preferia vencer o inimigo pela fome [mais] do que pelo ferro»¹⁴⁹.

2.1.1. Administração da logística no período republicano

A administração adequada da logística apresenta-se como um dos aspetos a ter em conta quando se estuda o sistema de abastecimento de um exército. O sucesso de qualquer sistema logístico terá sempre ligação com a administração do estado ou país em que o mesmo se insere. Para se conseguir abastecer um exército à distância seria obrigatório um certo nível de desenvolvimento económico e tecnológico, quer ao nível das infraestruturas, quer da sua administração. Na antiguidade seria sempre difícil para um exército que se encontrasse em campanha, por um período alargado, alimentar-se exclusivamente do que existia na área circundante, sendo inevitável que uma parte das provisões e dos materiais necessários fossem carregados pelo exército.

O exército romano do período republicano já utilizava o «trem» ou comboio de bagagem (*impedimenta*)¹⁵⁰, cujo tamanho e composição variava de acordo com o número de soldados que compunham o exército, a natureza da campanha, a estação do ano e também devido a um fator predominante, que seria a existência (ou não) de bases de abastecimento próximas. Se as campanhas fossem realizadas em território conhecido, como as províncias romanas, seria mais fácil arranjar provisões e conseguir guardá-las, assim como efetuar deslocações mais rápidas, mas se as mesmas se realizassem em território desconhecido estariam sujeitas a um conjunto de dificuldades e processar-se-iam a um ritmo inevitavelmente mais lento. Até os exércitos que se conseguiam suportar (durante algum tempo) com os recursos naturais existentes na área de operações precisariam sempre de algum sistema para administrar a logística, de forma a evitar a desorganização dos recursos disponíveis.

O desenvolvimento da administração do estado romano foi um dos principais fatores que tornou possível aos exércitos operarem por períodos cada vez mais extensos, longe das suas bases. Este progresso terá ocorrido em consequência das necessidades de um estado que estava constantemente em guerra. Desde o século III a. C. que a

¹⁴⁹ FRON. *Str.* 4.7, p. 190.

¹⁵⁰ O termo «trem» / comboio de bagagem refere-se ao meio através do qual se transportavam as provisões, o equipamento, os materiais/instrumentos e até os reféns de guerra, suportado por animais de carga. Era cuidadosamente protegido, em especial quando o exército se movimentava em território hostil. A este respeito, consulte-se GOLDSWORTHY 2007: p. 104.

administração eficiente do abastecimento se tornou um assunto importante da guerra romana. Até à 1ª Guerra Púnica (que decorreu entre 264 e 241 a. C.) as operações militares romanas circunscreviam-se à Península Itálica e, como tal, não seria necessária uma grande estrutura logística. Gradualmente, o estado romano mostrou-se capaz de conseguir mover enormes quantidades de provisões para longas distâncias, quer por terra, quer por mar. A 2ª Guerra Púnica (218-201 a. C.) terá marcado a fase a partir da qual a logística romana sofreu o maior impulso.

O desenvolvimento e aperfeiçoamento do sistema logístico teria inevitavelmente de acompanhar o processo de expansão territorial. Os Romanos foram encontrando soluções adequadas para transportar alimentos, água, armas, animais e outros produtos para os diversificados palcos de guerra onde se movimentavam. Para acompanhar este processo seria essencial uma administração central eficaz, quer para a mobilização adequada de recursos, quer para a orientação das forças militares. Em termos institucionais, o Senado controlava o número de soldados designados para cada campanha. O abastecimento e as funções executivas inerentes à função logística eram geridos por magistrados eleitos. Após a declaração oficial de guerra, normalmente designava-se a área de operações como uma província atribuída a um cônsul, procônsul, pretor ou propretor, ao qual seria conferida a autoridade militar (*imperium*) de comandar as tropas dentro dessa circunscrição. Era ele o responsável máximo pelas questões logísticas no terreno.

Conseguir provisões suficientes para o período em que durava uma guerra ou campanha poderia representar um grande desafio para os Romanos. Os meios financeiros utilizados para reunir provisões incluíam: i) trocas (por vezes forçadas); ii) contribuições (voluntárias ou não) dos estados aliados; iii) recurso ao sistema de impostos. O *tributum*¹⁵¹ foi um imposto que permitiu (numa fase inicial) assegurar o abastecimento do exército, mas, à medida que os Romanos conquistavam mais território, passaram a explorar os recursos das províncias conquistadas através de impostos (*stipendium*) e de requisições exigidas aos seus habitantes. O contributo dos povos aliados seria outra fonte muito importante para o abastecimento do exército romano. Os militares romanos em campanha poderiam ainda recorrer à compra de alguns produtos nos mercados locais. A

¹⁵¹ Desde o século III a. C. que os custos das provisões do exército seriam pagos pelo *tributum*, um imposto exigido a cada cidadão romano, até à sua abolição, em 167 a. C. Era um imposto extraordinário autorizado anualmente pelo Senado. Terá sido reintroduzido em finais do séc. II a. C., mas sob a forma de taxa direta imposta às províncias. Sobre este assunto, consulte-se ROTH 1999: pp. 224-227.

pilhagem e o saque também seriam um recurso, mas pouco conotado com o exército romano devido ao seu elevado grau de disciplina.

No século I a.C. o controlo senatorial sobre o levantamento e abastecimento dos exércitos começou a apresentar mudanças e os cônsules apoderaram-se, gradualmente, do controlo direto do abastecimento dos seus exércitos sem recorrerem à autoridade senatorial, face ao colapso das instituições e perante o facto de as suas forças se transformarem em exércitos privados.

No que respeita à maioria dos inimigos que os Romanos enfrentaram na *Guerra das Gálias*, eles não tinham infraestruturas políticas e militares organizadas que lhes permitissem combater em território distante, ou seja, os seus sistemas logísticos eram pouco sofisticados, ou quase inexistentes, o que constituía uma fraqueza e os colocava em desvantagem. Segundo Goldsworthy, com preparação adequada e suficiente, as forças romanas podiam operar em condições difíceis e até lançar operações antes ou depois da época normal em que se realizavam as campanhas militares. A maior parte das campanhas militares da antiguidade (ou na Idade Média) ocorria no período da primavera e até ao início do outono, em áreas onde algumas das provisões podiam ser obtidas localmente¹⁵². As campanhas realizadas no inverno implicavam dificuldades acrescidas devido a dificuldade nas comunicações, à intransitabilidade de caminhos e rios, para além do problema da escassez de alimento para soldados e animais.

Os exércitos tribais (como os Gauleses) eram incapazes de se manter no terreno pouco mais de algumas semanas, tentando, muitas vezes enfraquecer o exército romano pela privação de provisões. Essa estratégia fica visível, em 52 a. C., na fase da grande revolta dos Gauleses:

«Vercingétorix, após ter suportado tantos reveses, em Vellaunodunum, em Génabo e em Novioduno, convoca os seus para um conselho. Diz-lhes que têm de fazer a guerra duma maneira completamente diferente da do passado e que têm de tentar, por todos os meios, privar os Romanos da forragem e do aprovisionamento. (...) Não encontrando erva para ceifar, o inimigo será forçado a dispersar-se para procurar feno nos celeiros e, todos os dias, todos esses forrageadores podem ser exterminados pelos seus cavaleiros»¹⁵³.

¹⁵² Segundo Le Bohec (2001: p. 102) a época de guerra iniciava-se precisamente a 21 de março e terminava a 23 de setembro. Claro que se trata de uma datação indicativa.

¹⁵³ CAES. *Gal.* 7. 14, p. 219.

César considerava que o abastecimento era um dever e uma responsabilidade do comandante. Nas suas “Memórias” sobre a *Guerra das Gálias*, na fase da neutralização da ameaça germânica (58 a. C.), descreve um momento em que os seus soldados se mostravam aterrorizados pela estatura, pelo valor e treino militar dos guerreiros germanos, gerando uma situação de desordem na qual a relação entre o comando e a função do aprovisionamento se torna clara:

«Quanto àqueles que, para disfarçarem o seu receio, alegavam as suas incertezas a respeito do aprovisionamento e das dificuldades dos caminhos, considerava-os bastante insolentes ao parecerem não ter confiança no seu General ao quererem prescrever-lhe o seu dever. Ele também estava preocupado com as dificuldades apontadas mas os Séquanos, os Leucos e os Língones forneciam-lhes trigo e as searas já estavam maduras (...)»¹⁵⁴.

O comandante também seria responsável por administrar aspetos táticos da logística, como ordenar e organizar as operações de forragem (*frumentatio*)¹⁵⁵ necessárias para que não faltassem as provisões. Para coordenar estas tarefas César nomeava um oficial, normalmente um tribuno militar¹⁵⁶ ou por vezes um oficial superior como um legado¹⁵⁷. César dá-nos alguns detalhes dessa coordenação, na descrição da fase posterior à expulsão dos Germanos (56 a. C.):

«(...) o jovem Publius Crassus¹⁵⁸, com a sétima legião, tinha ido passar o inverno¹⁵⁹ no território dos Andes, próximo do Oceano. Como o trigo faltava nestas paragens, ele mandou um grande número de perfeitos e de tribunos militares aos territórios vizinhos para de lá trazerem trigo e víveres»¹⁶⁰.

¹⁵⁴ CAES. *Gal.* 1. 40, p. 90.

¹⁵⁵ Esclareça-se que o termo «forragem» e o verbo «forragear» são usados pelas fontes quer para o abastecimento de animais, quer de homens, pelo que optamos por discriminar o seu uso, de forma a evitar possíveis confusões. Assim, usamos o termo «forragem» para alimentação dos animais e abastecimento de cereal para os homens.

¹⁵⁶ Os tribunos militares podiam ser escolhidos dentro de vinte e quatro tribunos do povo, eleitos pelos cidadãos romanos ou podiam ser diretamente apontados pelo cônsul; a sua proveniência seria da classe senatorial ou equestre. Eram eleitos ou nomeados seis tribunos militares para cada legião e alternavam no comando nominal. Cf. GOLDSWORTHY 2013: p. 675.

¹⁵⁷ O legado era um oficial subordinado que detinha o *imperium* por delegação e não por direito próprio. Teria uma origem aristocrática e poderia comandar a legião por um período até cinco anos.

¹⁵⁸ Filho de Marco Licínio Crasso. Começou a campanha na Gália como comandante de cavalaria, antes de ser promovido a legado. Ao longo da guerra, provou ser um comandante corajoso e eficiente.

¹⁵⁹ César sabia que o frio implicava uma logística muito mais complexa e, por isso, durante os meses de inverno, permanecia na Gália Cisalpina ou na Ilíria a tratar de assuntos relacionados com a sua magistratura. Nesse período, as suas legiões eram distribuídas pelos acampamentos de inverno (*castra hiberna*).

¹⁶⁰ CAES. *Gal.* 3. 7, p. 124.

Segundo Le Bohec, não existia um corpo especial para as missões de logística: seriam os questores a tratar do aprovisionamento, assistidos por outros oficiais e pelos soldados considerados necessários¹⁶¹.

Na estrutura do comando da legião, a seguir ao comandante encontravam-se os legados, depois os prefeitos¹⁶², seguidos dos questores¹⁶³, dos tribunos e dos centuriões¹⁶⁴. Uma legião podia ser comandada por um legado (apesar ele poder comandar uma força de várias legiões), como é aliás assinalado na *Guerra das Gálias*: «César colocou à frente de cada legião um dos seus legados e um questor, para que cada soldado os tivesse como testemunhas da sua coragem»¹⁶⁵.

Em relação aos prefeitos, sabe-se pouco sobre o seu serviço no século I a. C.: seriam escolhidos pelo comandante, mas raramente são mencionados na *Guerra das Gálias*. As suas funções específicas estariam relacionadas com tarefas administrativas ou logísticas. Os tribunos (cada legião tinha seis) sob o comando de César ganharam competências técnicas e formaram uma importante ligação entre as tropas e o seu comandante. Tinham alguns deveres de natureza logística. César usou tribunos como oficiais navais durante a sua campanha contra os Venécios (56 a.C.): «Brutus¹⁶⁶ que comandava a frota, os tribunos militares e os centuriões, que tinham um navio cada um, estavam indecisos sobre o que deviam fazer e sobre a tática de combate a adoptar»¹⁶⁷.

Durante o conflito da Gália, César nomeou frequentemente legados para comandarem frotas (apesar de esta ser provavelmente uma questão de comando ou tática, mais do que propriamente logística). Na *Guerra de Alexandria* (48 a. C.), é descrito um episódio relativo a este assunto, quando César toma conhecimento de que os seus navios

¹⁶¹ Vide LE BOHEC 2001: pp. 90-91. Refira-se que a informação sobre este assunto é parca e permanecem dúvidas de como seria efetuada a administração da logística nas unidades individuais, ao tempo da República.

¹⁶² Eram oficiais equestres com vários deveres, entre os quais o de comandar as unidades de tropas aliadas ou auxiliares. Sobre este assunto consulte-se GOLDSWORTHY 2013: p. 675.

¹⁶³ Os questores eram usualmente homens jovens do grau senatorial, no início das suas carreiras políticas, cujo dever era principalmente financeiro, podendo ser designados para os pagamentos e abastecimento do exército. Consulte-se ROTH 1999: p. 258.

¹⁶⁴ Oficial de combate do exército romano; originalmente, o centurião comandava uma centúria de oitenta homens. O centurião mais importante da legião era o *primus pilus*, considerado um posto de elevado estatuto, exercido por um ano. No próximo capítulo teremos oportunidade de aprofundar este assunto.

¹⁶⁵ CAES. *Gal.* 1. 52, p. 98. Para o exército que serviu César na Gália, é feita referência a vinte e um legados.

¹⁶⁶ Décimo Júnio Bruto foi um dos legados de César na Gália e também um dos conspiradores que planeou a sua morte, em 44 a. C.

¹⁶⁷ CAES. *Gal.* 3. 14. p, 128.

sofreram várias emboscadas e deu ordens para toda a sua frota estar pronta e equipada, tendo colocado Tibério Nero (questor) no comando da mesma, em Alexandria¹⁶⁸.

À medida que o exército romano aumentava e se espalhava pelo mar Mediterrâneo, tornava-se cada vez maior a necessidade de oficiais de nível superior; o exército, gradualmente, passou a usar legados de nomeação *ad hoc* para preencher esta falha. No final da República, qualquer oficial podia ser usado para fins logísticos. Por exemplo, César usou um prefeito auxiliar para comandar expedições de forragem durante a guerra civil ¹⁶⁹.

O trabalho relacionado com a logística do exército cesariano não foi entregue exclusivamente aos oficiais. Sabe-se que César terá colocado um cidadão privado, de nome Gaio Cita (identificado como um homem de negócios: *negociator*)¹⁷⁰ como encarregado da logística durante a *Guerra das Gálias*. Na descrição do massacre dos cidadãos romanos da cidade de Génabo (52 a. C.) é dito que: «(...) massacram os cidadãos romanos que aí se tinham estabelecido para fazer negócios, entre os quais estava Caius Fufius Cita, distinto cavaleiro romano, ao qual César atribuíra a intendência dos víveres, e submetem os seus bens à pilhagem»¹⁷¹.

O general também atribuiu funções relacionadas com as provisões ao historiador Salústio (então pretor), durante a campanha africana de 46 a. C. Segundo o autor da narrativa: «[César] Instrui Gaius Sallustius Crispus, um pretor, com alguns dos navios, em direção à ilha de Cercina¹⁷² controlada pelo inimigo, devido a uma informação de que havia ali uma grande quantidade de cereais»¹⁷³.

2.1.2. Alimentação e forragem

2.1.2.1. Alimentação

A carestia de alimentos seria um dos motivos do fracasso das operações militares, por isso a questão da alimentação teria de ser tratada com a devida antecedência. Sobre este assunto Vegécio afirma: «É melhor dominar o inimigo pela fome, por ataques de

¹⁶⁸ [CAES.] *B. Alex.* 25, p. 156.

¹⁶⁹ CAES. *Civ.* 3. 3, p. 97.

¹⁷⁰ Acrescente-se que subsistem muitas dúvidas em relação ao papel deste cidadão, se cumpriu de facto a referida função e durante quanto tempo; apenas se conhece a sua identificação na narrativa cesariana (ver a nota seguinte).

¹⁷¹ CAES. *Gal.* 7. 3, p. 214.

¹⁷² Refere-se às atuais ilhas Kerkennah, um arquipélago da Tunísia no mar Mediterrâneo.

¹⁷³ [CAES.] *B. Afr.* 8, p. 193.

surpresa ou pelo terror do que pelo combate (...)»¹⁷⁴. O mesmo autor acrescenta «(...) outras situações podem ser remediadas a tempo mas o aprovisionamento de forragens e de mantimentos não tem solução em caso de necessidade a não ser que seja feito com antecedência»¹⁷⁵.

César revelou grande preocupação na preparação e organização das guerras em que participou. Saber se as provisões disponíveis eram ou não adequadas seria uma questão fundamental. Para além dos soldados de infantaria, fariam parte do exército cesariano as forças auxiliares¹⁷⁶ e um número desconhecido de não combatentes, como comerciantes, serventes militares, escravos e reféns que acompanhavam o exército em campanha. Providenciar as necessidades básicas dos seus soldados ao nível da alimentação e do abastecimento foi uma questão à qual o general dedicou muita atenção, pois reconhecia-a como uma condição *sine qua nom* para o sucesso militar.

Os Romanos sabiam que uma dieta completa ou equilibrada deveria conter alguns dos nutrientes essenciais, enquanto uma dieta pobre afetaria diretamente (ou até irremediavelmente) o desempenho dos soldados e, no limite, do próprio exército.

Calcular com precisão a quantidade de comida de que as tropas precisavam, tal como a ração diária básica para a alimentação dos soldados, não seria tarefa fácil. Existem limitações relacionadas com as informações disponíveis nas fontes e também a dificuldade associada ao facto de a alimentação ser sempre adaptada à área geográfica onde decorriam as operações e depender dos produtos disponíveis na zona circundante. A quantidade e composição da ração diária estariam, assim, sujeitas a estes (e outros) condicionalismos.

A ração de um soldado romano teria de ser adequada aos respetivos peso e altura, que determinavam as calorias médias requeridas por um soldado. Sobre este assunto, as fontes não nos oferecem pormenores, mas, recorrendo à informação do tratadista Vegécio, ficamos com uma ideia do que deveria ser a estatura dos jovens recrutados aprovados¹⁷⁷: «(...) seis pés [178 cm] ou pelo menos cinco pés e dez polegadas entre os

¹⁷⁴ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 3. 26, p. 327.

¹⁷⁵ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 3. 3, p. 261.

¹⁷⁶ O termo *auxilia* ou tropas de apoio refere-se aos soldados não-cidadãos ou estrangeiros recrutados para o exército durante o período da República. Os contingentes de cavalaria foram muito importantes (por vezes até decisivos) na Gália. Podiam ser comandados pelos seus próprios chefes ou servir em unidades comandadas por oficiais romanos. César fez algumas referências a unidades especializadas, como os arqueiros cretenses e nômadas e ainda aos fundibulários das Ilhas Baleares.

¹⁷⁷ Relembre-se que se desconhece qual a cronologia concreta a que Vegécio se refere, por isso estes dados devem ser lidos e usados com cautela.

cavaleiros das alas ou nas primeiras coortes das legiões»¹⁷⁸. A idade deveria igualmente condicionar o consumo de calorias (os mais jovens precisariam de ingerir mais do que os mais velhos). Durante a República, a idade normal para se iniciar o serviço militar seria aos dezassete anos (apesar de ser possível que se alistassem mais jovens).

A ração de grão/cereal constituía a base da alimentação do exército (utilizava-se a palavra *frumentum* para se referir ao abastecimento de comida em geral). São feitas algumas referências à utilização de cevada, mas só em casos de emergências e sabe-se que, gradualmente, o seu uso foi sendo restrito à alimentação dos animais. César descreve uma situação ocorrida na *Guerra Civil*, em 48 a. C., na qual os seus soldados, devido à falta de grão, comeram cevada; tal ocorreu durante o cerco de Dirráquio: «(...) recordaram [os soldados] que, ao passarem por uma situação de quase-fome em Alésia e muito pior em Avárico, acabaram por se tornar conquistadores de povos poderosos. Nem quando lhes davam cevada, nem leguminosas, as recusavam»¹⁷⁹.

Frontino acrescenta que substituir as rações de trigo pelas de cevada seria uma espécie de castigo no exército romano. Referindo-se a legiões que se tinham recusado a combater na 2ª Guerra Púnica (após a Batalha de Canas, em 216 a. C.), afirma: «(...) foram enviadas para uma espécie de exílio na Sicília, e o Senado votou que fossem postas a rações de cevada durante sete anos»¹⁸⁰.

César preocupava-se com garantir regularmente as rações aos seus soldados e sabe-se que haveria um dia específico para a respetiva distribuição. Em 58 a. C., na Gália, após a derrota dos Helvécios, César pediu aos Éduos: «(...) que lhe entregassem o trigo que oficialmente tinham prometido (...) não só as colheitas estavam atrasadas, como até a própria forragem era insuficiente. Quanto ao trigo que tinha mandado vir em navios, pelo rio Saône, não o podia utilizar (...)»¹⁸¹.

A alimentação do exército estaria dependente do número de soldados que integrava cada legião. Sabemos que este número era bastante irregular, pois César chegou a operar com as suas legiões bastante reduzidas, como é relatado na *Guerra Civil*. Após a fuga de Pompeio para o Egito (a seguir à derrota de Farsalo, em 48 a. C.), César segue

¹⁷⁸ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 1. 5, p. 183; Acerca deste assunto consulte-se ainda ROTH 1999: pp. 9-13.

¹⁷⁹ CAES. *Civ.* 3.47, p. 103: «(...) they recalled that by enduring near-famine at Alesia, and much worse at Avaricum, they had ended up as conquerors of mighty peoples. Neither when they were given barley, nor when they were given pulses did they refuse them;»

¹⁸⁰ FRON. *Str.* 4. 1, p. 175.

¹⁸¹ CAES. *Gal.* 1. 16, p. 75.

no seu encalce e desloca-se para Alexandria com duas legiões, que totalizavam 3200 homens, o que significa que cada legião teria aproximadamente 1600 homens¹⁸².

Segundo Salústio o tamanho da legião seria definido anualmente por decreto do Senado¹⁸³. A falta de um número *standard* para a legião republicana terá causado alguns problemas logísticos, pois não se conseguiria estabelecer o total de rações necessárias para a campanha, a não ser quando o Senado estipulasse a dimensão de cada legião. Mas sabemos que César teve alguma autonomia em relação à forma como levantava e organizava as suas legiões nas províncias, longe da influência do Senado.

Quanto à dieta dos soldados, sabe-se que seria baseada essencialmente em cereais, aos quais se adicionavam algumas proteínas como a carne¹⁸⁴. Segundo Goldsworthy, a ração diária de um soldado deveria conter pão, carne, vinho e azeite, apesar de, em campanha, o pão ser substituído pelo biscoito (*bucellatum*) e o vinho pelo vinho azedo (*acetum*)¹⁸⁵. Relativamente à ingestão de vinho por parte dos soldados romanos, não é possível aferir com rigor se esta bebida era ou não ingerida regularmente¹⁸⁶.

A ração de carne diária disponível podia ser transportada (salgada), mas a maioria das vezes era consumida fresca através de rebanhos transportados pelo exército, muitas vezes capturados aos inimigos, ou confiscados às populações nativas¹⁸⁷. Na *Guerra das Gálias*, durante a segunda invasão da Britânia, em 54 a. C., César afirma que os seus soldados capturaram grandes quantidades de gado: «Encontrámos uma grande quantidade de gado e muitos fugitivos foram apanhados ou mortos (...)»¹⁸⁸.

No início da *Guerra Civil*, em 49 a. C., na descrição da campanha de Ilerda (Hispania), César assinala que o seu exército passava por graves dificuldades devido à falta de provisões: «(...) o gado, que poderia ter servido como meio subsidiário de apoio

¹⁸² CAES. *Civ.* 3. 106, p. 134. Cf. [CAES] *B. Alex.* 69, pp. 181-182; aqui, a VI legião que acompanhava César teria pouco mais de 1000 homens. Sobre este assunto, veja-se ainda ROSENSTEIN 2017: p. 92.

¹⁸³ SAL. *Jug.* 84, pp. 113-114.

¹⁸⁴ O grão providenciava calorias e carboidratos, mas faltava a proteína, vitaminas e outros ingredientes essenciais, que seriam ingeridos através da carne, queijos, vegetais, azeite, vinagre e sal. Segundo Roth (1999: pp. 24-26) as rações do exército romano incluíam: 1- *frumentum* (grão correspondente à ração de pão); 2- *cibaria* dividida em algumas categorias como carne (especialmente porco); vegetais (lentilhas e feijões); queijo; sal e azeite.

¹⁸⁵ GOLDSWORTHY (1996: p. 291) adianta o que poderia ser a quantidade relativa a cada um dos produtos referenciados, como por exemplo: 1, 4 kg de pão, 0, 45 kg de carne e 1 litro de vinho. Sublinhe-se que o historiador retirou estes dados de escalas de rações de épocas posteriores (século VI d. C.) mas que podem servir para se ter uma ideia aproximada do que seria a ração do soldado romano no período da República Tardia. Cf Roth (1999: p. 43) faz uma reconstrução daquilo que poderia constituir a ração diária de um soldado.

¹⁸⁶ Roth (1999: p. 38) refere que os militares romanos, provavelmente, deveriam beber vinho misturado com água, bebida a que chamavam *posca*.

¹⁸⁷ GOLDSWORTHY 1996: p. 292.

¹⁸⁸ CAES. *Gal.* 5. 21., p. 169.

numa situação de escassez, foi movido para longe pelas comunidades vizinhas por causa da guerra»¹⁸⁹.

O azeite seria outro produto usado na alimentação do exército cesariano. Surgem referências à sua utilização na descrição de um episódio da *Guerra Africana*, em 46 a. C., quando os soldados, depois de deixarem Uzita (pequena cidade perto de Ruspina) mudaram o acampamento para Agar (cidade no sudoeste da Tunísia) e, enquanto recolhiam cereal, encontraram «(...) uma grande quantidade de cevada, azeite, vinho e figos e um pouco de trigo (...)»¹⁹⁰.

O sal também fazia parte da dieta do soldado romano. Atendendo aos conselhos de Vegécio, conclui-se que o sal, o cereal e também o vinagre seriam bens absolutamente necessários para o abastecimento do exército¹⁹¹. César coloca o sal entre os itens que, quando abundantes, tornavam um sítio particularmente adequado a um acampamento. Na *Guerra Africana*, quando Curião efetuava uma expedição perto de Útica (cidade no norte de África, situada perto de Cartago, no atual território da Tunísia) pode ler-se o seguinte: «O acampamento era um local ideal para uma campanha, com a sua posição natural, as suas defesas construídas pelo homem, o mar próximo e muita água e sal, que já se encontrava em grande quantidade, recolhido nas salinas próximas»¹⁹².

Relativamente à fruta, não é atestado pelas fontes que fizesse parte da dieta militar romana e, provavelmente, dada a sua perecibilidade (tal como outros alimentos frescos), não faria parte da ração regular do soldado, pois estes alimentos não se coadunavam com as marchas longas inerentes às campanhas militares cesarianas¹⁹³.

Existe pouca informação acerca dos métodos que seriam usados para a preparação da comida, para além do pão¹⁹⁴. Na preparação das refeições, os soldados romanos deveriam moer, amassar e cozinhar o seu próprio pão, o que por um lado seria vantajoso, dada a flexibilidade logística que permitia, mas, por outro, implicaria acender fogo para as lareiras, o que poderia denunciar a presença do exército a um inimigo. Aulo Hércio descreve uma situação que evidencia essa preocupação. Em 51 a. C., quando os Romanos

¹⁸⁹ CAES. *Civ.* 1.48, p. 30.

¹⁹⁰ [CAES.] *B Afr.* 67, p. 225.

¹⁹¹ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 3. 26, p. 359.

¹⁹² CAES. *Civ.* 2.37, p. 71, «The camp was an ideal base for a campaign, with its natural position, its man-made defences, the sea close by, and plenty of water and salt, of which a huge quantity was already there, collected from the nearby salt-pans».

¹⁹³ Segundo Roth (1999: p. 42), a fruta eventualmente consumida seria obtida de uma forma individual pelos soldados, talvez comprada aos caçadores.

¹⁹⁴ O exército em campanha transportaria uma espécie de «fornos portáteis» no comboio de bagagens, de forma a cozerem o pão. Veja-se ROTH 1999: p. 48.

operavam no território dos Bitúrges, afirma: «(...) o sinal habitual duma invasão do inimigo, isto é, o incêndio das construções, tinha sido eliminado pela proibição de César, para assim evitar a falta de forragem e de trigo, (...) ou evitar o alarme que seria dado pelos incêndios»¹⁹⁵.

Caso o sistema de racionamento falhasse, o soldado romano seria obrigado a improvisar, como aliás ficou explícito numa descrição da *Guerra Civil*, durante o cerco efetuado por César às forças de Pompeio, em Dirráquio (porto na costa do Epiro), em 48 a. C., no qual os dois exércitos passaram por graves dificuldades. O exército consular sofreu com a falta de alimentos e, neste contexto de carência, é assinalado que os soldados comeram uma espécie de raiz, chamada «chara», que, misturada com leite, serviu para aliviar a fome, tendo-se até feito pães ou bolos com a mesma¹⁹⁶.

2.1.2.2. Forragem

As expedições militares exigiam um planeamento, mais ou menos preciso, das provisões necessárias. Para além dos produtos que poderiam ser transportados no comboio de bagagens, seria sempre necessário recorrer aos alimentos disponíveis na natureza. César usou o termo forragear¹⁹⁷ (*frumentatio*) quer para se referir à forragem necessária para os animais, quer para descrever as expedições ou operações executadas pelas *expedita* (tropas que transportavam o menor equipamento possível, a fim de se deslocarem rapidamente). Como antes referimos, *Frumentatio* significa literalmente «recolha de cereal», mas, na linguagem militar, refere-se a todo o tipo de comida ou géneros alimentares. Segundo Roth, nas narrativas cesarianas identificam-se três tipos de forragem: recolher lenha (*lignari*); obter comida e forragem (*pabulari*); obter água (*aquari*)¹⁹⁸.

Quando um exército se encontrava no terreno seria difícil prever qual a disponibilidade de forragem. Mesmo com algum conhecimento dos campos de cultivo existentes em determinado território, sabia-se que bastava uma má colheita para que poucos ou nenhuns excedentes se encontrassem disponíveis. Este podia ser um grave

¹⁹⁵ HIRT. *Gal.* 8.3, p. 265.

¹⁹⁶ CAES. *Civ.* 3. 48, p. 103.

¹⁹⁷ Relembre-se que forragear como verbo transitivo significa alimentar com forragem (exemplo forragear o gado) ou segar forragem (exemplo forragear o campo) enquanto, como verbo intransitivo, significa cortar e recolher forragem, procurar recursos na natureza. O termo é usado nas duas formas nas narrativas cesarianas.

¹⁹⁸ ROTH 1999: p. 118.

revés para qualquer exército em campanha. Os campos de cultivo apresentavam variações de ano para ano, o que teria impacto no planeamento logístico, uma vez que os Romanos não dispunham de qualquer método que lhes permitisse prever quais os recursos disponíveis na região onde decorriam as operações.

Muitas vezes a produção agrícola era destruída devido às operações militares. Na *Guerra Alexandrina* é descrito um episódio no qual a província da Ilíria se apresenta devastada pela guerra nas suas fronteiras e exaurida¹⁹⁹.

Para além das provisões necessárias à alimentação diária, habitualmente transportadas pelo exército, era inevitável procurar alimentos, água e lenha nos territórios circundantes aos locais onde decorriam as campanhas. Em climas mais favoráveis um exército seria capaz de conseguir uma larga proporção do que necessitava através do forrageamento, principalmente nos meses com melhor tempo. No resto do ano seria necessário procurar nas vilas e aldeias, quer cereal (muitas vezes escondido nos celeiros), quer rebanhos para alimentar os soldados. Sabe-se que César esperava que as colheitas amadurecessem para iniciar as suas ofensivas²⁰⁰. Abastecer um exército através do cereal disponível na natureza, requeria muita organização, planeamento e conhecimentos técnicos, para além da questão da segurança que estas operações exigia.

Recolher forragem para os animais, assim como a procura de lenha, seriam tarefas diárias (*pabulatio*), mas forragear para obter cereal e outras provisões (*frumentatio*) seria feito apenas de vez em quando e poderia envolver um grande número de soldados. Este tipo de operação era normalmente supervisionada por um tribuno militar.

Os soldados envolvidos nas operações de forragem (*expedita*) marchavam normalmente em ordem ligeira, levando apenas as suas armas e deixando as mochilas no acampamento²⁰¹, quando as operações se efetuavam nos locais circundantes ao mesmo. O autor da *Guerra Africana* descreve uma situação na qual César retorna a Ruspina (cidade costeira na atual Tunísia) e aí deposita as bagagens do exército, dirigindo-se de seguida para as zonas rurais circundantes em busca de cereais, o que lhe permitiu

¹⁹⁹ [CAES.] *B. Alex.* 42, pp. 166-167. Acrescente-se que a Ilíria se encontrava adjacente ao Epiro, onde se deu grande parte do confronto entre Pompeio e César.

²⁰⁰ CAES. *Gal.* 6. 29, p. 202.

²⁰¹ O acampamento de marcha era construído no final do dia de marcha, num local cuidadosamente selecionado, no qual os legionários trabalhavam para delimitar um perímetro, erguer uma muralha, montar uma paliçada e armar as tendas. Servia não só para os Romanos se protegerem, mas também para se conseguir manter uma atitude ofensiva, intimidar o inimigo através de uma certa pressão moral ou psicológica, transmitindo a ideia de o exército romano ser imparável. Sobre este assunto, consulte-se GOLDSWORTHY 1996: pp. 111-115. Cf. CAMPBELL(a) 2017: pp. 68-72.

abastecer o seu exército²⁰². César esclarece-nos que os soldados podiam largar as suas armas enquanto forrageavam. Na Gália, durante a primeira incursão à Bretanha, em 55 a. C., a VII legião sofreu um ataque enquanto os soldados procuravam recolher o cereal: «Depois, quando viram os nossos soldados espalhados, sem armas, ocupados a ceifar, acometeram-nos repentinamente, matando alguns (...)»²⁰³.

Forragear ou procurar cereal na natureza seria, assim, uma tarefa essencial e realizada com periodicidade, mesmo que tivesse de ser efetuada em situações arriscadas. Os soldados que procuravam cereal teriam, muitas vezes, de se afastar do acampamento, tornando-se alvo de ataques e emboscadas dos inimigos, particularmente por parte da cavalaria. Na *Guerra Africana*, em 46 a. C., é descrito um episódio no qual César percebeu que os soldados corriam perigo e tomou as medidas adequadas: «(...) [César] ordenou a todos os soldados que tinham saído das fortificações para recolherem forragem e lenha (...) que voltassem a entrar, um a um, sem barulho nem pânico (...)»²⁰⁴. É relatada outra situação idêntica quando as forças cesarianas acamparam perto de Farsalo: foram ameaçadas pelo exército de Pompeio e César ordenou à cavalaria, que tinha sido enviada para forragear, que regressasse rapidamente ao acampamento²⁰⁵.

A falta de produtos devido à guerra seria outro problema que os exércitos em campanha teriam de enfrentar. A guerra alterava a vida dos agricultores da região onde se desenrolavam os conflitos e, por vezes, os mesmos eram requisitados para a guerra, o que afetava inevitavelmente as colheitas. Em África (46 a. C.), César foi obrigado a importar cereal: «Percebeu que não conseguia arranjar grão em África, a não ser importado, porque o imposto lançado pelos seus opositores tinha convertido em soldados os agricultores que pagavam a exação em cereais, o que tinha impedido a colheita do ano anterior (...)»²⁰⁶.

Quando a forragem e o cereal eram insuficientes para alimentar os homens e os animais, os exércitos romanos recorriam à requisição (voluntária ou não), de forma a conseguirem obter provisões de determinadas autoridades, ou através de tribos

²⁰² [CAES.] *B. Afr.* 9., p. 193. Neste episódio é ainda assinalado que César terá confiscado todas as carroças e animais de carga aos habitantes.

²⁰³ CAES. *Gal.* 4. 32, p. 152.

²⁰⁴ [CAES.] *B. Afr.* 31, p. 204.

²⁰⁵ CAES. *Civ.* 3. 76, p. 117.

²⁰⁶ [CAES.] *B. Afr.* 20, p. 199. «He also realized that he could not lay his hands on any grain in Africa, unless it was imported, because the levy conducted by his opponents, which had made soldiers out of the farmers who paid tax in grain, had prevented the harvest the previous year».

consideradas amigáveis. De uma forma mais ampla, até o saque ou a pilhagem²⁰⁷ podem ser considerados “subcategorias” do forrageamento e poderiam proporcionar abastecimento para o exército. Se tivermos em conta a elevada disciplina que caracterizava o exército romano, as pilhagens realizadas sem autorização superior, feitas por soldados individuais, podiam ter efeitos negativos num exército e ser sancionadas. A propósito deste assunto Frontino descreve o seguinte:

«Marco Catão é o autor da história segundo a qual, quando os soldados eram apanhados a roubar, lhes cortavam a mão direita na presença dos seus camaradas; ou, se as autoridades desejavam impor uma sentença mais leve, o criminoso era sangrado no quartel-general»²⁰⁸.

Impedir a pilhagem individual por parte dos soldados era uma importante tarefa para os comandantes, tal como controlar a reunião e o armazenamento das provisões. Se os Romanos queriam manter a boa vontade das populações locais, o ato de pilhar em território pertencente a aliados teria de ser feito dentro de alguns limites. Durante a *Guerra Civil*, à chegada a África (47 a. C.), César proibiu as suas tropas de saquear. Quando alcançou Adrumeto (*Hadrumentum* – um porto na costa da Tunísia, hoje cidade de Sousse), é descrito que: «desembarcou as suas tropas e, depois de ter montado o acampamento em frente à cidade, ficou ali sem fazer mal a ninguém e sem permitir que os seus homens saíssem para pilhar»²⁰⁹.

Neste período seria uma prática habitual os povos aliados garantirem cereal para os militares e também transporte para o abastecimento. Na *Guerra das Gálias*, César atrasou uma expedição contra os Belgas (57 a. C.) até haver abastecimento suficiente de cereal. Encontrava-se na Gália Citerior quando soube que todos os Belgas se aliavam contra os Romanos e é assinalado que: «Ele próprio se juntou ao exército assim que começou a poder arranjar forragem. (...). Depois de se ter abastecido em trigo, levantou o acampamento e chegou, mais ou menos ao fim de quinze dias, à fronteira dos Belgas»²¹⁰. No mesmo conflito, mas numa fase mais tardia (52 a. C.), o general ordenou aos Éduos que providenciassem guarnições para proteger as linhas de abastecimento na guerra contra Vercingétorix: «Solicitou que lhe mandassem rapidamente toda a sua

²⁰⁷ Em relação à pilhagem, registe-se que os Romanos poderiam pilhar o território inimigo com propósitos estratégicos (como praticamente faziam todos os povos em guerra). O grande propósito da pilhagem não era meramente o de garantir géneros alimentícios ou outros bens, mas também incutir terror no inimigo.

²⁰⁸ FRON. *Str.* 4. 1, p. 173.

²⁰⁹ [CAES.] *B Afr.* 3, p. 190.

²¹⁰ CAES. *Gal.* 2. 2, p. 103.

cavalaria e dez mil infantes, que ele repartiria por diversos postos para defenderem as caravanas de trigo»²¹¹.

Esta dependência das provisões dos aliados aumentou durante a fase da *Guerra Civil*, à medida que o estado progressivamente perdia poder e recursos. César descreve que Pompeio, após retirar as suas forças de Dirráquio, deu ordens para que:

«(...) fossem trazidos cereais e provisões da Ásia e de todas as áreas que controlava. César pensou que a guerra iria ser mais prolongada e desesperou por receber provisões de Itália, (...) e as frotas que tinha construído no inverno na Sicília, Gália e Itália demoravam a chegar»²¹².

Após a rendição, os estados e povos derrotados seriam obrigados a providenciar provisões ao exército romano e a pagar taxas e impostos a Roma. Durante a *Guerra Africana*, em 46 a. C., após o colapso da resistência e uma vez confirmada a rendição, as comunidades que tinham apoiado os pompeianos foram obrigadas a pagar taxas punitivas: «(...) estando César em Zama, feita a venda em hasta pública e vendidos os bens daqueles que (...) tinham pegado em armas contra o povo romano (...) estabelecidos os impostos reais e reduzido o reino a província (...)»²¹³.

A disciplina do exército romano era um importante fator para o sucesso das operações de forragem. Os Romanos mantinham um elevado nível de disciplina nos seus exércitos, desde logo infundida pelo rigoroso treino dos soldados. A manutenção da ordem durante as operações de forragem seria fundamental devido à necessidade de uma cobertura eficaz que seria imprescindível para monitorizar a atividade e proteger os soldados no terreno. Tropas indisciplinadas seriam muito vulneráveis a ataques e à destruição durante as operações de obtenção de forragem para animais e de cereal para os homens.

A questão da segurança inerente às supracitadas operações é um tema frequente na narrativa da *Guerra das Gálias*, particularmente as situações de emboscadas feitas pelo inimigo. Era habitual usar a cavalaria para a proteção dos forrageadores, como se pode confirmar na descrição da segunda invasão da Britânia, em 54 a. C:

²¹¹ CAES. *Gal.* 7. 34, p. 229.

²¹² CAES. *Civ.* 3.42, p. 99. « (...) and for grain and supplies to be brought from Asia and all the areas which he controlled. Caesar thought that the war was going to be further prolonged, and despaired of receiving provisions from Italy, (...) and his own fleets, which he had built in the winter in Sicily, Gaul, and Italy, were slow in coming». Sobre este assunto veja-se ainda [CAES.] *B Afr.* 67, p. 225.

²¹³ [CAES.] *B. Afr.* 97, p. 241.

«No dia seguinte, os inimigos estabeleceram-se longe do acampamento, nas colinas. Só se mostraram em pequenos grupos e atacaram os nossos cavaleiros com menos vigor que na véspera. Mas ao meio-dia, tendo César mandado buscar forragem a três legiões e a toda a cavalaria, sob as ordens do legado Caius Trebonius, abateram-se repentinamente, vindos de todos os lados, sobre os nossos forrageadores, só parando junto das nossas insígnias e das nossas legiões»²¹⁴.

Uma das táticas utilizadas pelo exército proconsular para tentar diminuir os riscos relacionados com as operações de procura de cereal na natureza consistia em enviar os soldados em tempos diferentes e por rotas ou caminhos distintos. Na Gália (52 a. C.), quando as forças de Vercingétorix seguiam atentamente os Romanos, é descrito o seguinte:

«Vigiava todos os nossos destacamentos de forragem e de trigo e se estes, levados pela necessidade, avançassem para mais longe, ele abatia-se sobre os pequenos grupos dispersos e fazia-lhes muitos estragos, apesar dos nossos homens tomarem todas as precauções possíveis, saindo sempre a horas e por caminhos diferentes»²¹⁵.

As já referidas operações requeriam forças que podiam ir entre meia legião até três legiões inteiras. As circunstâncias poderiam forçar os soldados a procurar cereal por uma área extensa, o que obrigava à necessidade de manter um grande número de soldados para a proteção dos forrageadores (muitas vezes em território inimigo). Em 54 a. C., na primeira incursão na Britânia, César descreve:

«Entretanto, como de costume, uma legião tinha sido enviada para ir buscar trigo (era a sétima). Até então nada fazia supor as hostilidades, pois uma parte dos Bretões permanecia nos campos e outros até vinham frequentemente ao acampamento. Foi então que os soldados que montavam a guarda, frente às portas, anunciaram a César que se via mais pó levantado que habitualmente, do lado para onde a legião se tinha dirigido. (...) A legião, com as linhas apertadas, estava a ser crivada de todos os lados pelas armas de arremesso do adversário. Como, na realidade, este era o único sítio onde o trigo não tinha sido ceifado, os inimigos, suspeitando que nós aí viríamos, tinham-se escondido nos bosques durante a noite. Depois, quando viram os nossos soldados espalhados, sem armas, ocupados a ceifar, acometeram-nos repentinamente, matando alguns e pondo os restantes, que não conseguiam colocar-se em formatura regular, numa grande desordem»²¹⁶.

²¹⁴ CAES. *Gal.* 5. 17, p. 168.

²¹⁵ CAES. *Gal.* 7. 16, p. 221.

²¹⁶ CAES. *Gal.* 4. 32, p. 152.

A importância da proteção dos soldados que procuravam cereal, quando operavam no terreno é atestada por Aulo Hircio, segundo o qual seria prática comum César usar a cavalaria e as forças ligeiras auxiliares para servirem de escolta. Afirmo Hircio:

«(...) Então César soube, por um prisioneiro, que Correus, chefe dos Belóvacos, tinha escolhido seis mil dos mais valentes infantes e mil cavaleiros, seleccionados entre todos, e tinhamos colocado, emboscados, num local onde desconfiava que a abundância de trigo e de forragem atrairia os Romanos, Informado deste projecto, César manda sair mais legiões que de costume e manda à frente a cavalaria que escoltava sempre os forrageadores. Mistura-lhes alguma infantaria ligeira auxiliar»²¹⁷.

Para que um exército estivesse em condições de combater e manobrar de forma adequada, teria também de possuir forragem suficiente para os animais de carga e de tração²¹⁸. Se, por alguma razão, as provisões fossem reduzidas, a ração dos animais seria a primeira a ser cortada. César descreve algumas dificuldades sofridas no cerco de Dirráquio (48 a. C.):

«Para que César pudesse conter mais facilmente a cavalaria pompeiana em Dirráquio e impedi-la de sair para pastar, construiu grandes terraplenos (...) e colocou fortes nesses locais. (...) Havia uma escassez extrema de forragem, de tal modo que os seus homens mantinham os cavalos vivos arrancando as folhas das árvores e esmagando as raízes macias dos juncos, pois tinham comido as culturas plantadas no interior das fortificações. (...) Mas quando não só a cevada, como as forragens de todas as proveniências, as plantas que colhiam e até as folhas das árvores se esgotaram, e os cavalos ficaram fracos e magros, Pompeio achou que devia fazer alguma tentativa para romper o cerco»²¹⁹.

Em 46 a. C., após a travessia para África, o exército consular tentava estabelecer uma posição defensiva em Ruspina mas, como os soldados não conseguiam sair das fortificações aí construídas para procurar forragem, cereal e água (porque estavam encurralados pelas forças de Labieno, Petreio e Cipião), é descrito o seguinte: «Para fazer

²¹⁷ HIRT. *Gal.* 8. 17, p. 271.

²¹⁸ Roth (1999: pp. 61 e 125) assinala que os alimentos para animais poderiam ser providenciados através de forragens duras, como grão ou cevada e aveia, forragens verdes como trevo ou relva e feno, aos quais os animais tinham acesso através da pastagem e comiam diretamente do campo.

²¹⁹ CAES. *Civ.* 3. 58, pp. 107-108, «So that Caesar could more easily contain the Pompeian Cavalry at Dyrrachium and stop them going out to graze, he built large earthworks (...) and sited forts at these spots. (...) There was an extreme shortage of fodder, so much so that his men kept the horses alive by stripping leaves off the trees and mashing the soft roots of reeds; for they had eaten the crops which had been planted inside the fortifications. (...) But when not only the barley, and the fodder from all sources, and the plants they reaped, but even the leaves from the trees ran out, and the horses had become weak with emaciation, Pompey thought he must make some attempt to break out». Cf. APP. *B. Civ.* 2. 60, pp.100-101.

face a esta emergência, os veteranos da infantaria e da cavalaria (...) que tinham combatido muito em terra e no mar e que tinham sido afligidos frequentemente por perigos e por tal escassez, prolongaram as vidas dos cavalos dando-lhes algas lavadas em água doce»²²⁰.

2.1.2.3. Recolha de água e lenha

A lenha e a água eram recursos essenciais para qualquer exército em campanha e a sua recolha fazia parte das tarefas diárias e rotineiras dos soldados²²¹.

César estabelecia as suas marchas e construía os acampamentos de forma a conseguir um adequado fornecimento de água. Um episódio descrito na *Guerra Africana*, em 46 a. C., revela essa preocupação. Após abandonar Uzita, César tenta obter mantimentos e apoio e dirige-se para a cidade de Thysdra (moderna El Jem, antiga cidade romana situada a sul de Adrumeto, atual Sousse). Porém, «(...) foi impedido de a assaltar devido à falta de água e avançou cerca de quatro milhas. Aqui acampou perto de água (...)»²²².

A falta de água, ou encontrar água contaminada, podia ser algo extremamente perigoso para um exército. Vegécio, sobre este assunto, alerta para o seguinte: «E o exército não deve consumir águas perniciosas ou pantanosas, pois o beber água de má qualidade, semelhante a um veneno, provoca a doença àqueles que a ingerem»²²³.

Apiano descreve um episódio de envenenamento de água durante a *Guerra Civil*. Segundo a sua narrativa, os soldados do exército de Júlio César, liderados por Curião, operavam em África, em 49 a. C., e terão sido surpreendidos pelo envenenamento da água dos poços a partir dos quais se abasteciam, o que terá causado uma doença generalizada no contingente romano²²⁴.

Cortar o abastecimento ou o fornecimento de água ao inimigo seria uma eficaz arma logística, vulgarmente utilizada pelos exércitos da antiguidade. A falta de água afetava homens e animais mais rápida e dramaticamente do que a falta de comida ou de

²²⁰ [CAES.] *B Afr.* 24., p. 201, «To meet this emergency the veterans among the infantry and cavalry, who had seen through to a finish many a campaign by sea and land, and had often been racked by dangers and shortages of this kind, prolonged the lives of their starving beasts by giving them seaweed which they collected from the beach and washed out in fresh water».

²²¹ Roth (1999: p. 37) afirma que dois litros de água por dia seria o mínimo essencial para que um soldado em marcha mantivesse a hidratação e atuasse de forma eficiente.

²²² [CAES]. *B. Afri.* 76, pp. 229-230. Cf. CAES. *Gal.* 4. 11, p. 141.

²²³ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 3. 2, p. 259.

²²⁴ APP. *B. Civ.* 2.44, p. 92.

fornagem. César cortou o abastecimento de água ao exército pompeiano no cerco de Dirráquio (48 a. C.) provocando graves problemas ao seu adversário:

«César tinha desviado ou obstruído com grandes diques todos os rios e todas as ribeiras que corriam em direção ao mar e, onde o terreno era íngreme e acidentado, tinha bloqueado as partes estreitas dos vales com estacas cravadas no chão, à volta das quais se amontoava terra para reter a água. Os seus adversários eram assim obrigados a escolher lugares baixos e pantanosos e a cavar poços, trabalho que se juntava às suas tarefas quotidianas»²²⁵.

Tal como a comida e a água, a lenha era um bem indispensável para um exército em campanha, pois seria necessário fazer fogo, quer para cozinhar, quer para o aquecimento. O combustível mais utilizado pelo exército era a madeira (*lignum*)²²⁶.

Para César a falta de lenha constituía um problema tão delicado como a falta de água, forragens ou cereal. Na campanha de Ilerda, o exército de Pompeio acaba por se render devido à falta de pasto para os animais, tal como à falta de água, lenha e alimentos²²⁷.

Os soldados que recolhiam a lenha, sempre que possível deviam operar na área envolvente devido a questões de segurança, mas, por vezes, tal não era possível e teriam de percorrer alguma distância para obterem quantidades suficientes, correndo assim mais riscos. Quanto mais tempo permanecessem no mesmo acampamento, pior, pois iam esgotando os pastos e os campos mais próximos. Na *Guerra das Gálias*, durante a revolta dos Belgas (54 a. C.), César descreve que: «(...) caíram repentinamente sobre os nossos abastecedores de madeira e vieram numerosos atacar o acampamento»²²⁸.

A falta de alimento, forragem, lenha ou água afetava qualquer exército num período muito curto de tempo, tornando-o incapaz de combater ou de se movimentar.

²²⁵ CAES. *Civ.* 3.49, p. 103, «Caesar had either diverted or obstructed with great dykes every river and every stream which ran towards the sea, and where the ground was steep and rough he had blocked the narrow parts of the valleys with stakes driven into the ground around which earth was heaped to hold back the water. His opponents were thus of necessity forced to choose places that low-lying and marshy and dig wells, and this work was additional to their daily tasks;»

²²⁶ ROTH 1999: p. 60. O latim distingue entre «lenha» ou «madeira para queimar» (*lignum*) e a «madeira usada para construção» (*materia*).

²²⁷ CAES. *Civ.* 1. 84, pp. 46-47.

²²⁸ CAES. *Gal.* 5. 26, p. 172. Cf [CAES.] *B. Hisp.* 27, p. 260. Neste episódio diz-se que alguns cavaleiros romanos foram mortos enquanto apanhavam lenha num olival.

2.1.3. Outros aspetos do abastecimento

Desde a 1ª Guerra Púnica e até ao final da República, os Romanos estiveram quase constantemente em guerra, mantendo enormes exércitos em campanha, ano após ano, durante dois séculos. Conseguir abastecimento e provisões suficientes para os mesmos era um enorme desafio logístico.

O uso de linhas de abastecimento a partir da Segunda Guerra Púnica tornou-se visível através dos movimentos frequentes de quantias consideráveis de provisões e de outros materiais de guerra, principalmente através do mar Mediterrâneo. As provisões seriam obtidas a partir de várias bases estratégicas²²⁹. As linhas de abastecimento requeriam a existência de bases estratégicas, cujo significado pode ser entendido como a fonte de provisões para um exército distante, fora da área de operações, num ponto específico, como uma cidade, mas também uma região ou várias. Obter, armazenar e transportar essas provisões desde a base estratégica até ao exército em campanha seria difícil. Em certo sentido, cada base representaria um centro logístico de determinado tipo, usado para juntar e armazenar abastecimentos e provisões.

A República romana não tinha exército permanente (pelo menos em teoria) e, por isso, os exércitos eram abastecidos apenas durante as campanhas, apesar de, na prática, a guerra ser uma atividade constante. No início de cada ano o Senado votava para dar ao comandante (cônsul ou pretor) a autoridade para mobilizar o exército e autorizar o pagamento aos soldados e outras necessidades da guerra (incluindo as provisões). Estas provisões podiam então ser movidas e utilizadas quando fosse necessário.

Segundo Goldsworthy havia dois métodos básicos para manter um exército em campanha: um seria o que transportava equipamento, material e alimentos necessários para os homens e animais (os que não eram providenciados pela forragem) no chamado comboio ou trem de bagagens; neste caso o exército não estava ligado a nenhuma base de operações e conseguiria ser autossustentável. O principal problema deste modelo seria a necessidade de grande quantidade de transporte disponível, o que atrasaria os movimentos da hoste. O segundo modelo seria um exército que transportava pouca bagagem e se abastecia através dos comboios que se movimentavam desde a base de abastecimento (podia ser uma cidade ou uma fortaleza). Esta opção reduziria o transporte

²²⁹ Refira-se que, apesar disso, permaneciam dificuldades logísticas relativamente à manutenção de forças distantes, por longos períodos. O uso (comum) de linhas de abastecimento no período da República Tardia seria uma realidade, mas não há descrições detalhadas que permitam perceber de forma clara como se processava o seu funcionamento.

necessário, permitindo movimentos mais rápidos, embora implicasse um maior número de soldados destacados para guardar a base e os comboios dos ataques inimigos. Neste caso, o exército ficaria com menos soldados disponíveis para as operações militares²³⁰. Os exércitos que serviram César usaram estes dois métodos, quer de forma isolada, quer articulada.

2.1.3.1. Linhas de abastecimento

Um exército com várias legiões, como o de César, precisaria de um comboio de bagagens considerável. Na Gália, em certas situações, o procônsul teve de se deslocar lentamente com todo o transporte necessário para a área onde o seu exército iria fixar o acampamento de marcha e aí deixava a bagagem, ou em algum forte ocupado pelas suas legiões²³¹. A maioria do exército movimentar-se-ia a partir dessa base para se dirigir ao encontro do inimigo e seriam abastecidos pelos comboios protegidos por alguns soldados ou pequenas guarnições²³². Também poderia acontecer que alguns soldados (*expedita*) formassem uma coluna que marchava de forma rápida, sem bagagens, transportando apenas o essencial e as provisões necessárias para pequenas operações. As expedições punitivas eram normalmente concretizadas desta forma. Em 54 a. C., César marchou rapidamente com uma pequena força e pouca bagagem para libertar Cícero, cujo acampamento se encontrava cercado pelos Nérvios²³³. César desconhecia a rebelião e, quando soube, encontrava-se só com uma legião. Como não se conseguia movimentar rapidamente devido ao número elevado de não-combatentes que acompanhavam o exército, deixou Crasso a guardar Samarobriua (cidade de Amiens, no norte de França) e os seus bens e partiu, percorrendo trinta e dois quilómetros num dia. Esta marcha terá sido efetuada apenas com a bagagem ligeira e um mínimo de alimentos. Foi uma das situações em que iniciou as operações no inverno, antes da época em que normalmente se realizavam as campanhas.

César utilizava regularmente o termo *Fruementum Commeatusque* para se referir ao fornecimento de alimentos de forma geral, neste caso provisões ou víveres. Um exemplo do seu uso aparece na *Guerra das Gálias*, na descrição da expulsão dos Germanos (58 a. C.): «Durante os poucos dias que parou perto de Vesonção [Besançon,

²³⁰GOLSDSWORTHY 1996: pp. 287-288.

²³¹ CAES. *Gal.* 2. 5, p. 105; 5. 47, p. 182.; 6. 5, p. 191; 7.10, pp. 217-218.

²³² CAES. *Gal.* 2. 10, p. 108; 7. 34, pp. 229-230.

²³³ CAES. *Gal.* 5. 46-52, pp. 181-184.

na Borgonha-Framche-Comté] para se abastecer de trigo e de outros víveres (...)»²³⁴; ou, referindo-se às operações militares nos Alpes, efetuadas em 56 a. C.: «Ao ouvir estas notícias, Galba – que ainda não tinha acabado completamente o acampamento de Inverno e as defesas, nem tinha provisões suficientes de trigo e outros víveres (...)»²³⁵.

As linhas de abastecimento²³⁶ podiam ser efetuadas por via terrestre ou marítima (principalmente pelo mar Mediterrâneo, mas também por outros mares e rios). As formas de funcionamento das linhas de abastecimento fornecem-nos alguma informação sobre as capacidades militares dos exércitos republicanos romanos. Na *Guerra Alexandrina* é relatado um episódio que retrata as sérias dificuldades no abastecimento por via marítima. Quando o exército do futuro ditador alcançou a Ilíria, era inverno e o tempo estava mau, sendo por isso difícil conseguir provisões, para além do facto de não terem conseguido obter recursos da província, sendo descrito que «(...) era impossível fazer chegar os abastecimentos por via marítima, pois havia tempestades e estava fechada à navegação»²³⁷.

No período republicano, a maior parte das províncias tocava ou estava próxima do mar Mediterrâneo, do Mar Negro ou do Oceano Atlântico. Esta proximidade permitia um sistema de comunicações relativamente eficaz e facilitava a movimentação de provisões e exércitos entre Roma e as suas províncias. O abastecimento por via marítima era menos dispendioso e mais célere do que o efetuado por terra. Ainda assim, esta forma de transporte continha algumas desvantagens, tais como o risco relacionado com a vulnerabilidade às tempestades e a destruição relativamente fácil dos navios.

O transporte marítimo no mar Mediterrâneo obedecia a um calendário específico (dada a dificuldade nas viagens realizadas durante o inverno) que se viabilizaria entre 10 de março e 11 de novembro e só seria verdadeiramente seguro entre 27 de maio e 13/14 de setembro. De acordo com Vegécio, «(...) certos meses são os mais apropriados, alguns são incertos e os restantes são impossíveis para as frotas, de acordo com a lei da natureza»²³⁸. Os generais romanos usualmente cumpriam este calendário e enquadravam as campanhas nesses limites temporais, mas César nem sempre o fez e arriscou viajar em

²³⁴ CAES. *Gal.* 1. 39, p. 88.

²³⁵ CAES. *Gal.* 3. 3, p. 122.

²³⁶ Acrescente-se que as fontes antigas não referem a existência destas linhas de abastecimento. Este facto será compreensível se atendermos a que a logística tem sido um tema negligenciado da história militar. Até os historiadores militares modernos ignoram muitas vezes grande parte dos detalhes sobre o suporte logístico.

²³⁷ [CAES.] *B Alex.* 43, p. 167.

²³⁸ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 4. 39, p. 371.

épocas menos convenientes, como por exemplo em 49 a. C., quando transportou seis legiões e 200 cavaleiros de Lilibeu (*Lilybaeum* – cidade da região da Sicília, atual Marsala) para o norte de África e embarcou a 25 de dezembro²³⁹.

Outro exemplo foi a travessia de Brundísio para a Grécia (48 a. C.) realizada em pleno inverno²⁴⁰. Segundo Plutarco:

«E, forçando a marcha, ultrapassou o resto das forças e, com seiscentos cavaleiros escolhidos e cinco legiões²⁴¹, embora fosse o solstício do inverno, nos princípios de janeiro fez-se ao mar. E, depois de atravessar o Jónio, tomou Órico e Apolónia e mandou os barcos de volta para Brundísio, para os soldados que se tinham atrasado na marcha»²⁴².

Seria prática habitual os Romanos carregarem provisões para o exército em navios mercantes ou navios de transporte que podiam carregar mais de 900 toneladas de trigo²⁴³. Os navios não conseguiam transportar, de uma só vez, todas as provisões para uma campanha e o mais comum seria fazerem várias viagens de ida e volta. Quando necessário, os Romanos transportavam água e lenha por via marítima (apesar deste tipo de transporte ser caro e pouco eficiente). Durante a campanha de Dirráquio (48 a. C.) César impediu a frota pompeiana, comandada por Bíbulo, de obter água ou lenha em terra firme, obrigando-a a trazer esses bens de Corcira em navios mercantes²⁴⁴.

Como vimos, as linhas de abastecimento necessitavam de bases operacionais. Normalmente, existiam armazéns e depósitos necessários para guardar as provisões essenciais para fornecer o exército por uma campanha, ou até mais. Estas linhas de abastecimento pressupunham uma enorme capacidade de organização e grande eficácia na distribuição. Seria também indispensável que as linhas de comunicação se encontrassem livres ou desimpedidas, o que nem sempre acontecia.

Apesar das vantagens estratégicas proporcionadas pelas linhas de abastecimento, os comandantes podiam preferir forragear ou procurar cereal na natureza, por razões táticas, estratégicas ou até económicas. Na prática, o exército romano no terreno usava todas as fontes de abastecimento disponíveis: requisição, forragem e linhas de abastecimento. O comandante menciona diferentes linhas de abastecimento ao descrever

²³⁹ [CAES.] *B Afr.* 2, p. 189-190.

²⁴⁰ Esta situação foi ainda dificultada por Bíbulo (comandante da frota pompeiana) que tentava bloquear e impedir a chegada dos reforços e mantimentos.

²⁴¹ Embora na Guerra Civil (Caes. 3.6, pp.78-79) sejam assinaladas 7 legiões.

²⁴² PLU. *Caes.* 37. 3-4, p. 276. Cf APP. *B. Civ.* 2. 52-53, pp. 96-97.

²⁴³ ROTH 1999: p. 192.

²⁴⁴ CAES. *Civ.* 3. 15, pp. 83-84.

as dificuldades logísticas provocadas por fortes chuvas (49 a. C.), durante a campanha na Hispânia:

«As comunidades nativas que tinham vindo ter com César não conseguiam trazer cereal. Nem os homens que tinham ido à procura de alimentos e que tinham ficado isolados pelos rios, não conseguiam regressar, nem as provisões muito substanciais que vinham de Itália e da Gália chegaram ao acampamento»²⁴⁵.

A segurança das linhas de abastecimento era fundamental para o sucesso militar. Garantir que um exército em campanha recebia o devido abastecimento, apesar das tentativas frequentes do inimigo em interrompê-lo, era algo a ter em conta na guerra romana (e não só). Em cada uma das diferentes vias/linhas utilizadas para se fazer chegar os abastecimentos (terra, mar ou rio), os Romanos tinham de destacar forças militares para garantir a segurança.

Cortar o abastecimento por terra era uma manobra particularmente atrativa para os povos tribais, que não conseguiam habitualmente derrotar os Romanos no campo de batalha, ou através da via marítima. Forças militares menos sofisticadas não tinham infraestruturas suficientemente desenvolvidas para organizar as linhas de abastecimento e viviam meramente do cereal que encontrassem na natureza. A logística colocava as forças «bárbaras» em desvantagem relativamente à excelente organização da máquina militar romana. Os Helvécios, os Bretões, os Suevos e a coligação de Gauleses liderada por Vercingétorix, tentaram usar o abastecimento como arma contra César²⁴⁶, como se encontra explícito, no relato da expulsão dos Germanos (58 a. C.): «Ao aperceber-se que o adversário se mantinha fechado no acampamento e não querendo ter o caminho dos víveres cortado durante mais tempo, César escolheu uma posição vantajosa para acampar, para lá da posição ocupada pelos Germanos, (...)»²⁴⁷.

2.1.3.2. Bases de abastecimento

Se o exército tivesse de operar através de longas distâncias, a base de abastecimento teria de ser deslocada, ou então teriam de se estabelecer outras ao longo do caminho. A base operacional providenciava um lugar para juntar o exército e as suas

²⁴⁵ CAES. *Civ.* 1. 48, pp. 29-30.

²⁴⁶ CAES. *Gal.* 1. 23, pp. 79-80; 4. 30, pp. 151-152.; 7. 14, pp. 219-220.

²⁴⁷ CAES. *Gal.* 1. 49, p. 96.

provisões e podia ser alterada durante a campanha, se a estratégia ou a situação mudassem.

Muitas vezes o exército romano requisitava os alimentos disponíveis nas comunidades locais, os quais eram armazenados nas bases, tal como os cereais recolhidos na natureza. Desta forma, as bases operacionais podiam existir mesmo quando o exército não recorria a linhas de abastecimento.

A base operacional não servia apenas para guardar alimentos, mas também os equipamentos necessários ao exército em campanha. César, na Gália, usou cidades para armazenar um tipo de bagagem que poderia incluir as provisões, o dinheiro do exército, os documentos, a bagagem pessoal do comandante, o comboio do exército e até reféns. Durante a grande rebelião liderada por Vercingétorix, no inverno de 52 a. C., o exército romano passava por dificuldades no abastecimento, pois não tinha havido tempo para recolher alimentos e transportar animais e é retratado o seguinte:

«(...) se, durante o resto do Inverno, [César] mantivesse as suas legiões nos aquartelamentos, temia que a redução de um povo tributário dos Éduos pudesse provocar a defecção de toda a Gália, (...) se as mandasse sair dos seus aquartelamentos demasiado cedo, temia que a dificuldade dos transportes perturbasse o aprovisionamento. (...) Deixando duas legiões e as bagagens de todo o exército em Agêndico, parte para o país dos Boios»²⁴⁸.

Na base operacional também eram guardadas armas e armaduras. O autor da *Guerra Africana* (46 a. C.) relata que na cidade de Uzita se encontrava «(...) uma grande quantidade de cereal, armas, misseis e outras provisões, sob a proteção de uma pequena força»²⁴⁹.

As bases operacionais poderiam estar posicionadas em portos de rios. César usou frequentemente portos para apoiar as suas campanhas militares quando operava no interior dos territórios. Na *Guerra das Gálias*, em 58 a. C., acelera a marcha para atingir a cidade de Vesonção (a cidade mais forte dos Séquanos) afirmando o seguinte:

«(...) uma vez que ela estava abastecida com tudo o que era necessário para a guerra e tão fortificada pela sua própria localização que oferecia grandes facilidades para fazer durar as hostilidades: o rio Doubs cerca a cidade quase por completo, formando um círculo perfeito (...)

²⁴⁸ CAES. *Gal.* 7. 10, pp. 217-218.

²⁴⁹ [CAES.] *B. Afr.* 89, p. 237.

César marcha em direção à cidade, dia e noite, fazendo etapas muito grandes, apodera-se da cidade e aí coloca uma guarnição»²⁵⁰.

Noutro episódio referente ainda à grande sublevação da Gália, em 52 a. C., César expõe da seguinte forma a atuação dos Gauleses:

«Eles próprios recrutaram tropas nas regiões vizinhas, colocaram guarnições e fortificações nas margens do Loire e mostraram por todo o lado a sua cavalaria para semear o terror, na esperança de cortarem os víveres aos Romanos e de os forçarem, pela fome, a evacuar o país e a irem para a Província. O que os fazia ter essa esperança, era o facto do Loire ter engrossado de tal forma com o degelo que não parecia possível passá-lo a vau em nenhum sítio»²⁵¹.

Geralmente, os Romanos usavam as cidades como bases operacionais, mas, quando estavam em campanha numa região com poucas áreas urbanas, podiam construir uma base de raiz. César transformou alguns acampamentos em bases operacionais, como ficou registado na descrição das operações militares no Norte da Gália:

«(...) dividiu as suas tropas em três grupos e juntou as bagagens de todas as legiões em Aduátua. É o nome duma fortificação, situada quase no meio do país dos Eburões, onde Titurius e Aurunculeius tinham tido os seus quartelamentos de Inverno. Essa posição agradava bastante a César porque os entrincheiramentos do ano anterior ainda permaneciam intactos, o que aligeirava o esforço dos soldados»²⁵².

O exército romano em campanha construía e fortificava o acampamento de marcha²⁵³ todos os dias e este podia também servir de base táctica. Um bom acampamento garantia a segurança do exército.

A base operacional também funcionava como local seguro para juntar forças antes das campanhas, como acontecia nos acampamentos de inverno (*castra hiberna*). Quando a guerra não terminava nesta fase, o exército retirava para os acampamentos de inverno, principalmente devido à falta de comida disponível para os animais e também porque o início do inverno tornava difícil o transporte de provisões para zonas distantes²⁵⁴.

²⁵⁰ CAES. *Gal.* 1. 38, p. 88.

²⁵¹ CAES. *Gal.* 7. 55, p. 240.

²⁵² CAES. *Gal.* 6. 32, p. 204.

²⁵³ Sublinhe-se que a standardização e delegação de trabalho permitia aos Romanos construir e fortificar rapidamente. As considerações logísticas seriam fundamentais no planeamento e na localização destes acampamentos de marcha. Sobre os acampamentos de marcha, veja-se a nota ???

²⁵⁴ O exército deixava estes acampamentos no início da primavera, usualmente em março.

Em 58 a. C., após a expulsão dos Germanos, é reproduzido o seguinte: «César, que tinha terminado duas grandes guerras num só Verão, levou o seu exército para o acampamento de Inverno, junto dos Séquanos, um pouco mais cedo do que a estação o exigia»²⁵⁵. Outro exemplo relativo a este assunto relaciona-se com a descrição da captura da cidade fortificada dos Atuáticos, no ano de 57 a. C., onde se relata o seguinte: «[César] Levou as suas legiões para os seus aquartelamentos de Inverno no território dos Carnutos, dos Andes, dos Turónios e dos povos vizinhos das regiões onde tinha feito a guerra, e partiu para Itália»²⁵⁶.

Quando a situação militar assim o exigia, César permanecia junto dos seus soldados nestes acampamentos de inverno em vez de se dirigir para a Gália Transalpina (como fazia sempre que começava o inverno). Devido à gravidade das revoltas que se deram na Gália do Norte e Central, no ano de 53 a. C., César escreve o seguinte: «(...) Decide que ele próprio e três legiões passarão o Inverno em três acampamentos, à volta de Samarobriua. A importância dos distúrbios que tinham rebentado na Gália determina-o a permanecer, ele próprio, o Inverno todo junto do exército»²⁵⁷.

As bases táticas tinham uma função semelhante às bases operacionais. À medida que o exército se deslocava e avançava também a base tática avançava e a anterior seria, por vezes, convertida em “depósitos”, formando uma linha de abastecimento para voltar à base operacional²⁵⁸.

O exército proconsular usou a Gália Transalpina e a Itália para se abastecer durante as campanhas na Gália (entre 58-51 a. C.), como ficou registado no relato da grande sublevação de 52 a. C.: «Novioduno era uma cidade dos Éduos, situada nas margens do Loire, numa posição muito vantajosa. César tinha aí reunido todos os reféns da Gália, trigo, dinheiro das caixas públicas e uma grande parte das suas bagagens e das do exército»²⁵⁹.

Também na *Guerra Civil* contra os Pompeianos, César usou a Itália, a Sicília e a Sardenha como bases de abastecimento. Na descrição da *Guerra Africana* (46 a. C.) o autor afirma que o exército consular passava por dificuldades devido às suas fortificações

²⁵⁵ CAES. *Gal.* 1. 54, p. 99.

²⁵⁶ CAES. *Gal.* 2. 35, pp. 119-120.

²⁵⁷ CAES. *Gal.* 5. 53, p. 185.

²⁵⁸ Acrescente-se que as bases operacionais diferem de depósitos de abastecimento: as bases operacionais juntavam produtos de diferentes fontes, armazenados e contabilizados e depois enviados para o exército (em campanha), e os depósitos eram usados como bases intermédias. Sobre este assunto consulte-se ROTH 1999: pp.187-188.

²⁵⁹ CAES. *Gal.* 7. 55, p. 239.

se encontrarem cercadas por pompeianos²⁶⁰, acrescentando que «(...) as forças de César estavam com falta de alimentos, porque não tinham chegado as provisões da Sicília nem da Sardenha (...)»²⁶¹.

Antes da campanha de Ilerda, em 49 a. C., César fez planos para trazer os abastecimentos para as suas tropas, a partir de Itália e da Gália, mas o transporte foi bloqueado pelos pompeianos. Para além disso, uma forte tempestade terá provocado uma inundação e a destruição das pontes construídas pelo exército de César, o que trouxe graves problemas:

«Nesta ocasião caiu tanta neve de todas as montanhas que transbordou as margens do rio e destruiu, num só dia, as duas pontes que Gaio Fábio construiu. Isto trouxe grandes problemas ao exército de César. (...) As comunidades nativas que tinham vindo ter com César não conseguiam trazer cereal. Nem os homens que tinham ido à procura de alimentos e que tinham ficado isolados pelos rios, não conseguiam regressar, nem as provisões muito substanciais que vinham de Itália e da Gália puderam chegar ao acampamento»²⁶².

A importância das provisões exigia que estivessem guardadas num lugar seguro, protegidas de roubos, destruição ou degradação. A falta de um armazenamento adequado durante a campanha africana (46 a. C.) levou à destruição de uma grande quantidade de provisões devido a uma tempestade de chuva e granizo, que também derrubou os abrigos onde se encontravam os soldados, pois César não conseguiu manter o exército nos acampamentos de inverno²⁶³. O autor desta narrativa especifica o seguinte:

«Os abrigos foram destruídos pelo peso do aguaceiro repentino e pelo granizo que se seguiu, tendo sido arrastados e quebrados pela força da água; a noite tempestuosa apagou as fogueiras (...) os soldados vagueavam sem rumo pelo acampamento, cobrindo as cabeças com os escudos»²⁶⁴.

²⁶⁰ Perto de Adrumeto, Cipião juntara-se com as tropas de Labieno e Petreio, e a sua cavalaria não permitia que os soldados inimigos saíssem das fortificações para procurarem água e alimentos, provocando uma grave escassez destes bens essenciais.

²⁶¹ [CAES.] *B. Afr.* 24, p. 201.

²⁶² CAES. *Civ.* 1. 48, p. 29.

²⁶³ Refira-se que, no transporte da Sicília para África, César não conseguiu levar quaisquer bens a não ser os próprios soldados e, em África, não comprou nada e consumiram tudo o que tinham devido à falta de cereal. Os soldados encontravam-se enfraquecidos pela escassez de alimentos.

²⁶⁴ [CAES.] *B Afr.* 47, p. 214. «The shelters were overpowered by the weight of the sudden downpour and the hail which followed, and washed away and broken apart by the force of the water; the stormy night put out the fires; (...) the soldiers wandered aimlessly about the camp holding their shields above their heads».

As bases operacionais deviam ser controladas (em termos administrativos) pelo comandante. Durante a *Guerra Civil* (48 a. C.) César colocou algumas bases operacionais sob o comando de indivíduos da sua confiança, como os legados. Enviou dois deles, Quinto Tílio e Lúcio Canuleio, ao Epiro (província romana que compreendia a região da atual Albânia e a região noroeste da atual Grécia), para se encarregarem do abastecimento de cereal. Deviam instalar bases operacionais²⁶⁵ em locais específicos e informar as comunidades circundantes para entregarem o cereal necessário²⁶⁶.

Ao armazenarem uma grande porção dos abastecimentos, as bases operacionais tornavam-se alvos tentadores e exigiam alguma segurança. Quando o exército se retirava de uma determinada base, era conveniente deixar uma guarnição para guardar os bens aí armazenados. Na Gália, durante a fase da expulsão dos Germanos, César descreve o seguinte:

«Após três dias de marcha, anunciam-lhe que Ariovisto marchava, com todas as suas tropas, sobre Vesonção, a cidade mais forte dos Séquanos, e que já estava apenas a três dias de marcha dos seus limites. César pensou que seriam precisos todos os esforços para o impedir de tomar essa cidade, uma vez que estava abastecida com tudo o que era necessário para a guerra e tão fortificada pela sua própria localização que oferecia grandes facilidades para fazer durar as hostilidades (...) César marcha em direção à cidade, dia e noite, fazendo etapas muito grandes, apodera-se da cidade e aí coloca uma guarnição»²⁶⁷.

As linhas de abastecimento assim como as bases operacionais contribuíram para que César conseguisse manter uma logística adequada às necessidades de cada campanha.

Segundo Goldsworthy, a escassez de alimentos resultante do rompimento ou de falhas do abastecimento foi muitas vezes usada por César para explicar a sua própria ação ou a dos exércitos inimigos. Qualquer exército, por muito eficaz que fosse no combate, seria inútil se não houvesse um sistema adequado que permitisse a alimentação e manutenção do mesmo no terreno.

²⁶⁵ O termo é, por vezes, traduzido por celeiros.

²⁶⁶ CAES. *Civ.* 3. 42, p. 99.

²⁶⁷ CAES. *Gal.* 1. 38, p. 88.

2.1.4. Transporte e infraestruturas logísticas

Na estrutura militar romana seria normal que cada exército fosse responsável por carregar os abastecimentos necessários, mas esta capacidade dependia da carga transportada por cada soldado individualmente, assim como dos animais de carga e de tração que constituíam o comboio de transporte de bagagens/abastecimento (*impedimenta*)²⁶⁸. A expressão “comboio de bagagens” aplica-se ao transporte em carruagens ou carroças puxadas por mulas²⁶⁹. Os cavalos não eram usados para transporte de carga, mas sim como montada dos oficiais e da cavalaria em geral. Os animais utilizados para transportar materiais e comida eram os burros, as mulas e os bois²⁷⁰. O exército devia ter uma proporção ajustada de animais para o transporte de cargas, mas muitos eram comprados ou requisitados no início da guerra e o tipo de animais empregue pelo exército estava condicionado pela disponibilidade local (mais do que pela eficiência do animal).

Para além do comboio de bagagens, deve atender-se a que cada *contubernium*²⁷¹ de oito homens tinha uma mula para transportar a sua tenda, o moinho de mão e a bagagem mais pesada²⁷².

Reduzir o comboio de bagagens, transferindo o peso para as costas dos soldados foi algo pensado por Gaio Mário, responsável pela introdução da mochila (*sarcina*). De

²⁶⁸ Sobre este assunto consulte-se ROTH 1999: p. 68. Sublinhe-se que os números encontrados nas fontes não permitem apurar a sua veracidade e mesmo que sejam certos é difícil conseguir reproduzir qual seria o tamanho típico e qual o peso que poderiam carregar estes comboios. Existem algumas passagens que confirmam a presença de animais de carga e de tração, tal como dos comboios de bagagens que acompanhariam o exército romano em campanha, mas não fornecem qualquer detalhe ou pormenor específico que permita a reconstrução deste sistema de transporte. Cf. GOLDSWORTHY 1996: pp. 288-289.

²⁶⁹ ROTH (1999: p. 208) defende que os historiadores subestimaram o uso de carroças, porque César (a maior fonte de estudo para a prática militar) normalmente não usava esse termo. Para este historiador isto parece uma idiossincrasia de César, pois os Romanos usavam-nas rotineiramente.

²⁷⁰ Acrescente-se que a mula era o animal de carga preferido, pois movia-se rapidamente e carregava tanto peso como um cavalo (mas comia menos). Em relação aos animais de tração, refira-se o boi, que podia puxar até 181 kgs, mas precisava de pastar durante seis horas. Sobre este tema veja-se GOLDSWORTHY 1996: pp. 292-295.

²⁷¹ Palavra que se refere aos homens que serviam no mesmo exército e viviam na mesma tenda; cada tenda era ocupada por dez soldados (*contubernales*) liderados por um oficial subordinado (*caput contubernium* ou *decani*). Segundo especifica Vegécio (*Epitoma Rei Militaris* 2. 8., p. 227), «havia os *decani* colocados à frente de dez soldados, que agora se chamam *caput contubernii*». Eram usualmente jovens romanos de famílias aristocráticas ou equestres, que acompanhavam um general nas suas expedições ou na sua província com o propósito de adquirirem experiência e treino prático na arte da guerra ou na administração dos assuntos públicos e viviam como soldados, na mesma tenda. Recorde-se que, na sua juventude, César foi um dos *contubernales* no cerco de Mitilene, em Lesbos, onde recebeu a coroa cívica por salvar a vida a um companheiro.

²⁷² GOLDSWORTHY 1996: pp. 289-290.

acordo com Frontino, os Romanos esperavam que cada soldado carregasse, pelo menos, a sua ração:

«Com o objetivo de limitar o número de bestas de carga, que prejudicavam particularmente a marcha do exército, Gaio Mário mandou os seus soldados fazerem trouxas com os seus utensílios e alimentos e transportarem-nas penduradas em forçados. Deste modo, aguentariam melhor o peso e poderiam descansar mais facilmente. Esta é a origem da expressão ‘mulas de Mário»²⁷³.

Na *Guerra Civil*, (49 a. C.) na descrição das complexas manobras efetuadas em Ilerda, César faz referência ao transporte individual de grão por parte dos seus legionários, assinalando que os soldados do inimigo tinham «(...) transportado rações para vinte e dois dias (...)»²⁷⁴. Na narrativa da *Guerra Africana*, referindo-se à fase anterior à Batalha de Tapso, em 46 a. C., o seu autor menciona o transporte individual: «(...) [Labieno] aproximou-se das legiões de forma mais audaciosa, pois considerava que os soldados estavam cansados com o peso das coisas que transportavam e seriam incapazes de lutar (...)»²⁷⁵.

Vegécio corrobora a ideia de que os soldados teriam de transportar cargas individuais (por vezes pesadas), sendo para isso necessário treino e hábito. A chave estaria na distribuição apropriada do peso pelo corpo²⁷⁶. O tratadista afirma que cada soldado romano carregaria aproximadamente vinte quilos:

«Os jovens também devem ser muito frequentemente obrigados a carregar um peso até 60 libras [20 quilos] e a fazer um percurso em marcha militar, pois em expedições difíceis surge a necessidade de eles carregarem ao mesmo tempo a anona e as armas»²⁷⁷.

Os soldados romanos também carregavam ferramentas e instrumentos para a construção dos acampamentos ou para situações de entrincheiramento, o que aumentaria o peso ou a carga que transportavam. César relata uma situação, na *Guerra das Gálias* (57 a. C.) na qual as tropas já estavam a entrincheirar-se, quando o comboio das bagagens chegou:

²⁷³ FRON. *Str.* 4. 1, p. 171.

²⁷⁴ CAES. *Civ.* 1. 78., p. 43.

²⁷⁵ [CAES.] *B. Afr.* 75, p. 229.

²⁷⁶ O soldado romano seria treinado para carregar um peso considerável, no entanto, não se sabe qual seria o peso padrão (se é que existia). Este assunto é controverso e continua a ser matéria de disputa entre os historiadores. A diferença entre as opiniões relativas ao peso transportado pelos soldados é significativa e pode ir dos 20 até aos 40-45 kgs, se incluirmos as armas, roupas, ferramentas e equipamento.

²⁷⁷ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 1. 19, p. 199.

«César tinha efetivamente colocado à frente, como era costume, as seis legiões e atrás delas as bagagens de todo o exército. Seguiam depois duas legiões, as que tinham sido recrutadas mais recentemente, que fechavam a marcha e protegiam as bagagens. (...) as seis legiões que tinham chegado primeiro traçaram o recinto do acampamento e começaram a fortificá-lo»²⁷⁸.

Preparar o comboio de bagagens do exército seria uma parte integrante do planeamento de cada campanha. O tamanho do comboio do exército variava de acordo com as necessidades da campanha ou das decisões logísticas tomadas pelo comandante. A estimativa do número de animais de carga necessários por legião varia bastante²⁷⁹.

Há poucas referências explícitas em relação ao que seria transportado. Apesar de alguma comida poder ser transportada individualmente por cada soldado, a maioria das provisões do exército romano era transportada pelo comboio respetivo. Goldsworthy refere que havia uma grande quantidade de bagagem transportada por cada legião. Cada centurião possuía uma tenda pessoal e uma considerável quantidade de bagagem; também os oficiais seniores da legião (legados, tribunos e prefeitos) deviam transportar uma pesada bagagem pessoal. A administração da legião precisava de vasta documentação requerida pelo exército e, para além disso, havia o equipamento e as ferramentas necessárias à manutenção das armas e armaduras, tal como a maquinaria essencial para os trabalhos de cerco.

No que se refere à forma como se executaria a marcha com o comboio de bagagens, Vegécio apresenta o que seria a ordem de marcha ideal:

«Por isso, os cavaleiros devem ser os primeiros a iniciar a marcha, depois os peões; as bagagens, as bestas de carga, os serventes e as carroças devem ser colocadas no meio, de forma a que as tropas ligeiras de peões e de cavaleiros venham a seguir»²⁸⁰.

Na Hispânia, em 49 a. C., as tropas de Pompeio entenderam que o inimigo podia estar a sofrer de problemas logísticos, porque marchavam sem animais de carga e sem o comboio de bagagens, como é mencionado na seguinte descrição:

²⁷⁸ CAES. *Gal.* 2. 19, p. 112.

²⁷⁹ Segundo Roth (1999: p. 82) seriam necessários entre 1200 e 1500 animais. Para Goldsworthy (1996: pp. 288-290), haveria 70 “vagões” com 160 animais só para transportar a artilharia de uma legião. No total seriam aproximadamente 640 mulas por legião.

²⁸⁰ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 3. 6, p. 273.

«(...) e a sua opinião foi reforçada pela visão de homens que tinham partido em marcha sem bagagem, sem animais e sem equipamento, o que os convenceu de que não seria possível a tal força suportar uma escassez de alimentos durante muito tempo»²⁸¹.

Quando atravessava da Sicília para África, em 47 a. C., César ordenou aos soldados que embarcassem apenas com as suas armas, ou seja, sem bagagem ou escravos, dando a ideia de que o comboio de bagagens ficou para trás²⁸².

O exército romano republicano transportaria já uma razoável quantidade de equipamento, provisões e animais. Por sua vez, o comboio das bagagens permitia-lhe capacidade de movimento e abastecimento, mas, caso fosse demasiado grande, poderia limitar a velocidade do exército, causando problemas de mobilidade. Outro constrangimento associado ao peso transportado eram os bens materiais dos oficiais, por vezes excessivos, constituídos pelo seu equipamento pessoal e pelos seus escravos ou serventes. Na travessia para a Sicília, em 47 a. C., é identificado o caso de Gaio Aveno (tribuno militar da X legião), que ocupou uma embarcação de transporte e encheu-a com os seus escravos domésticos e animais de tração, sem carregar um único soldado. Este comportamento foi severamente criticado e punido por César²⁸³.

Proteger o comboio e mantê-lo em segurança (mesmo durante as batalhas) era um aspeto muito importante para se garantir uma segurança apropriada, e fazia parte das responsabilidades do comandante. O acampamento de marcha poderia servir de lugar seguro para a bagagem, antes da batalha.

A legião romana não tinha soldados não-combatentes, mas usavam-se escravos e pessoas livres (ou não militares) como serventes e artesãos, para providenciarem suporte logístico²⁸⁴. A distinção entre as categorias de não-combatentes, ao tempo da República, não se encontra esclarecida. O autor da *Guerra Africana*, na descrição da batalha de Tapso (46 a. C.), menciona a presença de um não-combatente, não-armado, a ser esmagado por um elefante e também “laciaios” a lutarem com pedras e dardos²⁸⁵. Na Batalha do Sambre, em 57 a. C., é feita uma alusão à existência de criados (*calones*):

²⁸¹ CAES. *Civ.* 1. 69, p. 39, «(...) and their opinion was much reinforced by the sight of men who had set out on a march without baggage animals or equipment, a thing which convinced them that it would not be possible for such a force to endure a shortage of food for very long».

²⁸² [CAES.] *B. Afr.* 47, pp. 213-214.

²⁸³ [CAES.] *B. Afr.* 54, pp. 217-218.

²⁸⁴ Sublinhe-se que não há números certos sobre os não-combatentes no exército romano. Sobre este assunto, veja-se LE BOHEC 2001: p. 88. Cf. ROSENSTEIN 2017: p. 93.

²⁸⁵ [CAES.] *B. Afr.* 84-85, pp. 233-235.

«E os criados que, do cimo da colina junto à porta decumana, tinham visto os nossos atravessar o rio como vencedores, saíram para recolher os despojos. Foi então que, ao virarem-se, viram o inimigo no nosso acampamento e começaram a fugir de cabeça baixa»²⁸⁶.

Também havia mercadores ou comerciantes que vendiam bens ao exército a título particular e que seguiam a coluna de marcha por sua própria conta e risco. Também eles cumpririam um papel no abastecimento do exército em tempo de guerra²⁸⁷. Num episódio da *Guerra Africana* (46 a. C.) o autor, referindo-se a Labieno, afirma: «Cortou os comboios de bagagens dos comerciantes que transportavam as suas mercadorias em carroças»²⁸⁸. Os exércitos romanos (pelo menos os mais disciplinados) não permitiam mercadores dentro dos acampamentos.

Nas operações militares no norte da Gália, em 53 a. C., César dividiu o seu exército em grupos e juntou as bagagens de todas as legiões em Aduátuca (usando o entrincheiramento do ano anterior), deixando Cícero ao comando de uma legião:

«Seguindo as instruções de César, Cícero tinha mantido cuidadosamente, nos dias anteriores, os seus soldados no acampamento, não permitindo sequer a um criado sair do entrincheiramento. (...) manda cinco coortes buscar trigo aos campos mais próximos, que apenas uma colina separava do acampamento. Havia, neste acampamento, muitos doentes, deixados pelas legiões. Cerca de *trezentos*, que se tinham restabelecido entretanto, são mandados sob a mesma insígnia que as coortes. Além disso, uma multidão de criados recebe autorização para os acompanhar, com uma quantidade de animais de carga que tinham ficado no acampamento. Logo por acaso, nesse preciso momento, aparecem os cavaleiros germanos que de imediato, e sem abrandar, tentam penetrar no acampamento pela porta decumana. Os bosques, que tapavam a visão desse lado, impediram que eles fossem vistos antes de estarem já muito próximos, de forma que os mercadores, que tinham as suas tendas na base da muralha, não tiveram tempo de recuar»²⁸⁹.

Os escravos eram utilizados pelos soldados ou pelo exército como um todo, quer fossem propriedade privada ou pertencessem ao estado (não há referência nas fontes sobre a sua condição). Estes escravos militares estavam sujeitos à disciplina do exército e a intervir caso fosse necessário.

Para além dos serventes militares permanentes ligados às legiões e unidades auxiliares, o exército romano devia ter outras categorias de não-combatentes, como

²⁸⁶ CAES. *Gal.* 2. 24, p. 115.

²⁸⁷ ROTH 1999: p. 100.

²⁸⁸ [CAES.] *B. Afr.* 75, p. 229.

²⁸⁹ CAES. *Gal.* 6. 36, pp. 206-207.

alguns trabalhadores civis requisitados. Animais e condutores, incluindo escravos e pessoas livres deviam ser requisitadas para transportarem as provisões. As principais funções dos serventes militares consistiam em atividades logísticas como ajudar na procura de cereal, moer e cozinhar, assim como carregar equipamentos e víveres.

A construção de estradas, pontes e canais era muitas vezes necessária para facilitar a movimentação de soldados e comboios de carga. No final do século III a. C., os Romanos tinham já construído uma rede de estradas no interior de Itália e, à medida que o território aumentava, as estradas romanas passaram a circundar todo o mar Mediterrâneo. A rede de estradas primárias terá sido construída por razões militares e os comerciantes que as utilizaram foram beneficiários indiretos. Apesar de não serem pavimentadas, permitiram o desenvolvimento do transporte terrestre e a comunicação entre as províncias²⁹⁰.

As pontes eram uma parte fundamental do sistema de transporte romano. Construídas em pedra, eram sólidas e resistentes (de tal forma que ainda sobrevivem e são usadas nos nossos dias); no entanto, o exército em campanha construía também, muitas vezes, pontes de madeira para facilitar a rápida movimentação de homens e abastecimentos.

No primeiro ano da *Guerra das Gálias* (58 a. C.), os Romanos construíram uma ponte para perseguirem os Helvécios sobreviventes, após o exército proconsular ter massacrado os Tigurinos a leste do rio Saône: «Os Helvécios, transtornados pela súbita chegada de César, que tinha concretizado num único dia o que eles tinham tido muita dificuldade em efetuar em vinte (...)»²⁹¹. Para além da rápida e eficaz construção de estruturas como pontes, César conseguia movimentações rápidas do seu exército, o que representava uma poderosa vantagem militar ao surpreender o inimigo e impedir a capacidade de organização de uma defesa efetiva.

Em 55 a. C., César descreve, com grande detalhe, a construção de uma ponte sobre o rio Reno, durante as operações militares na Germânia. Este terá sido um trabalho concretizado em dez dias:

«César (...) tinha decidido passar o Reno. Mas a travessia em barcos parecia-lhe um meio pouco seguro e pouco adequado à sua dignidade e à do povo romano. Por isso e apesar da extrema

²⁹⁰ Sublinhe-se que, apesar de haver muitos especialistas no exército que podiam construir estradas, o mesmo não tinha unidades de engenharia separadas, ou subunidades destacadas para esse efeito.

²⁹¹ CAES. *Gal.* 1. 13, p. 73.

dificuldade para se construir uma ponte, devido à largura, rapidez e profundidade do rio, ele pensava no entanto ter de tentar o empreendimento ou, então, renunciar à travessia do exército»²⁹².

No ano de 53 a. C., quando aparentemente a paz estava estabelecida na Gália, César decidiu a construção de uma nova ponte para chegar à Germânia, estabelecendo uma segunda travessia sobre o rio Reno:

«César, (...) resolveu, por duas razões, passar o Reno. Uma dessas razões era o facto dos Germanos terem mandado auxílios aos Tréveros para lutarem contra ele; a outra era por temer que Ambiorix estivesse refugiado no seu território. (...) decidiu construir uma ponte, um pouco mais acima do local onde outrora passara o seu exército. O modo de construção era conhecido e tinha dado provas. Graças ao grande empenho dos soldados, a obra fica terminada em poucos dias»²⁹³.

Para o transporte das provisões militares e de produtos comerciais, os Romanos preferiram rios a estradas. Vários rios navegáveis forneciam acesso a regiões importantes, tais como o Ródano à Gália, o Reno à Germânia ou o Nilo à Etiópia. Segundo Goldsworthy, se o exército avançava ao longo de um rio navegável ou perto da costa, os materiais transportados, especialmente o grão, podiam ser transportados por água²⁹⁴.

A proteção do transporte quer terrestre, quer marítimo, seria muito importante em tempos de guerra, pois as ações dos inimigos podiam afetar seriamente o abastecimento. Os produtos transportados por via marítima seriam mais difíceis de atacar do que por terra. Uma prática relativamente comum consistia no patrulhamento da água, na esperança de descobrir os navios de abastecimento dos inimigos.

Apesar da preferência pelas vias fluviais, os Romanos usavam sobretudo o transporte terrestre para a movimentação das provisões necessárias para os seus exércitos em campanha, pois apresentava algumas vantagens, como permitir a movimentação de grandes quantidades de cereal por longas distâncias, não se encontrar limitado aos meses

²⁹² CAES. *Gal.* 4. 17-18, pp. 144-145. Acrescente-se que não terá sido apenas a dignidade do povo romano que terá estado na base da construção da ponte, mas sim, provavelmente, fatores logísticos, como a do estabelecimento de um meio que permitisse a passagem do exército e do seu comboio de abastecimento e também a comunicação segura entre as duas margens. Através destas construções, os Romanos conseguiam também mostrar de forma inequívoca a sua superioridade ao nível da engenharia e da tecnologia. Sobre este assunto, consulte-se LE BOHEC 2001: pp. 217-220.

²⁹³ CAES. *Gal.* 6. 9, p. 193.

²⁹⁴ GOLDSWORTHY 1996: p. 289.

de verão e não sofrer a deterioração provocada pela água. Apesar disso, este tipo de transporte implicava uma despesa elevada e poderia estar sujeito a grande lentidão²⁹⁵.

2.1.5. Logística na Guerra de Cerco

Durante o período da atividade militar de César (entre 58 e 45 a. C.) ter-se-ão realizado vinte e nove cercos (dos quais dezassete foram executados pelo próprio). Segundo Campbell, os cercos efetuados pelos Romanos inseriam-se resumidamente em duas categorias: i) o cerco tradicional (bloqueio) que envolvia o isolamento do inimigo e a interceção das provisões, de forma a induzir a submissão dos sitiados; ii) o assalto, que poderia implicar escalar as muralhas da cidade sitiada ou forçar a entrada, o que requeria o uso de maquinaria de cerco²⁹⁶.

Os vários cercos efetuados sob o comando de César, realizados quer na *Guerra das Gálias*, quer na *Guerra Civil*, demonstram a extraordinária capacidade de liderança e comando do grande general, pois representavam operações militares complexas. Cercar uma cidade para prevenir o fornecimento exterior seria uma via para conseguir a rendição sem recorrer a uma batalha e constituiu uma forma de guerra que muito utilizou, apesar de esta não possuir a mesma visibilidade historiográfica das batalhas campais.

A logística desempenhava um papel especialmente importante na guerra de cerco, sendo premente a questão do transporte da maquinaria necessária ao trabalho de cerco. Cada legião tinha de transportar o equipamento e as ferramentas necessárias para a manutenção e reparação das armas e armaduras, assim como os instrumentos e a maquinaria exigidos para o trabalho de cerco. A quantidade envolvida é desconhecida, mas seria parte importante do comboio de bagagens. Vegécio indica o que era necessário para o transporte da artilharia de cada legião:

«Mas a legião costuma vencer não só devido ao número de soldados, mas também ao tipo de ferramentas. (...) cada centúria costuma ter a sua carroballista, a que são atribuídas mulas para as puxar e um só *contubernium*, isto é, onze homens, para as armar e direcionar. (...)». No final desta passagem, o célebre compilador acrescenta: «(...) direi que a legião deve levar consigo para

²⁹⁵ Segundo Roth (1999: p. 200) a vantagem seria ao nível estratégico e tático. Trazer provisões por terra proporcionava uma maior flexibilidade nas manobras executadas. Para este historiador, os Romanos conseguiam abastecer os seus exércitos por terra ao longo de 100 quilómetros.

²⁹⁶ CAMPBELL 2019: pp. 241-262. Segundo este historiador, os Romanos preferiam claramente a segunda forma. Para este assunto, consulte-se um quadro do mesmo autor (*ibid.*: pp. 250-251) que inclui todos os cercos efetuados por César durante as duas guerras e a respetiva categorização.

toda a parte todo o material que se julga ser necessário em qualquer tipo de guerra para que, em qualquer lugar em que montar o acampamento, o transforme numa cidade armada»²⁹⁷.

Previamente à realização dos cercos era necessário abastecer a cidade e os defensores tinham de armazenar tudo o que fosse possível. O abastecimento e o armazenamento de víveres constituíam a chave para a resistência das cidades sitiadas. Segundo Vegécio:

«Em toda a campanha, a arma, por si só, mais importante é que os víveres sejam suficientes (...) antes de se começar uma guerra, deve deliberar-se cuidadosamente acerca das provisões e das despesas para que forragens, trigo e outros tipos de provisões, que o costume exige aos habitantes das províncias, sejam reclamados o mais cedo possível e para que uma quantidade maior do que aquela que é suficiente seja sempre armazenada em lugares convenientes para o efeito e muito bem protegidos»²⁹⁸.

Durante a realização dos cercos, introduzir provisões numa cidade sitiada por um inimigo era um grande desafio. Em relação a este tema, Frontino recorda o seguinte:

«Durante a Guerra Civil, a cidade hispânica de Ategua, pertencente ao partido de Pompeio, encontrava-se bloqueada. Uma noite, um mouro, fingindo-se passar por um 'vice-tribuno' pertencente ao partido cesariano, interpelou algumas sentinelas e obteve a senha. Fez o mesmo com outras, e ao manter este logro, conseguiu levar reforços a Pompeio pelo meio das tropas de César»²⁹⁹.

A importância do abastecimento anterior aos cercos ou durante os mesmos é demonstrada por César na Gália, quando chega à cidade de Gergóvia (52 a. C.) e descreve:

«Nesse mesmo dia, depois duma ligeira escaramuça de cavalaria, fez o reconhecimento da cidade e, ao vê-la situada sobre uma altíssima montanha, cujos acessos eram todos difíceis, ficou desesperado por pensar que não conseguiria tomá-la de assalto. Quanto ao cerco, resolveu não pensar nele antes de ter providenciado ao aprovisionamento de trigo»³⁰⁰.

Os bons comandantes, quando preparavam um cerco, teriam de se certificar de que organizavam da melhor forma o abastecimento. Após cercar a cidade de Alésia, em

²⁹⁷ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 2. 25, pp. 249-251.

²⁹⁸ VEGETIUS *Epitoma Reis Militaris*, 3. 3, pp. 261-263.

²⁹⁹ FRON. *Str.* 3. 14, p. 159.

³⁰⁰ CAES. *Gal.* 7. 36, p. 230.

52 a. C., César afirmou que seria necessária a recolha de cereal que desse para trinta dias: «Mesmo que as forças envolvidas fossem muito superiores, não podiam investir contra os postos de defesa ou obrigá-los a exporem-se ao perigo de sair do acampamento. Ordenou que todos os soldados arranjassem forragem e trigo para trinta dias»³⁰¹. Na construção das fortificações e das famosas linhas de circunvalação e contravalção que envolveram este cerco³⁰², César revela uma dupla preocupação: por um lado, a necessidade de construir as fortificações e por outro, a de enviar os seus soldados à procura de cereal, o que reduzia os efectivos disponíveis nos trabalhos de engenharia. «Era preciso ao mesmo tempo que se ia buscar materiais e trigo, fazer também essas enormes fortificações, com os nossos efectivos reduzidos pelos destacamentos que tinham de se deslocar para longe do acampamento»³⁰³.

O desenlace deste famoso cerco foi consequência, não só da resistência dos Romanos a todas as tentativas de surtidas efetuadas pelos Gauleses e aos sucessivos ataques feitos pela força de resgate que se encontrava no exterior das linhas construídas pelo Romanos, mas também da fome que assolou os sitiados³⁰⁴. Sem recursos e sucessivamente derrotados, os Gauleses admitem a derrota e Vercingétorix entrega-se aos Romanos³⁰⁵.

Muitas vezes as forças sitiadas rendiam-se ou cediam devido a motivos vários, sendo o mais recorrente a fome, mas também perante a constatação da superioridade tecnológica do inimigo. Na Gália, em 57 a. C., no cerco de Novioduno, César tentou executar um assalto que foi prontamente contido pelos sitiados; por isso, recorreu à maquinaria de cerco deslocando para o local torres móveis de assalto e manteletes³⁰⁶. A mera visualização deste aparato militar levou à rendição desse povo (os Suessiões):

³⁰¹ CAES. *Gal.* 7. 74, p. 250.

³⁰² O cerco de Alésia constituiu um exemplo da perícia e técnica utilizadas pelo exército romano devido à sofisticação das obras de fortificação. Grande parte da estrutura foi concebida pelo próprio César, o que revela o seu inquestionável e genial contributo ao nível da poliorcética. Sobre este famoso cerco recomendamos a leitura de FIELDS 2014. Cf. CAMPBELL 2017(c): pp. 285-287.

³⁰³ CAES. *Gal.* 7. 73, p. 249.

³⁰⁴ Os Gauleses mandaram sair da cidade os doentes e todos que não contribuísem para a guerra. A expulsão de mulheres, crianças e doentes terá provocado uma situação bastante desumana, descrita por César da seguinte forma: «Ao aproximarem-se das linhas dos Romanos, pediam, com lágrimas e com todo o género de súplicas, que lhes déssemos de comer, recebendo-os por escravos. Mas César tinha colocado guardas no entrincheiramento e proibia que fossem recebidos». Acabaram por morrer, sem conseguirem sair. CAES. *Gal.* 7. 78, p. 253.

³⁰⁵ CAES. *Gal.* 7. 89, p. 258.

³⁰⁶ A maquinaria de guerra utilizada nos cercos poderia ter um efeito de choque psicológico para povos que a desconheciam. Uma boa síntese sobre o tema da maquinaria utilizada na guerra de cerco romana pode encontrar-se em VARANDAS 2006: pp. 125-159.

«[César] Começou então a entrincheirar o seu acampamento, a fazer avançar manteletes e a preparar tudo o que era necessário para um cerco. (...) Espantados com a dimensão destes trabalhos que nunca tinham visto e de que nunca tinham ouvido falar, os Gauleses enviam emissários a César a pedir a capitulação (...)»³⁰⁷.

O corte de abastecimento de água era um recurso muito utilizado para acabar com a resistência dos sitiados. Em Uxeloduno, no ano de 51 a. C., após a construção de acampamentos e uma circunvalação que incluía alguns fortes, César, ao verificar que a população sitiada se encontrava bem abastecida, decide cortar o abastecimento de água. Este episódio é contado por Aulo Hércio:

«César chegou a Uxellodunum sem ser esperado por ninguém. Encontrou a praça completamente investida e deu-se conta que não se podia de modo algum levantar o cerco. Tendo sabido por desertores que os sitiados estavam abundantemente abastecidos de trigo, tentou privar o inimigo de água. Um rio atravessava o vale profundo que cercava quase por completo a montanha, onde estava situada, a pique de todos os lados, a cidade fortificada de Uxellodunum. A configuração natural do local impedia que se desviasse esse rio. (...) César dispôs os seus arceiros e os seus fundibulários. Colocou até máquinas de guerra nos sítios onde a descida era mais fácil, impedindo assim os sitiados de irem buscar água ao rio»³⁰⁸.

Face à ameaça da escassez de água em cercos, os sitiados não conseguiam resistir durante muito tempo. Sobre este assunto Vegécio indica qual o procedimento que se devia seguir em situações de falta de água, em cidades sitiadas:

«É muito útil para a cidade quando a muralha abriga fontes perenes. E se a natureza não as fornece, devem ser escavados poços de uma profundidade adequada e deve ser extraída água com o auxílio de cordas. (...) Mas se o veio de água ficar na encosta, próximo da cidade mas fora do alcance de um projectil, convém construir, entre a cidade e a fonte, uma pequena fortificação, a que chamam *burgus*, e aí colocar balistas e arqueiros para proteger a água dos inimigos. (...) por baixo de todos os edifícios públicos e de muitos privados, devem construir-se muito diligentemente cisternas para que sirvam como reservatórios das águas pluviais que escorrem a partir dos telhados»³⁰⁹.

A escassez de água podia também ser perigosa para as forças atacantes ou sitiadoras. Durante a batalha de Alexandria, em 48 a. C., os Egípcios cortaram as condutas de água para proibirem o acesso do exército romano a água³¹⁰.

³⁰⁷ CAES. *Gal.* 2. 12, p. 109.

³⁰⁸ HIRT. *Gal.* 8. 40, pp. 280-281.

³⁰⁹ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 4. 10, p. 345.

³¹⁰ [CAES.] *B. Alex.* 5-6, pp. 145-146.

Os acampamentos fortificados também poderiam ficar sob cerco, o que seria catastrófico, caso não tivessem uma cidade ou uma base para os abastecer. Armazenar provisões suficientes seria particularmente importante. Na Gália, verificaram-se ataques que visavam não só os acampamentos do exército romano, mas também evitar o seu abastecimento. No contexto da revolta da Bélgica, em 55 a. C., César descreve o seguinte:

«Havia cerca de quinze dias que se tinha chegado aos aquartelamentos de Inverno, quando começou uma revolta repentina e uma deserção provocadas por Ambiorix e Catuvolcus. (...) caíram repentinamente sobre os nossos abastecedores de madeira e vieram numerosos atacar o acampamento»³¹¹.

As bases operacionais também funcionavam como local seguro para juntar forças antes das campanhas e seriam muito importantes durante os cercos, tal como as bases táticas de que atrás falámos e que seriam usadas para armazenar materiais necessários para os trabalhos de cerco.

No cerco de Dirráquio, em 48 a. C., César sofreu um revés ao tentar separar Pompeio da sua base de abastecimento. Construiu um cerco ao longo de uma linha de colinas, mas Pompeio conseguiu estabelecer o seu próprio circuito defensivo, obrigando César a alargar as suas linhas. A descrição deste cerco é feita por Plutarco:

«(...) Pompeio, que estava acampado em boa posição e bem abastecido por terra e por mar, enquanto ele próprio [César] não conseguia o suficiente desde o início e depois se viu severamente oprimido pela privação do necessário. De facto, os soldados cortavam uma determinada raiz e ingeriam-na misturada com leite»³¹².

Neste cerco, as forças em confronto sofreram devido a dificuldades de abastecimento. Os pompeianos podiam receber provisões por mar, mas faltava-lhes água potável, enquanto os cesarianos sofriam com a falta de alimentos³¹³; acabaram por sofrer uma derrota e abandonaram o cerco. Este episódio é revelador da especial importância do abastecimento, que podia ditar o desenlace de várias operações militares.

³¹¹ CAES. *Gal.* 5. 26, p. 167.

³¹² PLUT. *Caes.* 39. 1-2, p. 278. Sobre o cerco de Dirráquio consulte-se CAMPBELL 2017(d): pp. 294-296.

³¹³ Veja-se LE BOHEC 2001: pp. 374-375. Este historiador apresenta um elucidativo esquema sobre o cerco de Dirráquio.

2.1.6. Logística e Inteligência Militar

A inteligência militar era um elemento importante e presente na guerra antiga. A quantidade e qualidade de informação disponível variava de forma considerável. Os exércitos deste período operavam em extensas áreas e nem sempre era fácil determinar com precisão o local onde se encontrava o inimigo. Em relação à preparação das operações de procura de cereal e ao abastecimento de uma forma geral, a informação/inteligência seria um aspeto de grande relevância, pois permitia atuar de forma mais segura, principalmente em relação aos exércitos que operavam em território desconhecido.

Yann Le Bohec apresenta uma proposta segundo a qual, na fase da República Tardia, as missões de informação seriam sobretudo confiadas aos seguintes elementos: i) oficiais, como por exemplo os legados; ii) viajantes e mercadores, que normalmente eram sujeitos a algum tipo de interrogatório; iii) chefes aliados, que na Gália foram um recurso fundamental para César; iv) soldados que procuravam por cereal no campo e relatavam o que observavam; v) soldados especializados no reconhecimento, os chamados *exploratores*³¹⁴; vi) prisioneiros e desertores, que deveriam ceder informações sobre o inimigo e estariam sujeitos a interrogatórios³¹⁵.

César usava relatórios dos seus serviços de informações para calendarizar as operações militares. Quando um exército tivesse de contar com a procura de cereal na natureza para se alimentar, seria relevante obter alguma notícia prévia acerca das provisões disponíveis (o que nem sempre era fácil). A informação sobre a área das operações era retirada de textos geográficos, ou de documentos romanos relativos aos impostos. Um fator que podia condicionar a quantidade de informação disponível para um comandante era o local onde a campanha decorria. As áreas fora das províncias romanas, ou os locais onde os romanos não tinham efetuado qualquer operação militar, seriam obviamente aqueles que mais dificultavam a recolha de informação.

A circulação de informação seria sempre mais fácil nas regiões onde a presença romana era mais efetiva, nomeadamente em províncias com estradas construídas e com alguma manutenção. Os comandantes tendiam a manter as suas forças concentradas, pois

³¹⁴ Eram soldados «especializados» na recolha de informação, que se movimentavam à frente do exército (batedores) para recolherem informação acerca das estradas e dos locais apropriados para se instalarem os acampamentos de marcha; também poderiam tentar identificar possíveis ameaças do inimigo. GOLDSWORTHY 1996: p. 126. Cf LE BOHEC 2001: p. 90.

³¹⁵ LE BOHEC 2001: pp. 89-90.

a dispersão seria difícil de controlar. Os mapas (quando se encontravam disponíveis) eram limitados e pouco detalhados, por isso o recurso mais apropriado seria enviar alguém à frente para observar (isto é, os batedores). O próprio general poderia proceder a esse reconhecimento e seria usual interrogar os prisioneiros e falar com os mercadores, ou com as populações locais, para conseguir obter algum tipo de informação.

César terá sido avisado da aproximação dos Helvécios quando ainda estava em Roma, em 58 a. C., talvez por uma tribo aliada ou por uma informação transmitida pela guarnição da Gália Transalpina³¹⁶. Segundo é descrito, «César, ao saber que eles pretendem passar pela nossa Província, parte à pressa de Roma e alcança com marchas forçadas a Gália ulterior (...)»³¹⁷. Nesta primeira fase, relacionada com as migrações dos Helvécios, é de realçar a forma como o procônsul conseguiu usar a superioridade resultante das informações recolhidas para saber com exatidão onde se encontravam as forças adversárias e para acompanhar os seus movimentos; e ainda para poder escolher como e em que condições iria iniciar a batalha, enquanto os adversários desconheciam por completo a localização dos Romanos³¹⁸.

Para um líder militar perspicaz e eficiente como César, a informação relativa ao inimigo traria a possibilidade de tomar decisões de forma mais segura e satisfatória, reduzindo a incerteza e a probabilidade de erro.

Ainda em relação a este povo, César descreve um episódio, ocorrido em 58 a. C., no qual começaram a faltar os víveres enquanto as promessas feitas pelos povos aliados relativamente ao abastecimento do seu exército se revelavam infrutíferas. Convocou então dois responsáveis Éduos (entre os quais Liscus e Diviciaco) para os interrogar no seu acampamento: «Ficando os dois sozinhos, César questionou-o sobre o que tinha dito na assembleia e Liscus falou com mais liberdade e audácia. César interroga em segredo outras pessoas e constata que Liscus falou verdade (...)»³¹⁹. Noutra situação descrita por Aulo Hircio, reportando-se à última revolta, em 51 a. C., quando César soube que os Belóvacos reuniam exércitos e se concentravam para atacar as terras dos Suessiões (colocados sob a autoridade dos Remos), é dito o seguinte:

«Quando essas tropas se encontraram reunidas, marchou contra os Belóvacos, acampou no seu território e mandou para todos os lados a sua cavalaria fazer alguns prisioneiros que

³¹⁶ GOLDSWORTHY 2008: p. 99.

³¹⁷ CAES. *Gal.* 1. 7, p. 68.

³¹⁸ CAES. *Gal.* 1. 12, pp. 72-73.

³¹⁹ CAES. *Gal.* 1. 18, p. 76.

pudessem informá-lo das intenções do inimigo. Os cavaleiros, depois de cumprida a sua missão, relatam que encontraram poucos habitantes dentro das casas e que estes não tinham ficado para cultivar a terra (...) mas que tinham sido mandados de volta para espiarem. Ao perguntar aos prisioneiros onde se encontrava a massa dos Belóvacos e qual era o seu plano, César ficou a saber que todos os Belóvacos em condições de combater se tinham juntado num mesmo ponto e que, com eles, os Ambianos, os Aulercos, os Caletos, os Velioassos e os Atrébates tinham escolhido, para acampar, um local elevado, num bosque rodeador por um pântano, e que tinham reunido todas as bagagens em bosques situados da parte de trás»³²⁰.

A ideia dos Belóvacos era a de oferecer combate, se César trouxesse apenas três legiões, ou então impedir os Romanos de procurarem forragem, cereal e outros bens, caso o número de legiões fosse superior. A posse desta informação permitiu a César ponderar de forma prudente qual seria a melhor forma de ação.

César revelava grande preocupação em obter informações em relação ao adversário antes de tomar as suas decisões, pois ter uma imagem clara da situação seria fundamental antes de delinear os planos de ação. Ter conhecimento da situação operacional através da sua rede de informações poderia significar algum tipo de vantagem em relação ao inimigo. Ainda no que se refere aos Helvécios, a informação transmitida pelos seus batedores³²¹ revelou-se crucial, pois permitiu-lhe a execução de um ataque surpresa, com efeitos desastrosos para este povo:

«Quando César soube pelos seus batedores que os Helvécios já tinham conseguido atravessar, por este rio [Saône] três quartos das suas tropas (...) partiu do seu acampamento três dias depois, com três legiões, e alcançou esse *quarto* que ainda não tinha atravessado o rio. Atacou-os sem que eles estivessem à espera e, como ainda por cima estavam atravancados com as bagagens, despedaçou um grande número»³²².

A importância de uma boa comunicação é descrita na campanha militar que ocorreu na Bélgica em 57 a. C., na qual:

«César estava (...) no acampamento de Inverno na Gália citerior, quando por várias vezes lhe chegou um rumor, confirmado aliás numa carta de Labienus, de que todos os Belgas (...) se estavam a aliar contra o povo romano e a trocar reféns entre si»³²³.

³²⁰ HIRT. *Gal.* 8. 7, pp. 266-267.

³²¹ O reconhecimento e a exploração eram realizados pela cavalaria. Apesar de o exército romano, nesta fase, ser constituído, na sua maioria, por infantaria pesada, César recorria aos aliados para lhe fornecerem contingentes de cavalaria, designados por “auxiliares”, que eram assim um complemento importante da legião.

³²² CAES. *Gal.* 1. 12, p. 72.

³²³ CAES. *Gal.* 2. 1, p. 103.

Estes relatos vão orientar a sua atuação uma vez que, como resposta, vai recrutar duas novas legiões e ele próprio junta-se ao exército «(...) assim que se começou a poder arranjar forragem»³²⁴.

Antes da primeira expedição à Britânia (55 a. C.), César enviou um oficial para reconhecer a costa britânica:

«Querendo ter essas informações antes de tentar o empreendimento, manda Caius Volusenus, que considera apto para a missão, com um navio de guerra. Mandata-o para fazer um reconhecimento de conjunto e voltar rapidamente»³²⁵.

A relevância dos batedores para a manutenção de um sistema de comunicações eficiente foi descrita por César, referindo-se à campanha militar que decorreu em 57 a. C., na Bélgica:

«César foi imediatamente avisado pelos seus batedores mas, percebendo ainda mal a causa desta retirada, temeu uma emboscada e reteve o seu exército e a sua cavalaria no acampamento. Ao raiar do dia, já melhor informado pelos seus batedores, destacou toda a cavalaria para atrasar a retaguarda do inimigo»³²⁶.

Obter informações através de soldados inimigos capturados seria uma prática usual no exército proconsular (como muito provavelmente em qualquer outro). Frontino descreve uma situação que terá decorrido na Hispânia, em 49 a. C., na qual o comandante conseguiu apreender os planos pompeianos ao capturar um soldado inimigo que tinha ido procurar água:

«(...) e dele ficou a saber que Afrânio e Petreio planeavam levantar o seu acampamento nessa noite. Para obviar aos planos do inimigo, mas sem causar alarme entre as suas próprias tropas, César deu ordens para que, ao princípio da noite, se tocasse o sinal de levantar o acampamento, e mandou que se passasse ao lado do campo inimigo com mulas, no meio de grande barulho e gritaria. Pensando que César estava a levantar o acampamento, os seus adversários ficaram onde estavam, o que César exatamente desejava»³²⁷.

³²⁴ CAES. *Gal.* 2. 2, p. 103.

³²⁵ CAES. *Gal.* 4. 21, p. 147. Sublinhe-se que esta missão se revelou um fracasso, pois as informações recolhidas foram escassas.

³²⁶ CAES. *Gal.* 2. 11, p. 108.

³²⁷ FRON. *Str.* 1. 8, p. 70.

Seria primordial que o comandante tivesse alguma informação acerca dos abastecimentos do inimigo. Uma das estratégias utilizadas poderia ser a de verificar a aparência dos cativos e dos desertores, uma metodologia usada para se tentar perceber o estado de ânimo ou o moral das tropas e a questão do abastecimento. Durante um episódio relacionado com a *Guerra Africana*, em 46 a. C., os pompeianos capturaram um navio que transportava soldados, incluindo alguns veteranos, um centurião e vários recrutas. Cipião procedeu ao seu julgamento e, após interrogar o centurião na tentativa de persuadi-lo a mudar de lado, notou a sua resistência e admirou a sua força de vontade. Assim, tendo constatado que não havia rendição, mandou executá-lo, juntamente com os veteranos (apenas os recrutas foram poupados). Esta forma impiedosa de atuar poderá ter sido o resultado da percepção de que o exército do futuro ditador, devia encontrar-se em boas condições³²⁸.

O recurso à inteligência permitia detetar alguma fragilidade na logística dos opositores, que podia ser explorada. Na *Guerra das Gálias*, em 57 a. C., durante a fase da derrota dos Nérvios, observamos uma situação que ilustra a influência que tinha uma boa informação. Segundo este relato,

«Munido destas informações, César manda batedores e centuriões para escolherem um terreno adequado para acamparem. Um grande número de Belgas submetidos e outros Gauleses tinham seguido César e caminhavam com ele. Alguns, como se soube mais tarde pelos prisioneiros, observaram, durante os últimos dias, como a marcha do nosso exército estava organizada, foram ter de noite com os Nérvios e explicaram-lhes que cada legião estava separada da seguinte por uma grande quantidade de bagagens, sendo por isso fácil atacar a primeira legião na sua chegada ao acampamento, quando as outras legiões ainda estivessem a grande distância (...))»³²⁹.

César usou essa informação e alterou a ordem de marcha do seu exército. A informação militar inteligente seria, pois, um aspeto imprescindível para a segurança das marchas e do transporte do comboio das bagagens. Eis o que Vegécio recomendava:

«Mas a cautela mais importante consiste em o exército ignorar para que lugares ou por que caminhos vai avançar; acredita-se que o mais seguro de tudo é desconhecer o que tem de ser

³²⁸ [CAES.] *B. Afr.* 44-46, pp. 212-213.

³²⁹ Caes. *Gal.* 2. 17, p. 111.

feito nas campanhas. (...) Uma marcha segura é aquela que os inimigos menos suspeitam que seja empreendida»³³⁰.

Frontino dá-nos conta de que César, quando se encontrava em Alexandria (48 a. C.) “espiava” o estilo de vida egípcio:

«Gaio César, desconfiando da lealdade dos Egípcios e querendo afectar indiferença, entregou-se a lautos banquetes e fingiu sucumbir aos costumes e ao estilo de vida dos Egípcios, enquanto ia inspecionando a cidade e as suas defesas. Depois de preparar as suas tropas, conquistou o Egipto»³³¹.

A maioria dos detalhes relativos à recolha de informação utilizada pelo exército proconsular (como quase todos os aspetos referentes à logística) não é possível de determinar ou precisar. Desconhece-se quem é que seria responsável por receber, transmitir e entregar os relatórios de informação ao comandante. As fontes salientam que a recolha de conhecimento era um dos atributos necessários a um bom comandante e, apesar de todas as limitações associada aos meios dessa época, César conseguia recolher notícias/averiguações que lhe permitia melhorar o funcionamento das suas forças no terreno.

A limitada velocidade de circulação da comunicação (nunca poderia ser mais rápida do que a marcha de um cavaleiro) era um dos fatores que condicionava a ação dos generais durante o período em apreço³³². Apesar de as campanhas militares de César serem efetivamente as mais bem documentadas e as únicas que permitem vislumbrar alguns detalhes do que seria um exército romano republicano em campanha, continua a não ser possível criar uma imagem global e definitiva do sistema de abastecimento romano utilizado na época.

Como afirma Goldsworthy, o estudo da logística de qualquer exército requer estatísticas fiáveis que, no caso do exército romano republicano, não existem³³³. Apesar disso e segundo Le Bohec, César preparava as suas vitórias com a antecedência e o planeamento adequados, atendendo aos trabalhos preparatórios que desenvolvia: i) preparar os abastecimentos para assegurar a logística; ii) encontrar informação sobre o inimigo recorrendo a «espiões» e recolhendo outros dados através de civis; iii)

³³⁰ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 3. 6, p. 271.

³³¹ FRON. *Str.* 1. 1, p. 36.

³³² GOLDSWORTHY 2016: pp. 34-35.

³³³ GOLDSWORTHY 1996: p. 296.

providenciar o transporte por terra ou por mar, do exército e das suas provisões; iv) organizar a ordem de marcha e proteger as bagagens; v) deslocar o seu exército com rapidez, de forma a desconcertar o inimigo³³⁴. Estes cuidados e competências permitiram-lhe encontrar soluções adequadas aos problemas logísticos da sua época. Nem sempre teve sucesso, mas a sua brilhante capacidade de liderança e a mestria no comando foram visíveis na preparação e organização da relevantíssima frente logística, tal como na condução e motivação dos soldados que o acompanharam ao longo das duas principais guerras que marcaram a sua vida militar. O estudo do modelo de comando militar de César, observado através da análise da figura dos centuriões, será o tema do capítulo seguinte.

³³⁴ LE BOHEC 2001: pp. 297-298.

3. JÚLIO CÉSAR: O ESTRATEGO

3.1 UM SEGREDO BEM GUARDADO: O PAPEL CRUCIAL DOS CENTURIÕES

Feita uma análise da organização logística e do planeamento das campanhas de Júlio César, cabe-nos prosseguir clarificando a forma como o comandante utilizou a eficácia e a competência dos centuriões³³⁵, ao nível da liderança intermédia, para alcançar o sucesso militar.

3.1.1. O centurião no exército romano

Roma dispunha de um exército desde os seus tempos mais remotos, composto, inicialmente, pelas hostes de um rei e de alguns membros mais destacados dos grupos de clãs que habitavam na cidade. Nesta primitiva fase, o exército romano seria semelhante ao de qualquer outra cidade do Lácio e incluiria infantaria e cavalaria. Os Etruscos³³⁶ terão sido aqueles que, militarmente, mais influenciaram os Romanos. O sexto rei Etrusco, Sêrvio Túlio (c. 580-535 a. C.) terá sido o responsável pelas grandes reformas que proporcionaram a introdução de instituições políticas e militares no Estado Romano. Estas reformas contemplavam as seguintes alterações: i) os pequenos proprietários deviam defender a República de forma proporcional à sua riqueza; ii) através dos censos feitos ao povo romano, ter-se-ão dividido os cidadãos em cinco classes censitárias, que por sua vez foram subdivididas em centúrias; iii) o recrutamento era feito com base nessa

³³⁵ Gostaríamos de destacar que, apesar das patentes, atribuições e níveis de responsabilidade dos centuriões e dos seus coadjuvantes encontrarem correspondência num exército atual, a todos os postos entre cabo e capitão, não existe verdadeira equivalência para tal nos postos modernos. Alguns autores descrevem os centuriões como «oficiais não-comissionados» mas este termo dá uma ideia pouco clara e inexata do seu lugar dentro de uma sociedade e de um exército totalmente diferentes dos mais recentes. Por conseguinte, decidimos adotar, por nos parecer o mais adequado, o título de «suboficiais», sendo este o termo utilizado por alguns historiadores, como Le Bohec (2002). Segundo Taylor (2021: p. 101), os centuriões aproximavam-se, taticamente, dos comandantes modernos, liderando as centúrias de 60 a 80 soldados de infantaria; no entanto, socialmente, os centuriões estavam mais próximos dos modernos oficiais não-comissionados (os sargentos), pois não eram provenientes da classe política ou aristocrática. Sobre este assunto, consulte-se TAYLOR 2021: pp. 101-121. Recomenda-se ainda a consulta do Anexo 2: Imagens, p. 152.

³³⁶ Segundo Keppie (1998: pp. 3-4) a primeira estrutura militar era baseada nas três tribos do período real (os *Rammes*, os *Titites* e os *Luceres* – nomes Etruscos) e cada tribo fornecia 1000 homens ao exército, sob o comando de um tribuno; a subdivisão de cada tribo fornecia 100 homens (uma centúria), e a força resultante equivalia a um total de 3000 homens, conhecida por *Legio* (taxa). A aristocracia e os seus descendentes constituíam um pequeno corpo de cavalaria, com cerca de 300 homens, a que chamavam os *Equites*.

estratificação; iv) dentro de cada classe havia os *seniores* que serviam de reserva e os *iuniores* que representavam os ativos.

A população romana era assim dividida em centúrias (centenas) para a concretização das propostas de voto nas assembleias. Cada agrupamento apresentava-se ligado à situação financeira do indivíduo e à correspondente capacidade de fornecer as suas próprias armas e o seu equipamento para o serviço militar, providenciando-se, desta forma, a preservação das necessidades de defesa do Estado. Nesta organização estavam os cavaleiros (*equites* – eram os oficiais, os mais ricos da comunidade, constituíam uma classe à parte) e, abaixo destes, o grosso da população, que servia na infantaria, dividida em cinco classes militares (formada provavelmente a partir dos proprietários)³³⁷.

Terão sido estas reformas que introduziram em Roma o estilo grego «hoplita»³³⁸ de exército. Com o estabelecimento da República e a expulsão dos Tarquínios, Roma viveu um século de guerras menores contra as comunidades adjacentes, nas quais o citado modelo se ajustava, até surgirem as migrações célticas (a partir do século V a. C.) que provocaram adaptações e alterações na organização do exército romano. A ordem aberta em que os Gauleses combatiam revelou algumas fragilidades da falange romana, o que favoreceu a necessidade da implementação de mudanças e que resultou na evolução do seu sistema militar. A propósito deste tema, escreve John Keegan: «(...) os comandantes romanos tinham descoberto que as fileiras cerradas das falanges deixavam as suas tropas em desvantagem»³³⁹. Face a este desafio (surgido por volta do séc. IV a. C), os Romanos

³³⁷ Keppie (1998: p. 5) refere a existência de cinco classes e, em cada uma, os homens com mais de 46 anos de idade (*seniores*) tinham o dever de defender a cidade contra possíveis ataques, enquanto os restantes (*iuniores*) formavam o exército de campanha; abaixo destas classes estava um grupo de homens sem propriedade no seu nome, que eram dispensados do serviço militar. Acrescente-se que as diferenças entre estes homens residiam no censo (fortuna), mas também no armamento e na tática: a 1ª classe usava escudo redondo, grevas, couraça, espada e lança; a 2ª a mesma coisa, mas com o escudo oblongo; a 3ª como a anterior, mas sem grevas; a 4ª apenas com lanças e dardos; e a 5ª usava apenas fundas e pedras. Neste sistema, os proletários (mais pobres) seriam dispensados do serviço militar. Sobre o aparecimento e a evolução do exército romano consulte-se ainda CONNOLLY 2016: pp. 86- 128.

³³⁸ Hoplita era o soldado armado com o *hoplon* (escudo circular) que constituía o elemento mais distintivo do seu equipamento de defesa.

³³⁹ KEEGAN 2006: p. 345. Sublinhe-se que este historiador contribuiu de forma muito relevante para o desenvolvimento do estudo da história militar, rejeitando algumas das convenções tradicionalmente associadas a este ramo da história, como a questão dos princípios imutáveis da guerra ou a suprema importância dos resultados das batalhas (estes dois aspetos dominaram o género de narrativas da guerra e das batalhas). Keegan concentrou-se na tentativa de compreender o comportamento individual dos soldados, tentando assim perceber como é que agiam em batalha. Esta nova abordagem permitiu criar uma imagem mais realista e objetiva dos soldados como indivíduos que enfrentavam o terrível caos e a violência das batalhas, e não como máquinas que agiam sempre da mesma forma, tal como perceber a influência da sociedade no seu comportamento. Ainda graças a este historiador e à sua visão do significado da guerra e da necessidade de se olhar para cada um dos conflitos de forma particular, ultrapassou-se o pensamento redutor de que todas as guerras ao longo da história partilhavam de aspetos universais. Em relação à história militar da civilização romana, os historiadores modernos consideram que as legiões romanas eram muito

introduziram um sistema mais flexível, que permitia às suas subdivisões, os manípulos³⁴⁰, conseguirem manobrar melhor no campo de batalha.

A evolução do exército fez-se acompanhar de um equipamento adaptado ao novo sistema. No que diz respeito ao equipamento ofensivo, a lança foi sendo gradualmente abandonada em prol do dardo (*pilum*)³⁴¹ e introduziu-se a espada curta, o gládio (*gladium*)³⁴². Relativamente ao equipamento defensivo, o pesado escudo dos hoplitas foi substituído por um escudo de bronze ou ferro, mais leve e oblongo, o *scutum*³⁴³. Gradualmente, incorporou-se também uma couraça/armadura padronizada de placas/lâminas de ferro, a *lorica segmentata*³⁴⁴, que permitia uma proteção muito maior do que a fornecida anteriormente pelas malhas e, em virtude de ser mais flexível, facilitava a liberdade de movimentos dos soldados³⁴⁵. Note-se que a nova flexibilidade da ordem de batalha e a mudança para um armamento mais ofensivo foram considerados fatores essenciais no sucesso das conquistas romanas³⁴⁶.

Progressivamente, a legião³⁴⁷ (termo que inicialmente remetia para «escolha» e subsequente incorporação) tornou-se a unidade de referência do exército romano. Na fase

mais complexas e específicas no que respeita ao seu comportamento do que a imagem divulgada pela historiografia antiga. Sobre este assunto, consulte-se KEEGAN 1976: p. 51.

³⁴⁰ Os manípulos eram unidades táticas da legião romana, até terem sido substituídos pelas coortes. Taticamente, os manípulos eram organizados para o avanço direto e a colisão com as linhas inimigas num espaço aberto. Sobre este assunto veja-se WARD 2012: p. 149.

³⁴¹ Era o dardo pesado que fazia parte do equipamento-padrão do legionário romano. Era composto por uma cabeça estreita desenhada para perfurar o escudo do inimigo e um cabo comprido e delgado que permitia atingir o soldado que tinha o escudo. Nos combates, os legionários arremessavam contra o inimigo o *pilum*, que era um dardo muito eficaz, desorganizando as fileiras antes de carregarem de espada em punho, usando de seguida, o gládio, que era uma espada bastante sólida que feria também de ponta.

³⁴² Era uma espada feita de aço de elevada qualidade que podia ser usada para cortar, mas era principalmente usada para ser espetada/cravada. O termo gládio refere-se convencionalmente ao *gladius hispaniensis*, a espada hispânica que era levada ao lado do corpo e considerada um elemento padrão do exército romano até ao século III d. C.

³⁴³ Inicialmente oval, mais tarde foi cortado e adaptado numa forma retangular, mais leve. Os escudos convexos eram mais eficazes a proteger o tronco, envolvendo-o.

³⁴⁴ Consulte-se o Anexo 2: Imagens, p. 153.

³⁴⁵ Sobre o equipamento do legionário romano consulte-se Connolly 2016: pp. 228-239.

³⁴⁶ O exército romano é referenciado como o mais eficiente do mundo antigo e aquele que terá lançado as bases dos atuais exércitos ocidentais. O seu desenvolvimento e sucessivo aperfeiçoamento relacionam-se com vários fatores, mas um aspeto a termos em conta foi a influência que o estado recorrente de guerra (os Romanos terão estado em guerra frequentemente, desde o século V a. C. até ao século V d. C.) terá desempenhado no desenvolvimento do seu sistema militar.

³⁴⁷ As legiões romanas eram as unidades de elite do exército romano. Os seus elementos eram cidadãos romanos bem equipados e armados, que seguiam um treino rigoroso e intenso. Cada legião do chamado «modelo consular» compunha-se, de 300 cavaleiros, 3000 homens na infantaria pesada e 1200 na infantaria ligeira (*velites*). A infantaria pesada era dividida em três linhas (baseadas na idade e experiência militar de cada homem): os *hastati* eram os 1200 mais jovens, que deveriam combater na primeira linha; os *principes*, constituíam os que providenciavam a segunda linha, sendo menos jovens e mais experientes do que os primeiros; os *triarii*, cerca de 600 veteranos, preenchiam a terceira linha e guarneciam a retaguarda. Cada uma destas linhas compunha-se de dez manípulos compostos por duas centúrias cada um, comandadas por um centurião. Em campanha, a legião fazia-se acompanhar por uma ou mais alas de aliados latinos ou

da República Tardia, cada legião teria já cerca de 5000 soldados³⁴⁸. Nessa altura, a unidade básica da legião era a centúria, composta por oitenta homens comandados por um centurião, auxiliado por um *optio*³⁴⁹. A centúria encontrava-se dividida em secções de oito homens, chamadas *contubernia*. Em cada legião havia um contingente de cavalaria³⁵⁰ e cinquenta e nove centuriões, que eram os principais responsáveis pela disciplina e treino dos legionários. Uma legião era constituída por dez coortes³⁵¹, cada qual com seis centúrias, à exceção da primeira (que tinha apenas cinco centúrias). As coortes dois a dez tinham cerca de 480 homens cada (seis centúrias de 80 soldados), mas a primeira coorte dispunha de 800 homens (cinco centúrias de 160 legionários cada), competindo-lhe guardar o estandarte com a águia³⁵². Como assinalou Vegécio:

«É sabido que numa legião devem existir dez coortes. Mas a primeira coorte precede, quer em número de soldados quer em prestígio, as restantes. Na verdade, ela procura os homens mais excelentes quanto ao nascimento e quanto à instrução literária. Com efeito, esta primeira coorte toma a seu cargo a águia, que é sempre a principal e mais importante insígnia no exército romano e em toda a legião.»³⁵³.

itálicos. Sobre este assunto, consulte-se GOLDSWORTHY 2019: pp. 29-30. Desde o século I a. C. (com as reformas do cônsul Gaio Mário) as designações supracitadas mantiveram-se apenas para efeitos cerimoniais e de administração, mas a distinção entre as linhas esbateu-se, tal como o seu significado tático. Ressalve-se que, apesar de constituírem uma unidade, as legiões não eram uma massa indiferenciada de homens, antes pelo contrário, cada legião tinha as suas especificidades, como determinadas especializações, tecnicidades ou funções e até títulos e símbolos. Cf. LE BOHEC 2002: p. 48.

³⁴⁸ Alguns historiadores como Cowan (2007: p. 4) assinalam que a legião teria um número maior de soldados, podendo atingir os 6000, mas os 5000 representam um número relativamente consensual na historiografia. As legiões de César encontravam-se muitas vezes com números inferiores, como por exemplo na *Guerra Alexandrina* (69. p. 181) é descrito que a VI legião tinha 1000 homens, e na *Guerra Civil* (3. 89 p. 125) fala-se em 2750 homens. Existem vários fatores que podem explicar a variação dos números, como por exemplo as urgências de mobilização, os resultados das batalhas, as doenças ou eventuais falhas no processo de recrutamento. Percebe-se, desta maneira, que as unidades do exército romano não eram estáticas e adequavam-se aos contextos e às necessidades da guerra. Sobre este assunto, consulte-se GOLDSWORTHY 1996: p. 24.

³⁴⁹ Cada centurião era auxiliado por um *optio*, que tinha responsabilidades de comando inferiores. Normalmente, estes ocupavam a retaguarda da centúria onde, com longas varas de madeira, mantinham os legionários em boa formação. Podiam ser promovidos a centuriões principais.

³⁵⁰ A cavalaria intervinha em diferentes missões e acrescentava um papel e prestígio tático importantes. Na Gália, a cavalaria era numerosa e permanente, sendo geralmente colocada nas alas do dispositivo. César utilizou o talento de diferentes povos, como os Númidas ou os Gauleses, em diferentes missões de reconhecimento, ataque, emboscada e perseguição. Na cavalaria ligeira usou sobretudo os germânicos. Sobre este assunto, consulte-se LE BOHEC 2002 p. 86.

³⁵¹ A coorte era um agrupamento tático de 3 manípulos, um de cada uma das linhas da antiga legião: um primeiro de *hastati*, um segundo de *principes* e um terceiro de *triari*.

³⁵² Este número mais elevado de efetivos relacionava-se com a responsabilidade de proteção do flanco direito, o mais vulnerável no combate.

³⁵³ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 2. 6, p. 223. A propósito dos soldados da primeira coorte, o tratadista acrescenta que teriam características especiais, como o facto de serem mais altos, reforçando a ideia de que talvez constituíssem uma espécie de elite: «Eu sei que a altura dos recrutas foi sempre aferida pela altura-padrão, de tal forma que eles fossem admitidos com seis pés ou pelo menos com cinco pés e dez polegadas

Saliente-se que a coorte era uma unidade tática e não administrativa, e não incluía no seu seio um oficial equivalente ao prefeito ou aos tribunos. No entanto, para o seu regular funcionamento e desempenho nos combates, era imprescindível ter alguém que liderasse, função essa que era atribuída ao centurião. O legado comandava a legião no seu conjunto, mas a coorte legionária individualmente considerada nunca recebeu comandantes, a não ser que cumprisse uma missão em regime de destacamento. Aquela característica explica-se talvez pelas limitações de comunicação no campo de batalha.

Apesar de não se conseguir situar com clareza no tempo a criação do sistema das coortes³⁵⁴, admite-se que ele tenha resultado do facto de as antigas linhas da legião manipular terem deixado de ser eficazes quando envolvidas em operações independentes, as quais se tornaram mais necessárias nos novos palcos da guerra. É possível que isso tenha ocorrido na Hispânia durante as campanhas de Cipião-o-Africano, nos finais do século III a. C., tanto mais que os povos hispânicos eram reconhecidamente muito fortes na prática da guerrilha. Coortes de 480 ou mesmo de 800 homens ofereciam mais garantias de robustez do que os velhos manípulos de 120 homens...

A nova legião tornava-se, assim, mais flexível e, apesar de a sua formação continuar a ser habitualmente em três linhas (o tradicional *triplex acies*), podia também ser posicionada em uma, em duas ou mesmo em quatro linhas. As coortes, pela sua robustez e relativa autossuficiência, podiam ser colocadas em qualquer lugar, ao contrário dos manípulos, que estavam limitados a posições fixas. A integração da coorte na organização formal da República Tardia foi assim um reflexo das muitas situações táticas com as quais as legiões se foram confrontando. Para além das batalhas campais, surgiram circunstâncias particulares, como terrenos desafiantes (*vide* as Guerras Samnitas) ou inimigos com hábitos invulgares de combate (como os povos hispânicos), o que requeria imaginação tática suficiente para responder com formações distintas, sujeitas a novas articulações internas.

Na *Guerra das Gálias*, durante a batalha contra os Belgas travada no rio Sambre (57 a. C.), César descreve um cenário no qual as centúrias combatiam lado a lado, sem espaço para usar as espadas, por isso deu ordem para que se abrissem os manípulos. Devido às circunstâncias específicas desta batalha, a disposição adotada terá resultado,

[178 e 173 centímetros, respetivamente] entre os cavaleiros das alas ou nas primeiras coortes das legiões». Idem, *ibidem*, l. 5., p. 183.

³⁵⁴ Segundo Goldsworthy (2019: pp. 97-99), a coorte pode ter sido adotada *ad hoc* pelas legiões enquanto combatiam na Hispânia, no século II a. C.

quer da pressão feita pelo inimigo, quer do pânico instalado e que levou a que os intervalos tradicionalmente necessários para garantir a coesão da unidade tivessem desaparecido, obrigando o exército romano a formar numa só linha³⁵⁵.

A propósito das principais mudanças verificadas no exército romano no séc. I a. C., escreve Goldsworthy,

«A cavalaria e os vélites desapareceram e todos os legionários passaram a ser efetivos da infantaria pesada, equipados com o *pilum* e o gládio, com cota de malha, capacete e escudo longo e oval. A principal subunidade táctica da legião passou a ser a coorte, em vez do manípulo. Cada uma das dez coortes de uma legião era composta por 480 homens, divididos por três manípulos, cada um com duas centúrias de oitenta homens, comandados por um centurião»³⁵⁶.

Por fim, no que à organização do exército romano diz respeito, entenda-se que aquele que combateu Gália e, mais tarde, nos vários palcos da *Guerra Civil*, era já um exército profissional, com soldados da legião a prestarem serviço no quadro de uma verdadeira carreira militar. Conforme advoga John Keegan, «(...) nenhum exército anterior ao da república romana alcançou o seu nível de recrutamento, organização, comando e abastecimento legal e burocraticamente regulados»³⁵⁷.

No que respeita ao enquadramento do centurião na organização do exército romano³⁵⁸, tenha-se em conta que as fontes fornecem informações pouco precisas, o que não permite traçar nem datar com precisão o seu aparecimento³⁵⁹, nem tão pouco perceber

³⁵⁵ CAES. *Gal.* 2. 25, pp. 115-116. Sobre este assunto, consulte-se Cowan 2007: p. 7. Acrescente-se que este sistema de coorte utilizado e desenvolvido de forma completa ao tempo de César tornou-se predominante durante o Império, devido a ser mais flexível e organizado, o que permitia lidar com grupos mais pequenos de inimigos sem ter de envolver necessariamente toda uma legião.

³⁵⁶ GOLDSWORTHY 2019: p. 94.

³⁵⁷ KEEGAN 2006: p. 350.

³⁵⁸ Importa aqui referir que, apesar das pesquisas recentes sobre a origem e evolução dos centuriões, tal como a natureza do seu comando na fase da República, continua a não se saber ao certo a sua proveniência, assim como a forma como se processava a sua evolução na «carreira» militar. Segundo Taylor (2021: p. 102), estas questões têm sido ignoradas, tanto pelos autores/historiadores antigos, tal como pelos historiadores militares mais recentes. Cf. WARD 2012: p. 7. Este historiador acrescenta que, apesar da sua popularidade, o centurião recebeu pouca atenção por parte da historiografia recente e permanece um posto militar mal conhecido. Quase não há descrições sérias sobre o seu percurso profissional, ou sobre quais os seus deveres e obrigações, tal como se desconhece qual a forma como ascendiam na «carreira militar»; apesar de cruciais no sucesso das legiões, não receberam a análise que outros temas tiveram na história militar.

³⁵⁹ Alguns autores antigos imaginaram a existência dos centuriões antes da República, podendo recuar à fase do primeiro rei de Roma, no entanto, existe algum consenso, ao nível da historiografia, em relação ao facto de se aceitar que o cargo de centurião terá surgido na fase das reformas atribuídas a Sêrvio Túlio, que terá sido o responsável pela organização das classes de hoplitas em centúrias e também provavelmente pela criação do *Comitia Centuriata*. A respeito deste assunto, note-se que mesmo os historiadores mais recentes se focaram mais no estudo do centurião na fase imperial, ignorando a sua evolução no período republicano.

com detalhe a sua proveniência social, ou se tinham alguns horizontes políticos³⁶⁰. Apesar desses constrangimentos, podemos, no entanto, reconhecer a sua importância para o desenvolvimento da legião manipular, pois foi aí que se manifestou a sua eficácia, facilitadora das novas táticas manipulares e da liderança autónoma ao nível da pequena unidade.

Não parecem restar dúvidas de que César é o autor que nos fornece um melhor relato textual, com múltiplos detalhes, dos seus centuriões em pleno combate durante a República Tardia. Associados a descrições mais realistas, encontram-se outros testemunhos que encerram alguns traços que traduzem um retrato mais idealizado destes suboficiais.

Sobre os oficiais que integravam o exército romano, sabe-se que certas categorias provinham de níveis distintos da sociedade: os mais graduados – como os comandantes, os legados e os tribunos – vinham do Senado, enquanto os cinco tribunos e prefeitos das unidades auxiliares tinham uma origem equestre. Pese embora o facto de não existirem evidências suficientemente fortes que permitam assinalar números concretos relativos à proveniência e ao recrutamento dos centuriões, segundo Goldsworthy o recrutamento para o centurionato não se limitava a um único grupo social, mas podia contemplar algumas das seguintes situações: i) homens que se juntavam às legiões como simples soldados (*militēs*) e que foram depois promovidos aos mais elevados graus do centurionato, na sequência de alguns anos de meritório serviço; ii) certos equestres que poderiam ser diretamente comissionados nesse sentido (apesar de esta situação ser menos frequente); iii) certos centuriões auxiliares podiam também ser provenientes da aristocracia provincial³⁶¹.

Antes das reformas de Gaio Mário, os centuriões eram escolhidos pelos comandantes de acordo com o seu desempenho e bravura em combate, sendo desmobilizados no final da estação de campanha. No entanto, na transição para o exército

Taylor (2021: p. 102) chama a atenção para o facto de não podermos olhar para os centuriões como se o seu cargo permanecesse imutável durante os séculos da República, pois é uma visão redutora, dado que durante esse período todas as estruturas políticas, sociais e culturais sofreram profundas transformações. Cf. D'AMATO 2011: pp. 3-4.

³⁶⁰ Segundo Taylor (2021: p. 102) os centuriões, na fase da República Média, anteriormente à definição do seu ofício de uma forma meramente militar e associados a uma posição social não-aristocrática, tinham horizontes cívicos e podiam mudar para ofícios civis, como, por exemplo, tribunos da plebe. O centurionato era uma das melhores formas de ascensão dos plebeus a postos superiores no exército, habilitando-os assim a reclamar direitos contra o domínio dos patrícios. Sobre este assunto, consulte-se ainda D'AMATO 2011: p. 22.

³⁶¹ GOLDSWORTHY 1996: p. 30.

permanente, o serviço nesta posição tornar-se-á uma carreira. A promoção ao posto de centurião seria um grande passo para um simples soldado, se tivermos em conta o prestígio e a remuneração (ambos muito maiores).

Apesar de alguns centuriões alcançarem o posto por nomeação direta e não devido a promoções³⁶², ao tempo de César grande parte dos casos reportados indicam que eram promovidos a partir das fileiras, devido à sua coragem, energia e eficácia com as armas e em combate. Sobre este aspeto, e referindo-se à *Guerra das Gálias* (53 a. C.), César escreve:

«(...) Os centuriões – entre os quais se encontravam alguns cujo valor lhes tinha merecido serem tirados das coortes inferiores das outras legiões para serem elevados às primeiras desta, não querendo perder a glória guerreira que tinham conquistado, foram mortos enquanto combatiam com extrema bravura»³⁶³.

Sobre a vida dos centuriões sabe-se que a mesma era consagrada ao exército e que não deviam ter expectativas de ascender à classe governante, limitando as suas ambições especialmente ao sucesso na sua «atividade profissional»³⁶⁴. Keegan assinalou o valioso contributo do centurião para o sucesso militar de Roma:

«(...) conseguiu transformar o *ethos* guerreiro de uma pequena cidade-estado numa verdadeira cultura militar (...) partilhada pelas camadas mais elevadas e mais baixas da sociedade romana, mas enraizada e expressa nos valores de uma corporação separada e subordinada de especialistas»³⁶⁵.

O armamento do centurião variava de acordo com a sua centúria (na fase anterior: com o manípulo) e, no que toca ao equipamento ofensivo, incluía o dardo de arremesso (*pilum*) e a espada (*gladium*). Esta era embainhada do lado esquerdo (ao contrário dos comuns legionários, que a usavam do lado direito, pelo que a diferença representava um sinal distintivo do seu posto). Envergavam também o cinto (*cingulum*). Em relação ao equipamento defensivo, destacam-se os elmos (com a famosa distinção, no caso dos centuriões da cresta transversal: *crista transversa*), os escudos semicilíndricos ou

³⁶² O critério para a progressão na hierarquia dentro da legião permanece desconhecido, mas, na fase de César, a promoção devia-se, possivelmente, aos favores prestados ao general e, especialmente, à valentia e bravura destes suboficiais. Ver Anexo 2: Imagens, p. 157.

³⁶³ CAES. *Gal.* 6. 40, p. 208.

³⁶⁴ KEEGAN (2006: p. 352) refere que o centurião representou, pela primeira vez na história, uma profissão militar «estimada e autossuficiente».

³⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 353.

retangulares, a couraça metálica³⁶⁶ e as grevas³⁶⁷. Todos estes elementos visuais definiam e consolidavam o estatuto e o profissionalismo do centurião. Outra componente indissociável do equipamento do centurião era o omnipresente pau de videira (*vitis*), usado para administrar castigos corporais³⁶⁸. Esta vara era simultaneamente um símbolo de comando e autoridade, mas também de punição, sendo usada para infligir punição corporal aos soldados que eram cidadãos romanos (o estatuto cada vez mais comum entre os legionários)³⁶⁹.

Sobre este assunto, é feita uma descrição, contextualizada na *Guerra das Gálias*, durante a revolta na Bélgica (54 a. C.), relacionada com a ação de dois valorosos centuriões:

«Quando já está a pouca distância do inimigo, Pullo lança o seu dardo e trespassa um Gaulês que tinha avançado ao seu encontro. (...) O seu escudo é trespassado por um dardo, cujo ferro fica preso no cinturão. O mesmo golpe desvia a bainha e prende a sua mão direita que tentava tirar o gládio. (...) Vorenius, de gládio em punho, faz-lhes frente e luta corpo a corpo. (...)»³⁷⁰.

Sobre o armamento dos centuriões, o tratadista Vegécio afirma: «E os centuriões tinham catafractas, escudos e capacetes de ferro, mas com cimeiras transversais e prateadas, para serem reconhecidos mais rapidamente pelos seus homens»³⁷¹.

Muitos centuriões recebiam condecorações militares (*dona militaria*)³⁷² em virtude do seu profissionalismo em combate e porque a coragem e bravura atribuídas a estes militares constituíam o principal requisito para as suas promoções. Tome-se como exemplo o centurião Scaeva, que serviu César na *Guerra Civil*, o qual, segundo Apiano, terá recebido várias condecorações do seu comandante pela sua bravura e copiosa *performance* na defesa dos fortes em Dirráquio (48 a. C.)³⁷³. Noutra descrição, inserida na *Guerra Hispânica* (45 a. C.), é relatado o caso de dois centuriões da V legião que

³⁶⁶ Veja-se o Anexo 2: Imagens, p. 158.

³⁶⁷ Serviam para proteção da canela e podiam ser fabricadas em metal ou em couro. Consulte-se o Anexo 2: Imagens, p. 155.

³⁶⁸ Recomenda-se a consulta do Anexo 2: Imagens, p. 154.

³⁶⁹ Veja-se WARD 2012: pp. 26-29. Sobre o equipamento, o vestuário e as distinções dos centuriões, consulte-se D'AMATO 2011: pp. 24-41.

³⁷⁰ CAES. *Gal.* 5. 44, pp. 180-181.

³⁷¹ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 2. 16, p 237.

³⁷² Existiam várias condecorações como, por exemplo, a *corona aurea*, atribuída a centuriões dos mais altos postos, ou a *corona cívica*, concedida a quem salvasse a vida de um cidadão romano em batalha, ou ainda a *corona muralis*, conferida ao primeiro homem a conseguir saltar ou transpor a muralha de um forte inimigo. Sobre este assunto, consulte-se D'AMATO 2011: pp. 39-41.

³⁷³ App. *B. Civ.* 2. 60, pp. 100-101.

demonstraram uma coragem extraordinária no combate; quando um deles foi morto, os inimigos precipitaram-se para lhe retirarem as condecorações³⁷⁴.

A «classificação» dos centuriões obedecia a um sistema complexo, adequado à antiguidade e experiência. No interior de cada coorte, os títulos atribuídos aos centuriões, por ordem de dignidade, eram: *pilus prior*, *princeps prior*, *hastatus prior*, *pilus posterior*, *princeps posterior* e *hastatus posterior*. Abaixo do centurião principal estavam o *optio* (centurião auxiliar), o *signifer* (porta-estandarte) e o *tesserarius* (responsável pelo serviço de guarda). Não existia o posto de *pilus posterior* na primeira coorte, que era substituído pelo *primus pilus*, o suboficial mais graduado de toda a legião³⁷⁵. Este participava nas reuniões do «estado maior» convocadas pelo legado e tinha, como todo o *pilus prior*, autoridade sobre a centúria e sobre a coorte (normalmente cumpria vinte anos de serviço). Os centuriões da segunda à décima coorte eram iguais em dignidade no seu posto e a sua colocação era determinada pela respetiva antiguidade. O acesso à primeira coorte constituía uma verdadeira promoção.

Foi no sistema de coortes que os centuriões se tornaram essenciais, quer para a comunicação, quer para executarem manobras táticas no campo de batalha. A organização da legião romana em coortes e manípulos acentuou as responsabilidades táticas do centurião (que ocupava um posto intermédio), o que significa que eles assumiam uma grande responsabilidade ao conduzirem os seus soldados para o ponto certo da batalha e ao conseguirem mantê-los nas respetivas posições. Durante o combate, eram também responsáveis por ajustar os ritmos relativos aos avanços, determinar a direção a seguir, os intervalos a serem respeitados e garantir a formação de um conjunto de oitenta a cento e cinquenta soldados no interior de uma coorte. Entenda-se que tudo isto requeria muita competência, experiência e «sangue-frio»³⁷⁶. Note-se que, a par dos deveres e funções assinalados, os centuriões e os seus jovens oficiais, os *optiones*, tinham ainda responsabilidades logísticas relacionadas com o aprovisionamento e a construção

³⁷⁴ [CAES.] *B. Hisp.* 23, pp. 257-258.

³⁷⁵ O *primus pilus* era o centurião que comandava a primeira centúria da primeira coorte, por isso o mais alto grau dos centuriões. Sobre este assunto, consulte-se LE BOHEC 2002: p. 44. Este historiador apresenta um interessante quadro com a disposição dos centuriões na primeira coorte e nas restantes (da II à X). Cf. GOLDSWORTHY 1996: pp.13-14.

³⁷⁶ Veja-se WARD 2012: pp. 151-152. Se pensarmos no facto de nenhum destes homens ter qualquer formação profissional ou ter frequentado qualquer «academia militar», reconhecemos o valor do seu trabalho e as qualidades profissionais que tinham de possuir e desenvolver, de forma a atingirem a eficácia que lhes é reconhecida em pleno combate. A preparação para lidar com emoções fortes (como o medo e até o pânico) e saber como as controlar seria uma condição *sine qua nom* para ocupar com sucesso o posto de centurião.

dos acampamentos de marcha³⁷⁷. Também eram vulgarmente utilizados em operações relacionadas com a recolha de informações. A propósito das características do centurião, escreve Vegécio:

«(...) cento e dez peões são comandados por um centurião debaixo de uma insígnia; (...) Além disso, o centurião deve ser escolhido pela sua grande força e elevada estatura, ele que arremessa as lanças e os dardos com perícia e com vigor, que sabe combater com o gládio e rodar habilmente o escudo, que aprendeu toda a arte da armadura, que é atento, prudente e ágil, mais preparado para fazer aquilo que lhe ordenaram do que para falar, que compele os seus homens à disciplina e que os obriga ao treino das armas, para que estejam bem vestidos e calçados e para que as armas de todos sejam limpas e reluzam»³⁷⁸.

Tendo em conta o exposto, facilmente se compreende a expressão comumente utilizada de que os centuriões terão sido a «espinha dorsal» do exército romano, sendo considerados os mais experientes, eficazes e resistentes soldados romanos. Entre as suas competências profissionais destaca-se ainda a disciplina, uma característica associada ao sucesso contínuo do exército romano. A importância do centurião na estrutura militar romana levou John Keegan a afirmar o seguinte:

«(...) a força última do exército romano, e a característica que, um milénio mais tarde, após o ressurgimento dos estudos clássicos no Renascimento, viria a fazer dele um modelo para aqueles que cresceram nos estados dinásticos da Europa onde têm origem os grandes exércitos modernos, não advinha nem do seu sistema de recrutamento nem do seu alto comando, mas sim do seu enquadramento legionário, o centurinato. Os centuriões romanos, líderes de unidades de longo prazo procedentes das melhores fileiras do exército, formaram o primeiro corpo de oficiais de combate profissionais da história. Eram eles que incutiam força e coragem nas legiões e que transmitiam o código de disciplina e experiência acumulada de saber tático que permitiu às forças romanas defrontar e vencer cem inimigos ao longo de cinco séculos de guerra quase contínua»³⁷⁹.

3.1.2. Os centuriões merecem o reconhecimento de César

Do ponto de vista da organização militar, os centuriões eram responsáveis pelo treino e a gestão diária das legiões, quer em campanha, quer nos acampamentos de inverno. Para além disso podiam também assumir responsabilidades logísticas,

³⁷⁷ Sobre este assunto veja-se ROTH 1999: p. 261.

³⁷⁸ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 2. 14, p. 233.

³⁷⁹ KEEGAN 2006: p. 351.

relacionadas com o aprovisionamento e a construção dos acampamentos de marcha. Também eram utilizados em operações relacionadas com a recolha de informações.

Comandantes como César sabiam da importância de ganhar a confiança e afeição dos seus soldados, e percebeu que uma das melhores formas de o fazer seria através de um contacto mais pessoal, senão com todos, preferencialmente com os seus centuriões. Nas narrativas de César, os centuriões tornaram-se figuras proeminentes e recebiam grandes elogios do seu líder, tanto individual como coletivamente. Homens como Públio Báculo (*primus pilus* da XII legião), que foi severamente ferido na batalha do Sambre³⁸⁰, Scaeva, que sofreu vários ferimentos na defesa dos fortes de Dirráquio³⁸¹, e Gaio Crastino, que morreu enquanto liderava uma carga em Farsalo³⁸², são exemplos de soldados descritos como figuras heroicas, homens que inspiravam os soldados através da sua coragem. Somos tentados a concordar com Nic Fields, quando este afirma que o elemento crucial a que César recorreu para preservar a experiência coletiva e a competência do seu exército foi a ascensão do centurionato profissional³⁸³.

A importância destes suboficiais ficou registada no facto de o centurião sénior de cada legião (*primi ordines*) ser regularmente convocado por César para os «conselhos de guerra» e de o seu contributo ser sempre tido em conta nas discussões sobre estratégia³⁸⁴. A participação dos centuriões nestas reuniões é um indicador de que César mantinha um contacto próximo com os mesmos, tratando-os, não como meros subordinados, mas como soldados experientes, cujo conselho era ouvido e respeitado. A capacidade de argumentação com os oficiais superiores revela a influência destes homens. Sobre este assunto, veja-se o relato inserido na *Guerra das Gálias* sobre a revolta na Bélgica (54 a. C.), na qual foi realizado um conselho, promovido pelos legados Lúcio Cota e Quinto Sabino, de forma a tentarem encontrar a melhor forma de lidarem com a revolta iniciada pelos Eburões. É dito o seguinte:

«Levam por isso o assunto ao conselho onde se levanta uma acesa discussão. (...) vários tribunos e centuriões da primeira coorte eram de opinião que não se devia fazer nada às cegas, nem deixar os aquartelamentos de Inverno sem a ordem de César. Apontavam ‘que se podia resistir aos Germanos, por mais numerosos que fossem, num acampamento fortificado (...)’³⁸⁵.

³⁸⁰ CAES. *Gal.* 2. 25-28, pp. 115-117.

³⁸¹ CAES. *Civ.* 3. 53, p. 105.

³⁸² CAES. *Civ.* 3.99, p. 130.

³⁸³ Sobre este assunto consulte-se FIELDS 2010: pp. 36-37.

³⁸⁴ Vide GILLIVER 2003: pp. 18-19.

³⁸⁵ CAES. *Gal.* 5. 28, p. 173.

Neste excerto do texto são particularmente visíveis a prudência e experiência reveladas pelos centuriões, ao argumentarem contra Sabino e defenderem o seu ponto de vista, ou seja, que se devia permanecer no acampamento fortificado, dado disporem de provisões até chegar ajuda. Para além disso, tinham em consideração que não seria prudente abandonarem o acampamento de inverno sem ordens do comandante. Entenda-se, a experiência e argúcia dos centuriões, ao tentarem, acima de tudo, manter a coesão do grupo:

«(...) os centuriões juntam-se em volta dos dois legados, suplicam-nos para que não tornem a situação perigosa com a sua divisão e a sua teimosia. A situação seria fácil, quer se ficasse, quer se partisse, na condição de toda a gente estar de acordo, mas com discussões, não havia salvação à vista»³⁸⁶.

Apesar disso, os Romanos abandonaram o acampamento e formaram uma longa coluna com bagagens. Esta revelar-se-ia uma decisão catastrófica, pois a coluna sofreu uma dupla emboscada e, apesar da resistência dos soldados romanos, o resultado foi a sua aniquilação, provando que os centuriões (e o legado Lúcio Cota) estavam certos³⁸⁷.

A nomeação dos centuriões para o comando individual de navios e esquadras navais pressupunha confiança nas suas capacidades de liderança. César nomeou centuriões nas campanhas marítimas, quer na *Guerra das Gálias*, quer durante a *Guerra Civil*. No que respeita ao primeiro conflito, na fase de anexação da costa atlântica (56 a. C.) foi registado um episódio no qual o legado Bruto comandava a frota e tribunos militares e centuriões tinham um navio cada um³⁸⁸. Já durante o segundo conflito, na primeira batalha naval de Massília (em 49 a. C.) foi descrito o seguinte:

«Brutus estava em grande desvantagem numérica em termos de navios; mas César tinha destacado de todas as suas legiões para esta frota homens que se tinham voluntariado para este dever. Soldados distinguidos pela sua bravura, tropas da linha da frente e centuriões»³⁸⁹.

No seguimento do anteriormente exposto, deve ainda considerar-se a função que os centuriões desempenhavam ao nível da formação dos soldados, o que também contribuiu para o reconhecimento e a valorização que César lhes atribuiu ao longo das

³⁸⁶ CAES. *Gal.* 5. 31, p. 174.

³⁸⁷ CAES. *Gal.* 5. 28-37, pp. 173-177.

³⁸⁸ CAES. *Gal.* 3. 14., p. 128.

³⁸⁹ CAES. *Civ.* 1. 57, p. 33.

suas narrativas. Os centuriões são os verdadeiros protagonistas das batalhas³⁹⁰. Curiosamente, legados e tribunos não figuram de forma tão notável nas suas “Memórias”. Mais do que as patentes superiores ou inferiores do exército, os que aparecem nomeados frequentemente são os centuriões, identificados como aqueles que mantinham a calma em situações de crise e que lutavam e morriam para conseguir a aprovação do seu comandante.

Grande parte das referências sobre os centuriões são positivas em relação ao seu comportamento (só muito raramente os soldados e centuriões vacilam). A título de exemplo, refira-se o caso do centurião Públio Sexto Báculo, protagonista de um episódio da *Guerra das Gálias*, contextualizado na derrota dos Nérvios na batalha do Sambre (57 a. C.) e que ocupava o posto de *primus pilus* da XII legião. Sobre este incidente foi escrito o seguinte:

«Todos os centuriões da quarta coorte tinham tombado, o porta-estandarte estava morto e o estandarte perdido, quase todos os centuriões das outras coortes estavam feridos ou mortos, entre os quais o primipilo *Publius Sextius Baculus*, soldado de grande coragem, com tantos e tão graves ferimentos que não conseguia mais manter-se de pé. (...) [César] pegou no escudo dum soldado da retaguarda, uma vez que não tinha o seu, avançou até à primeira linha, dirigiu-se aos centuriões chamando cada um pelo nome (...) A sua chegada devolveu a esperança aos soldados e voltou a dar-lhes coragem. Todos, sob o olhar do General em chefe, procuraram dar o seu melhor, mesmo nesta situação extrema, e a impetuosidade do inimigo foi um pouco quebrada»³⁹¹.

A importância dos centuriões era ainda revelada através da forma como César os descrevia, como se estivesse a recordar os heróis da *Iliada*³⁹². Este recurso servia para fomentar a competição e a honra dos seus suboficiais. Note-se um episódio descrito na *Guerra das Gálias* (54 a. C.), na revolta na Bélgica, no qual é narrado o comportamento de dois centuriões, Pulo e Voreno, que se encontravam numa certa competição pessoal:

³⁹⁰ Ressalve-se que as descrições de César sobre os seus centuriões não são completamente isentas, pois traduzem a visão do próprio sobre os seus soldados... De uma forma geral, toda a literatura antiga referente a esta época encontra-se ligada a descrições um pouco «monolíticas» da legião, o que coloca o comportamento dos soldados e centuriões numa quase absoluta previsibilidade, quando hoje sabemos que o comportamento deve ser colocado numa perspetiva mais global, atendendo aos vários fatores que o condicionam.

³⁹¹ CAES. *Gal.* 2. 25, pp. 115-116.

³⁹² Desde Homero que existiam narrativas heroicas de combate, nas quais a ação de um único soldado podia modificar o curso de uma batalha. Este comportamento idealizado em combate foi um recurso utilizado por César nas suas narrativas e poderia enquadrar-se numa forma de motivação dos soldados. Sobre este assunto, veja-se WARD 2012: p. 56.

«Estavam nessa legião dois centuriões da maior bravura, que já se encontravam perto de assumir um posto de chefia mais elevado, Titus Pullo e Lucius Vorenus. Havia entre eles uma rivalidade contínua para verem quem seria promovido antes do outro e, todos os anos, disputavam a promoção com muita animosidade. Pullo, no momento em que nos batíamos com maior ardor junto das muralhas, disse: ‘De que estás à espera, Vorenus? Então que promoção esperas para recompensar o teu valor? Chegou o dia que vai decidir tudo entre nós’. Após ter pronunciado estas palavras, avançou para fora do entrançamento e, encontrando o sítio em que a linha inimiga era mais densa, corre para lá. Vorenus também não permanece atrás das muralhas e, não querendo ser considerado menos valente, segue de perto o seu rival. Quando já está a pouca distância do inimigo, Pullo lança o seu dardo e trespassa um Gaulês que tinha avançado ao seu encontro. (...) e os dois, são e salvos, após terem morto muitos inimigos e se terem coberto de glória, fazem a sua entrada no acampamento. A fortuna, nesta luta de rivais, quis equilibrar os seus êxitos: cada um ajudou o outro e salvou-lhe a vida, sem que se pudesse decidir qual dos dois tinha sido mais valente»³⁹³.

A confiança que César atribuía aos seus centuriões ficou ainda registada quando, no início da *Guerra Civil*, na campanha de Ilerda (49 a. C.), as dificuldades em garantir os custos da guerra eram cada vez mais expressivas, pelo que terá pedido dinheiro emprestado a tribunos, militares e centuriões: «(...) pediu dinheiro emprestado aos seus oficiais, subalternos e centuriões e distribuiu-o pelo exército»³⁹⁴. Sobre este assunto Suetónio afirma que terão sido os centuriões a oferecerem dinheiro a César:

«No início da guerra civil, todos os centuriões de cada legião se ofereceram para equipar um cavaleiro, com as suas próprias poupanças, e todos os soldados quiseram servi-lo de graça, sem receberem trigo, nem soldo, com os mais ricos a encarregarem-se de sustentar os mais pobres»³⁹⁵.

Gostaríamos de salientar que, apesar da enorme confiança que César depositava nos seus centuriões, existem relatos de situações em que a mesma foi posta em causa. Atente-se no que aconteceu na *Guerra das Gálias*, após a derrota dos Helvécios (em 58 a. C.), quando César recebeu vários apelos de tribos gaulesas para as ajudar contra Ariovisto. O comandante avançou ao encontro do inimigo, mas os soldados romanos demonstraram grande receio em relação aos Germanos, devido aos rumores sobre a sua

³⁹³ CAES. *Gal.* 5.44, pp. 180-181.

³⁹⁴ CAES. *Civ.* 1. 39, p. 24.

³⁹⁵ SUE. *Jul.* 68, p. 87.

estatura e ferocidade, e hesitaram em avançar, contrariando as ordens do comandante. Como ficou registado na seguinte descrição:

«Durante os poucos dias que parou perto de Vesonção para se abastecer de trigo e de outros víveres, as perguntas dos nossos soldados e as conversas dos Gauleses e dos mercadores – que só falavam da grande estatura dos Germanos, do seu incrível valor e treino militares, da sua cara e do brilho dos seus olhares que tinham sido para nós muitas vezes insustentáveis quando nos defrontámos – espalharam subitamente um pavor tão grande nas tropas que o espírito e o coração de todos ficaram profundamente abalados. O pavor começou por afectar primeiro os tribunos militares, os perfeitos das tropas auxiliares e aqueles que, tendo seguido César por amizade, tinham mais experiência da guerra. Uns, invocando pretextos vários para justificarem a necessidade da sua partida, pediam autorização para se irem embora. Outros, cuja honra os levava a evitar serem suspeitos de cobardia, permaneciam no acampamento mas não conseguiam recompor o seu semblante, nem por vezes conter as lágrimas (...). Estes propósitos e este temor iam, aos poucos, abalando até aqueles que tinham grande experiência nas coisas da guerra, os legionários, os centuriões, os comandantes de cavalaria»³⁹⁶.

Para resolver esta situação César convocou o conselho e censurou a atitude dos seus soldados, mas conseguiu, com a sua capacidade de oratória, convencê-los de que nada havia a temer:

«Ao aperceber-se de tal situação e depois de ter convocado o conselho, para o qual também chamou os centuriões de todas as coortes, começou por censurá-los veementemente de quererem descortinar e discutir o seu objectivo e as suas intenções. (...) E se, sob o impulso de um furor louco, ele [Ariovisto] lhes fizesse a guerra, que tinham eles então a recear? Por que razão não acreditavam no seu próprio valor e na sua [de César] diligência? Já tínhamos enfrentado este inimigo no tempo dos nossos pais, quando a vitória de Gaio Mário sobre os Cimbrós e os Teutões trouxe tanta glória para o exército como para o próprio General. (...) Dizia-se que os soldados não obedeceriam às ordens e não marchariam! Estas afirmações preocupavam-no muito pouco pois sabia que um exército só se revoltava contra Generais ‘infelizes’ que falhavam por culpa própria ou que tivessem cometido qualquer má ação cuja descoberta fosse uma prova evidente da sua desonestidade»³⁹⁷.

Note-se que César (de forma brilhante) usou da sua astúcia e, apesar de ter iniciado o discurso com alguma severidade, conseguiu convencer os soldados de que o seu nervosismo era desnecessário e de que as legiões já tinham defrontado e derrotado guerreiros germanos no passado. Todo este discurso configurou um desafio ao orgulho dos centuriões, pois o tom utilizado por César deixava transparecer uma certa desilusão,

³⁹⁶ CAES. *Gal.* 1. 39, pp. 88-89.

³⁹⁷ CAES. *Gal.* 1. 40, pp. 89-90.

devido à desconfiança em relação às suas capacidades de liderança. O comandante confirmou que avançaria, nem que fosse apenas com a X legião (aquela que lhe era mais fiel). Este elogio provocou uma comoção imediata, quer nos soldados desta legião, quer nos outros, e não tardaram todos a manifestar vontade de obedecer de forma incondicional ao seu comandante. Os tribunos e centuriões das primeiras filas apresentaram as suas desculpas a César, afirmando: «que não tinham tido qualquer hesitação ou medo e que nunca pensaram que a condução da guerra dependesse da sua opinião mas sim da do General em chefe»³⁹⁸.

Este episódio é a prova de que César usava de uma certa condescendência quando lidava com situações relacionadas com os seus centuriões, pois, de certa forma, aceita e conforma-se com as suas explicações e desculpas para se esquecer o assunto³⁹⁹. Sabe-se, no entanto, que outros autores, como Frontino, descrevem punições severas para este tipo de atuação: «Numa ocasião em que duas legiões cederam face ao inimigo, o cônsul Fábio Rulo escolheu homens à sorte e decapitou-os à vista dos seus camaradas»⁴⁰⁰; ou «Aquílio decapitou três homens de cada centúria que tinha deixado o inimigo romper as suas fileiras»⁴⁰¹.

Apesar desta atitude um pouco benevolente para com os seus centuriões, na *Guerra Civil* encontramos dois relatos nos quais o comandante usou um tom mais duro. Um dos episódios registado na *Guerra Africana* recorre a palavras de desaprovação e faz uma descrição muito negativa de alguns tribunos e centuriões, que se mostraram indignos dos seus postos, pois encontram-se associados a motins e são acusados de terem usado os navios para transportarem (de Itália para África) apenas escravos e animais de tração, em vez de soldados. São acusados de serem cobardes e indignos de ocuparem os seus cargos⁴⁰².

Ainda durante a mesma guerra, é revelado que um centurião da V legião, Tito Saleno, após ter sido apanhado pelo exército pompeiano e manifestando receio de ser acusado e executado (o mesmo tinha sido responsável pelo confisco de dinheiro e objetos destinados ao triunfo de César), enganou dois tribunos da sua unidade e convenceu-os a

³⁹⁸ CAES. *Gal.* 1. 41, p. 91.

³⁹⁹ VICENTE 2010: p. 194.

⁴⁰⁰ FRON. *Str.* 4. 1, p. 177.

⁴⁰¹ Idem, *ibidem*.

⁴⁰² [CAES.] *B. Afr.* 54, p. 217-218. Assinale-se que esta situação revela uma atitude oposta aos valores que César atribuía aos seus centuriões. Sobre este assunto, consulte-se VICENTE 2010: p. 193.

não oferecerem resistência e a entregarem-se a Virgílio (Pretor que comandava a cidade marítima de Tapso), talvez com a intenção de se salvar a ele próprio⁴⁰³.

Em suma, pese embora a descrição de algumas situações menos meritórias nas quais os centuriões de César se envolveram, é possível percebermos a pertinência do destaque e da centralidade que lhes é atribuída. Os motivos que poderão explicar esta atitude prendem-se com o seu indiscutível e virtuoso desempenho no campo de batalha, mas também com a forma exemplar como formavam e disciplinavam os seus soldados. A benevolência com que eram tratados traduz esse reconhecimento. Poderá também ser um sinal da forma como César se identificava com as causas dos menos ricos e poderosos, o que na política se traduziu na sua ligação aos *populares* e, no exército, aos centuriões⁴⁰⁴.

3. 1.2.1. Promoções, pagamentos e privilégios dos centuriões

Descrito o papel de destaque atribuído aos centuriões, olhemos de seguida para a forma como a eficácia e o desempenho marcavam a sua progressão na hierarquia militar.

Como já assinalado, não existem dados concretos que permitam afirmar claramente qual era o critério para a forma como os centuriões integravam o posto, e a subsequente progressão ao longo da hierarquia dentro da legião permanece desconhecida, assim como quais seriam as regras que regulavam a ascensão ou a entrada no exército por nomeação direta, em vez de serem promovidos a partir das fileiras. Apesar destas limitações, parece-nos aceitável reconhecer que a promoção para alcançarem os níveis mais elevados da sua carreira seria determinada pela sua competência e pelas realizações militares, experiência e antiguidade.

No processo relacionado com as promoções no exército de César, sabe-se que os seus soldados ascendiam ao centurionato pelo seu valor (bravura, energia e desempenho). Ao atribuir a promoção, o comandante esperava que os seus suboficiais mantivessem o comportamento que os fez subir na hierarquia militar. Vale ainda a pena termos em conta a visão do tratadista Vegécio sobre as promoções no exército romano:

«(...) Pois, como que num círculo, os soldados são promovidos através das diferentes coortes e das diferentes secções, de tal forma que o soldado promovido da primeira coorte para um qualquer grau vá até à última coorte e inversamente regresse daquela através das outras até à

⁴⁰³ [CAES.] *B. Afr.* 28., p. 203.

⁴⁰⁴ D'Amato (2011: pp. 11 e 12) sugere a hipótese de esta ser uma forma de os plebeus ascenderem a níveis superiores no exército e, assim, poderem reclamar direitos contra o domínio social dos patrícios.

primeira, com uma graduação mais elevada e com um tempo de serviço maior. Por isso, depois de ter dirigido todas as coortes em círculo através das diferentes secções, um centurião alcança na primeira coorte a honra de *primi pili*, recebendo de toda a legião grandes privilégios (...)»⁴⁰⁵.

Confirma-se, deste modo, que as promoções dentro do centurionato passavam pelas diferentes coortes até à primeira e era nesta que se atingia o posto mais prestigiado, o de *primus pilus*.

Durante as campanhas na Gália, o exército de César duplicou em dimensão, proporcionando, desta forma, oportunidades de promoção para as mais altas patentes do centurionato. Durante a *Guerra Civil*, (49 a. C.), na batalha em frente a Ilerda, César descreve: «Do nosso lado caíram cerca de setenta homens, no primeiro combate, incluindo Quinto Fulgino, um ex-centurião, da primeira coorte, da XIV legião, que tinha ascendido a essa posição a partir das fileiras inferiores, devido à sua conspícua coragem (...)»⁴⁰⁶. Segundo esta descrição, o centurião foi promovido à sua posição pelas proezas militares alcançadas ao longo da sua carreira. Estima-se que as promoções eram, assim, recompensas face ao valor dos centuriões, transmitido através dos seus atos de bravura em combate.

Poderiam existir outros critérios para a promoção relacionados com a liderança, o espírito firme e a confiança. Neste sentido, as promoções incluíam não só homens que iniciassem ataques e batalhas, mas também aqueles que se levantassem quando caíssem, sobrevivessem à pressão e estivessem prontos a morrer nos seus postos⁴⁰⁷.

César nunca menciona qualquer promoção de um legionário a centurião e nada acrescenta sobre as suas origens, mas poderá ter sido uma prática padrão promover e transferir para novas unidades os centuriões das legiões mais experientes, de forma a proporcionar aos novos recrutas a aprendizagem através da experiência transmitida pelos veteranos.

Julgamos ser pertinente esclarecer que só após a profissionalização do exército é que os centuriões passaram a usufruir dos privilégios do seu posto em termos de benefícios económicos. César percebeu o grande potencial do centurião para assegurar a lealdade militar e influência política e estabeleceu um novo «standard económico» durante a República, tendo duplicado o pagamento para os soldados das legiões e estabelecido pagamentos cinco ou até dez vezes superiores (ao do legionário comum)

⁴⁰⁵ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, 2.21, p. 243.

⁴⁰⁶ CAES. *Civ.* 1. 47, pp. 28-29.

⁴⁰⁷ Sobre este espírito de resiliência dos centuriões, leia-se D' AMATO 2011.

para os centuriões. Também criou a possibilidade de beneficiarem de alguns bônus atribuídos periodicamente⁴⁰⁸. Sobre a generosidade de César no que tange aos seus soldados Suetônio afirma:

«No que diz respeito às legiões, dobrou o seu soldo para sempre. Todas as vezes que o trigo abundava, mandava distribuí-lo sem limitações aos soldados e, de vez em quando, deu a cada homem um escravo tirado dos despojos de guerra»⁴⁰⁹.

No que aos donativos respeita, destacamos um exemplo ocorrido na *Guerra das Gálias* (entre 51 e 50 a. C.), que revela a diferenciação das gratificações atribuídas aos centuriões:

«Para recompensar os seus soldados de tanto cansaço e tanta paciência, e de terem suportado com tanta constância essas fadigas, na estação dos dias curtos, por caminhos muito difíceis, com frios insuportáveis, César promete-lhes em sinal [de] gratificação, a título de despojo, duzentos sestércios por cabeça e mil aos centuriões»⁴¹⁰.

Noutro episódio contextualizado no mesmo conflito, durante o cerco de Gergóvia (52 a. C.), encontramos um exemplo de recompensa através da coragem. Na descrição do momento no qual o exército romano se preparava para retirar, conta-se que nem todos os soldados ouviram o sinal das trombetas e, animados pela possibilidade de uma rápida vitória, aproximaram-se perigosamente da muralha e das portas da cidade. Sobre esse momento é narrado o seguinte:

«César, tendo atingido o objectivo que se tinha fixado, mandou fazer soar a retirada e, após ter arengado a décima legião com a qual se encontrava, mandou-a parar. Os soldados das outras legiões não ouviram o sinal da trombeta por estarem separados por um vale relativamente grande. Mas, exaltados pela esperança duma rápida vitória, pela fuga do inimigo, pela memória dos seus êxitos anteriores, pensavam que nada havia de tão difícil que o seu valor não pudesse superar. (...) Lucius Fabius, centurião da oitava legião, que se sabia ter dito nesse dia, no meio dos seus, que estava excitado com as recompensas oferecidas por César em Avárico e que não deixaria ninguém escalar a muralha antes dele, pegou em três dos seus soldados, mandou-os içá-los. Depois, um a um ajudou-os a subir para a muralha»⁴¹¹.

⁴⁰⁸ APP. *B. Civ.* 2. 102, pp. 123-124.

⁴⁰⁹ SUET. *Jul.* 26, pp. 64-65.

⁴¹⁰ HIRT. *Gal.* 8. 4, p. 265.

⁴¹¹ CAES. *Gal.* 7. 47, p. 236.

Num âmbito mais concreto, pode associar-se o comportamento dos centuriões em combate (marcado pela sua elevada eficácia e coragem) à recompensa associada a algum tipo de riqueza material e à glória que poderiam alcançar. A gratificação no final de uma batalha de sucesso podia ser a aquisição de terras, riqueza ou escravos, tal como a oportunidade para eventuais promoções, dentro e fora das legiões.

Saliente-se uma situação verificada na *Guerra Civil* (48 a. C.), em Dirráquio, na qual se destaca a intervenção do centurião Scaeva na defesa dos fortes que circundavam o inimigo. Ficou registado que só o escudo deste corajoso centurião foi atingido por cerca de vinte projéteis e o mesmo perdeu um olho. As ações deste centurião e dos soldados que o acompanharam foram generosamente recompensadas. Sobre esta situação César descreve o seguinte:

«Mas no forte não havia um único homem que não tivesse sido ferido e quatro centuriões de uma só coorte perderam os olhos. (...) trinta mil flechas/projeteis tinham sido disparadas contra o forte e quando lhe trouxeram o escudo do centurião Scaeva, foram encontrados cento e vinte buracos. César deu a Scaeva 200.000 sestércios pelos serviços prestados a si próprio e ao Estado e declarou que o estava a promover de centurião da oitava coorte a primus-pilus (pois era consensual que tinha sido, em grande parte, graças a ele que o forte tinha sido salvo) e depois recompensou generosamente a coorte com o dobro do salário, cereais, vestuário e rações e com condecorações militares»⁴¹².

Ressalve-se, no entanto, que os valores pelos quais os soldados e os centuriões se regiam não eram centrados apenas em possíveis recompensas materiais e monetárias, mas sim um conjunto muito mais vasto de fatores. Segundo Keegan:

«(...) orgulho num modo de vida distinto (e distintamente masculino), preocupação em gozar de opinião favorável junto dos camaradas, satisfação com os sinais largamente simbólicos do sucesso profissional, esperança numa promoção, expectativa de uma reforma confortável e honrada»⁴¹³.

⁴¹² CAES. *Civ.* 3.53, p. 105. «But in the fort there was not one man who was unwounded, and four centurions from a single cohort lost eyes. (...) about thirty thousand arrows which had been fired at the fort, and when he was brought the shield of the centurion Scaeva a hundred and twenty holes were found in it. Caesar gave Scaeva 200, 000 sesterces for his service to himself and to the state and declared that he was promoting him from centurion in the eight cohort to leading centurion of the legion (for it was largely due to him that the fort had been saved), and he afterwards rewarded the cohort generously with double pay, grain, clothing, and rations, and with military decorations». Cf. App. *B. Civ.* 2. 60. pp. 100-101. Este autor faz um relato mais pormenorizado de toda a situação vivida nos fortes, na qual se torna explícito que terá sido graças à coragem de Scaeva que os outros soldados não terão desistido até vencerem os inimigos.

⁴¹³ KEEGAN 2006: pp. 353-354.

No que ao comando diz respeito, sabe-se que César elogiava e retribuía generosamente não só os centuriões, mas os soldados de uma forma geral. Poucos comandantes na história tiveram a capacidade de ganhar uma devoção comparável das suas tropas. A propósito da forte ligação entre César e os seus soldados, escreve Suetónio: «Durante essa guerra tão longa [Guerra Civil], nenhum deles o abandonou, e aqueles que foram feitos prisioneiros, quando lhes propuseram a vida salva em troca de combaterem contra ele, recusaram quase todos»⁴¹⁴.

3.1.3. Disciplina e coragem dos centuriões

A disciplina era um atributo essencial para o desempenho do centurião em combate e também relevante para a formação dos soldados. Os elevados padrões de conduta exigidos por César ao seu exército só seriam possíveis através do treino rigoroso e do incentivo à coragem dos seus soldados, e para tal contava com os seus centuriões⁴¹⁵. A aplicação das punições físicas era atribuída aos centuriões e tornavam-se necessárias para a consolidação da autoridade militar. Segundo Ward, os tribunos encarregavam-se de supervisionar as ações de indisciplina e os centuriões eram os responsáveis por executá-las⁴¹⁶. A disciplina era a garantia da coesão do exército e da eficácia no combate.

Frontino descreve algumas situações reveladoras do que poderia acontecer quando os soldados quebravam a disciplina, como por exemplo os que desertavam: «Durante o consulado de Públio Cornélio Nasica e Décimo Júnio, os que desertavam do exército eram condenados a serem flagelados publicamente com varas e vendidos como escravos»⁴¹⁷.

A rígida disciplina do centurião relaciona-se também com o seu valor (*virtus*), coragem e a bravura reveladas em combate. Saliente-se que as narrativas cesarianas prestam particular atenção aos feitos dos seus centuriões, nas quais os sucessos são, muitas vezes, atribuídos à coragem e exemplo inspirador, tal como as derrotas são, por vezes, minorizadas pelo seu heroísmo. Os centuriões pagavam o heroísmo, muitas vezes com a própria vida, sacrificando-se pela causa que defendiam e, neste sentido, serviam de exemplo para os seus soldados. Na *Guerra das Gálias*, na narrativa alusiva à revolta

⁴¹⁴ SUET. *Jul.* 68, p. 87.

⁴¹⁵ Sobre o papel disciplinador dos centuriões, consulte-se WARD 2012. Cap. 1, pp. 19-55.

⁴¹⁶ WARD 2012: p. 24.

⁴¹⁷ FRON. *Str.* 4.1, p. 173.

na Bélgica (54 a. C.), é descrita a atitude corajosa de um centurião, num momento em que os Romanos se encontravam sob forte ataque:

«Todavia, apesar de todas estas desvantagens e cobertos de ferimentos, os nossos soldados, continuavam a resistir. Uma grande parte do dia já tinha passado e o combate tinha durado desde o romper do dia até à oitava hora, sem que nada tivéssemos feito de indigno. Mas então, Titus Balventius que, no ano anterior, tinha sido primipilo, homem bravo e bastante ouvido, ficou com as duas coxas atravessadas por uma trágula. Quintus Lucanius, oficial com o mesmo posto, é morto ao combater com extrema bravura para socorrer o filho que estava a ser envolvido»⁴¹⁸.

Esta descrição permite-nos perceber a extrema violência que envolvia os combates e a coragem necessária para enfrentar esses momentos.

No mesmo conflito, na batalha contra os Nérvios (57 a. C.), no rio Sambre, sobre a importância e coragem dos centuriões no momento do combate, é referido o seguinte:

«César, após ter exortado a décima legião, deslocou-se para a ala direita. Todos os centuriões da quarta coorte tinham tombado, o porta-estandarte estava morto e o estandarte perdido, quase todos os centuriões das outras coortes estavam feridos ou mortos, entre os quais o primipilo Publius Sextius Baculus, soldado de grande coragem, com tantos e tão graves ferimentos que não conseguia mais manter-se de pé. Os outros estavam muito abatidos e alguns homens das últimas linhas pararam de combater, retiraram-se e colocaram-se ao abrigo das armas de arremesso. O inimigo não parava de subir desde o sopé da colina até ao nosso centro, atacando-nos também nos dois flancos. A situação era crítica e não havia nenhuma reserva de que se pudesse esperar auxílio. Então, César pegou no escudo dum soldado da retaguarda, uma vez que não tinha o seu, avançou até à primeira linha, dirigiu-se aos centuriões chamando cada um pelo nome, arengou os soldados e deu ordem para que as insígnias avançassem e para que as linhas se alargassem (...)»⁴¹⁹.

O centurião Sexto Júlio Báculo (*primus pilus* da XII legião) mencionado no episódio supracitado, foi talvez o mais famoso que operou no exército de César. Era visto como um verdadeiro herói, frequentemente disposto a lutar até à morte. Foi o único soldado mencionado pelo nome por três vezes na *Guerra das Gálias*. Báculo é descrito como homem de grande valor e o seu contributo para a batalha foi decisivo e, apesar dos ferimentos, conseguiu escapar com vida (a mesma sorte não tiveram os outros centuriões da quarta coorte). O seu valor e a sua astúcia voltam a ser testemunhados nas operações

⁴¹⁸ CAES. *Gal.* 5. 35, p. 176.

⁴¹⁹ CAES. *Gal.* 2. 15, pp. 115-116.

militares nos Alpes (56 a. C.), quando os Romanos, liderados pelo legado S ervio Galba, acompanhado pela XII legião, se encontravam a construir um acampamento de inverno (no território dos Nantuates, Veragros e Sedunos) e foram apanhados desprevenidos e atacados (o acampamento ainda não se encontrava completo e não dispunham de provisões suficientes). A propósito desta situa o, escreveu César:

«Foi então que Publius Sextius Baculus, centurião primipilo (o mesmo que vimos coberto de ferimentos na batalha contra os Nérvios), juntamente com Caius Volusenus, tribuno militar, (...) acorreram junto de Galba e fizeram-lhe ver que a única maneira de se salvarem era tentarem o último recurso que seria a saída. Galba convoca todos os centuriões e manda informar os soldados que devem suspender o combate por um momento, limitando-se a cobrir os golpes de que fossem vítimas, para recuperarem as suas forças. Depois, ao sinal, deveriam sair do acampamento e contar apenas com o seu valor para se salvarem»⁴²⁰.

Ainda no mesmo conflito, durante as opera es militares no Norte da Gália (53 a. C.), César volta a citar o mesmo centurião, devido ao seu hero simo na campanha contra os Germanos. A sua intr pida atua o   descrita da seguinte forma:

«Entre os doentes deixados na fortifica o, estava Publius Sextius Baculus que tinha sido primipilo sob as ordens de César (...). Há cinco dias que não comia nada. Preocupado com a sua salva o e com a de todos, avança sem armas para fora da sua tenda. Percebendo a ameaça do inimigo e o perigo extremo da situa o, apodera-se das armas dos primeiros soldados que encontra e coloca-se junto   porta. Os centuriões da coorte que estava de guarda seguem-no e todos juntos sust m o combate por alguns instantes. Sextius, coberto de ferimentos, desmaia. Com grande dificuldade, passam-no de mão em mão e salvam-no. Durante esse espaço de tempo, os outros recompõem-se o suficiente para se atreverem a ficar nos entrincheiramentos e parecerem defensores»⁴²¹.

Acrescente-se ainda um relato contextualizado na *Guerra Civil*, em África, na Batalha de Tapso (46 a. C.), no qual o autor da *Guerra Africana* sugere que César se terá revelado incapaz de controlar as suas tropas, o que obrigou os centuriões a terem de se colocar   frente da linha, tentando, em v o, deter os seus soldados pela força, procurando impedi-los de atacar, sem ordem do seu general. Foi descrito o seguinte:

⁴²⁰ CAES. *Gal.* 3. 5, p. 123.

⁴²¹ CAES. *Gal.* 6. 38, p. 207.

«(...) os estandartes de todas as coortes começaram a avançar contra o inimigo, apesar de os centuriões se terem virado para eles e tentado, em vão, impedir os seus homens de atacar contra as ordens do seu comandante»⁴²².

Após o *desaire* de Dirráquio, César avançou para a Tessália, local onde se concretizou a maior batalha da *Guerra Civil*, numa vasta planície, em Farsalo. Na descrição desta terrível batalha surge a referência ao protagonismo de um centurião que se destacou pelos seus atos de arrojo e valentia, com o nome de Crastino (ex. *primus pilus* da X legião). A propósito deste centurião, registou-se o seguinte:

«No exército de César, havia um veterano, realistado, Crastino, que, no ano anterior, tinha servido sob as suas ordens como centurião sénior na X legião e era um homem de extraordinária coragem. Quando o sinal foi dado ele disse: ‘Sigam-me homens que estavam na minha companhia [legião] e deem ao vosso general a ajuda que prometeram. Esta é a única batalha que resta; uma vez terminada, ele recuperará a sua posição e nós a nossa liberdade’. E, olhando para César, disse: ‘Hoje, general, farei coisas que me agradecerás, quer eu viva, quer morra’. Depois de proferir estas palavras, foi o primeiro homem a correr para a frente a partir da ala direita, seguido por cerca de cento e vinte voluntários escolhidos»⁴²³.

Como resultado deste confronto César assinalou que 15.000 soldados inimigos foram mortos e 24.000 capturados, juntamente com 9 águias e 180 estandartes. No entanto, segundo a mesma fonte, as baixas no seu exército foram reduzidas, saldando-se num total de 200 mortos, 30 dos quais eram centuriões (entre os quais Crastino)⁴²⁴. Apiano acrescenta que César fez um enterro de honra a este centurião e que o mesmo terá sido condecorado postumamente⁴²⁵.

Julgamos poder afirmar que os centuriões foram os verdadeiros arquitetos dos incontáveis triunfos das legiões romanas, pois eram os principais responsáveis pela aplicação de uma férrea disciplina ao treino dos soldados. Como observou Keegan: «O centurião, tanto quanto o legionário, combatia perto do inimigo, por vezes corpo a corpo,

⁴²² [CAES.] *B. Afr.* 82, pp. 232-233.

⁴²³ CAES. *Civ.* 3. 91, p. 126. «In Caesar’s army there was a re-enlisted veteran, Crastinus, who in the previous year had served under him as senior centurion in the Tenth legion and was a man of extraordinary courage. When the signal was given, he said: ‘Follow me, you men who were in my company, and give your general the aid you have promised. This is the only battle left; once it is over, he will regain his position and we our freedom’. And looking at Caesar he said: ‘I shall do things today, general, that you will thank me for, whether I lie or die’. After uttering these words, he was the first man to run forward from the right wing, followed by about 120 picked volunteers».

⁴²⁴ CAES. *Civ.* 3. 99, p. 130. Esta elevada proporção de centuriões mortos pode ser vista como resultado do estilo agressivo e arriscado usado pelos centuriões na sua liderança em combate.

⁴²⁵ APP. *B. Civ.* 2. 82, pp. 112-113.

e aceitava o risco de ferimento como uma contingência inescapável da vida que escolhera»⁴²⁶.

3.1.4. Os centuriões e o comando intermédio

Procuremos, de seguida, precisar as funções que se esperava que os centuriões cumprissem ao nível do comando intermédio.

Foi na República Tardia que o centurião se foi revelando como detentor de um posto distinto, no interior das legiões. Os centuriões constituíam uma categoria à parte, quer dos oficiais, quer dos soldados. Ao ocuparem uma posição intermédia na hierarquia militar, tinham obrigatoriamente de equilibrar os seus deveres e lealdade aos soldados sob o seu comando com os prestados aos seus superiores.

A importância da guerra no desenvolvimento da civilização romana obrigava a que o exército romano abraçasse o desafio de tornar o conjunto dos seus soldados individuais numa unidade coesa, pois só assim se poderia alcançar a vitória nas batalhas. Como combatentes primários e disciplinadores, os centuriões eram os responsáveis pelo mais importante papel em todo este processo, pois eram eles que treinavam, disciplinavam e lideravam as legiões em combate. Eram também os principais intervenientes no processo de integração dos soldados na vida militar.

No que concerne à função de liderança, com a qual se identificavam os centuriões, muitas vezes fundamental em situações de risco, atente-se no relato de uma situação de grande perigo para o exército romano, contextualizada na *Guerra das Gálias*, durante as operações militares no Norte (53 a. C.), onde sobressai a forma como os soldados aguardavam soluções e planos de liderança por parte dos centuriões. A propósito dos soldados, diz-se o seguinte: «Recrutados recentemente e sem experiência da guerra, voltam os olhares para o tribuno militar e para os centuriões, esperando as suas ordens»⁴²⁷.

Na descrição da *Guerra Alexandrina* encontra-se uma referência à forma como o exército era entendido como um grupo coeso, mas no qual, mesmo assim, se destacavam algumas especificidades, nomeadamente ao nível dos centuriões. O autor escreve: «Um grande número de oficiais, companheiros e centuriões de César (...)»⁴²⁸.

⁴²⁶ KEEGAN 2006: p. 353.

⁴²⁷ CAES. *Gal.* 6. 39., p. 208.

⁴²⁸ [CAES] *B. Alex.* 24., p. 156.

Não restam dúvidas de que os centuriões possuíam níveis de experiência, especialização e identidade corporativa que os tornava únicos na estrutura do comando militar do exército de César.

3.1.4.1. Autoridade e liderança militar dos centuriões

A autoridade militar do centurião encontra-se intrinsecamente associada (como já assinalado) ao comportamento em combate e traduzia-se no uso de símbolos materiais representativos do poder.

Para se atingir o grau de excelência revelado pelo exército romano republicano era essencial que a disciplina coexistisse com uma certa violência primitiva, mais realçada no combate individual, na qual os centuriões se destacavam⁴²⁹. Neste sentido, ressalve-se que os centuriões dependiam obrigatoriamente de estratégias brutais para a afirmação da sua autoridade. A agressividade do exército de César ficou registada numa situação relativa à *Guerra Hispânica* (45 a. C.), na qual César não terá desaprovado o comportamento agressivo das suas tropas contra as tropas pompeianas. A descrição remete para uma escaramuça anterior à batalha de Munda, na qual os soldados vingaram a morte de dois centuriões que se tinham sacrificado⁴³⁰.

Note-se que os centuriões ganhavam o seu lugar nas legiões graças ao seu *modus operandi*, ao serem os últimos a retirar e os primeiros a escalar as muralhas, quando a situação assim o exigia. Deve, no entanto, estabelecer-se a separação entre o individual competitivo e o coletivo disciplinado, como se pode confirmar na famosa admoestação feita por César aos soldados, após o assalto falhado no cerco de Gergóvia, fruto da precipitação coletiva dos soldados⁴³¹.

Por fim, no que respeita à autoridade do centurião, entenda-se que a mesma não podia estabelecer-se apenas através de sanções negativas, como penas e sanções, mas a obediência teria de ser um produto, não só do medo, mas também da compreensão. Parece-nos que seria inevitável uma certa tensão entre a ideologia e a prática da liderança, tal como entre a disciplina e a competitividade em combate⁴³².

No que respeita à liderança (de acordo com o já anteriormente exposto), esperava-se que o centurião fosse o primeiro a envolver-se com o inimigo e o último a retirar do

⁴²⁹ CAES. Gal. 5.44 pp. 180-181.

⁴³⁰ [CAES.] *B. Hisp.* 24. p. 258.

⁴³¹ CAES. Gal. 7. 52. P. 238.

⁴³² Sobre este assunto consulte-se WARD 2012: pp. 105-107.

campo de batalha, colocando a sua própria vida em perigo, caso fosse necessário. Este tipo de liderança traduzia uma *performance* arriscada e enquadrava-se numa tentativa de produzir um efeito coletivo psicológico nos seus soldados. Cada liderança que os centuriões assumiam era determinada pela sua própria avaliação da força e da posição relativas dos seus soldados num dado lugar e tempo. Dos mesmos esperava-se experiência e comprometimento, pois eram os únicos com responsabilidade de comando e, conseqüentemente, os executores de táticas no campo de batalha.

Na *Guerra Civil* (48 a. C.), durante a batalha de Farsalo, é descrita uma manobra reveladora da exigente formação dos soldados do exército de César e da necessária destreza do comando:

«Mas quando foi dado o sinal e os nossos soldados avançaram com as suas lanças prontas a serem lançadas, viram que os pompeianos não corriam ao seu encontro; como já tinham experiência e prática de batalhas anteriores, espontaneamente controlaram a sua carga e pararam aproximadamente a meio do caminho, para evitarem estar em estado de exaustão quando se aproximassem. Depois de uma breve pausa, voltaram a atacar, atiraram as lanças e desembainharam rapidamente as espadas como César tinha ordenado. (...) Resistiram à chuva de lanças, aguentaram o choque das legiões, mantiveram a sua formação e, depois de arremessarem as lanças, recorreram às espadas»⁴³³.

Na situação descrita, é de relevar a necessidade de coordenação e preparação dos soldados para a execução de uma manobra especialmente difícil porque concretizada após o primeiro avanço, o qual exigia aceleração para a carga inicial (a carga era executada em passo de corrida e era preparatória relativamente ao arremesso do dardo), logo seguida de uma pausa deliberada. Com toda a linha parada, o trabalho dos centuriões era fundamental para reorganizar as linhas. O sangue-frio necessário para se executar com sucesso uma manobra destas, com o inimigo tão próximo, comprova a qualidade, o treino e a experiência dos legionários de César e dos seus suboficiais.

Importa referir que se inserem no modelo de liderança adotado pelos centuriões exemplos individuais dos seus avanços para a frente, sofrendo as conseqüências de tão

⁴³³ CAES. *Civ.* 3. 93, pp. 126-127. «But when the signal was given and our soldiers ran forward with their spears ready to throw, they saw that the Pompeians were not running to meet them; being experienced and practised from previous battles, they spontaneously checked their charge and halted approximately half-way, to avoid being in a state of exhaustion when they came to close quarters; then after a short pause they renewed their charge, threw their spears, and quickly drew their swords, as had been ordered by Caesar. (...) They withstood the hail of spears, took the shock of the legions, kept their formation, and after throwing their spears resorted to their swords».

temerárias atitudes. Veja-se o caso do já citado centurião Báculo, na *Guerra das Gálias*, durante a batalha do rio Sambre (57 a. C.), contra os Nérvios. Neste episódio foi descrito que as legiões romanas se encontravam numa situação desesperada e Báculo, apesar de se encontrar atordoado e ferido em várias partes do corpo, apercebendo-se que vários soldados rompiam as linhas, correu para a linha da frente para incentivar os soldados e centuriões a aguentarem as suas posições⁴³⁴. No mesmo conflito, mas noutra situação, contra os cavaleiros germanos (53 a. C.), o mesmo centurião, quase inválido, foi um dos principais protagonistas na defesa do acampamento romano⁴³⁵.

Ainda no âmbito da liderança dos centuriões, sabemos que a sua forma de atuação sugeria o recurso à competição e implicava algum nível de agressividade. O comportamento agressivo dos centuriões pode interpretar-se como motivado pelo desejo de glória, mas, na realidade, muitas vezes correspondia a situações em que a legião estava desesperada e se tornava necessário um comportamento mais firme. As bravas ações dos centuriões Pulo e Voreno, na *Guerra das Gálias* (54 a. C.), pareciam uma mera competição pela virtude, mas facilmente se percebe que a legião se encontrava numa situação extrema, pois os Romanos encontravam-se cercados pelos Nérvios. Assim, a ação daqueles dois centuriões pode ser vista não só como um ato revestido de um certo individualismo, mas também como um sinal da grande consciência das necessidades do seu grupo ou unidade⁴³⁶.

Ainda no que toca à liderança, destaque-se que os competitivos atos de bravura eram também desejáveis para motivar a performance dos soldados e garantir a sua confiança. Era esperado que os centuriões se colocassem em perigo e se distinguissem ativamente no combate. Note-se que, para este comportamento, seria necessário aquilo que César descreve como o *animus*, ou seja, algo similar ao espírito agressivo de combate ou a energia ofensiva (*impetus*), identificados com uma certa ira ou até furor⁴³⁷. Sobre este aspeto, atente-se numa descrição inserida na *Guerra das Gálias*, na fase da expulsão dos Germanos (58 a. C.), na qual se refere o seguinte:

⁴³⁴ CAES. *Gal.* 2.25, p. 115.

⁴³⁵ CAES. *Gal.* 6. 38., p. 207.

⁴³⁶ CAES. *Gal.* 5. 44. pp. 180-181.

⁴³⁷ Segundo KEEGAN (2006: pp. 347.), «o que mais distinguia a guerra dos romanos da dos seus vizinhos e contemporâneos não era a sua motivação (...) mas sim a sua ferocidade. Os romanos do final do primeiro milénio a. C. eram tão ferozes que, numa perspectiva histórica mais vasta, o seu comportamento só pode ser comparado ao dos mongóis (...)». Apesar deste ponto de vista, mais à frente o autor acrescenta: «Ainda assim, a prática de guerra romana, apesar de todo o seu extremismo episódico, nunca atingiu os níveis de inumanidade e de destrutivismo alcançado mais tarde pelos mongóis e pelos timúridas». Idem, *ibidem*, p. 349. Cf. WARD 2012: p. 60. Este historiador (2012: p. 57) intitula os centuriões de «lutadores naturais», referindo-se ao seu comportamento agressivo como uma das características do posto.

«Os nossos soldados, quando o sinal foi dado, lançaram-se com tanta impetuosidade e, do seu lado, o inimigo correu com tanta força e tão depressa ao seu encontro que não houve espaço para lançar os dardos. Como estes não foram utilizados, iniciou-se um combate corpo a corpo com espada. (...) Houve um grande número dos nossos soldados que saltou sobre as falanges, arrancou os escudos das mãos adversas e feriu o inimigo de alto a baixo»⁴³⁸.

No que tange ainda a este estado de ânimo, acrescenta-se um episódio da *Guerra Civil*, contextualizado na batalha de Farsalo, sobre o qual é feita uma descrição do que seria o *animus* dos soldados:

«(...) porque há em todos nós uma excitação e um ardor de alma naturalmente inatos, que são alimentados pelo desejo de combater. Esta qualidade os generais não devem reprimir, mas sim encorajar; e não foi sem razão que, desde há muito tempo, se tornou costume fazer soar trombetas de todos os lados e todos darem um grito; as pessoas pensavam que, através destes meios, o inimigo ficava aterrorizado e o seu próprio lado era incitado a avançar»⁴³⁹.

Ao analisarmos o estilo de comando exercido por César, percebemos a importância que o mesmo atribuía aos fatores psicológicos na guerra, assim como ao alto moral das tropas para se atingir a glória. Ao longo das suas “Memórias”, encontramos algumas referências que se enquadram nesta atitude de tentar animar/encorajar os soldados em situações claramente desvantajosas. Na *Guerra das Gálias*, após o fracasso do cerco de Gergóvia, César dirigiu-se aos seus soldados...

«(...) dizendo-lhes ‘que não se deixassem desencorajar pelo sucedido e que não imputassem ao valor do inimigo um fracasso causado pelas desvantagens da posição’, manteve o seu projeto de partida, mandou sair as legiões do acampamento e colocou-as para a batalha num terreno favorável»⁴⁴⁰.

Esta preocupação é também visível na *Guerra Civil*, numa descrição relativa à vitória do exército de César na batalha de Farsalo:

⁴³⁸ CAES. *Gal.* 1. 52, p. 98.

⁴³⁹ CAES. *Civ.* 3.92, p. 126. «(...) because there is in all of us some naturally inborn excitement and ardour of soul, which is fired by the desire to fight. This quality generals ought not to repress, but encourage; and not without reason did it become the custom a very long time ago for trumpet calls to be sounded on all sides and for everyone to raise a shout; people thought that by these means the enemy were terrified and their own side urged on».

⁴⁴⁰ CAES. *Gal.* 7. 53, p. 239.

«Agora que tinha assegurado o abastecimento de cereais e os seus soldados tinham recuperado a força e que tinha decorrido um intervalo de tempo suficiente desde os confrontos em Dirráquio para que considerasse que podia avaliar de forma fiável o moral das tropas, César decidiu testar a intenção ou vontade de combater de Pompeio»⁴⁴¹.

Em suma, aos centuriões cabia corporizarem esse *animus* de forma a providenciarem um exemplo de coragem e de espírito de sacrifício junto dos soldados que lideravam. O seu número relativamente diminuto (649 num exército de 11 legiões, no final da Guerra das Gálias) não os impediu de serem os principais protagonistas das guerras que César travou e de contagiarem o exército com o seu grande *esprit de corps*.

3.1.4.2. O centurião e a formação dos soldados

Conforme já adiantámos, devido à posição intermédia na hierarquia militar romana o centurião tinha de equilibrar os seus deveres e a sua lealdade para com os soldados sob o seu comando, e também relativamente aos seus superiores. Para além de liderarem as legiões em combate, os centuriões eram também os principais responsáveis pelo treino dos «recrutas»⁴⁴², a supervisão dos soldados e a integração dos mesmos na comunidade militar romana.

A formação seria o espaço privilegiado para a criação de relações de solidariedade e de camaradagem entre os soldados. A integração em unidades de pequena dimensão, como os *contubernia*, representava uma boa oportunidade para a criação de laços sociais, talvez permitindo reencontrar nos companheiros a família que deixaram para trás, assim como a afirmação de uma certa «identidade profissional». Reforça-se que a coesão da unidade⁴⁴³ seria uma condição relevante para o sucesso no combate.

⁴⁴¹ CAES. *Civ.* 3. 84, p. 122. «Now that he had secured supplies of grain and his soldiers had recovered their strength, and a sufficient interval had elapsed since the battles at Dyrrachium for him to consider that he could reliably judge the troops' morale, Caesar decided to test Pompey's intention, or willingness, to fight».

⁴⁴² Segundo D'Amato (2011: p. 17) o treino dos «recrutas» seria algo extremamente desafiante: transformar agricultores ou pastores nos mais temíveis guerreiros do mundo antigo não seria certamente fácil. A disciplina teria de ser rigorosa. Os soldados podiam até odiar os centuriões devido à disciplina severa que impunham, mas a sua forte liderança transformaria o ódio em admiração e respeito, em consequência de os centuriões ensinarem também através do exemplo que davam no campo de batalha.

⁴⁴³ Ward (2012: p. 191) afirma que não se deve dar demasiada importância ao aspeto da coesão da unidade para o combate, pois existiam outros fatores tão ou mais relevantes, como a liderança individual, a ideologia, as crenças religiosas, a honra ou o dever.

No que respeita à formação dos soldados, não dispomos de fontes que mencionem especificamente qual seria o procedimento adotado, porém, facilmente se deduz que, quando em campanha, o processo (após a seleção dos soldados, já atrás mencionada), teria origem na construção dos acampamentos de marcha⁴⁴⁴. Entenda-se que, embora os tribunos fossem os responsáveis pela supervisão geral da respetiva construção, eram os centuriões que superintendiam todos os detalhes físicos da operação. Assim, a construção do acampamento e todo o trabalho previsto permitiam reforçar e reafirmar a disciplina dos soldados. Note-se que o cuidado na construção de uma parte da fortificação enfatizava a responsabilidade individual necessária à segurança de toda a unidade. Sobre a importância da construção dos acampamentos, escreve Vegécio:

«É fácil fortificar acampamentos na ausência dos adversários; contudo, se o inimigo ameaça, então todos os cavaleiros e metade dos peões são dispostos em linha de batalha para repelir o ataque, e os restantes, atrás daqueles, fortificam o acampamento por meio da escavação de fossos. (...) Portanto, o recruta deve ser instruído nesta prática para que, quando a necessidade o exigir, possa fortificar o acampamento sem perturbação, não só rápida, mas também prudentemente»⁴⁴⁵.

Para além da construção do acampamento, o treino⁴⁴⁶ e a prática diária dos soldados seriam também da responsabilidade do centurião, de modo a garantir o eficaz uso de armas. No que ao treino diz respeito, não dispomos de grandes informações das fontes utilizadas, pois não o mencionam de uma forma específica. Seria evidentemente necessária uma preparação, quer individual, quer coletiva, pois todos aqueles que pretendessem uma carreira militar precisariam de praticar. Sobre este assunto escreveu Suetónio:

«César não avaliava o soldado, nem pelos seus hábitos, nem pela sua condição, mas apenas pelo seu valor, e tratava-o tanto com severidade como com indulgência. Severo, não o era em todo o lado, nem em todas as ocasiões, mas sempre que o inimigo estava próximo não facilitava. Principalmente nessa ocasião, exigia uma disciplina rigorosa; não anunciava nem a hora da marcha, nem a do combate, mas mantinha as suas tropas sempre prontas e em alerta, para as poder levar, de repente, para onde queria. Frequentemente, até o fazia sem motivo, de preferência em dias de chuva ou de festa. Por vezes, depois de lhes recomendar que não o perdessem de vista,

⁴⁴⁴ Aos centuriões (tal como aos batedores) cabia a responsabilidade de escolherem os melhores locais para a construção do acampamento. Sobre este assunto, veja-se CAES. *Gal.* 2. 17, p. 111.

⁴⁴⁵ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris* 1. 25, p. 207.

⁴⁴⁶ Vegécio fornece-nos um bom exemplo do que seria o treino dos recrutas do exército romano: VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris*, livro 1, caps. 9-19, pp. 189-199.

desaparecia repentinamente, quer de dia, quer de noite, para forçar a marcha e cansar aqueles que o seguiam sem o conseguirem apanhar»⁴⁴⁷.

Face ao exposto, percebe-se que os recrutas teriam de conviver com os hábitos duros dos soldados de forma a adquirirem a firmeza física e a coragem moral para aguentarem as fadigas e privações inerentes à prática da guerra. Sobre o treino dos recrutas, escreve ainda o mesmo tratadista:

«É sabido que nada é mais útil em combate do que os soldados conservarem, por meio de um treino regular, as suas fileiras na formação de batalha para que em nenhuma parte se amontoem ou se dispersem, contrariamente aquilo que é vantajoso. (...) Portanto, os recrutas devem ser regularmente levados para o campo de treinos e devem ser dispostos em formação de batalha segundo a ordem de incorporação (...)»⁴⁴⁸.

Todas as atividades até aqui assinaladas, contribuía para a integração dos soldados na comunidade militar romana. Face a isso, seria de esperar que os centuriões se identificassem fortemente com os soldados que comandavam e cuja proximidade seria uma condição *sine qua nom* para o estabelecimento de laços e de confiança mútua. Neste sentido, os atos competitivos inerentes ao estilo de comando do centurião estavam ligados, não só ao seu prestígio e estatuto, mas também à necessidade de garantirem a lealdade dos seus soldados. Pode assim considerar-se que, apesar de ser expectável a identificação do centurião com os soldados sob o seu comando, seria simultaneamente um enorme desafio equilibrarem as demonstrações de cuidado e afeição com as exigências de eficácia militar.

Um exemplo da identificação do centurião com os seus soldados é transmitido na *Guerra das Gálias*, durante o cerco de Gergóvia (52 a. C.), quando um centurião da VII legião, Marco Petrónio, apesar de ferido, tentou salvar os seus homens, afirmando: «Visto que não posso salvar-me convosco, quero pelo menos providenciar a salvação daqueles que o meu amor pela glória conduziu para o perigo»⁴⁴⁹. Pensamos que esta atitude sacrificial em prol de um modelo ou exemplo de bravura marcial e coragem, que permitiria a segurança da unidade que representavam, constituiria um dos mais pesados encargos dos centuriões. Acrescente-se que, segundo o mesmo relato, Petrónio tentara arrombar as portas e, movido pela ânsia de glória, arrastara os seus soldados e

⁴⁴⁷ SUET. *Jul.* 64, p. 86.

⁴⁴⁸ VEGETIUS *Epitoma Rei Militaris* 1. 26, p. 207.

⁴⁴⁹ CAES. *Gal.* 7. 50, p. 237.

companheiros para uma situação perigosa. Esta atitude, apesar de ser bastante censurável, transformou-se num ato de beneficência, quando o mesmo proclama o seu sacrifício pelo bem dos demais: «Disse-lhes: ‘É em vão que tentam salvar-me. O meu sangue, as minhas forças já estão a abandonar-me. Por isso, vão-se embora enquanto podem e vão ter com a vossa legião’. Foi assim que, a combater, caiu pouco depois, assegurando a salvação dos seus»⁴⁵⁰.

Em suma, pode considerar-se que a atmosfera competitiva que se vivia nas legiões, associada ao estilo de liderança dos centuriões, incorporava vantagens como a criação de fortes laços de camaradagem e a coesão das unidades militares, condições essenciais ao sucesso em combate. Para o centurião não se tratava apenas da competição pela atenção do comandante (apesar de este ser um aspeto de considerável relevância), ou de uma forma de receber recompensas materiais, mas também de uma forma de validar a sua posição, quer perante os outros centuriões, quer perante os seus soldados.

3.1.5. Os níveis de mortalidade

Do ponto de vista da organização militar, sabe-se que os centuriões ocupavam a posição da frente, à direita da formação da centúria, e em pleno combate lutavam corpo a corpo, ao lado dos seus soldados. Exatamente por isso, acabavam por sofrer baixas bastante elevadas. A coragem e disciplina intrínsecas ao posto do centurião, assim como os seus comportamentos heroicos em plena batalha, traduziam-se num saldo muitas vezes negativo para os mesmos.

Identificamos, no *modus operandi* dos centuriões, a relação com a causa que defendiam, ou a obediência aos comandantes a quem serviam, mas sabemos que estas eram também atitudes associadas a uma competição feroz (valorizada e promovida por comandantes como César). Inequivocamente, tal grau de ferocidade e de agressividade no combate provocava baixas elevadas. Desta forma, os centuriões sofriam muito mais com as vitórias e as derrotas do que o soldado comum. Acrescente-se ainda outra situação na qual a mortalidade dos centuriões poderia ser elevada: a respeitante aos motins. Os soldados amotinados poderiam tornar-se implacáveis e as primeiras vítimas seriam os seus superiores – os oficiais, ou os centuriões. Atente-se num exemplo evocado na *Guerra*

⁴⁵⁰ Idem, *ibidem*.

Alexandrina: «Houve um motim, foram mortos alguns centuriões que se recusaram a permitir que os homens saíssem do acampamento (...)»⁴⁵¹.

No que respeita aos centuriões de Júlio César, a morte em combate era um dos elementos que melhor caracterizava estes suboficiais, relacionando-se intrinsecamente com o valor⁴⁵² que o mesmo lhes atribuía, como já tivemos oportunidade de realçar. César relatou vários episódios nos quais encontramos uma certa relação entre o valor dos seus centuriões e as perdas no campo de batalha, seja através de referências gerais ou de exemplos particulares. Apesar de devermos ter presente que os números apresentados por César podem não ser os corretos, é possível reconhecer uma elevada proporção de centuriões mortos. Vários exemplos descritos nas suas “Memórias” reforçam essa ideia, como é o caso da morte de trinta e dois centuriões da IX legião durante os combates travados em Dirráquio (48 a. C.) num só dia⁴⁵³, ou no cerco de Gergóvia (52 a. C.) no qual morreram cerca de setecentos soldados e quarenta e seis centuriões⁴⁵⁴.

Outro aspeto que contribuía para a elevada mortalidade dos centuriões (tal como para a dos oficiais) residia no facto de, dada a sua relevância no combate, representarem um dos principais alvos do inimigo. A propósito deste assunto, escreveu Plutarco (referindo-se à campanha militar na Bélgica, em 57 a. C.):

«Dos revoltosos, todos os da região do Oceano se renderam sem resistência, pelo que avançou [César] com o exército contra os mais selvagens e combativos, os Nérvios. Estes, que viviam em bosques densos (...) caíram sobre César, numa horda de sessenta mil, enquanto ele estava a construir uma trincheira e não esperava naquele momento a batalha. Puseram em fuga os cavaleiros e, depois de envolverem a décima segunda e a sétima legião, mataram todos os centuriões»⁴⁵⁵.

⁴⁵¹ [CAES.] *B. Alex.* 57, p. 174. Acrescente-se que, nos motins de Placência, Apiano dá-nos conta de que os soldados amotinados terão assassinado os seus oficiais. *Vide APP. B. Civ.* 2. 47, p. 91.

⁴⁵² Sobre este assunto consulte-se VICENTE 2009: pp. 198-199. Segundo este autor, o centurião descrito nas narrativas cesarianas afasta-se da ideia transmitida pelos autores precedentes, bastante marcadas por conotações anedóticas e até pejorativas. Com César, os centuriões passam a destacar-se, não só pela sua férrea disciplina e obediência, mas também (e principalmente) pelo seu valor (*virtus*).

⁴⁵³ CAES. *Civ.* 3.71, p. 114. Assinale-se que, na descrição destes acontecimentos, ficou registado que os mesmos centuriões morreram nas fortificações, sem ferimentos, mas esmagados pela fuga em pânico dos seus companheiros.

⁴⁵⁴ CAES. *Gal.* 7. 51-52, p. 238. Sublinhe-se que esta foi a maior derrota sofrida sob o comando direto de César na *Guerra das Gálias*. As causas prendem-se, por um lado, com problemas de comunicação (uma vez que o sinal da trombeta não foi dado no local certo, o que impossibilitou os soldados de o ouvir) e, por outro lado, com a indisciplina entre os legionários (situação muito pouco frequente no exército romano), os quais ignoraram as ordens dos seus superiores hierárquicos.

⁴⁵⁵ PLUT. *Caes.* 20. 6-7, p. 249.

Ilustrativo do assunto supracitado foi outro episódio descrito na *Guerra das Gálias*. Trata-se do massacre consumado por Ambíorix durante a revolta dos Eburões (54 a. C.), marcado pela coragem e pelas provas de valor dos suboficiais de César. Mesmo sob grande inferioridade numérica e enfrentando várias dificuldades, dois centuriões, Tito Balvêncio e Quinto Lucânio, lutaram heroicamente, apesar de terem ambos perecido no respetivo confronto. Lucânio lutou heroicamente para socorrer o seu filho⁴⁵⁶.

Bastante expressivo foi igualmente o já citado desempenho do centurião Crastino, descrito como o primeiro a lançar-se ao ataque, na batalha de Farsalo, acompanhado pelos seus antigos camaradas⁴⁵⁷. No balanço que César fez desta batalha, é dito que junto a este audaz suboficial morreram mais trinta centuriões. A propósito desta situação foi escrito o seguinte:

«Na batalha, as suas baixas não ultrapassaram os duzentos soldados, mas perdeu cerca de trinta valentes centuriões. Entre os mortos encontrava-se também o já referido Crastino (...) No exército de Pompeio, morreram cerca de quinze mil soldados, mas mais de vinte e quatro mil renderam-se (...)»⁴⁵⁸.

Sobre o centurião Crastino, Apiano acrescenta que César ordenou aos seus homens que procurassem o seu corpo (o que não terá sido tarefa fácil no meio da carnificina desta batalha), de forma a permitir a realização de um funeral com um túmulo grande, distinto das valas comuns. Terá ainda colocado sobre o seu corpo várias condecorações⁴⁵⁹.

Digno de nota foi também a *performance* do centurião Scaeva, morto durante a defesa dos fortes em Dirráquio (48 a. C.). A sua morte violenta foi descrita por Plutarco: «Depois de destroçar os da primeira linha e enquanto forçava o avanço com grande mortandade, foi travado por um golpe de espada através da boca, de tal modo que a ponta sobressaiu pela nuca»⁴⁶⁰. Neste combate, segundo o relato de César, uma só coorte das suas tropas teve de fazer frente a quatro legiões pompeianas.

⁴⁵⁶ CAES. *Gal.* 5. 35, p. 176.

⁴⁵⁷ CAES. *Civ.* 3. 90, p. 125-126.

⁴⁵⁸ CAES. *Civ.* 3. 99, p. 130.

⁴⁵⁹ APP. *B. Civ.* 2. 82, pp. 112-113. Cf. CAES. *Civ.* 3. 53, p. 105.

⁴⁶⁰ PLUT. *Caes.* 43. 12, p. 285.

Relevantes foram também as pesadas baixas (para ambos os lados) ocorridas na batalha de Ilerda (49 a. C.), no norte da Península Ibérica. Na descrição deste episódio, atente-se no destaque que é dado aos centuriões:

«Do nosso lado [exército de César], cerca de setenta homens caíram no primeiro combate, incluindo Quinto Fulgino, um ex-centurião da primeira coorte da XIV legião (...). Do lado de Afrânio, os mortos incluíam Tito Cecílio, um centurião líder [*primus pilus*] e, para além dele, quatro outros centuriões e mais de duzentos homens»⁴⁶¹.

Enquadre-se ainda neste tema um episódio relativo às escaramuças que precederam a Batalha de Munda (45 a. C.), no qual dois centuriões viram os seus soldados em perigo e lançaram-se eles próprios no combate, acabando por morrer⁴⁶².

Os vários exemplos apresentados, e as contínuas alusões às elevadas baixas entre os quadros dos centuriões podem considerar-se, de alguma forma, como uma prova do valor destes suboficiais no seio do exército romano que serviu César nas duas principais guerras que marcaram a sua carreira⁴⁶³. Ilustrativo disto poderá ser o curioso facto de não se encontrar qualquer alusão aos centuriões, mas sim aos legados, no livro 8 da *Guerra das Gálias*, da autoria de Aulo Hércio. Trata-se, no fundo, de um retorno aos valores anteriores, segundo os quais os oficiais é que seriam os principais protagonistas da guerra.

Por fim, destaque-se que, como tem vindo a ser evidenciado, um centurião em batalha só retirava do campo de batalha com a sua honra intacta se o comandante lhe ordenasse para o fazer. Estes suboficiais tinham de se manter estoicamente à frente dos seus soldados, e esperava-se que fossem os primeiros a avançar e os últimos a retirar, sacrificando muitas vezes as suas vidas. Todos os privilégios remuneratórios e condecorações que, eventualmente, recebessem eram assim alcançados de forma particularmente esforçada⁴⁶⁴.

⁴⁶¹ CAES. *Civ.* 1.47, pp. 28-29.

⁴⁶² [CAES.] *B. Hisp.* 23, pp. 257-258.

⁴⁶³ Apesar de não se encontrar qualquer relação direta ou explícita nas suas “Memórias”, alguns autores como Vicente (2009: p. 192) assinalam que o número de referências feitas por César aos seus centuriões (60, segundo o mesmo autor) poderá indiciar a sua importância. O autor estabelece uma comparação com outros autores antigos, cujas referências aos centuriões são parcas e, por vezes, até anedóticas, como, por exemplo Frontino, que na sua obra *Estratagemas* só refere os centuriões em seis ocasiões.

⁴⁶⁴ Veja-se D’ AMATO 2011: p. 23. Sublinhe-se que, graças às suas ações destemidas nas batalhas, centuriões como Scaeva, Pulo, Voreno ou Crastino terão passado a integrar o imaginário coletivo, e as suas histórias passaram a ser bastante conhecidas, mesmo em épocas posteriores. Pulo e Voreno são mesmo protagonistas de uma conhecida série televisiva dedicada à Roma Antiga!

Em conclusão: o sucesso militar de César encontra-se inequivocamente ligado à valorização dos quadros intermédios das legiões. A relação do futuro ditador com os seus centuriões foi pautada por uma certa originalidade, pois soube valorizá-los como provavelmente nenhum outro general da Antiguidade o terá feito. Os centuriões sabiam como controlar os seus legionários e executavam a importante tarefa de transmitir as ordens do comandante a homens que eram iguais e eles. Sabiam inculcar força e coragem nas legiões e transmitiam o código de disciplina, a experiência acumulada e a própria mística marcial romana. Os centuriões são, nestas guerras, os verdadeiros heróis, representando a chave para o sucesso militar.

CONCLUSÃO

A elaboração e concretização desta dissertação constituiu para nós um enorme desafio, marcado desde logo pela imponência e amplitude do tema. Foi, por isso, necessário simplificar alguns processos de pesquisa e analisar de forma incisiva a literatura selecionada. Se existe um número infindável de estudos sobre César na sua vertente política ou como homem de Estado, já o mesmo não se pode afirmar sobre o seu perfil como chefe militar. Apesar de se encontrarem disponíveis várias fontes, que constituíram aliás a base do nosso trabalho, a verdade é que elas arrolam inúmeros factos concretos que careciam de uma sistematização cuidadosa e, tanto quanto possível, inovadora. Sem grande suporte do lado da Arqueologia, a nossa pesquisa tornou-se desafiante devido também à ausência de sínteses e a uma relativa escassez de informação sólida sobre as questões da logística ou do papel dos centuriões no período republicano.

A logística militar tem sido, de uma forma geral, um tema considerado pouco relevante e algo secundarizado pela historiografia. Das (poucas) monografias sobre a máquina militar romana que referenciámos, verificou-se que as mesmas abordam um extenso arco temporal, não especificando qualquer época. Em relação ao comando intermédio protagonizado pelos centuriões, encontram-se alguns estudos sobre estes suboficiais, principalmente durante o Alto Império, mas incidem sobretudo sobre aspetos institucionais, sobre a carreira e sobre o respetivo estatuto social, e não tanto sobre o seu papel militar na fase mais tardia da República.

Ressalve-se que se, por um lado, deparámos com algumas fragilidades de apoio informativo ao longo do processo de elaboração da presente dissertação, por outro esses vazios acabaram por nos obrigar a construir um modelo de pesquisa e de análise, o que nos enriqueceu e julgamos ter-nos habilitado a lidar melhor com desafios futuros.

Sobre Júlio César todos reconhecemos que foi uma figura que mudou o rumo da história do mundo greco-romano, de forma decisiva e irreversível. Conquistador da Gália (entre 58- 52 a. C.), vencedor da Guerra Civil (entre 49-45 a. C.) e Ditador Perpétuo (entre 46-44 a. C.), o seu percurso político foi um exemplo do *cursus honorum* de um bom filho da aristocracia romana, tendo passado por todas as etapas necessárias à construção de uma carreira notável. Para tanto, precisou de exercer temporariamente o comando militar, o que lhe trouxe o prestígio e o poder necessários para atingir o topo. Assim, apesar de a guerra ter sido sobretudo um meio para promover a sua projeção política, ela ocupou uma parte bastante significativa da sua vida e obrigou-o a um aperfeiçoamento das suas

capacidades de estrategista e de líder, necessários a qualquer comandante. Assim, a sua ascensão política relaciona-se diretamente com o seu gênio militar. A política e a guerra são elementos intrinsecamente associados na vida de César. Sem o sucesso militar, Júlio César jamais teria tocado o Céu da política romana.

A sua primeira intervenção militar de grande fôlego desenvolveu-se no imenso território gaulês e foi uma prova de fogo à sua capacidade de comando. A sua audácia revelou-se na forma como liderou o exército romano com um número reduzido de soldados contra as hostes de dezenas de povos distintos, durante vários anos de campanhas sucessivas, em território hostil e distante de Roma.

O planeamento e organização metódica das campanhas terá sido condição *sine qua non* do enorme sucesso militar que César alcançou. Ele conseguiu garantir (na maior parte das situações) um eficaz abastecimento, o que permitiu a alimentação dos seus soldados e dos animais que acompanhavam o exército, assim como o necessário transporte de materiais, de equipamentos e de armamento. A capacidade de planeamento e organização revelados demonstraram a sua formidável liderança militar e só assim o seu exército suportou operações e campanhas sucessivas, por períodos tão longos. O uso efetivo de bases (como os acampamentos de marcha e os depósitos de alimentos e de materiais de apoio) foram um instrumento importante que César soube utilizar e rentabilizar em proveito próprio. Quando não era possível recorrer a bases de abastecimento e a comboios pesados (que podiam atrasar as deslocações), recorreu à capacidade individual de cada soldado, que (na boa tradição republicana herdada de Gaio Mário) podia carregar instrumentos de engenharia, materiais para cozinhar, armas, armaduras e até vitualhas para diversos dias...

O exército romano que combateu na Gália era já um exército profissional, com soldados da legião treinados e equipados pelo Estado, enquanto os exércitos gauleses eram muito diferentes. Estes possuíam armas e armaduras de qualidade, mas revelavam-se incapazes de manter exércitos em campo por um amplo período de tempo, devido à falta de organização em matéria de abastecimento e a outras limitações logísticas.

A questão do abastecimento revelou-se também muito pertinente por altura da Guerra Civil contra os pompeianos, obrigando o comandante a improvisar e a adaptar o planeamento e a organização da logística aos vários cenários em que se realizaram as operações e às formas de transporte disponíveis em cada caso. César conseguiu combinar, de forma prática, a forragem, a requisição e o uso de linhas de abastecimento, contribuindo para o refinamento daquele que terá sido o melhor sistema logístico que o

mundo antigo conheceu, o qual representou, inequivocamente, um grande contributo para o sucesso militar dos Romanos.

O modelo de comando de Júlio César foi eficaz porque conseguiu aproveitar ao máximo o que já existia de melhor no sistema militar romano e, além disso, soube rentabilizar como ninguém o esforço, a disciplina e a eficácia dos seus soldados, graças à forma como valorizou o comando intermédio exercido pelos centuriões. Conseguiu, assim, uma grande taxa de sucesso militar, mesmo em condições adversas e muitas vezes com um número muito reduzido de soldados. Dois exemplos reveladores da sua capacidade e eficácia são os acampamentos de marcha (construídos diariamente) e a famosa velocidade de deslocação das suas legiões (a famosa *celeritas cesariana*).

Ao contrário de outros grandes generais romanos (como, por exemplo, Públio Cornélio Cipião «Africano») César não inovou particularmente nem criou dispositivos táticos duradouros, mas os seus improvisos responderam (quase sempre) de forma eficaz e pragmática às necessidades que surgiam (como se viu em Farsalo, no ano 48 a. C.). O seu exército destacou-se sobretudo pela motivação e profissionalismo dos homens que o integravam. Ora, os centuriões foram cruciais para obter este estado de apuro militar, pois configuravam o elo que ligava o comandante aos soldados e conseguiam, desse modo, controlar os legionários executando um importante papel de transmissores de ordens.

A grande inovação de César foi a criação de uma cadeia de comando que, pela primeira vez, valorizava os quadros intermédios, tanto ou mais do que os oficiais. Os heróis das suas operações são sempre os centuriões e não alguns dos legados senatoriais que o acompanharam. As descrições dos dois conflitos em que César esteve envolvido (a Guerra das Gálias e a Guerra Civil) permitem-nos confirmar essa ideia e pode assegurar-se que os centuriões terão dado um enorme contributo para a coesão e unidade do exército de César. Pensamos que poderá ter sido a experiência e a eficácia desta classe de suboficiais, muitos deles veteranos das arrastadas guerras gálicas, que terão proporcionado a união do exército de César, um elemento diferenciador em relação ao exército de Pompeio na Guerra Civil. Talvez se possa ver aqui algum reflexo do comportamento adotado por César na política, através do apoio concedido aos *populares*, e não ao modelo aristocrático defendido pela maior parte da nobreza romana. A especificidade do seu legado histórico encontra-se, assim, naquela que terá sido uma simbiose perfeita entre os soldados «proletarizados» e o seu comandante, a permanente exaltação da *virtus* e uma certa partilha de vida e de ideais com as camadas inferiores do exército legionário.

Em síntese, pode considerar-se que Júlio César, sendo sobretudo um político, foi um exímio comandante e, independentemente de não ter inovado de forma radical, soube adaptar-se muito bem às circunstâncias de cada desafio e potenciar de forma inigualável as melhores qualidades marciais romanas. Veja-se a sua astúcia e capacidade de liderança na forma como aplicou os conhecimentos da engenharia militar romana às exigências específicas da poliorcética na Gália (cite-se por todos o caso do cerco de Alésia, em 52 a. C.).

César foi um comandante amado e respeitado pelos seus soldados, com os quais partilhou momentos de alegria e de enorme tensão e dificuldade (só assim se entende a afeição que muitos lhe devotaram, ao acompanhá-lo através dos dois longos conflitos). Mas, além disso, foi um homem inteligente, arguto, pragmático e reconhecidamente generoso. O seu sucesso militar permitiu-lhe (ainda que por um período muito breve) proceder a reformas políticas, administrativas e legais que terão servido de suporte à edificação de um sistema político forte e centralizado, numa fase em que a República se encontrava enfraquecida por disputas e convulsões internas. A sua vida após o final da Guerra Civil foi demasiado curta e o ditador pouco usufruiu das suas vitórias, mas a sua obra e a pegada que deixou marcaram toda a história do mundo ocidental.

Por fim, refira-se que, apesar de estamos inteiramente conscientes das nossas limitações, também nos sentimos encorajadas a continuar a trabalhar no âmbito desta temática, ainda pouco desbravada pelos historiadores portugueses. Temos perfeita noção de que haveria muito mais para desenvolver, refletir, problematizar ou investigar, mas estamos também cientes de que esta dissertação é apenas um modesto contributo para um tema tão vasto e apaixonante, quiçá inesgotável...

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

Appian. 1996. *The Civil Wars*. Trad. inglesa de John Carter, London: Penguin Books.

César, Júlio. 2019. *A Guerra das Gálias*, Trad. portuguesa de Angelina Pires, Lisboa: Edições Sílabo.

Caesar, Julius. 1997. *The Civil War With The Anonymous Alexandrian, African, and Spanish Wars*. Trad. inglesa de John M. Carter, New York: Oxford University Press.

Clausewitz, Carl von. 2022. *Da Guerra*. Trad. portuguesa de Inês Busse, Forte da Casa: Clássica Editora.

Frontino, Sexto Júlio. 2005. *Estratagemas*. Trad. portuguesa de Miguel Mata, Lisboa: Edições Sílabo.

Plutarco. 2019. *Vidas Paralelas, Alexandre e César*, Trad. portuguesa de Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Sallust. 2007. *Catiline's War, The Jugurthine War, Histories*. Trad. inglesa de A. J. Woodman, London: Penguin Classics.

Suetónio. 2022. *As Vidas dos Doze Césares, Júlio César, Octávio César Augusto*. Vol. 1, Trad. portuguesa de Angelina Pires, Lisboa: Edições Sílabo.

Tucídides. 2019. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. portuguesa de David Martelo, Lisboa: Edições Sílabo.

Vegécio. 2009. *Compêndio da Arte Militar*. Edição bilingue, Trad. portuguesa de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Estudos:

ABAD, Rúben Sáez. 2004. *La Poliorcética En El Mundo Antiguo*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Complutense de Madrid.

- ARMSTRONG, Jeremy. 2020. "Manipuli, socii, and the roman army c. 300." In *Romans At War – soldiers, citizens, and society in the Roman Republic*, ed. de Jeremy Armstrong e Michael P. Fronda, Nova Iorque: Routledge, pp. 76-98.
- ARMSTRONG, Jeremy e FRONDA, Michael, P. 2020. "Writing about Romans at War." In *Romans At War – soldiers, citizens, and society in the Roman Republic*, ed. de Jeremy Armstrong e Michael P. Fronda, New York: Routledge, pp. 1-16.
- ARMSTRONG, Jeremy e FRONDA Michael. 2020. P. eds. *ROMANS AT WAR – Soldiers, Citizens, and Society in The Roman Republic*, Nova Iorque: Routledge.
- BELL, M. J. V. 1965. "Tactical Reform in The Roman Republican Army." In *Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte* 14 (4), pp. 402-422. <http://www.jstor.org/stable/4434897>.
- BERNARDINO, Luís Manuel Brás. 2012. "A Arte da Guerra, JOMINI, Antoine Henri (1779-1869)." In *Revista Militar*, Nº 2520, pp. 85-115.
- BRANDÃO, José Luís. 2015(a). "Da Monarquia à República." In J. L. Brandão e F. Oliveira, F. (coord.), *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 53-68.
- BRANDÃO, José Luís. 2015(b). "A Primazia de César: do 'Primeiro Triunvirato' aos Idos de Março." In J. L. Brandão e F. Oliveira, F. (coord.), *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 389-427.
- BREEZE, David. 1969. "The First Cohort and The Equites Legionis." In *The Journal of Roman Studies*, vol. 59, pp.50-55. <http://www.jstor.org/stable/299846>.
- _____. 1971. "Pay Grades and Ranks below the Centurionate." In *The Journal of Roman Studies*, vol. 61, pp. 130-135. <http://www.jstor.org/stable/300012>.
- BRICE, Lee L. 2014. *Warfare in The Roman Republic From The Etruscan Wars To the Battle of Actium*, United States of America: Library of Congress.
- _____. 2020. "SPQR SNAFU – Indiscipline and internal conflict in the Late Republic." In *Romans At War – soldiers, citizens, and society in the Roman Republic*, ed. de Jeremy Armstrong e Michael P. Fronda, Nova Iorque: Routledge, pp. 247-266.

- BRIZZI, Giovanni. 1997. *Storia di Roma, I. Dalle origini ad Azio*, Bologna: Pàtron Editore, caps. 16 e 17, pp. 369-424.
- CAMPBELL, Duncan B. 2003. *Greek and Roman Siege Machinery (399 BC-AD 363)*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2003. *Greek and Roman Artillery (399 BC-AD 363)* Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2005. *Siege Warfare in The Roman World (146 BC-AD 378)* Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2008. "Triumph for Roman siegecraft -The rebellion of Vercingetorix." In *Ancient Warfare* II. 4, s. p.
- _____. 2017(a). "Military Engineering and Sieges." In *The Landmark JULIUS CAESAR, Web Essays*, ed. de Kurt A. Raaflaub, E. da Série Robert B. Strassler, Nova Iorque: Pantheon Books, pp.79-83.
- _____. 2017(b) "The Siege of Alesia." In *The Landmark JULIUS CAESAR, Web Essays*, ed. de Kurt A. Raaflaub, E. da Série Robert B. Strassler, Nova Iorque: Pantheon Books, pp. 285-287.
- _____. 2019. "Siegecraft in Caesar." In *Brill's Companion to Sieges in the Ancient Mediterranean*. ed. de Jeremy Armstrong e Matthew Trundle, pp. 241-262.
- _____. s.d."The Frumentarii commissary officers or roman army spies?" In *Ancient Warfare* XIII - 4, pp. 52-55.
- CASADO, Roberto López. 2018. "Los Centuriones en la Epigrafia Romana de Hispania: las relaciones sociales." In *Gladius*, XXXVIII, pp. 47-65.
- CONNOLLY, Peter. 2016. *Greece and Rome at War*. Yorkshire: Frontline Books.
- COWAN, Ross. 2003. *Roman Legionary (58 BC- AD 69)*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2007. *Roman Battle Tactics (109 BC-AD 313)*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2014. *Roman Guardsman (62 BC-AD 324)*. Oxford. Oxford University Press.

- D'AMATO, Raffaele. 2009. *Arms and Armour of the Imperial Roman Soldier – From Marius To Commodus, 112 BC-AD 192*, London, Frontline Books.
- _____. 2011. *Roman Centurions 753-31 BC - The Kingdom and The Age of Consuls*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2021. *Armies of Julius Caesar (58-44 BC)*. Oxford: Oxford University Press.
- ECO, Humberto. 2019. *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença, reimp.
- FIELDS, Nic. 2008. *The Roman Army: The Civil Wars (88-31 BC)*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2010. *Julius Caesar*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2014. *Alesia 52 BC, The final struggle for Gaul*. Oxford: Oxford University Press.
- FRANÇOIS, Gauthier. 2020. “The transformation of the Roman Army in the last decades of the Republic.” In *Romans At War – soldiers, citizens, and society in the Roman Republic*, ed. de Jeremy Armstrong e Michael P. Fronda, Nova Iorque: Routledge, pp. 283-296.
- GILLIVER, Catherine M. 2007. “Battle.” In *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, ed. de Philip Sabin, Hans Van Wees e Michael Whitby, Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 122-157.
- GILLIVER, Kate. 2003. *Caesar's Gallic Wars (58-50 BC)*. Oxford: Oxford University Press.
- GOLDSWORTHY, Adrian. 1996. *The Roman Army At War (100 B. C. – A. D. 200)*. Oxford: The Clarendon Press.
- _____. 2000. *Roman Warfare*. Londres: Cassell.
- _____. 2003. *Caesar's Civil War (49-44 BC)*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2006. *Caesar Life of a Colossus*. New Haven: Yale University Press.

- _____. 2007. "War." In *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, ed. de Philip Sabin, Hans Van Weest e Michael Whitby, 76-121. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 76-121.
- _____. 2013. *César. A vida de um Colosso*, Trad. portuguesa de Francisco Paiva Boléo, Lisboa: A Esfera dos Livros.
- _____. 2016. *Generais Romanos. Os homens que construíram o Império Romano*. Trad. portuguesa de Carlos Fabião, Lisboa: A Esfera dos Livros.
- _____. 2019. *Roman Warfare*. Nova Iorque: Basic Books.
- GRIMAL, Pierre. 1981. *A Vida em Roma na Antiguidade*. Publicações Europa-América.
- HOFFMANN, Birgitta. 1995. "The Quarters of Legionary Centurions of the Principate." In *Britannia*, vol. 26, pp. 107-151. <http://www.jstor.org/stable/526873>.
- JEREMIAH, McCall. 2020. "The manipular army system and command decisions in the second century." In *Romans At War – soldiers, citizens, and society in the Roman Republic*, ed. de Jeremy Armstrong e Michael P. Fronda, New York: Routledge, pp. 210-231.
- KAGAN, Kimberly. 2006. "Redefining Roman Grand Strategy." In *The Journal of Military History*, 70 (2): pp. 333-62. <http://www.jstor.org/stable/74137956>.
- KEEGAN, John. 1976. *O rosto da Batalha*. Lisboa: Editorial Fragmentos.
- _____. 2006. *Uma História da Guerra*. Lisboa: Edições Tinta-da-China.
- _____. 2009. *A Máscara do Comando: como os grandes líderes militares determinaram o curso da História*. Lisboa: Tinta da China.
- KEPPIE, Lawrence. 1998. *The Making of the Roman Army: from Republic to Empire*. Londres: Routledge.
- LE BOHEC, Yann. 1994. *The Imperial Roman Army*. London: B.T. Batsford Ltd.
- _____. 2001. *César, Chef de guerre. Stratégie et tactique de la République romaine*, Éditions du Rocher.
- _____. 2002. *L'ARMÉE ROMAINE sous le Haut-Empire*. Paris: Éditions A. et J. Picard, pp. 37-70.

- _____. 2021. *Histoire des guerres romaines milieeu du VIIIe siècle av. J.-C. – 410 ap. J.-C.*, Éditions Tallandier.
- LONDON, J. E. 2005. *Soldiers & Ghosts: A History of Battle in Classical Antiquity*. New Haven: Yale University Press.
- MARIAN, Helm. 2020. “Poor man’s war – rich man’s fight – Military integration in Republican Rome.” In *Romans At War – soldiers, citizens, and society in the Roman Republic*, ed. de Jeremy Armstrong e Michael P. Fronda, Nova Iorque: Routledge, pp.99-115.
- McNAB, Chris. 2010. *The Roman Army: The Greatest War Machine of The Ancient World*. Oxford: Oxford University Press.
- MONTEIRO, J. G. “Júlio César – A arte militar ao serviço da Política.” In *História Antiga: Relações interdisciplinares. Fontes, Artes, Filosofia, Política, Religião e Receção*, Carmen Soares, José Luís Brandão & Pedro C. Carvalho (coord.), Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MATTOSO, José. 2019. *A escrita da História*. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- MELO, Tiago Maria. 2023. *Vespasian’s Way of War: A Military Biography of Titus Flavius Vespasianus (9 A. D. – 79 A. D.)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. s.d. *Estudos de História da Cultura Clássica: Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RAAFLAUB, Kurt A. e RAMSEY, John T. 2017. “The Chronology of Caesar’s Campaigns.” In *The Landmark JULIUS CAESAR, Web Essays*, ed. de Kurt A. Raaflaub, E. da Série Robert B. Strassler, Nova Iorque: Pantheon Books, pp.131-202.
- RADIN, Max. 1915. “The Promotion of Centurions in Caesar’s Army.” In *The Classical Journal*, vol. 10, Nº 7, pp. 300-311. <https://www.jstor.org/stable/3287327>.
- RANKOV, Boris. 2007. “Military Forces.” In *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, ed. de Philip Sabin, Hans Van Wees e Michael Whitby, Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 30-75.

- RATHBONE, Dominic. 2017. “Warfare and The State: A. Military Finance and Supply.” In *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, ed. de Philip Sabin, Hans Van Wees e Michael Whitby, Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 30-75.
- RODRIGUES, Nuno Simões. 2015. “Dos ‘conflitos de ordens’ ao Estado Patrício-Plebeu.” In J. L. Brandão e F. Oliveira, F. (coord.), *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 69-102.
- ROSENSTEIN, Nathan. 2017. “Military Logistics.” In *The Landmark JULIUS CAESAR, Web Essays*, ed. de Kurt A. Raaflaub, E. da Série Robert B. Strassler, Nova Iorque: Pantheon Books, pp. 92-96.
- ROTH, Jonathan P. 1999. *The Logistics of the Roman Army at War (8264 B.C. – A.D. 235)*. Leiden, Boston, Köln: Brill.
- SABIN, Philip, Hans Van Wees e Michael Whitby. 2007. Eds. *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press.
- SEKUNDA, Nick; MCBRIDE, 1996. Angus. *Republican Roman Army 200 – 104 B. C.*, Oxford. Oxford University Press.
- SUMNER, Graham. 2002. *Roman Military Clothing (1) 100 BC-AD 200*. Oxford. Oxford University Press.
- SUMMERLY, James Robert. 1990. *Studies in The Legionary Centurionate*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Durham em Inglaterra.
- VARANDAS, José. 2006. “O Punho dos Deuses. Maquinaria de Cerco Greco-Romana (séc. IV a. C. – séc. IV d. C.)” In *A Guerra na Antiguidade*, coord. de António Ramos e José Varandas, 125-59. Lisboa: Caleidoscópico.
- _____. “A Guerra das Gálias - Júlio César.” In *Boletim de Estudos Clássicos*, 42, pp. 239-245.
- VICENTE, Juan J. 2010. “Virtus Centurionis. La figura del centurión en César.” In *Gerión Revista de História Antigua*, Universidad de Salamanca, pp. 191-206.

- WARD, Graeme A. 2012. *Centurions: The Practice of Roman Officership*, Tese de Doutorado apresentada à Universidade de North Carolina em Chapel Hill.
- WILCOX, P. e McBRIDE, A. 1988. *Rome's Enemies 2 - Gallic and British Celts*. Oxford: Oxford University Press.
- TAYLOR, Michael J. 2018. "The Election of Centurions During the Republican Period." In *Ancient Society*, 48, pp. 147-167.
- _____. 2021. "Centurions in Early Rome." In *Ancient Society* 51, pp.101-121.
- SIDEBOTTOM, Harry. 2004. *Ancient Warfare A very short introduction*, New York, Oxford University Press.

ANEXOS

1. CRONOLOGIA⁴⁶⁵

509: Expulsão do último rei de Roma, Tarquínio o Soberbo (revolta que resultou na criação da República Romana).

390 (ou 387): cerco do Capitólio (Roma) pelos Gauleses chefiados por Breno, depois de estes terem derrotado os Romanos no rio Alália.

113-101: Invasões da Gália e Itália, pelos Cimbros e os Teutões (tribos migrantes germanas).

112-105: Guerra Jugurtina.

107: Gaio Mário é eleito cônsul (por cinco anos consecutivos). Reformou o exército possibilitando o seu acesso aos Romanos mais pobres, através da sua integração como voluntários.

105: Os Cimbros e os Teutões derrotam um exército romano na Batalha de Araúsio (atual Orange, no sul de França).

104: Os Cimbros e os Teutões avançam pelo sul da Gália em direção ao norte da Hispânia, mas são retidos pelos Celtiberos, nos Pirenéus.

Gaio Mário é reeleito cônsul (para fazer frente às tribos germanas) e foi responsável por algumas das principais reformas militares.

⁴⁶⁵ Todas as datas apresentadas nesta cronologia são a. C. As datas propostas respeitam o calendário civil romano, ao qual César acrescentou (com a reforma de 46) harmonia, com a introdução do calendário solar, alinhado pelas estações do ano, que começou em 01 de janeiro de 45.

A cronologia que aqui se apresenta baseia-se nas fontes que nos serviram de apoio para a construção da presente dissertação, sobretudo as narrativas de César, *A Guerra das Gálias* e *a Guerra Civil*, bem como nos estudos de Goldsworthy (2013 e 2016), Le Bohec (2001), Fields (2014), Brandão (2015b), D'Amato (2021), Raaflaub e Ramsey (2017) e Brice (2014). A nossa proposta procura integrar os principais acontecimentos da vida militar de César no seu contexto e no seu tempo, e não tanto discutir datas concretas (que, por vezes, são diferentes consoante os autores). Incluímos a referência a alguns acontecimentos políticos coevos sem os quais as guerras (batalhas campais e outros combates relevantes) se tornam descontextualizados ou mesmo incompreensíveis.

102 ou 101: Vitória de Gaio Mário sobre os Teutões na Batalha de Aquae Sextiae (atual Aix-en-Provence).

101: As forças romanas comandadas por Gaio Mário vencem os Cimbros em Vercelas (perto da cidade de Vercelas, moderna Vercelli).

c. 100: Nascimento de Gaio Júlio César, a 13 de julho.

91- 88: Guerra Social. Trata-se da última grande rebelião dos aliados itálicos de Roma, que são derrotados após pesadas baixas. Como consequência, a cidadania romana seria alargada a quase todos os povos de Itália.

88-85 ou 84: Primeira guerra contra Mitridates VI, rei do Ponto (Ásia Menor).

88-82: Guerra Civil. Sula marcha sobre Roma como resposta ao facto de Mário lhe ter retirado o comando da frente oriental (contra Mitridates). A sua decisão de marchar sobre Roma abriu um grave precedente, que levaria os comandantes a usarem os exércitos contra o Estado romano.

87: Mário e o seu aliado Cina tomam o poder em Roma e massacram os seus opositores.

86: Batalha de Queroneia (Sula derrotou Arquelau, general de Mitridates).

Morte de Mário.

c. 85: Morte do pai de César (Gaio César).

84: César «divorcia-se» de Cossúcia e casa-se com Cornélia.

83: Nascimento da filha de César, Júlia.

83-82: Segunda guerra contra Mitridates.

83-80: Sula derrota os seus opositores e ganha a Guerra Civil. Torna-se ditador e publica as proscricções (listas de nomes de homens a serem executados). Tenta reformar o Estado, reconstruindo a autoridade do Senado.

81: César recusa a ordem de Sula para se divorciar de Cornélia e é obrigado a esconder-se. Acaba por ser perdoado, a pedido de familiares da mãe.

81-80: César viaja para a Ásia onde inicia a sua vida militar como adjunto do propetor Marco Minúcio Termo.

Na Ásia, destacou-se na Guerra contra Mitridates, nomeadamente no cerco da cidade de Mitilene (capital da ilha grega de Lesbos, ilha situada no mar Egeu), o que lhe valeu uma coroa cívica atribuída por bravura em combate. Terá ainda passado pela Cilícia (uma antiga região na costa sul da Ásia Menor, no território da moderna Turquia) ao serviço do cônsul Servílio Isaurico.

79: Sula retira-se e morre um ano depois.

78: César regressa a Roma após a morte de Sula.

c. 75: César dirige-se a Rodes (ilha do arquipélago do Dodecaneso, na Grécia) para aprofundar os seus estudos sobre retórica, mas acaba por ser capturado por piratas na ilha de Farmacusa (na Ásia Menor). Conseguiu libertar-se, reuniu uma frota e recuperou o dinheiro do seu resgate. A seguir foi para Rodes mas os seus estudos foram interrompidos em 74, pela terceira guerra do rei do Ponto contra Roma.

74-62: Terceira guerra contra Mitridates (Pompeio foi o vencedor).

73-70: Guerra Servil – revolta de escravos, chefiada por Espártaco, que foi esmagada por Crasso.

72 ou 71: De regresso a Roma, César foi admitido no Colégio de Pontífices e eleito tribuno militar (nesta fase poderá também ter servido na luta contra Espártaco).

71: Pompeio e Crasso acampam com os seus exércitos fora de Roma e exigem o direito de se candidatar à eleição para o cargo de cônsul.

Na Gália, iniciam-se hostilidades entre os Éduos e os Arvernos; os Séquanos, aliados dos Arvernos, contratam mercenários germanos e juntos derrotam os Éduos.

70: Consulado de Pompeio e Crasso.

70 (ou 69): Morte de Júlia (tia de César) e de Cornélia (esposa de César), tendo ambas recebido honras fúnebres públicas.

c. 69: César é eleito questor e inicia assim a sua entrada no *cursus honorum*. Cumpriria as funções inerentes ao cargo na Hispânia Ulterior.

67: É dado o comando extraordinário a Pompeio para combater a pirataria no Mar Mediterrâneo.

Casamento de César com Pompeia.

66: É atribuído o comando extraordinário a Pompeio contra Mitridates do Ponto.

65: César serve como edil (cargo que exerceu juntamente com Marco Calpúrnio Bíbulo, um dos seus mais fortes opositores, que se queixou sempre de ficar na sua sombra). Nesta magistratura César organizou lutas de gladiadores e outros espetáculos usados para seduzir o povo romano.

63: César é eleito Pontifex Maximus (este cargo conferia-lhe a primazia sobre todos os ritos e manifestações religiosas de Roma).

62: O escândalo da *Bona Dea* leva César a divorciar-se de Pompeia.

César torna-se pretor.

61: Os Éduos pedem ajuda a Roma. Os Helvécios preparam-se para migrar para o sudoeste da Gália.

61-60: César regressa à Hispânia Ulterior na condição de propetor.

61 (ou 60): Formação do Primeiro Triunvirato (aliança entre Pompeio, Júlio César e Crasso).

59: Quando César regressa a Roma, renuncia a um triunfo para se candidatar à eleição para cônsul. Seria eleito cônsul (a mais alta magistratura) completando assim o seu *cursus honorum*.

Novo casamento, desta vez com Calpúrnia.

Casamento de Júlia (filha de César) com Pompeio.

58: Atribuição de um comando especial de 5 anos a César como procônsul, para as províncias da Gália Cisalpina e da Ilíria. Acrescentar-se-ia depois a Gália Transalpina (cujo procônsul morreria).

58-50: Campanhas de César na Gália.

58: Campanha contra os Helvécios que migravam em massa em direção às zonas férteis do Gália Ocidental e representavam uma ameaça à Província da Gália Cisalpina.

junho: O exército romano massacra os Tigurinos a leste do rio Arar (atual Saône) na Batalha de Arar.

julho: Batalha de Bibracte, na qual os Helvécios são derrotados.

setembro: César derrota o rei germano Ariovisto (na campanha de Vesonção), na Batalha de Vosges.

57: Campanhas de César contra os Belgas.

maio: Os Belgas (Suessiões) são derrotados na Batalha de Áxona.

julho: Derrota dos Nérvios na Batalha do Sambre (perto do rio Sabis).

setembro: Rendição dos Atuáticos.

O Senado decreta 15 dias de ação de graças em honra das vitórias de César.

56: César vai tendo cada vez mais opositores em Roma (Catão, Clódio, Cícero e Bíbulo).

César encontra-se em Luca com Pompeio e renovam a sua aliança política.

O comando de César na Gália é prorrogado por cinco anos.

Vitória naval do exército de César sobre os Vénetos.

O legado Quinto Sabino derrota algumas tribos da Normandia e Públio Crasso consegue submeter a Aquitânia.

César conduz uma campanha inconclusiva contra os Mórinos e os Menápios.

55: Verão (junho): Campanha na Germânia - algumas tribos germânicas, como os Usípetes e os Tencteros, procuram atravessar o rio Reno, sem sucesso, acabando por ser massacrados pelos Romanos.

César decide intimidar ainda mais as tribos germânicas e constrói uma ponte sobre o rio Reno, mas quando regressa à Gália desmantela a ponte (César torna-se o primeiro comandante a marchar contra as tribos no próprio território destas).

setembro: primeira expedição à Britânia (Bretanha). Esta expedição esteve à beira do desastre, mas César regressa com uma excelente reputação, pois a Britânia era um local associado a lendas e a riquezas, para além de ter conseguido ser o primeiro comandante a atravessar o Canal da Mancha com um exército.

Na Gália, o legado Labieno consegue a submissão dos Mórinos.

Consulado de Pompeio e Crasso. O comando de César é prorrogado por mais cinco anos.

Finais de outubro: O Senado decreta 20 dias de Ação de Graças, em honra das vitórias de César.

54: agosto: César chega novamente à Britânia e consegue a submissão dos Bretões.

setembro: Regresso de César ao continente.

Morte de Júlia (filha de César), após um parto difícil (foi um dos acontecimentos responsáveis pelo fim do equilíbrio de interesses políticos instalado desde a formação do Primeiro Triunvirato).

Morte da mãe de César, Aurélia.

Inverno (novembro): Duas semanas após as legiões terem construído os seus acampamentos de inverno, em território belga, os Eburões (sob o comando de Ambiórix), atacam o acampamento dos legados Sabino e Cota, levam-nos a abandonar o acampamento e destroem o exército romano, numa emboscada. Esta rebelião espalhou-se por outras tribos belgas.

Os Nérvios atacam e cercam o acampamento do legado Quinto Cícero. César atinge a área onde se encontrava Cícero, após marchas forçadas, levando a que os Nérvios abandonem o cerco após uma vitória esmagadora.

53: janeiro-fevereiro: César permanece junto do seu exército e lida com constantes ameaças de novas insurreições.

março-abril: César passa à ofensiva e conduz um ataque de surpresa no território dos Nérvios.

maio: Rendição dos Sénones e submissão dos Carnutos.

junho: O legado Labieno derrota os Tréveros e consegue a sua submissão.
Morte de Crasso na Batalha de Carras.

julho: César aceita a rendição dos Menápios.

Finais de julho- setembro: César constrói a segunda ponte sobre o Reno. César marcha até à Germânia, punindo as tribos por enviarem ajuda aos Gauleses.

Outubro: Os Romanos devastam o território dos Eburões.

52: fevereiro: em Roma, o Senado autoriza Pompeio a levantar tropas para restaurar a ordem, devido a uma situação de instabilidade.

Massacre de cidadãos romanos em Cénabo (moderna Orleães).

Vercingétorix surge como o líder da revolta gaulesa.

Pompeio é eleito cônsul único.

março: César atravessa as montanhas de Cevenas e invade o território dos Arvernos.

maio: Rendição da cidade de Novioduno (dos Bitúriges); cerco à cidade de Avárico, que é conquistada pelos Romanos.

junho: Campanha de Labieno contra os Sénones e os Parísios; Batalha de Lutécia (também conhecida como Batalha de Agedinco), confronto ganho pelas forças romanas. César dirige-se à cidade de Gergóvia, onde organiza um cerco falhado à cidade.

agosto: César abandona Gergóvia.

setembro: A cavalaria de Vercingétorix ataca uma coluna de marcha de César, mas é derrotada. Os Gauleses refugiam-se em Alésia sendo seguidos pelo exército romano, que constrói uma linha de circunvalação e outra de contravalção.

outubro: Vercingétorix evacua a cavalaria e pede uma mobilização geral da Gália.

novembro: Batalha final em Alésia, na qual os Gauleses sofrem pesadas baixas. Rendição incondicional de Vercingétorix.

dezembro: O Senado decreta 20 dias de ação de graças, dedicados às vitórias de César.

51: Várias campanhas menores na Gália.

abril: Rendição dos Belóvacos.

junho: devastação do território dos Eburões; Derrota final dos Tréveros. Submissão dos Carnutos e dos Armóricos.

agosto: Assédio e capitulação de Uxeloduno (sudoeste de França).

50: César pretendia passar diretamente do comando proconsular para um segundo consulado, mas para tal teria de se candidatar sem estar presente em Roma (*in absentia*). Essa candidatura *in absentia* foi recusada, apesar do veto interposto por dois tribunos, Marco António e Quinto Cássio Longino. Curião atua em nome de César no Senado, no entanto, Catão e outras figuras proeminentes lutam para garantir que César não seja autorizado a candidatar-se ao Consulado sem renunciar ao seu comando militar.

Pompeio recebe poderes militares excepcionais para lidar com as convulsões que ameaçam a cidade.

49: No dia 11 de janeiro tem início a Guerra Civil (César contra Pompeio), quando César atravessa o Rubicão com a XIII legião.

Pompeio abandona Roma e vai para a Apúlia (região da Itália Meridional), reúne as suas tropas em Brundísio (cidade italiana da região de Apúlia) e embarca para o Épiro (província romana que compreendia a região da atual Albânia e a região noroeste da atual Grécia) com o objetivo de organizar o seu exército e de invadir a Itália a partir da Grécia.

As cidades italianas são rapidamente conquistadas pelo exército de César, a partir de Arimino (atual Rimini) que foi a base de partida para a conquista e apenas Corfinio (comunidade italiana da região dos Abruzos, situada na província de Áquila) oferece resistência (foi defendida por Domício Aenobarbo); após um cerco apertado, os pompeianos rendem-se.

março-abril: César não consegue perseguir Pompeio até Brundísio (não dispunha de navios suficientes) e vai para a Hispânia, dado haver algum receio de que as legiões fiéis a Pompeio (que permaneciam nesse território) possam representar uma ameaça.

julho: significativa vitória sobre as legiões pompeianas em 30 de julho, na Batalha de Ilerda.

agosto: Capitulação de Massília (atual Marselha, cidade portuária no sul de França), após um longo cerco, apesar de a rendição incondicional só se ter concretizado em outubro.

Após ter capturado a Sardenha (ilha do mar Mediterrâneo ocidental) e a Sicília (região autónoma com estatuto especial da Itália meridional), Curião navega para o norte de África. Inicialmente triunfante em Útica (cidade do Norte de África, no atual território da Tunísia) é derrotado e assassinado numa emboscada efetuada pelo rei Juba, da Numídia (aliado de Pompeio).

Finais de outubro: César é confrontado com um motim da IX legião, em Placência.

dezembro: César regressa a Roma e é proclamado ditador durante um breve período e cônsul pela segunda vez (para o ano de 48). Resigna à ditadura e vai para Brundísio. Atravessa (com grande dificuldade) o mar Adriático com sete das suas doze legiões.

48: julho: Cerco das forças de César ao exército pompeiano em Dirráquio (porto na costa do Epiro). Pompeio ataca as posições do inimigo, provocando a retirada do exército de César para a Tessália.

Agosto: Derrota de Pompeio na batalha de Farsalo verificar se é esta a grafia que usa no texto principal, no dia 9 de agosto.

Finais de setembro: Pompeio foge para o Egípto, onde é assassinado por ordem de Ptolemeu XIII.

Outubro: César persegue Pompeio até ao Egípto, onde se envolve na Guerra Civil entre os irmãos Ptolemeu XIII e Cleópatra VII.

Ptolemeu cerca Alexandria.

47: Primavera: O cerco de Alexandria é levantado após a chegada de reforços (Mitridates de Pérgamo).

Morte de Ptolemeu XIII na Batalha do Nilo (quando tentava escapar), da qual César sai vitorioso. A guerra de Alexandria terminaria com a subida de Cleópatra ao trono.

César e Cleópatra fazem um cruzeiro pelo Nilo.

César vai para a Ásia, onde lidera uma rápida campanha e derrota Fárnaces, rei do Bósforo, na Batalha de Zela, em 2 de agosto.

Ao regressar a Roma, César subjuga um novo motim, levado a cabo pela X legião.

novembro: César parte de Roma e, em dezembro, chega à costa africana.

46: janeiro: Difícil batalha de Ruspina: apesar de ter sido ganha por César, obriga-o a uma retirada difícil.

abril: César vence a Batalha de Tapso.

A seguir a esta batalha, os principais inimigos de César são mortos ou suicidam-se. Labieno e os dois filhos de Pompeio, porém, conseguem fugir para a Hispânia.

julho: César regressa a Roma.

Celebração de quatro triunfos, correspondentes às vitórias alcançadas por César na Gália, no Egito, no Ponto e em África.

César é novamente designado cônsul e nomeado ditador por dez anos.

45: César vai novamente para a Hispânia, para combater os filhos de Pompeio e Labieno.

março: Batalha de Munda (dia 17), na qual César alcança, com extrema dificuldade, a vitória decisiva. Labieno e o filho mais velho de Pompeio (Gneu) são mortos. Sexto Pompeio escapa, mas a guerra estava ganha pelo ditador.

44: fevereiro: César é nomeado ditador vitalício e é-lhe concedido o consulado por dez anos. Completa então uma considerável obra na política.

É também nomeado censor, com o título de Prefeito dos Costumes. Toma várias medidas que contribuíram para as alterações políticas e sociais e passa a usufruir de honras excepcionais, como usar permanentemente o título de imperador.

Uma conjura planeada por inimigos e aliados de César consuma-se no dia 15 de março. César é assassinado na Cúria anexa ao teatro de Pompeio. Tinha por essa altura planeado uma série de campanhas contra os Dácios e os Partos.

César é deificado.

44-42: O assassinato de César provoca um novo ciclo de guerra civil entre os conspiradores e os apoiantes do ditador, conduzidos por Marco António, a quem mais tarde se juntaria Octaviano (sobrinho de César e seu filho adotivo).

43: Formação do Segundo Triunvirato, que consistiu numa aliança entre Marco António, Octaviano e Lépido.

31: Batalha naval de Áccio (Octaviano vence o rival Marco António e a sua aliada Cleópatra).

Octaviano torna-se o único governante do Império Romano, apesar de o fim da República romana ser apenas formalizado em 27 a. C.

27: Início do regime imperial, com o Principado de Octaviano César Augusto.

2. IMAGENS

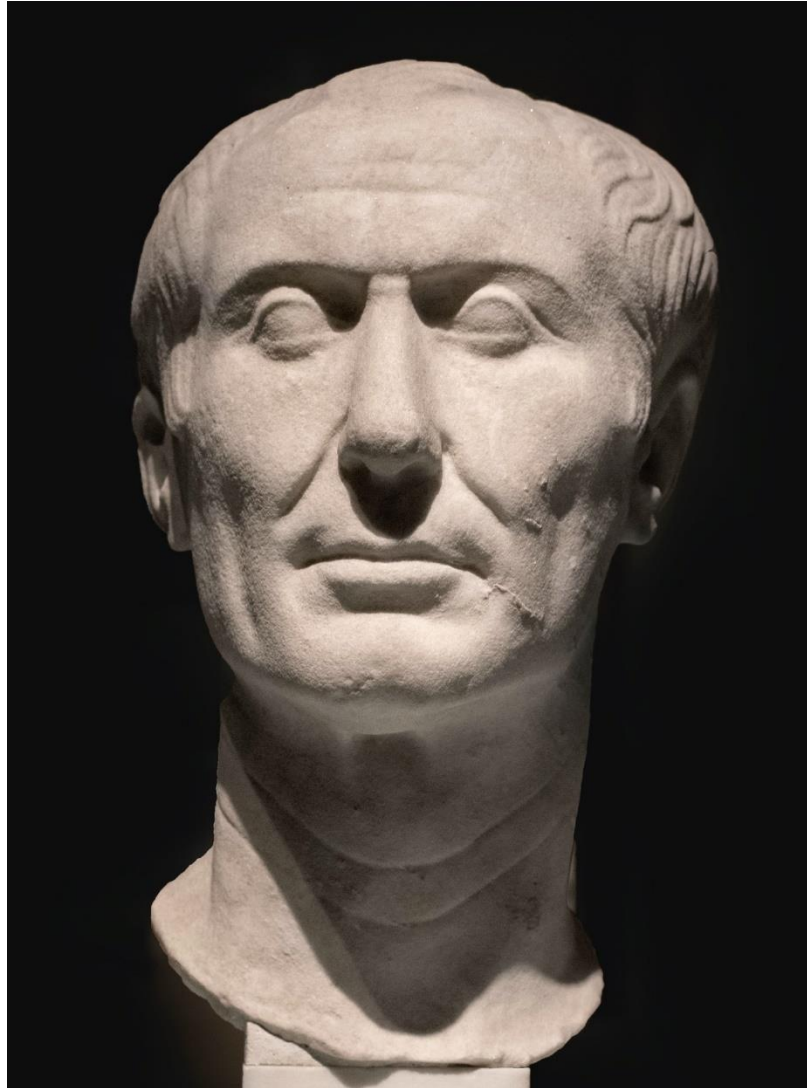


Imagem 1 – Fotografia do busto de Júlio César, atribuída ao escultor Túsculo. Provavelmente a única escultura sobrevivente da época da vida de César e também a que o representa de forma mais fiel e exata, na meia-idade. In [https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Retrato_de_Julio_C%C3%A9sar_\(26724093101\)_cropped.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Retrato_de_Julio_C%C3%A9sar_(26724093101)_cropped.jpg) [Consultado em 08-07-2024].



Imagem 2 – Representação de César numa moeda referente à fase da sua ditadura. Tal como qualquer político e líder, César reconhecia o valor propagandístico da imagem. In GILLIVER, Kate. (2003) *Caesar's Gallic Wars (58-50 BC)*. Oxford: Oxford University Press, p. 86.



Imagem 3 – Quadro em óleo sobre tela, da autoria de Lionel-Noel Royer (1899) exposto no Museu Crozatier, em Puy-en-Velay, na Auvergne francesa, que descreve a famosa cena da rendição de Vercingétorix perante Júlio César, após a derrota gaulesa no cerco de Alésia. In FIELDS, Nic. (2014) *Alesia 52 BC, The final struggle for Gaul*, Oxford: Oxford University Press, p. 77.

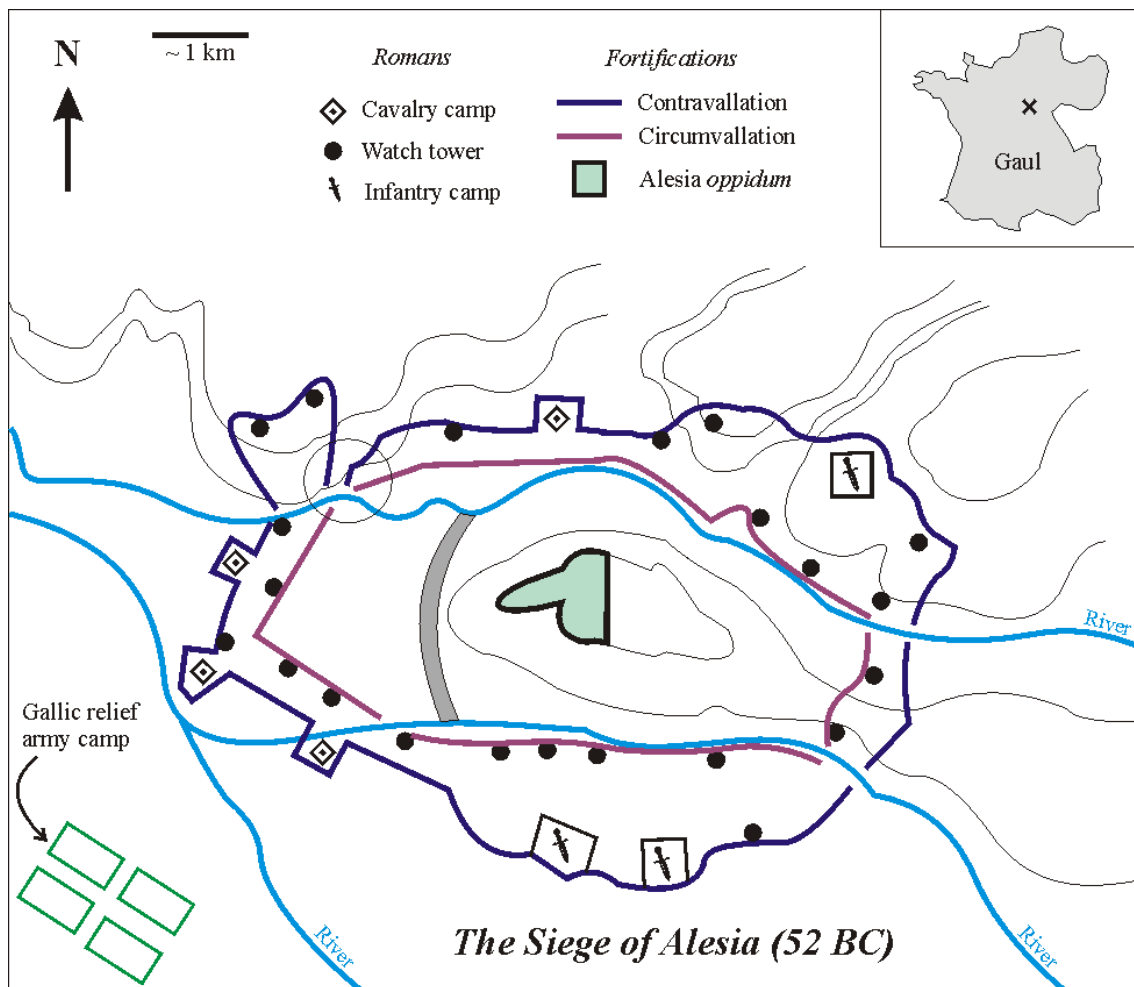


Imagem 4 – Esquema que representa as fortificações construídas por César durante o cerco de Alésia, no qual se observam as linhas de circunvalação e contravalção. A cruz mostra a localização de Alésia na Gália (atual França). In https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:SiegeAlesia.png [Consultado em 08-07-2024].



Imagem 5 – Reconstrução à escala real de uma seção das obras do cerco de Alésia, no arqueódromo de Beaune, Merceuil (departamento de Côte d’ Ór). Na imagem são visíveis as armadilhas camufladas (*lilia*), e o terrapleno (reconstruído em betão) no qual se avistam os ramos (*cervi*) incorporados. In FIELDS, Nic. (2014) *Alesia 52 BC, The final struggle for Gaul*, Oxford: Oxford University Press, p. 47.

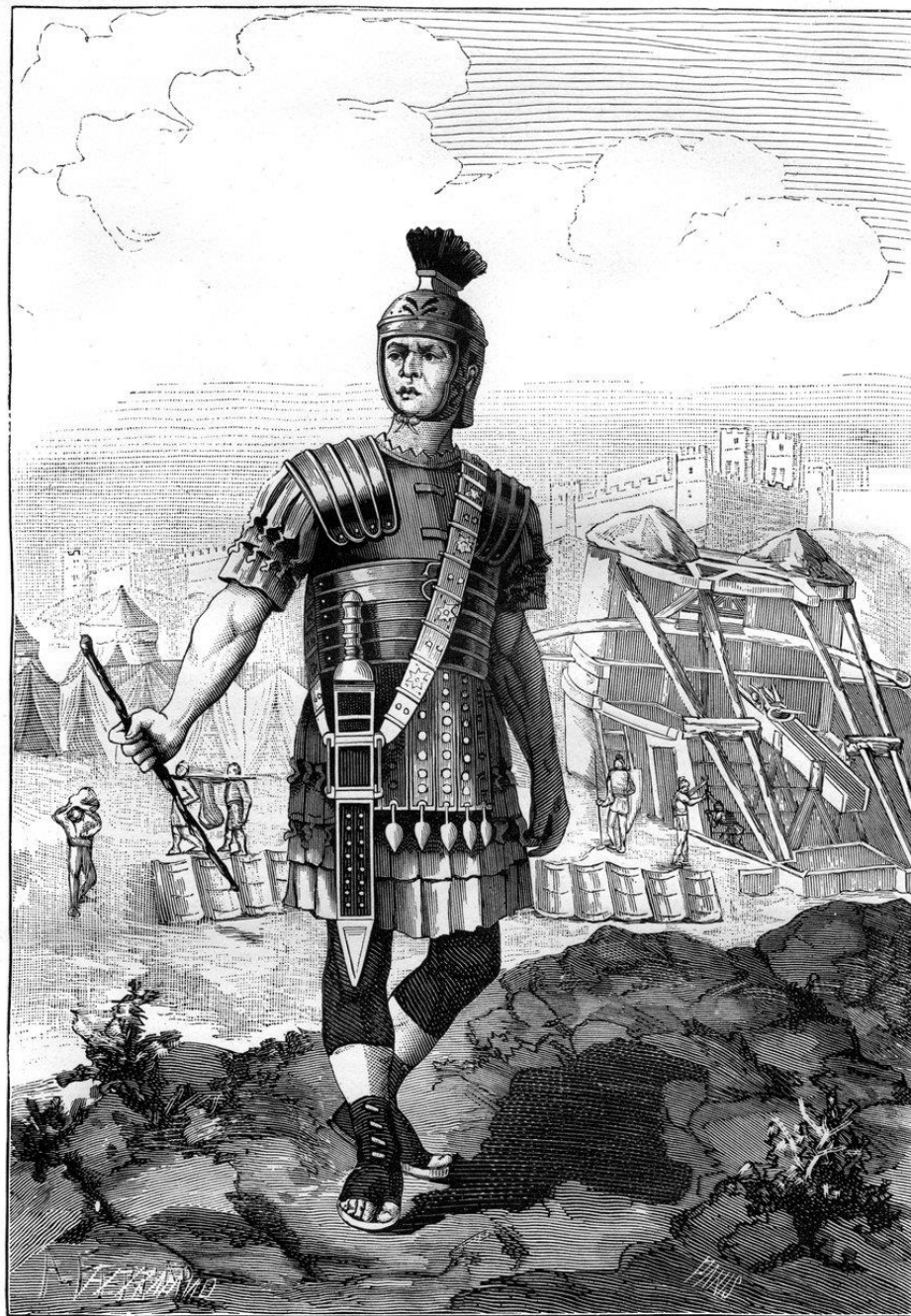


Imagem 6 – Desenho de um centurião romano durante a conquista da Gália, sob o comando de Júlio César, no século I a. C., de autor desconhecido, 1882-1884. In <https://www.meisterdrucke.pt/impressoesartisticassofisticadas/Unbekannt/713788/Centuri%C3%A3o-romano-conquistando-os-gauleses-sob-J%C3%BAlio-C%C3%A9sar,-s%C3%A9culo-I-aC-1882-1884.html> [Consultado em 08 de julho de 2024]

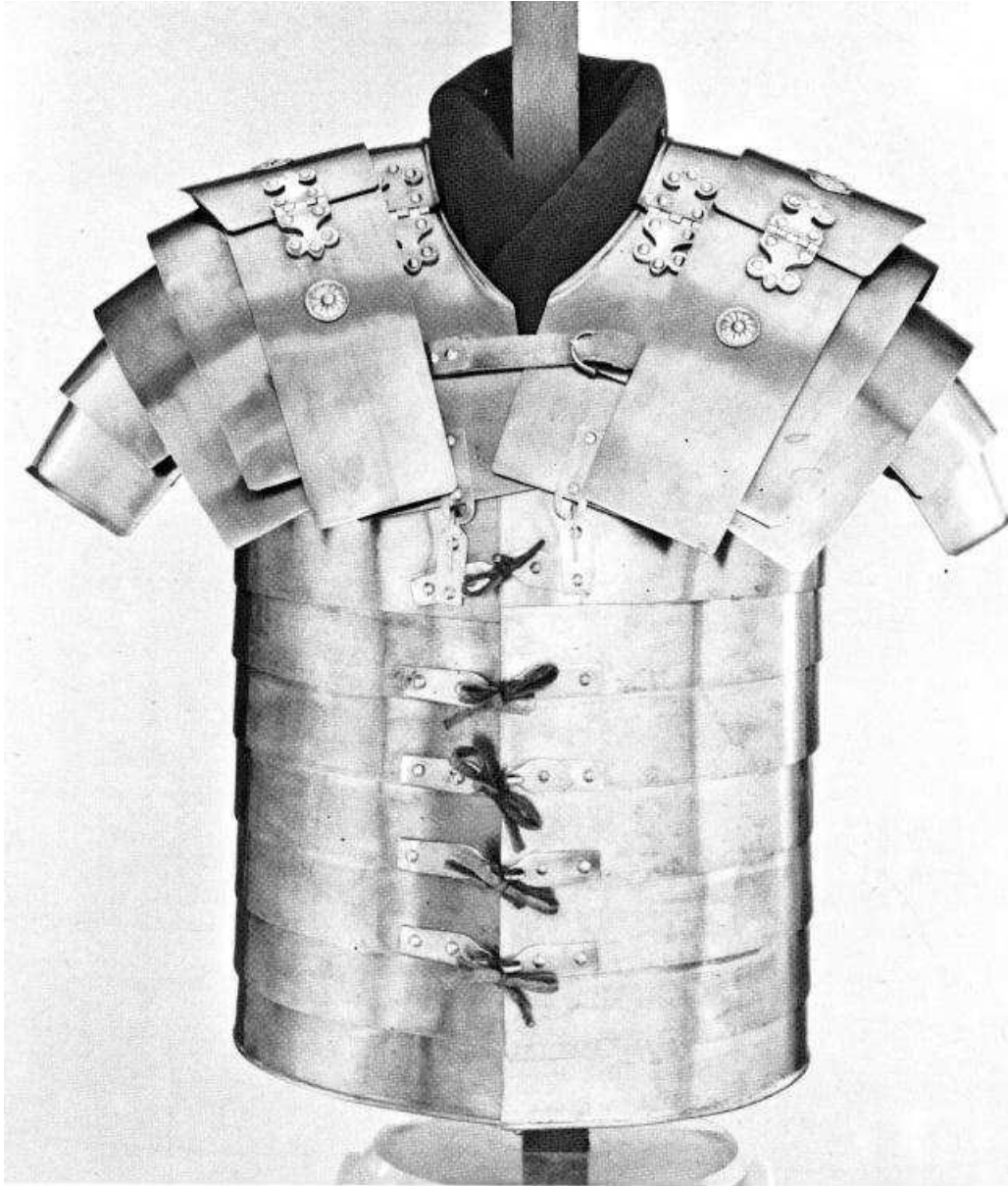


Imagem 7 – Reconstrução de uma *Lorica Segmentata*, do século I a. C. Imagem de Robinson. In WARD, Graeme A. (2012) *Centurions: The Practice of Roman Officership*, Chapel Hill, p. 291.



Imagem 8 - Estela funerária de *Minucius T.F.Lorarius*, centurião da III Legião, exposta atualmente no Museu Cívico em Pádua. Esta escultura é invulgar para o período consular tardio por mostrar a figura de corpo inteiro do oficial, sem armadura, mas com espada, punhal e a vara (*vitis*). In WARD, Graeme A. (2012) *Centurions: The Practice of Roman Officership*, Chapel Hill, p. 264.



Imagem 9- Relevô com um centurião romano em batalha, do mausoléu dos Júlios em Glanum (Saint-Remy), de finais do século I a. C. Identifica-se como centurião pela sua alta crista de penas, usada para ser facilmente visível pelos seus soldados em combate. In D'AMATO, Raffaele, (2011) *Roman Centurions 753-31 BC – The Kingdom and The Age of Consuls*. Oxford: Oxford University Press, p. 18.



Imagem 10 - Representação de grevas do período cesariano, talvez da panóplia de um centurião, do final do século I a. C., dos relevos de Narbones. In D'AMATO, Raffaele, (2011) *Roman Centurions 753-31 BC – The Kingdom and The Age of Consuls*. Oxford: Oxford University Press, p. 19.



Imagem 11 – Relevo memorial que retrata um centurião sénior, Marcus Caelius, da XVIII legião, que terá sido morto na Batalha da floresta de Teutoburgo⁴⁶⁶ em 9. d. C. In GOLDSWORTHY, Adrian, (2000) *Roman Warfare*. Londres: Cassell, p. 110.

⁴⁶⁶ Esta é uma imagem curiosa e, apesar de não se encontrar diretamente relacionada com a cronologia analisada na presente dissertação, dá-nos uma imagem rara de um centurião, representado com a sua vara e as suas condecorações, num arnés de couro. Na cabeça usa a coroa de flores da coroa cívica, a mais alta das condecorações, concedida por salvar a vida de um cidadão romano. Ao seu lado estão os bustos de dois dos seus libertos, que, presumivelmente foram mortos com ele.

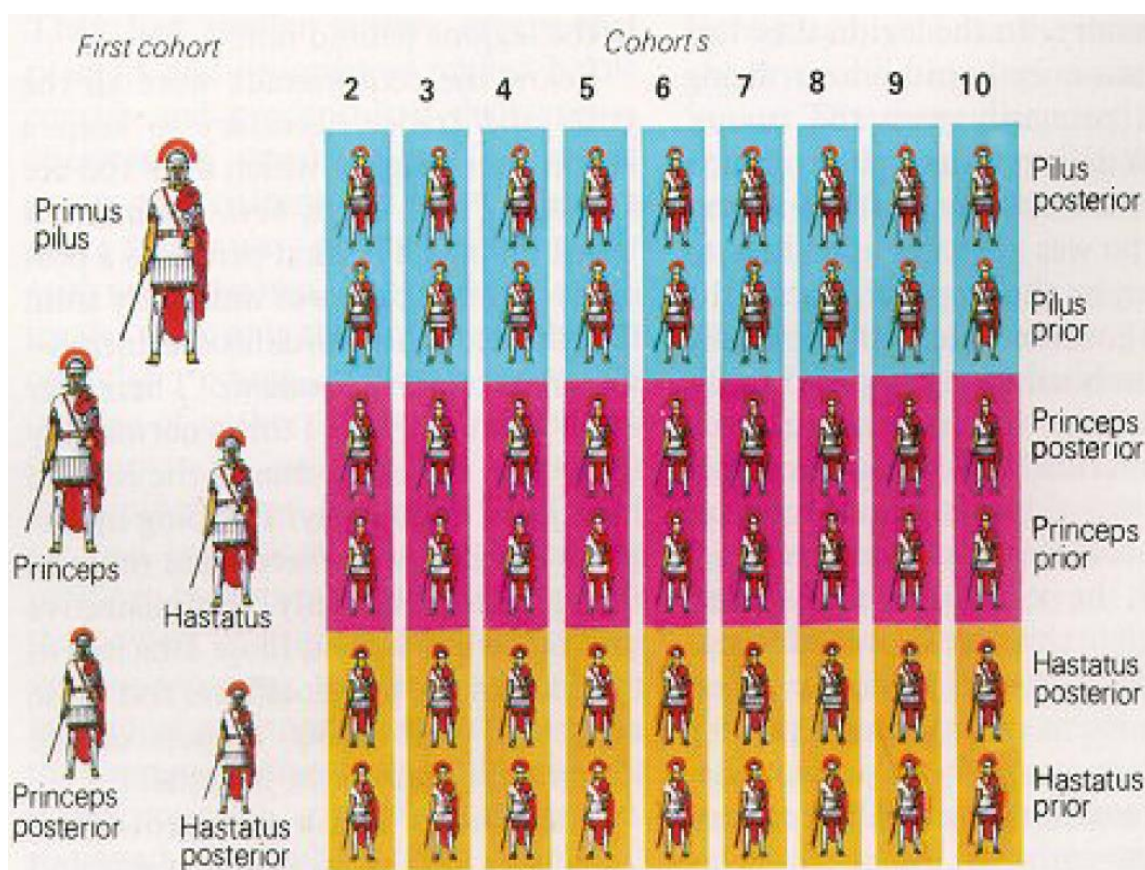


Imagem 12 – Quadro que mostra o que seria a provável escala de promoção para os centuriões de uma legião. Os centuriões das coortes 2-10 subiam no que respeitava à sua antiguidade, mas provavelmente não mudavam de centúria. A promoção era para o *hastatus posterior* da primeira coorte e daí ascendiam até ao topo, tornando-se *primus pilus*. In CONNOLLY, Peter, (2016) *Greece and Rome at War*. Yorkshire: Frontline Books, p. 221.



Imagem 13 – Desenho de troféus de um friso encontrado por baixo da colina capitolina em Roma, a couraça e o elmo pertenceriam a um general, a panóplia seria provavelmente de um centurião da 1ª metade do séc. I a. C. In CONNOLLY, Peter, (2016) *Greece and Rome at War*. Yorkshire: Frontline Books, p. 214 (adaptado).

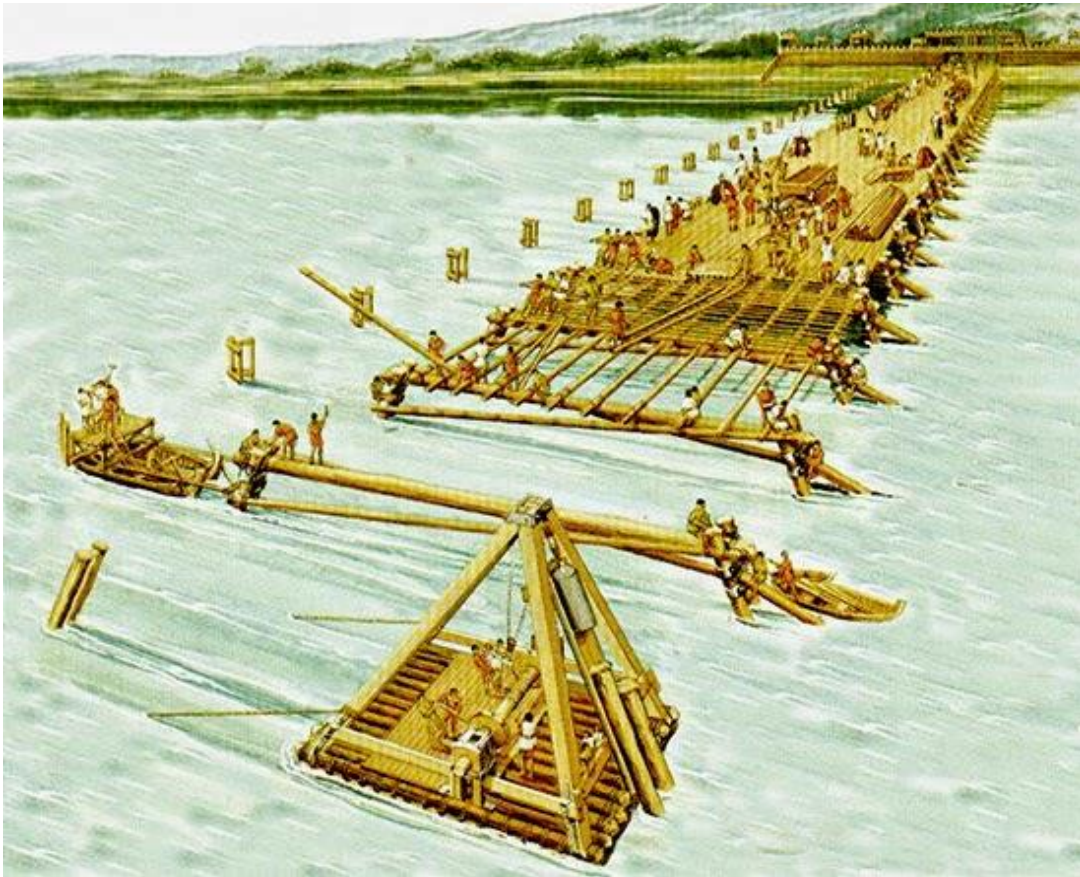


Imagem 14 – Reconstrução do que terá sido a ponte que César mandou construir sobre o rio Reno, em 55 a. C., para entrar em território germano, durante a Guerra das Gálias. Adaptado a partir de: CONNOLLY, Peter. (2016), *Greece and Rome at War*. Yorkshire: Frontline Books, p. 240.

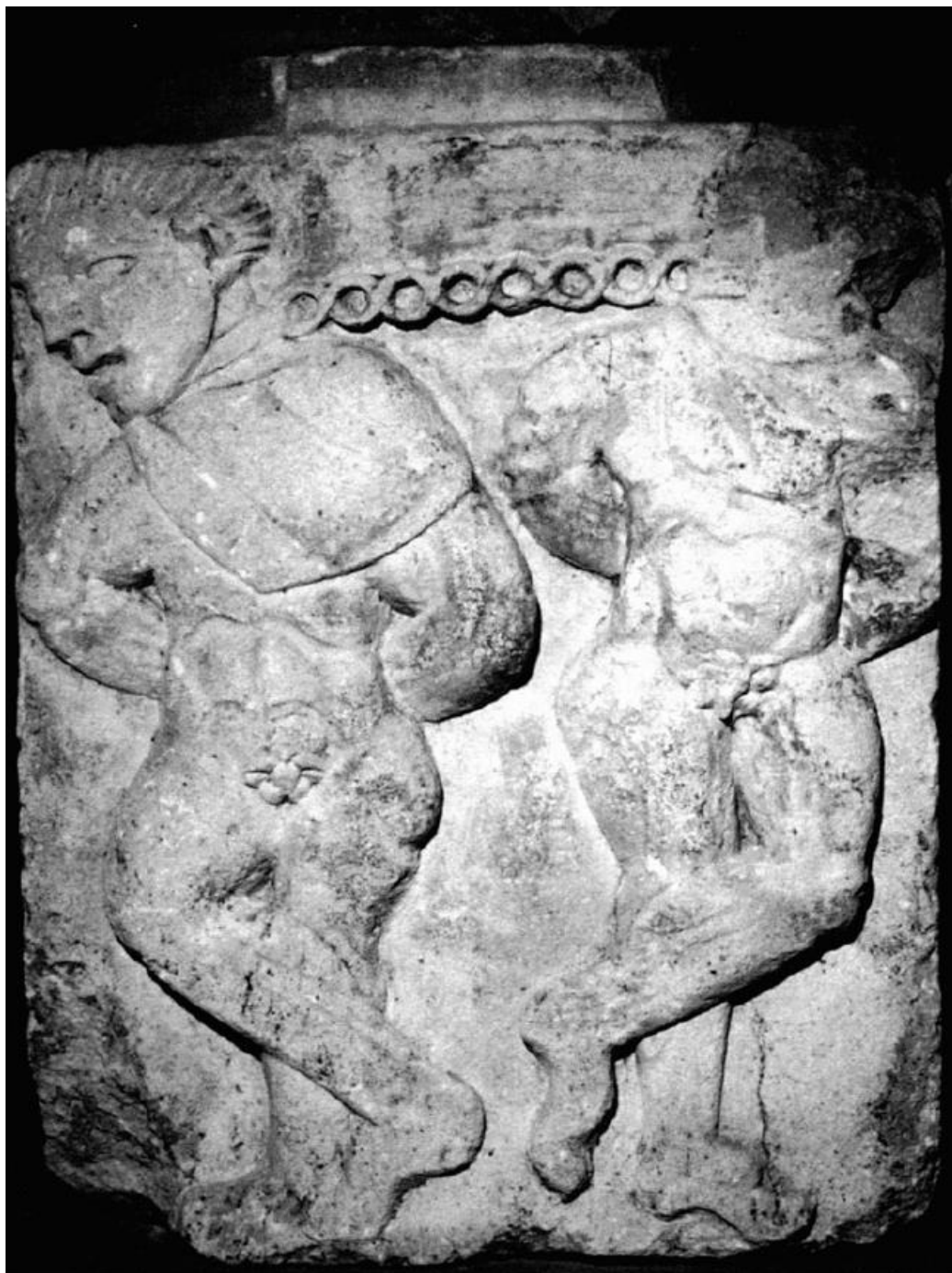


Imagem 15 – Relevos de Mainz⁴⁶⁷ que descrevem escravos gauleses vítimas das guerras⁴⁶⁸, acorrentados pelo pescoço. In: GOLDSWORTHY, Adrian, (2000) *Roman Warfare*. Londres: Cassell, p. 82.

⁴⁶⁷ Mainz é um distrito da Alemanha, localizado no Estado da Renânia-Palatinado.

⁴⁶⁸ A venda de escravos era lucrativa e beneficiava principalmente os comandantes do exército. Durante as campanhas na Gália, César tirou grandes proveitos com a venda de prisioneiros escravos, com os quais pagou as suas dívidas e acumulou uma vasta fortuna.



Imagem 16 – Relevo da Coluna de Trajano, que retrata os legionários, com as suas armaduras e as armas empilhadas nas proximidades, a construírem um forte⁴⁶⁹. In: GOLDSWORTHY, Adrian, (2000) *Roman Warfare*. Londres: Cassell, p. 103.

⁴⁶⁹ Durante as suas campanhas, quer na Guerra das Gálias, quer na Guerra Civil, César conseguiu retirar das fileiras do seu exército soldados/legionários competentes que construíram grandes sistemas de fortificações, navios e até pontes sobre o rio Reno.

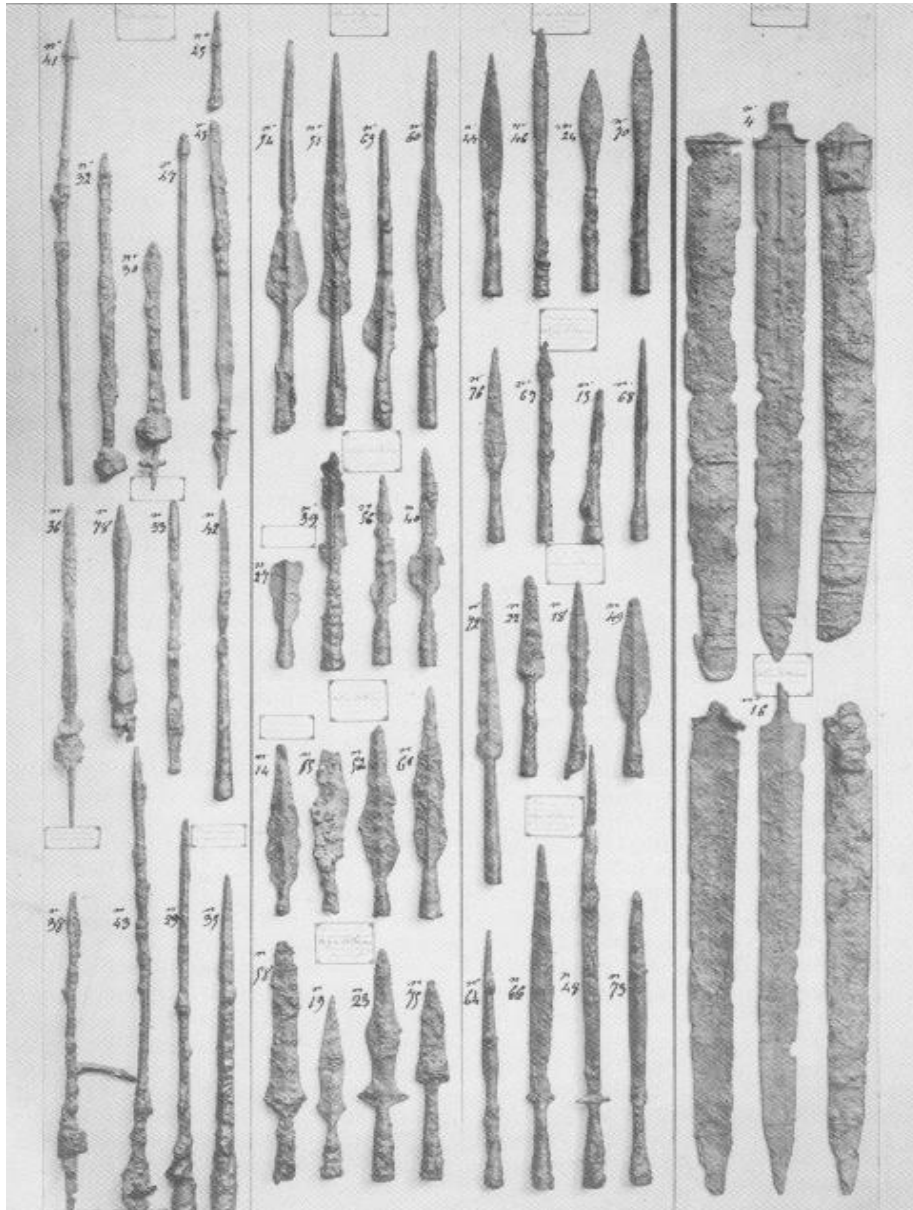


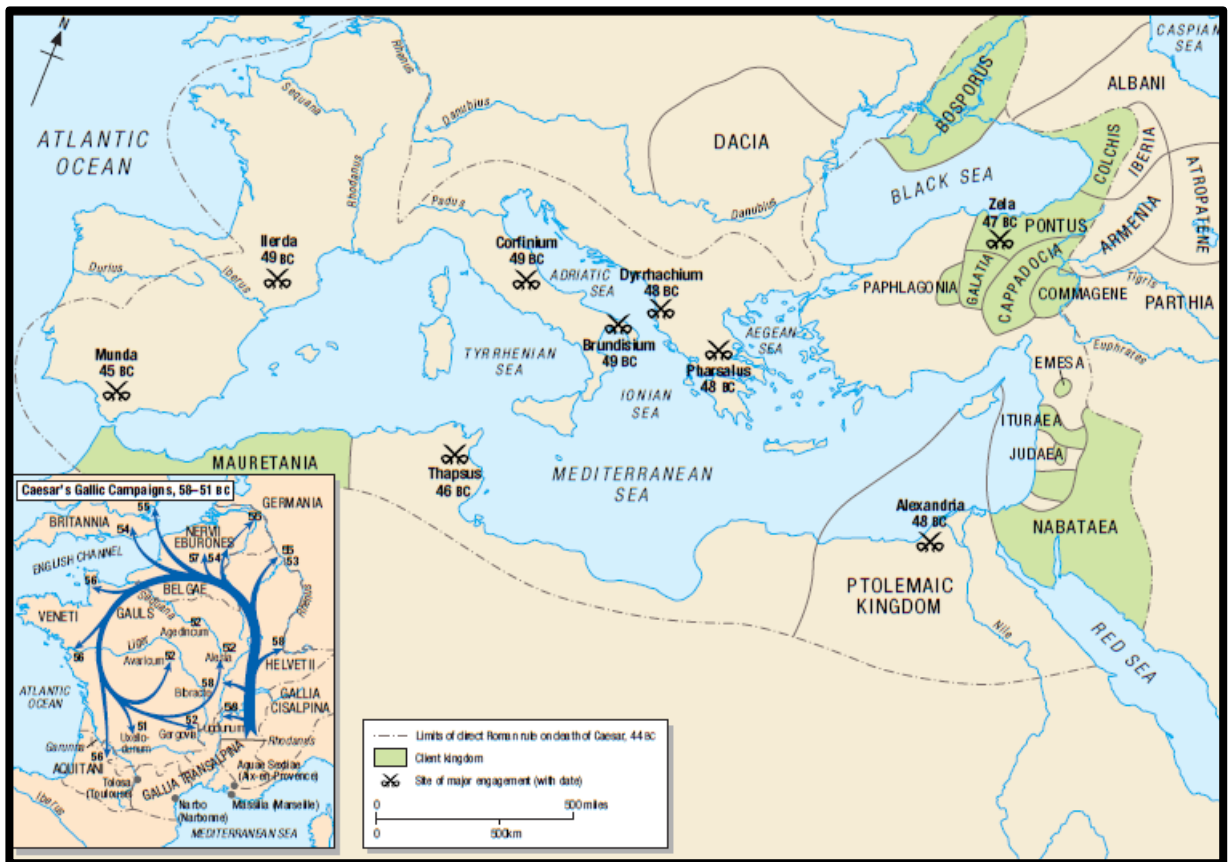
Imagem 17 – Fotografia com armas recolhidas do cerco de Alésia. Este sítio arqueológico foi explorado por Napoleão III, no século XIX. In GILLIVER, Kate. (2003) *Caesar's Gallic Wars (58-50 BC)*. Oxford: Oxford University Press, p. 56.



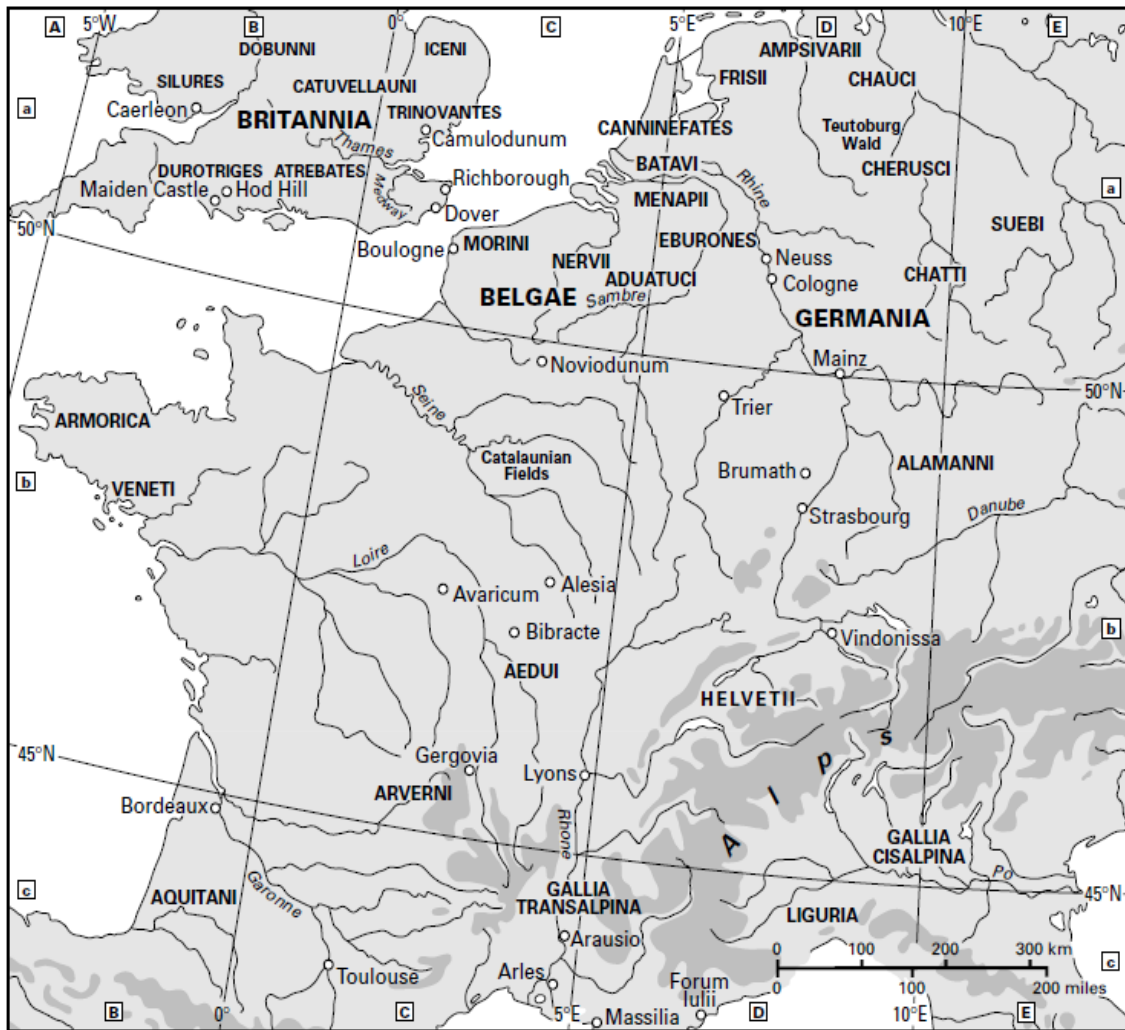
Imagem 18 – Relevo da coluna de Trajano, séc. II d. C, no qual são apresentados soldados romanos que se encontravam a forragear⁴⁷⁰/recolher cereal. In GILLIVER, Kate. (2003) *Caesar's Gallic Wars (58-50 BC)*. Oxford: Oxford University Press, p. 76.

⁴⁷⁰ César revelava confiança nos seus aliados da Gália para obter cereais e forragens. Porém, em determinadas fases e durante a época de campanha, seria necessário enviar grupos de soldados para colherem cereais e forragear alimentos para os animais. Esta atividade permitia complementar o abastecimento necessário. Frequentemente estes soldados que andavam à procura de alimentos passavam por graves dificuldades já que se tornavam um alvo mais fácil do inimigo.

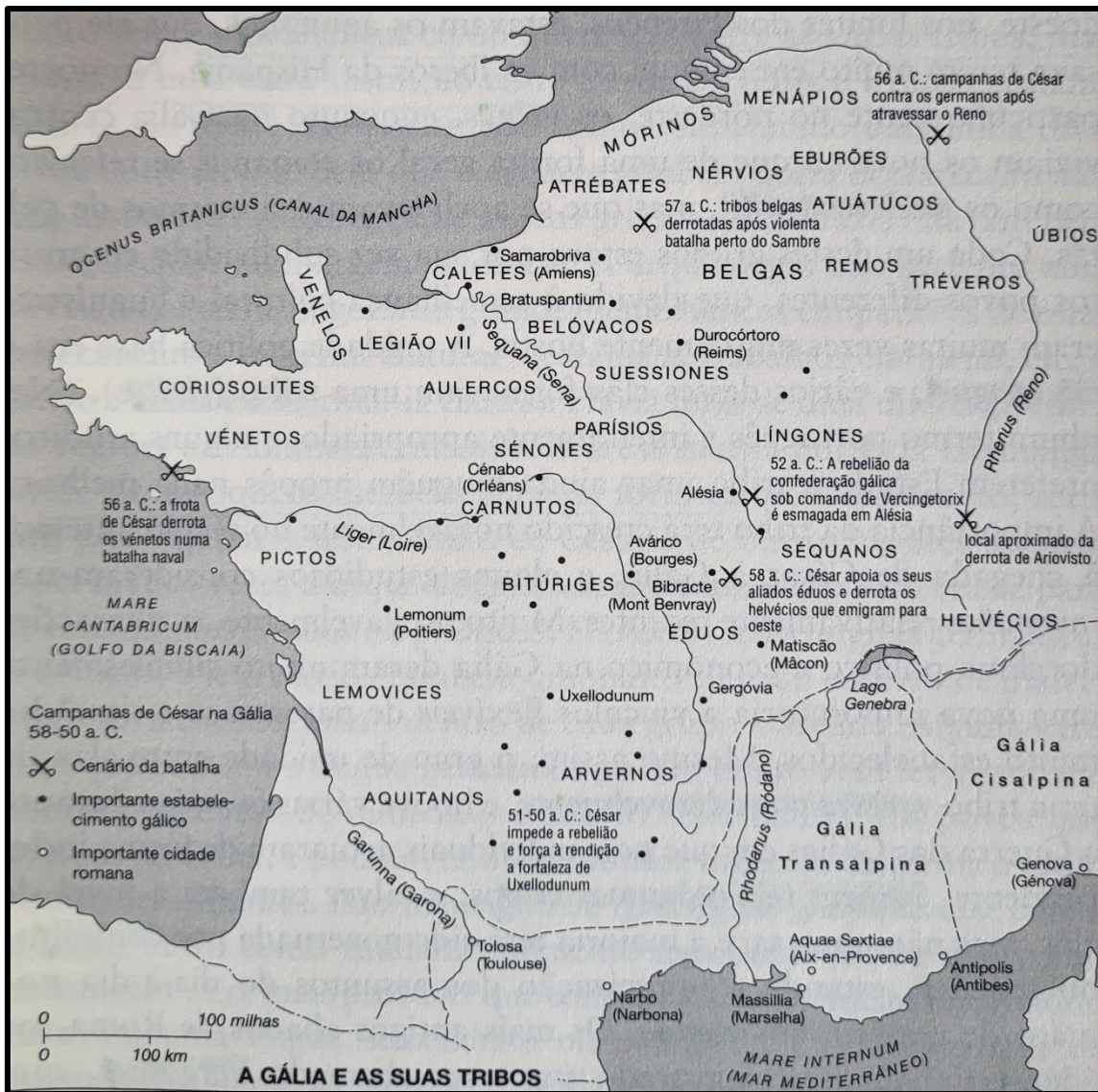
3. MAPAS



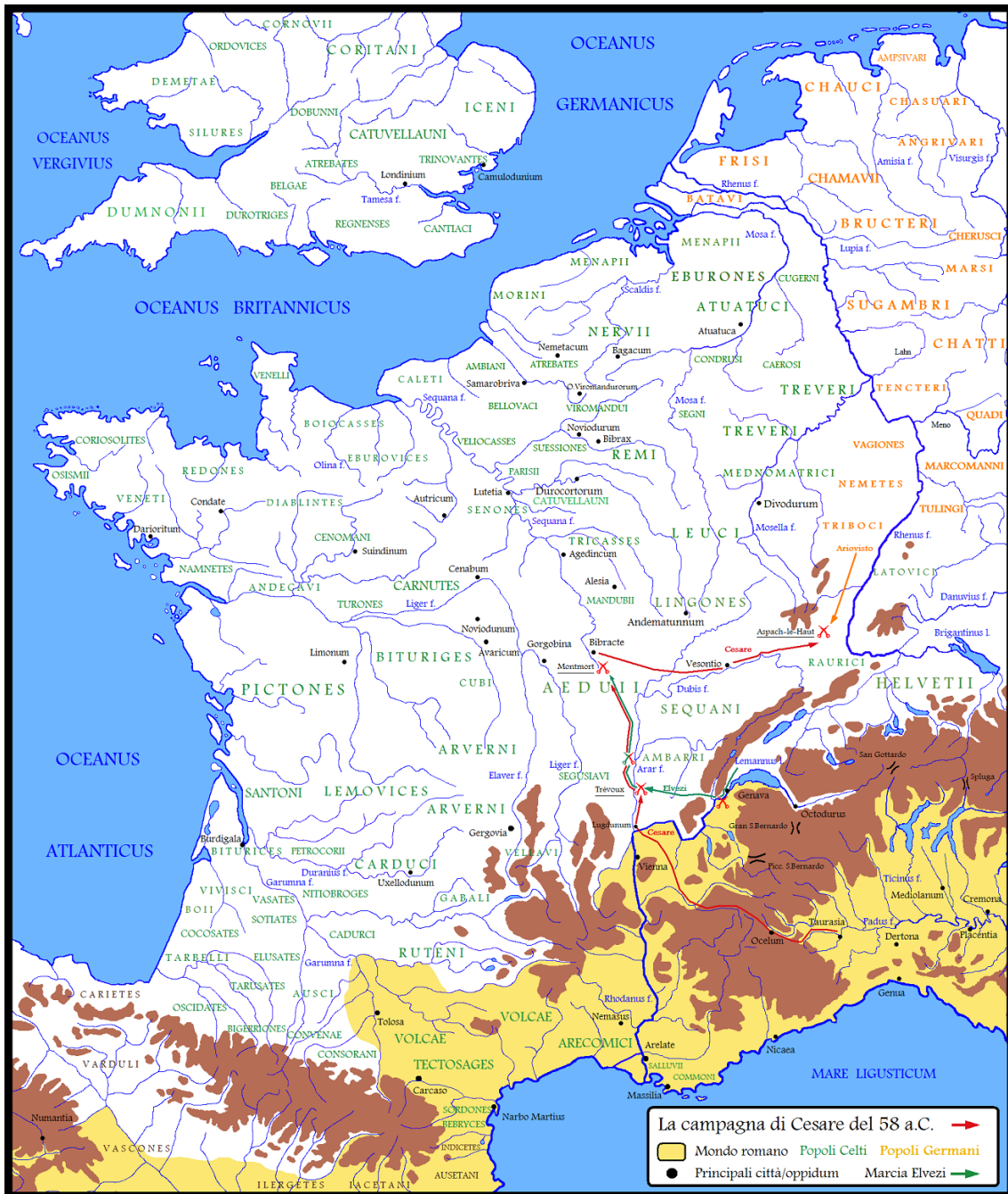
Mapa 1 – Campanhas de César na Gália (58-51 a. C.) e principais palcos da Guerra Civil (49-45 a. C.). In FIELDS, Nic. (2010) *Julius Caesar*. Oxford: Oxford University Press, p. 13.



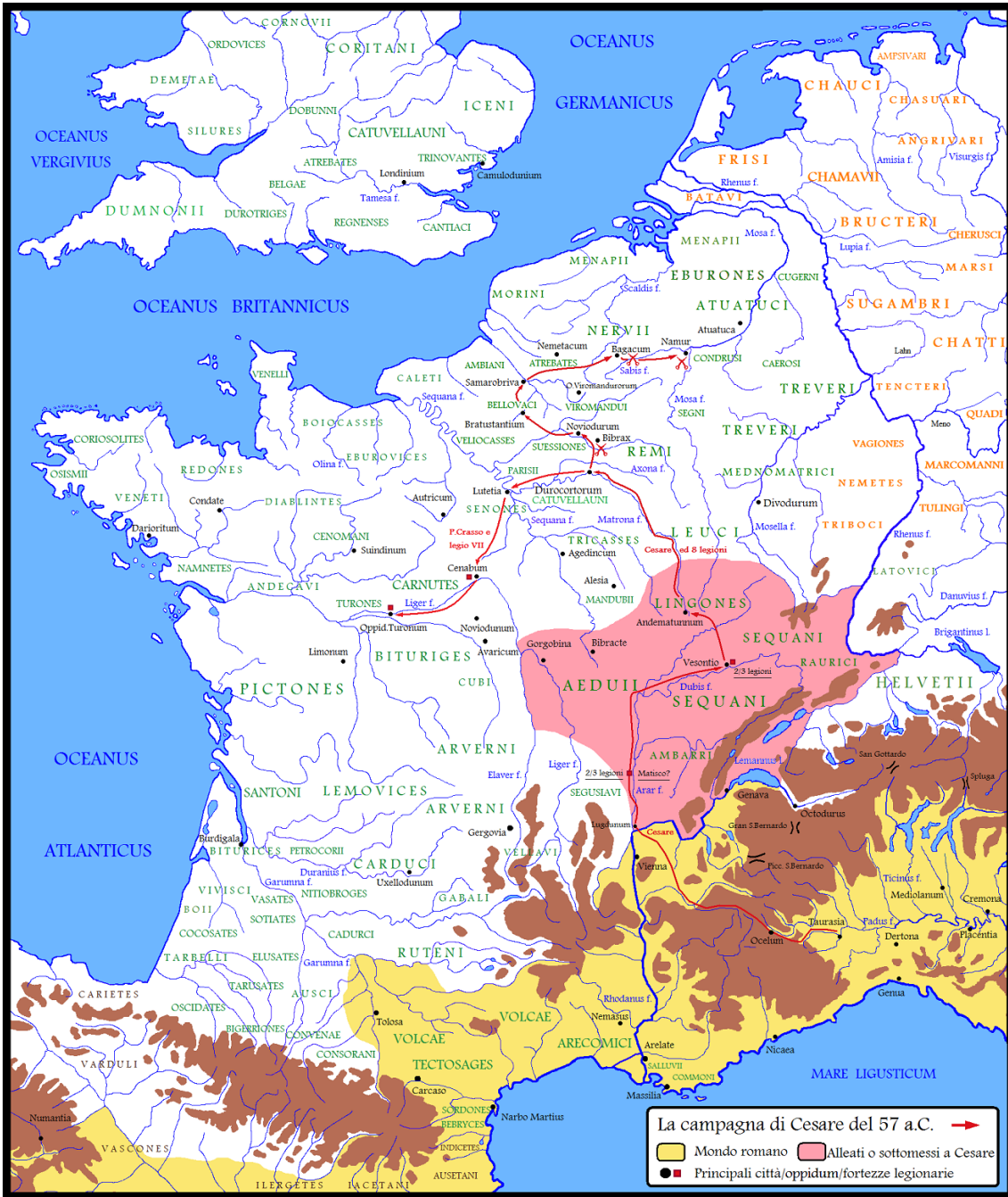
Mapa 2 – Representação do território da Gália e da Germânia, durante a Guerra das Gálias. In *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*, (2008) vol. II: *Rome From The Late Republic To The Late Empire*, Cambridge university press, p. 17.



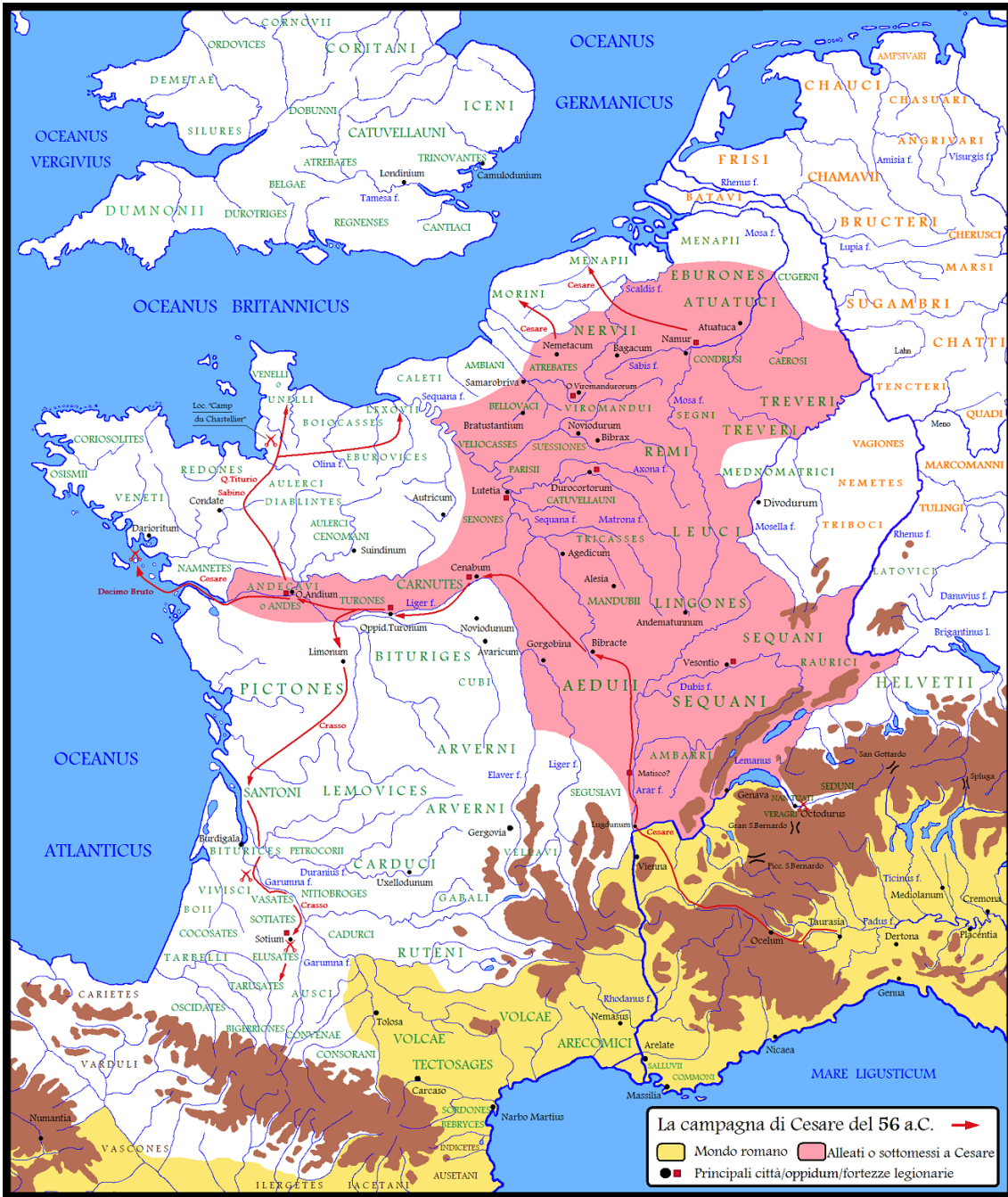
Mapa 3 – Representação do território da Gália e das suas tribos. In GOLDSWORTHY, Adrian (2013), *César. A vida de um Colosso*, Lisboa: A Esfera dos Livros, p. 257.



Mapa 4 – As campanhas de César na Gália, em 58 a. C., (em italiano). A linha vermelha apresenta as expedições efetuadas por César, com as respetivas batalhas. As cidades do território celta ou gaulês encontram-se a verde e as representadas a laranja dizem respeito ao mundo germano. In https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gallia_Cesare_58_aC.png [Consultado a 08 de julho de 2024].



Mapa 5 – Campanhas de César na Gália, relativas ao ano de 57 a. C. In https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gallia_Cesare_57_aC.png [Consultado a 08 de julho de 2024].



Mapa 6 – Campanhas de César na Gália, em 56 a. C. In

https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gallia_Cesare_56_aC.png

[Consultado a 08 de julho de 2024].



Mapa 7 – Campanhas de César na Gália, em 55 a. C. In

https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gallia_Cesare_55_aC.png

[Consultado a 08 de julho de 2024].



Mapa 8 – Campanhas de César na Gália, em 54 a. C. In

https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gallia_Cesare_54_aC.png

[Consultado a 08 de julho de 2024].



Mapa 9 – Campanhas de César na Gália, em 53 a. C. In

https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gaule_-53.png [Consultado a 08 de julho de 2024].



Mapa 10 – Campanhas de César na Gália, em 52 a. C. In

https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gaule_-52.png [Consultado a 08 de julho de 2024].



Mapa 11 – Campanhas de César na Gália, em 51 a. C. In

https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gaul_-51.png [Consultado a 08 de julho de 2024].



Mapa 12 – A Gália em 50 a. C., completamente conquistada. In

https://en.wikipedia.org/wiki/Gallic_Wars#/media/File:Gaule_-50.png [Consultado a 08 de julho de 2024].